UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

ELISANDE DE LOURDES QUINTINO DE OLIVEIRA

A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA PARA A EMANCIPAÇÃO DA PESSOA EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: CAMINHOS E (IM)POSSIBILIDADES

CAMPINAS

2019

ELISANDE DE LOURDES QUINTINO DE OLIVEIRA

A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA PARA A EMANCIPAÇÃO DA PESSOA EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: CAMINHOS E (IM)POSSIBILIDADES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Educação, na área de concentração de Educação.

ORIENTADORA: DRA HELOÍSA ANDREIA DE MATOS LINS

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DE DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA ELISANDE DE LOURDES QUINTINO DE OLIVEIRA, E ORIENTADA PELA PROF (A) DRA. HELOÍSA ANDREIA DE MATOS LINS

Campinas

2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

OL4c

Oliveira, Elisande de Lourdes Quintino de, 1967-
A contribuição da leitura para emancipação da pessoa em privação de liberdade : caminhos e (im)possibilidades / Elisande de Lourdes Quintino de Oliveira. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Heloísa Andréia de Matos Lins.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Leitura. 2. Leietura - Projetos. 3. Direitos humanos. 4. Sistema prisional. 5. Emancipação. I. Lins, Heloísa Andréia de Matos, 1974-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The contribution of reading to emancipation of person in privacy of freedom : pathways and (im)possibilites
Palavras-chave em inglês:
Reading
Reading Project
Human Rights
Prison System
Emancipation
Área de concentração: Educação
Titulação: Mestra em Educação
Banca examinadora:
Heloísa Andréia de Matos Lins [Orientador]
Nima Imaculada Spigolon
Elenice Maria Cammarosano Onofre
Data de defesa: 17-12-2019
Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0003-2431-551X
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/3972061222475716

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA PARA A EMANCIPAÇÃO DA PESSOA EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: CAMINHOS E (IM)POSSIBILIDADES

Elisande de Lourdes Quintino de Oliveira

COMISSÃO JULGADORA:

Heloísa Andreia de Matos Lins
Nima Imaculada Spigolon
Elenice Maria Cammarosano Onofre

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação.

2019

DEDICATÓRIA

"Dedico este trabalho primeiramente a Deus por estar presente em todos os momentos de minha vida, à minha mãe Maria de Lourdes Costa Quintino pelo exemplo de perseverança e sabedoria, ao meu pai Itamar Quintino, ao meu esposo Joemar Lopes Quintino de Oliveira, aos companheiros de trabalho da Fundação Professor Manoel Pedro Pimentel e das unidades prisionais, a todos os estagiários que passaram pela fundação e principalmente aos privados de liberdade que fazem parte da minha trajetória profissional e pessoal."

GRATIDÃO...

Existem pessoas que passam... Pessoas que partem... Pessoas que ficam...

À minha mãe querida e aguerrida;

A meu pai Itamar que me mostrou que a vida é feita de lutas e conquistas;

Ao meu esposo que me apoiou muitas vezes, mesmo quando o deixei sozinho para estudar;

A toda minha família com seus exemplos de luta e superação;

A professora Heloísa, um presente precioso, sábia e militante das causas humanitárias, que me deixou voar alto, sonhar e valorizar as pedras encontradas no caminho;

A todos os professores que passaram pela minha vida;

Aos amigos que compartilhei minhas angústias, desafios, crescimentos, recomeços e vitórias;

Aos trabalhadores das unidades prisionais que me apoiaram no desenvolvimento do trabalho e dos meus projetos;

A Funap e seus colaboradores, companheiros no trabalho de humanização nas prisões;

A Tânia Mara Companholo minha querida amiga, afilhada e incentivadora dos trabalhos educacionais nas unidades prisionais;

Felipe Athayde Lins de Melo pelo apoio e exemplo como pessoa, militante e pesquisador da área;

Regina da Silva sempre companheira de jornada, amiga irmã e apoiadora;

Elenice Maria Cammarosano Onofre um exemplo a ser seguido na luta pelo direito e pela qualidade da educação nas prisões;

Nima Imaculada Spigolon, uma apaixonada e conhecedora profunda do grande educador do Brasil - Paulo Freire;

A Ludmile Guimarães de Jesus, que contribuiu muito com a pesquisa, amizade e experiência de vida;

Ao Lucas Henrique Ribeiro Santos, amigo, exemplo e sonhador;

A todos os privados de liberdade que passaram por minhas salas de aula e pelos projetos de leitura, sem os quais este trabalho não seria impossível.

RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é mapear as possíveis contribuições que as oficinas de leitura proporcionam na vida de pessoas em privação de liberdade. As oficinas **são** desenvolvidas na Penitenciária Feminina de Campinas e no Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia/ SP, a partir das narrativas dos próprios participantes do projeto, bem como das observações e análises realizadas pela educadora-pesquisadora a cada encontro. As oficinas nasceram através das vivências compartilhadas entre as pessoas em privação de liberdade, nos seus encontros com os livros e nas narrativas construídas por meio da leitura, na dialogicidade, na emoção da descoberta, no acontecimento, pensando a realidade através de novos dispositivos, principalmente pela compreensão de que a literatura se constitui como um dos direitos humanos fundamentais. Para tanto, as contribuições teórico-metodológicas de Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Antônio Cândido, Michèle Petit e Paulo Freire, destacadamente, o estudo se desenvolve através da potência dos pensamentos dos participantes, assim é delineado pela perspectiva da cartografia que concebe como instrumentos de pesquisa - análise do cotidiano - diferentes formas de conexão, de linguagens e formas de abordagens de investigação, ao modo de uma *pedagogia da pergunta*. Assim, acontecimentos vividos, narrados e observados são trazidos em distintos suportes (como as oficinas de leitura, cartas, fotos, conversas, olhares, por exemplo) que constituem as principais fontes de dados para análise, com aporte dos conceitos de *heterotopia* e *escrita de si*, em Foucault, bem como das concepções freireanas sobre o ensinar e o aprender diante dos desafios do mundo, de maneira a analisar os principais sustentáculos dos projetos de leitura para as pessoas em privação de liberdade no Estado de São Paulo, onde as oficinas acima referidas se inscrevem, e suas (im) possibilidades. Nesse território, leitores e leitoras, agentes do sistema prisional, livros que se deram/dão a ler, a biblioteca e outros elementos do encarceramento (e da liberdade) povoam, articulam e interrogam os modos de poder, fazer e saber em torno da própria condição humana, do papel da leitura e da educação.

Palavras-chave: Leitura, Projeto de Leitura, Direitos Humanos, Sistema Prisional, Emancipação.

ABSTRACT

The main objective of this work is to map as possible contributions that reading workshops provide for the lives of people in deprivation of liberty. The workshops are developed at the Penitentiary for Women in Campinas and at the Center for Penitentiary Progression in Hortolândia / SP, based on the narratives of the participants participating in the project, as well as the sessions and tests studied by the educator-researcher at each meeting. The workshops are born through shared experiences between people in deprivation of freedom, in their encounters with books and narratives built through reading, in dialogicity, in the emotion of discovery, in the event, thinking about reality through new devices, mainly by understanding that literature is displayed as one of the basic human rights. Therefore, as theoretical-methodological contributions by Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Antonio Candido, Michele Petit and Paulo Freire, the study is developed on the performance of the participants' thoughts, as outlined by the perspective of the cartography that he conceives as instruments of research - analysis of everyday life - different forms of connection, languages and forms of research approaches, in the manner of a question pedagogy. Thus, lived, narrated and observed events are brought up in different sports (such as reading workshops, letters, photos, conversations, looks, for example) that play as the main sources of data for analysis, based on the concepts of heterotopy and self-writing, in Foucault, as well as Freire's conceptions on the use and learning to read about the challenges of the world, on how to analyze the main sustainable resources of reading projects for people deprived of liberty in the State of São Paulo, where the workshops above, and their (im) possibilities1. In this territory, readers and readers, agents of the prison system, books that gave / provided a reading, a library and other elements of incarceration (and freedom), people, articulated and questioned the modes of power, making and discovering themselves as a human condition, role of reading and education.

Keywords: Reading, Reading Project, Human Rights, Prison System, Emancipation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01: Caminhos que libertam.....20
Imagem 02: reportagens.....40
Imagem 03: O leitor.....83
Imagem 04: Fachada do Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia.....105
Imagem 05: Fachada da Penitenciária Feminina de Campinas.....106
Imagem 06: regra estabelecida pela unidade prisional do CPPH.....107
Imagem 07: Porta de entrada da sala de leitura (Biblioteca) 109
Imagens 08 e 09: Sala de leitura.....109
Imagem 10: Revisteiro.....110
Imagem 11: Estantes de livros religiosos, dicionários e de pesquisa.....110
Imagem 12: Estantes de livros de literatura.....110
Imagem 13: Parede da biblioteca.....111
Imagem 14: Mural com informes.....111
Imagem 15: Disposição das estantes.....112
Imagem 16: Disposição das estantes.....112
Imagem 17: Livros de literatura.....112
Imagem 18: Materiais pedagógicos das monitoras privadas de liberdade.....113
Imagem 19: Estante com revistas, colocada no corredor entre as salas e a biblioteca.....113
Imagem 20: Computador PFC.....116
Imagem 21: Computador CPPH.....116
Imagem 22: Carrinho de livros – PFC.....116
Imagem 23: Livro danificado por usuário da biblioteca.....117
Imagem 24: Imagem de livro danificado – espaço em branco.....117
Imagem 25: Imagem de livro danificado – riscado.....118
Imagem 26: Imagem de livro danificado – escritas.....118
Imagem 27: Campanha da biblioteca.....119
Imagem 28: Sala de aula usada para o desenvolvimento do projeto de leitura.....134
Imagem 29: Parede decorada com o tema do livro Pequeno Príncipe.....134
Imagem 30: O cortiço e a cela notas sobre a mulher na prisão.....152
Imagem 31: Nossas palavras.....153

Imagem 32: A presa e a leitura.....161
Imagem 33: Aluízio de Azevedo.....164
Imagem 34: Capa do livro cortiço.....165
Imagem 35: Cesare Lombroso.....167
Imagem 36: Cena do filme “O Cortiço”.....168
Imagem 36: Relato 1 – Tatiana Lima Souto.....171
Imagem 37: Relato 2 – Kátia Barbosa Silvino.....172
Imagem 38: Relato 3 – Neusa Lívia Bandeira.....173
Imagem 39: Relato 4 – Paula Ferreira Barros.....174
Imagem 40: Relato 5 – Aline Cristina Barbosa Lima.....175
Imagem 41: Relato 6 – Lucia Silveiro Ribeiro.....176
Imagem 42: Relato 7 – Rebeca Hellen Soares.....177
Imagem 43: Relato 8 – Heloísa Dinorá Fagundes Brasil.....178
Imagem 44: Relato 9 – Sônia Soares Gomes.....179
Imagem 45: Relato 10 – Fátima Gonçalves Silva.....180
Imagem 46: Relato 11– Ana Paula Ferreira.....181
Imagens 47 a 49 – Construindo palavras e escrevendo poesia.....196
Imagem 50: Muitas de mim.....196
Imagem 51: A mistura de nós.....197
Imagem 52: Tranca.....202
Imagem 53: Chapão.....182
Imagem 54: Tatuagens.....203
Imagem 55: Vaidade.....203
Imagem 56: Direitos.....205
Imagem 57: Liberdade.....205
Imagem 58: Jaleco.....206
Imagem 59: Mãos dadas.....207
Imagem 60: Conhecimento.....207
Imagem 61: Corpo preso, mas a mente livre.....208
Imagem 62: A justiça é falha.....208
Imagem 63: Amor, arte e opressão.....209
Imagem 64: Encontro.....210
Imagem 65: mulher presa e a leitura.....214
Imagem 66: Carta Roberto Medeiros.....224

Imagem 67: Carta Roberto Medeiros - 02.....226
Imagem 68: Carta da Patrícia Firmino.....228
Imagem 69: Carta do Lucas Henrique Ribeiro dos Santos.....231
Imagem 70: Carta do José Pereira.....233
Imagem 71: Carta do Fernando Henrique Solano.....237
Imagem 72: Carta da Joana D'Arc Albuquerque.....240
Imagem 73: Carta da Sandra Silva - frente.....243
Imagem 74: Carta da Sandra Silva - verso.....244
Imagem 75: Carta do Ricardo Oiveira.....247
Imagem 76: Capa do livreto: #DINAMIC@R_SERES: os poemas não têm algemas.....253
Imagem 77: Poesia - Reflexão.....254
Imagem 78: Poesia - Solidão.....254
Imagem 79: Poesia – Lágrimas de uma presidiária.....255
Imagem 80: Poesia - Coração Apertado.....255
Imagem 81: Poesia – Thiago.....255
Imagem 82: Poesia – Poema Perfeito.....256
Imagem 83: Poesia – O meu rancho de Sapê.....256
Imagem 84: Grupo escola.....261
Imagens 85: Logos dos projetos.....263
Imagens 86: Logo – #Dinamic@ar_SERES: os poemas não têm algemas.....265
Imagens 87 e 88: Monitoras privadas de liberdade – Funap.....265
Imagem 89: A leitura no cárcere.....266

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Pessoas privadas de liberdade no Brasil.....45
Tabela 02: Dissertações, Teses e Trabalhos de Conclusão de Curso, com a temática - leitura nas prisões, projetos de leitura e remição de pena pela leitura.....64
Tabela 03: Dissertações, Teses e Trabalhos de Conclusão de Curso por universidades federais e estaduais, públicas ou privadas.....64
Tabela 04: Artigos sobre leitura nas prisões no Brasil.....64
Tabela 05: Leis estaduais sobre oferta de projetos de leitura na prisão.....68
Tabela 06: Projetos de lei em tramitação.....70
Tabela 07 - Atividades que oferecem a remição de pena.....72
Tabela 08: A leitura nas prisões.....77
Tabela 09: Pessoas privadas de liberdade envolvidas em atividade educacional complementar por Unidade da Federação (estados).....87
Tabela 10: Pessoas privadas de liberdade envolvidas em atividade educacional complementar por Unidade da Federação.....88
Tabela 11: Projetos de leitura consolidados pela Funap/SP.....93
Tabela 12: Horários de atendimento.....108
Tabela 13: Problemas do mau uso dos livros.....121
Tabela 14: Interesse e procura pelo projeto de leitura.....136
Tabela 15: Gênero literário de preferência: Penitenciária Feminina de Campinas e Centro de Progressão de Hortolândia.....137
Tabela 16: Mulheres privadas de liberdade no Brasil.....241

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Pessoas privadas de liberdade por natureza da prisão e tipo de regime 46
Gráfico 02: Pessoas privadas de liberdade entre 1990 e 2017.....47
Gráfico 03: população prisional no Brasil por unidade da federação.....48
Gráfico 04: Faixa etária das pessoas privadas de liberdade no Brasil.....49
Gráfico 05: Raça, cor ou etnia das pessoas privadas de liberdade e da população total 50
Gráfico 06: Escolaridade das pessoas privadas de liberdade no Brasil.....50
Gráfico 07: Escolaridade da população brasileira em 2017.....51
Gráfico 08: Resenhas Funap 1º semestre 2019.....97
Gráfico 09: Crescimento de mulheres privadas de liberdade.....156
Gráfico 10: Distribuição por gênero dos crimes tentados/consumados entre os registros das pessoas privadas de liberdade. Brasil. Junho de 2014...157
Gráfico 11: Faixa etária das mulheres privadas de liberdade. Brasil.....159
Gráfico 12: Raça, cor ou etnia das mulheres privadas de liberdade. Brasil.....160
Gráfico 13: Mães privadas de liberdade.....160

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALA – American Library Association

BB Educar – Fundação Banco do Brasil – Educação de Jovens e Adultos

BI – Boletim Interno

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e dissertações

CDP– Centro de Detenção Provisória

CBBP – Comissão Brasileira de Bibliotecas Prisionais

CESU – Centro de Exames Supletivos da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo

CNJ – Conselho Nacional de Justiça

CPP – Centro de Progressão Penitenciária

CR – Centro de Ressocialização

CRP – Centro de Readaptação Penitenciária

DEPEN – Departamento Penitenciário Nacional

DEECRIM – Departamento Estadual de Execução Criminal

DIAPH – Diretoria Adjunta de Atendimento e Promoção Humana

ENCCEJA – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FEBAB – Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FUNAP – Fundação Professor Manoel Pedro Pimentel

FUNDAP – Fundação do Desenvolvimento Administrativo

FUMEC – Fundação Municipal de Educação Comunitária

HCTP – Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico

IFLA – International Federation of Library Associations and Institutions

INAF – Indicador de Alfabetismo Funcional

INFOPEN – Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MEC – Ministério da Educação

MJ – Ministério da Justiça

OIE – Organização dos Estados Iberoamericanos

PEALV – Programa de Educação Ampliada ao Longo da Vida

PRONASCI – O Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania

RAC – Rede Anhanguera de Comunicação

RAJ – Região Administrativa Judiciária

RDD – Regime Disciplinar Diferenciado

SAP – Secretaria de Administração Penitenciária

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

SISCOPEN – Sistema de Controle de Execuções Penais

TJ – Tribunal de Justiça

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNIEMP – Instituto Universidade Empresa

CONEXÕES

FICHA CARTOGRÁFICA.....03
FOLHA DE APROVAÇÃ.....04
DEDICATÓRIA.....05
AGRADECIMENTOS.....06
RESUMO.....07
ABSTRACT.....08
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....09
LISTA DE TABELAS.....12
LISTA DE GRÁFICOS.....13
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....14
CONEXÕES.....16

1. APRESENTAÇÃO.....21

2. DE ONDE PARTIMOS.....25

3. A FORMAÇÃO DO EU PROFISSIONAL E HUMANIZADO: ESCOLHAS E MUITOS CAMINHOS.....32

4. A SITUAÇÃO CARCERÁRIA NO BRASIL E A LEITURA EM ESPAÇOS DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: HISTÓRICO DO CONTEXTO.....43
4.1 Um recorte da situação carcerária no Brasil.....43
4. 1.1 Corpos cativos e mentes cativas?.....52
4.2. Estudos sobre educação e os projetos de leitura nas prisões.....62
4.3. Fundamentos legais: A leitura nas prisões.....66
4.4. Leituras no espaço de privação de liberdade.....74
4.5. O direito à leitura nas prisões brasileiras.....80
4.6. Alguns dados sobre o desenvolvimento dos projetos de leitura nas prisões.....85
4.6.1 Projetos de leitura no estado de São Paulo.....90
4.7. Bibliotecas nas prisões brasileiras.....98

5. A REALIDADE DA PESQUISA: SOBRE AS BIBLIOTECAS, LEITURA, OFICINAS E OS LEITORES.....104
5.1 As bibliotecas da pesquisa: espaço para o encontro na cidadania, direito de poucos 104
5.1.1 Estrutura das bibliotecas nas duas unidades prisionais estudadas.....107
5.1.2 Normas de funcionamento.....107
5.1.3 Horário de funcionamento.....108
5.1.4 Recursos humanos.....108
5.1.5 Estrutura.....108
5.1.6 Acervo.....114
5.1.7 Usuários da biblioteca prisional.....115
5.1.8 Classificação dos livros.....115
5.1.9 Empréstimos.....116
5.1.10 Aquisição de livros e revistas.....120
5.1.11 Pesquisa do acervo.....120
5.1.12 Projetos desenvolvidos.....120
5.1.13 Normas disciplinares.....120
5.2 Concepções de leitura assumida.....122
5.3 Estruturas dos projetos.....125
5.3.1 Projeto - A leitura liberta: presídio masculino.....132
5.3.2 Projeto - Ciranda da leitura: lendo para libertar: presídio feminino..133
5.4. A formação humanizada de leitor@s, no espaço de privação de liberdade.....135
5.4.1 Leitor@s (in)visíveis: participação e recorte de identidade de gênero/ sexualidade.....143

6. ENCONTROS E EXPLOSÕES: ARTES, ESCRITAS DE SI E OUTROS DIÁLOGOS.....149
6.1 O Cortiço e a cela 152
6.1.1 Vinculações.....154
6.1.2 Parte 1: Mulheres na atualidade: um contexto a partir do aprisionamento feminino.....155
6.1.3 O Projeto de Leitura.....161
6.1.4 Parte 2: O começo.....163
6.1.5 Quem foi Aluísio de Azevedo?.....164

6.1.6 Livro: O Cortiço de Aluísio de Azevedo.....165
6.1.7 Encontros.....168
6.1.7.1 O 1º dia - Debatendo o filme: O cortiço.....168
6.1.7.2 O 2º dia - Ser mulher.....170
6.1.7.3 O 3º dia - Mulheres presas.....189
6.1.7.4 O 4º dia - Direitos Humanos e feminismo.....191
6.1.7.5 O 5º dia - Linhas de fuga.....195
6.1.7.5.1 - Fotos: somente elas, imagens que anunciam e denunciam 201
6.1.8. Parte 3: Terminando.....211
6.1.9 Participantes da atividade temática: O cortiço e a cela.....213
6.2 Diálogos através das cartas 215
6.2.1 Respostas e reflexões.....217
6.2.1.1 – Carta ao Roberto Medeiros.....224
6.2.1.2 – Patrícia Firmino.....228
6.2.1.3 – Lucas Henrique Ribeiro Santos.....231
6.2.1.4 – José Pereira.....233
6.2.1.5 – Fernando Henrique Solano.....237
6.2.1.6 – Joana D'arc Albuquerque.....240
6.2.1.7 - Sandra Silva.....242
6.2.1.8 - Ricardo Oliveira.....246
6.3 A poesia em nós, privados de liberdade, mas nem tanto.....250
6.3.1 Poesias…….....…….....254

7. CONVERSAS COM QUEM GOSTA DE LER 259
7.1 Ludmile, razão e sensibilidade.....260
7.2 Lucas, crime e leitura 267
7.3 Entrevistas: dialogando sobre leitura.....267
7.3.1 Entrevista: vivenciando leituras.....270
7.4 Para além da leitura: construindo novos caminhos.....287

8. PARA ONDE APONTAM OS CAMINHOS.....292

9. REFERÊNCIAS.....301

10. ANEXOS.....319

Foto 01: Caminhos que libertam



Acervo pessoal (set./2017)

"Os livros eram, naquele lugar, moradias provisórias,
a maneira de recriar um pouco a casa perdida".
Michèle Petit (2010, p. 90)

1. APRESENTAÇÃO

Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. (FREIRE, 1987, p. 80)

Ao apresentar este trabalho, que considero um marco na minha vida pessoal e profissional, sinto-me privilegiada pela oportunidade de relatar as experiências educacionais, no campo da leitura e literatura, dentro de duas unidades prisionais da Região Metropolitana de Campinas. Tenho a oportunidade de trabalhar, por opção pessoal, profissional e política, em diversas prisões do estado de São Paulo, mais especificamente no Centro de Detenção Provisória de Hortolândia e Penitenciária Feminina de Campinas, locais também de pesquisa.

Desse modo, senti o desejo de compreender como a pessoa em privação de liberdade, em contato com a leitura literária, é auxiliada na busca de sua na emancipação humana, enquanto leitores. Pensar sobre emancipação é pensar nas condições de vida social, com o objetivo de realizar práticas libertadoras na educação, no trabalho e na vida, como forma de resistir ao universalismo neutro, que oculta às muitas formas de dominação. Para (FREIRE, 2002, p. 75) "a educação problematizadora, enquanto um quefazer humanista e libertador, o importante está em que os homens submetidos à dominação lutem por sua emancipação".

Esse foi o motivo que me levou a ingressar no Programa de Mestrado e em conjunto com a minha orientadora, Heloísa Andreia de Matos Lins, pesquisarmos os projetos de leitura nas duas unidades prisionais apresentadas.

Na busca de um método de pesquisa que pudesse dar visibilidade aos participantes e apresentar as suas vivências nos projetos, o método cartográfico foi o que nos pareceu mais potente, captando as subjetividades produzidas nesses espaços. Entendemos que o método cartográfico concebe a prática da pesquisa, uma ação materializada do pesquisador que está em sintonia com o contexto de estudo, produzindo o saber pelo fazer. Ao produzir o conhecimento, nos posicionamos e tomamos uma posição no mundo em que vivemos, também auxiliamos e interferimos nas ações e reflexões dos participantes. Entendemos que

não há neutralidade na ciência, porque ela surge como necessidade de resposta às inquietações humanas em meio ao mundo humano, localizado, datado e existente em cada sujeito em sua pluralidade expressiva.

A cartografia amplia as diversas possibilidades de captura do objeto pesquisado, possibilitando a aquisição de materiais, ações diversificadas e relacionadas à produção do trabalho científico.

A cartografia é compreendida como um mapa, um rizoma que "é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente" (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 30). Oportuniza analisar a realidade além da concepção binária de ciência, onde há uma simplificação de coletas de dados e apresentação de resultados. A cartografia nos permite acompanhar processos, abrir o pensamento, a sensibilidade, sem conceitos pré-estabelecidos, possibilitando pesquisar tudo o que foi apresentado, evidenciando pistas, produzindo conhecimentos pertinentes e consistentes. Assim, estando diretamente ligada aos projetos: planejando e realizando as atividades, bem como pesquisando, assumimos o caráter da "*pesquisa-intervenção"* (PASSOS e BARROS, 2012).

Aliadas à cartografia, as perguntas feitas durante todo o percurso, aos objetos de pesquisa, configuram-se como uma maneira diferenciada de investigar, agir, pensar e refletir sobre essa experiência. A utilização de fundamentos filosóficos pautados na filosofia da diferença promove, dessa forma, uma pesquisa interativa, mediada pelo diálogo. De acordo com Freire (1985), no livro "Por uma pedagogia da Pergunta", todo conhecimento começa pela pergunta e pela curiosidade. É na pergunta que está o empenho ou a sede pelo conhecimento necessário para alimentar o pensamento na busca de significados. A pesquisa não pode ocorrer sem esse princípio. É com a pergunta que se desperta e cultiva a curiosidade e a criticidade, ampliando consideravelmente a maneira de pensar, criar e pesquisar, possibilitando o exercício de diferentes habilidades e competências ao pesquisador e aos participantes da pesquisa. Nesse sentido Freire (1985) aponta que:

> Porque o início do conhecimento, repito, é perguntar. E somente a partir de perguntas é que se deve sair em busca de respostas, e não o contrário: estabelecer as respostas, com o que todo o saber fica justamente nisso, já está dado, é um absoluto, não cede lugar à curiosidade nem a elementos por descobrir. (FREIRE, FAUNDEZ, 1985, p. 24).

Sendo assim, a pesquisa se desenvolve de forma criteriosa, incorporando a teoria e a prática, oferecendo aos acontecimentos analisados, uma maior profundidade. Pesquisar é intervir na realidade e não apenas representá-la. Entretanto, a influência que a pesquisa opera não é unilateral: todos estamos envolvidos e implicados em todo o processo. Portanto, a pesquisadora, a orientadora, os privados de liberdade, a unidade prisional e os leitores sofrem as consequências da ação do pesquisar.

Para tanto, o processo de pesquisa foi se desenhando nas vivências proporcionadas nas oficinas dos projetos de leitura. Para o entendimento da implantação e desenvolvimento desse percurso, início com a minha trajetória profissional: o que me trouxe até aqui. Apresento também alguns dos fundamentos legais para a compreensão do universo prisional brasileiro, bem como o perfil do privado de liberdade que se constitui como público alvo dos projetos. Neste contexto, concebo as oficinas analisadas, o desenvolvimento das atividades e as decorrências dessa política pública, a partir dos privados de liberdade. Como observado, as narrativas espontâneas e as entrevistas com os privados de liberdade expõem e evidenciam os efeitos da leitura no universo prisional e em suas formações subjetivas.

Os trabalhos existentes e criados nas oficinas de leitura, feitos por nós, mediadora-pesquisadora e os privados de liberdade, a partir das atividades pedagógicas que promovem o diálogo entre o livro, o autor, a escrita e a pessoa em privação de liberdade. Nesse capítulo também aparecem às escritas autobiográficas evidenciando o potencial da escrita de si mediadas pela leitura.

Com as narrativas, se terá um olhar mais detalhado sobre as influências que a leitura pode promover nos participantes e, mais especificamente, no que ficaram mais sobressalente, no encontro com dois privados de liberdade, um homem e uma mulher, participantes das oficinas de leitura, na tentativa de capturar o que a participação nessa atividade, dentro do cárcere, trouxe de mudanças em suas vidas. As narrativas obtidas perpassam pela vida desses dois participantes em particular, comparando o singular e o coletivo, a presença e a ausência, a descoberta e a ocultação, a leitura e a escrita, as semelhanças e as diferenças da leitura entre os gêneros.

Cumpre salientar que as imagens são constantemente trabalhadas neste projeto de leitura, configurando-se como um recurso imprescindível para a consolidação de conceitos e reflexões sobre a vida em nossa sociedade. Na busca de possibilitar o desenvolvimento dos participantes dos projetos de leitura, de forma significativa, é importante levar em consideração os subsídios e os benefícios das múltiplas linguagens possíveis de serem

utilizadas: as imagens produzidas pelos estudantes privados de liberdade, pensamento pelas imagens, representação pelas imagens do fragmento de um instante, detalhes de uma pessoa, as fotos como parte e como todo. Do mesmo modo, os filmes como materialização de emoções e pensamentos auxiliam nas observações, nas incorporações de novos conceitos formando novos recursos de aprendizagem, pois, se acrescentam informações e as transformam. As comparações dos materiais e das atividades realizadas servirão para o levantamento de pistas, que não se esgotam na tentativa de visualização da contribuição da leitura nos espaços de privação de liberdade.

Cabe ressaltar que todo o trabalho tem como base a educação emancipadora, uma vez que todos os espaços educativos, inclusive dentro da prisão, podem formar seres humanos na sua integralidade, auxiliando-os a aprender, a dividir, a conviver e a protagonizar suas existências nessa sociedade tão desigual e complexa. Uma educação que pode oportunizar aos seres humanos uma consciência crítica, com responsabilidade, valores e ética, de modo que (re)descubram seu papel no mundo.

2. DE ONDE PARTIMOS...

> *Civilizações sem barcos são como crianças cujos pais não tivessem uma grande cama de na qual pudessem brincar; seus sonhos então desvanecem, a espionagem substitui a aventura, e a truculência dos policiais, a beleza ensolarada dos corsários. (FOUCAULT, 2013, p. 30)*

Este trabalho não é uma análise quantitativa ou descritiva dos projetos de leitura desenvolvidos em duas unidades prisionais, uma localizada em Campinas e outra na cidade de Hortolândia no estado de São Paulo. Já existem trabalhos desenvolvidos com esta perspectiva, e este não pretende ser mais um. O levantamento das questões e caminhos da realização das oficinas de leitura com o propósito de remição de pena será apresentado brevemente, pois a perspectiva será a observação das ações de leitura realizadas pelos participantes dos projetos de leitura.

A perspectiva deste trabalho é perpassar pelos encontros, entre os livros e os privados de liberdade, proporcionados pelas oficinas de leitura, onde a "vida está em toda parte em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa e que esses objetos vividos medem" (DELEUZE 2002, p. 14). Nasce das vivências com as pessoas em privação de liberdade, nos seus encontros com os livros e nas narrativas construídas, na emoção da descoberta, no acontecimento que "não sobrevém nem sucede, mas apresenta a imensidão do tempo vazio no qual vemos o acontecimento ainda por vir e já ocorrido, no absoluto de uma consciência imediata" (DELEUZE 2002, p. 14), pensando a realidade através de novos dispositivos, acompanhando os movimentos de desterritorialização. Com base nos autores Guattari e Rolnik (2002), observemos o seguinte trecho:

> O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios "originais" se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as

> estratificações materiais e mentais (HAESBERT; BRUCE, 2002, p. 8, APUD GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323).

Entendemos então que, para Guattari e Rolnik, a desterritorialização é o movimento em que o indivíduo abandona o território, realizando linhas de fuga e a desterritorialização pode ser entendida como o movimento de construção do território, de um modo novo.

A potência dos pensamentos, das ações e reações dos participantes nas atividades desenvolvidas nos espaços de privação de liberdade, parece possível de ser "capturada", de algum modo, pela perspectiva da cartografia. Dessa forma, "um método não é um caminho para saber sobre as coisas do mundo, mas um modo de pensamento que se desdobra acerca delas e que as torna como testemunhos de uma questão: a potência do pensamento". (OLIVEIRA, 2012, p. 163) Essa afirmativa vem de encontro à forma que pretendemos compreender os acontecimentos que surgem, antes, durante e posteriores às atividades desenvolvidas nas oficinas de leitura. Para o autor "a cartografia é uma figura sinuosa, que se adapta aos acidentes de terreno, uma figura de desvio, do rodeio, da divulgação, da extravagância, da exploração". (OLIVEIRA, 2012, p. 163) Uma metodologia inventiva, multiplicando "[...] as formas de conexões, de linguagens, de abordagens", (OLIVEIRA, 2012, p. 163) que é desenvolvida quando prestamos atenção a tudo o que acontece, seja nas vozes, nos silêncios, no tom de voz, nas falas ditas ou não, na postura corporal, nos olhares, nas intervenções, nos sorriso, no choro, nos códigos secretos ou não, na "cultura local", na "cultura do aluno", na escrita, nos desejos, nas intenções, nos sonhos, no pensamento distante, na saudade, na opacidade das roupas beges, na sujeira, na limpeza, nos odores agradáveis ou não, nos relacionamentos, na leitura silenciosa ou de grupo, no grito angustiante, no barulho, no silêncio, no mau hálito, na falta de dentes, no tom da voz do guarda, na abertura repentina de uma porta, na fome, na opressão, no desejo de liberdade... Não há a possibilidade de desenvolver uma pesquisa cartográfica sem levar em conta tudo que aparece no momento da captura das narrativas e da participação das oficinas.

A opção pelo método cartográfico de pesquisa - neste caso através de uma pesquisa participativa - tem a intenção de captar, dentro dos projetos de leitura nas unidades prisionais, os movimentos existentes, relações vivenciadas, os jogos de poder no espaço prisional, como são realizados os enfrentamentos entre forças, lutas, as enunciações, os modos de objetivação e de subjetivação, da percepção de si mesmo, técnicas de resistência e de liberdade, dos participantes privados de liberdade. Para Deleuze (1990, p. 188) os processos de subjetivação "[...] designam a operação pela qual, indivíduos ou comunidades

se constituem como sujeitos, à margem dos saberes constituídos e dos poderes estabelecidos, podendo dar lugar a novos saberes e poderes". Em síntese, sobre o método cartográfico, trata-se de uma forma de apreciação e de ação atenta, com o objetivo de acompanhar os rizomas, as linhas de fuga, as relações, resistências e rupturas as trajetórias neste território[1].

A captura das vivências com a literatura, nesses espaços, se faz pelo atravessamento do aprisionamento, pelo ser multifacetado, pelo sonho de liberdade, pelas urgências, pois, o sujeito se faz e é determinado ao mesmo tempo em que o objeto. De que forma? Como todos nós, é: experimentando, arriscando, dialogando, questionando, na tentativa de captura do acontecimento com a obra literária e com os outros, dos pensamentos, das reações, aprofundando a observação dos olhares, dos gestos, das falas, das posturas, dos silêncios, que expressam um *flash* da vida dessas pessoas, desnudando posturas.

O contato, as ações e reações, a experiência vivenciada com a leitura e com os leitores é o que me interessa na pesquisa, pois, "na prisão (...) vários homens e mulheres redescobrirão essa importância vital dos livros ou da recordação de texto lido" (PETIT, 2010, p. 16). Para essa autora, "a construção da leitura para a reconstrução de uma pessoa, após uma desilusão amorosa, um luto, uma doença, etc. – toda perda que afeta a representação de si mesmo e do sentido da vida – é uma experiência corrente (...)" (PETIT, 2010, p. 17) que dá um novo sentido ao que está lendo e ao que está vivenciando no momento. Antônio Candido aponta a importância da literatura como um direito humano, para todas as pessoas, uma vez que, "não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação" (CANDIDO, 2004, p. 174). Ao entrar nesse universo prisional, para realização da pesquisa-intervenção, muitos questionamentos são levantados, tais como: qual é a necessidade que leva a pessoa privada de liberdade a procurar pelos livros? Qual é o poder da literatura para as pessoas em privação de liberdade? Pode ir além da busca de uma alternativa para remição de pena? Pode contribuir para a emancipação da pessoa em privação de liberdade? Pode ampliar a visão do mundo que cercam estas pessoas? Pode ser "perigosa" para os mecanismos de controle existentes nesse espaço? A leitura pode amenizar a dor, a distância da vida fora das grades? Questões importantes que podem ser colocadas em relevo, através das vivências e das trocas entre todos os envolvidos, ocorridas nas oficinas de leitura.

[1] Os conceitos deleuzianos de: rizomas, linha de fuga, resistência e território, serão abordados ao longo do trabalho.

Freire (1985) aponta que:

> Não há dúvida de que uma pesquisa nesse nível não poderia ser uma pesquisa tradicional. Não era possível recorrer a uma biblioteca para compreender e solucionar o problema, nem tampouco recorrer a livros escritos por outros filósofos, para descobrir, por exemplo, se o conceito empregado por tal ou qual pensador estava ou não corretamente empregado, se era esta ou aquela a origem de determinada palavra, etc. Esse tipo de pesquisa exigia outras fontes - e onde as fontes? Como descobrir onde estavam os elementos que poderiam auxiliar na compreensão desse processo de transformação ideológica? Estavam, por exemplo, na conversa com aqueles que viveram o período em questão. (FREIRE, 1985, p. 09)

Uma pesquisa, nesse sentido, foge da tradicionalidade em que se dão respostas aos questionamentos levantados, de modo definitivo, o que não é o que se pretende nesta pesquisa, que possivelmente trará mais questionamentos impulsionando a novos caminhos, justamente por pautar-se nesse modo de interrogar o que se pensa saber/conhecer.

A finalidade é a apresentação d*os* acontecimentos vivenciados pelas pessoas em privação de liberdade, nas oficinas de leitura no Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia e Penitenciária Feminina de Campinas, que será a partir dos conceitos de Michele Petit, Antônio Cândido, Paulo Freire, além de outros escritores e pesquisadores que pensam e analisam as lutas pela dignidade humana, justiça social e, em alguns casos, as relações entre educação e leitura nas prisões e fora delas.

A análise dos autores supracitados permitirá observar, com mais profundidade as atividades de leitura, observando e analisando as experiências dos participantes dessas oficinas, ambos, pesquisadora e participantes dos projetos, se definem “mutuamente, um em função do outro” (BARROS; BARROS, 2013, p. 374), avaliando as inúmeras relações do sujeito com o livro e com os outros participantes, com as narrativas que surgem durante as oficinas, com a escrita, ou seja, o acompanhamento do processo, que será colocado em perspectiva pelo método cartográfico e que levará em conta as contribuições de Gilles Deleuze, Félix Guattari, capturando as linhas de força (fluxos), as relações existentes, efeitos das subjetividades, as densidades e intensidades. Pois, como afirma Freire (1985, p. 09) é “preciso buscar as fontes em sua origem; era preciso ir falar com aqueles que viveram o momento histórico”.

Assim, o conhecimento a ser produzido e compartilhado pela pesquisa cartográfica abrange as zonas de ambiguidades, acolhendo a experiência sem desprezar nenhuma de suas faces, seja a da objetividade, seja a da subjetividade. (BARROS, BARROS, 2013).

Para esse exercício, serão levados em conta autores que estudam sobre o assunto no Brasil como: Passos, Kastrup & Escóssia (2009), Fonseca & Kirst Veiga-Neto & Souza Filho (2008), entre outros autores, com os quais se quer refletir, no sentido de uma compreensão coletiva das atividades desenvolvidas.

Para Prado Filho (2013):

> É bom lembrar ainda que existem tantas cartografias possíveis quantos campos a serem cartografados, o que coloca a necessidade de uma proposição metodológica estratégica em relação a cada situação ou contexto a ser analisado, indicando que dessa perspectiva método e objeto são figuras singulares e correlativas, produzidas no mesmo movimento, e que não se trata aqui de metodologia como conjunto de regras e procedimentos preestabelecidos, mas como estratégia flexível de análise crítica. (PRADO FILHO, 2013, p. 46)

Diante dessa proposição, no primeiro capítulo inicio com a apresentação da proposta para a pesquisa, situando o leitor sobre o contexto que será pesquisado.

No segundo capítulo, há uma contextualização do caminho a ser percorrido e os autores que embasaram a pesquisa, como os filósofos da diferença.

Para contextualizar o caminho percorrido, no terceiro capítulo, narro minha trajetória, contando sobre a minha infância e adolescência e as escolhas relacionadas à formação e a opção profissional, contando também o caminho traçado no trabalho com as pessoas em privação de liberdade.

O quarto capítulo apresenta uma breve exposição sobre a situação carcerária no Brasil, nos últimos 10 anos, com o recorte sobre o perfil da população, a escolaridade, os delitos e as ações de ressocialização que geram ações de remição de pena. Faremos uma análise sobre a situação prisional no Brasil, com enfoque no perfil da pessoa em privação de liberdade, além de fazer um recorte sobre a oferta de projetos de leitura e remição de pena. Traremos também uma breve análise sobre a influência do aprisionamento nas pessoas e a controvérsia sobre os direitos humanos ou “direitos dos manos”, na perspectiva de Santos (2014) e Cândido (2004). Outro ponto importante a ser observado é a presença e o funcionamento da biblioteca no interior das prisões.

Ainda nesse capítulo com enfoque na leitura, serão analisados os fundamentos legais sobre oferta de leitura nas prisões, oferecendo um panorama da oferta de leitura nos presídios brasileiros, fazendo um recorte para o desenvolvimento de projetos no estado de São Paulo.

No quinto capítulo, será estudada a concepção e a estrutura dos projetos "A leitura Liberta e Ciranda da Leitura: lendo para libertar", objetos dessa pesquisa. Serão abordadas também, nesse capítulo, as concepções de leitura e formação de leitores em um espaço *heterotópico*, conceito apresentado por Foucault (2013) e o conceito de *dialogicidade* de Freire (1987, 1990, 1996).

O capítulo sexto abordará as "explosões" ocorridas a partir das vivências dos participantes dos projetos de leitura. Entende-se aqui explosões[2]·, como um rizoma, ou seja, é um exemplo de resistência ético-estético-político, tratando-se de linhas e não de formas, um agenciamento. Para Deleuze & Guattari (1995):

> Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas. (Deleuze & Guattari, 1995, p. 16)

Será destacado tudo aquilo que escapa e foi criado pelos participantes a partir das oficinas realizadas, com o objetivo de aprofundamento da leitura dos livros, nos projetos de leitura. O Cortiço e a cela é resultado do aprofundamento da leitura do livro de Aluísio de Azevedo "O cortiço" (1890) que revela a condição da mulher retratada pelo autor, no final do séc. XIX, e possibilitou a comparação com as condições sociais e políticas das mulheres na atualidade e principalmente as mulheres em privação de liberdade. As cartas proporcionaram um diálogo entre a mediadora-pesquisadora e os participantes que passaram e foram afetados positivamente pelo projeto e pela leitura dos livros, como será discutido. O capítulo é finalizado com poesias escritas pelas presas, para o 1ª sarau e concurso de poesias realizado na penitenciária feminina de Campinas, no ano de 2016.

O capítulo sétimo é composto por um diálogo construído por meio das entrevistas realizadas com dois participantes dos projetos de leitura que se destacaram pela sua participação ativa durante a realização das oficinas. Trazem contribuições significativas para a implantação, realizações dos projetos no interior das prisões, além de apontar as influências positivas sobre os participantes. A estrutura deste capítulo teve como influência a Pedagogia da pergunta, que "o que é perguntar?" um jogo intelectual, mas viver a

[2] De acordo com o dicionário Aurélio, explosões é o plural de explosão, o mesmo que: detonações. Que significa: ação ou efeito de explodir, estourar violentamente: a explosão de uma bomba. A palavra é tratada aqui neste trabalho como uma consequência, significativa dos resultados obtidos através da leitura dos livros, uma rota de fuga da normalidade, que concebe apenas a leitura do livro e a escrita da resenha. Disponível em: https://www.dicio.com.br/explosoes/. Acesso em 26/08/2019.

pergunta, viver a indagação, viver a curiosidade, uma pedagogia da criatividade. Então a pedagogia da resposta é uma pedagogia da adaptação e não da criatividade. Não estimula o risco da invenção e da reinvenção. Para mim, negar o risco é a melhor maneira que se tem de negar a própria existência humana. Então a pedagogia da resposta é uma pedagogia da adaptação e não da criatividade. Não estimula o risco da invenção e da reinvenção. Para mim, negar o risco é a melhor maneira que se tem de negar a própria existência humana. Esse capítulo aborda as entrevistas realizadas com Ludmile e Lucas, tendo como base a pedagogia da pergunta. Uma proposta de Paulo Freire em seu livro-diálogo com Antônio Faundez. Através da apresentação das ideias centrais do livro Por uma Pedagogia da Pergunta apontamos apresentar uma nova maneira de abordar as entrevistas realizadas, que se utiliza dos embasamentos filosóficos para promover uma educação mediada pelo diálogo. Deseja-se nesse espaço apontar como a participação dos privados de liberdade, nos projetos de leitura, se consolida em uma educação conscientizadora, problematizadora e dialógica, na qual o mediador e participantes, através da leitura literária, busquem o conhecimento, provocando uma educação para a libertação e emancipação: “No primeiro caso, discutiríamos conceitos determinados, como eles se aplicam à realidade, como se transformam à medida que vão sendo aplicados a realidades diversas, etc.” (FREIRE, 1987, p. 06).

Para onde apontam os caminhos? No capítulo oitavo serão apresentadas as reflexões sobre a leitura, os projetos e as atividades desenvolvidas nos espaços de privação de liberdade. Inicialmente, podemos afirmar que a leitura promove mudanças de atitudes, aumenta a autoestima, promove a emancipação entre tantos outros argumentos positivos. Não nos esqueçamos de que leitura também pode corromper, ultrapassa, nos enche, nos esvazia. A que conclusões chegamos ao final da pesquisa? Respondemos a questão levantada? Formulamos outras?

3. FORMAÇÃO DO EU PROFISSIONAL E HUMANIZADO: ESCOLHAS E MUITOS CAMINHOS

> *Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam!* (FREIRE, 1987, p. 23)

Em junho de 1993**,** caminhando em direção à portaria do Centro de Progressão Penitenciária Ataliba Nogueira – CPP Ataliba Nogueira, milhões de pensamentos inundavam a minha cabeça, como "o que estou fazendo aqui? Que ideia foi essa de trabalhar nesse local? Será que estou fazendo a coisa certa? Eles são perigosos? Será que dou conta? Não é melhor dar meia volta?" Mesmo assim, segui em frente.

Esse é o início de minha trajetória profissional, dentro das unidades prisionais, pela Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel – Funap, que começou um mês antes, nas férias de julho. Eu estava no último ano da faculdade de Pedagogia na Unicamp e viajei junto com uma amiga de curso até a casa de seus pais, em São Paulo, para passar uns dias. Já no metrô - ao passar em frente ao antigo presídio do Carandiru - me deparei com uma imensa construção, com vários pavilhões com roupas penduradas, mãos na janela, uma enorme movimentação de pessoas. Indaguei à minha amiga, o que era aquilo e ela me respondeu que era a Casa de Detenção de São Paulo, conhecida como Carandiru, o maior presídio da América Latina. Disse a ela naquele instante que eu iria trabalhar ali.

A imagem não me saía da cabeça e comentando com as professoras da escola infantil em que eu trabalhava, uma professora me informou que no Centro de Progressão Penitenciária "Ataliba Nogueira", que fica na divisa com Campinas e Hortolândia, estava havendo um processo seletivo para educadores. Consegui fazer a inscrição e, um mês depois desse primeiro contato com a prisão, comecei a trabalhar como professora. Dali em diante, um longo caminho foi percorrido.

Inicialmente a instituição foi denominada Fundação Estadual de Amparo ao Trabalhador Preso – Funap, criada pela Lei Nº 1.238, de 22 de dezembro de 1976.

Caracterizada como entidade civil, sem fins lucrativos, tendo como campo de ação o sistema penitenciário do Estado de São Paulo.

A Funap tem como escopo a recuperação social da pessoa em privação de liberdade, bem como a melhoria de suas condições de vida enquanto estão cumprindo a pena, através da educação e do trabalho que são oferecidos no interior das prisões. Esta proposta me afetou profundamente, pois, queria auxiliar através das atividades educacionais uma alternativa para a construção de uma vida diferente para os estudantes que passavam pela escola da unidade prisional.

Nesse primeiro dia, ao chegar à portaria, eu não estava autorizada a entrar e fiquei aguardando do lado de fora, até que uma monitora da Funap me levasse para dentro da unidade prisional e, em seguida, ao espaço escolar. Iniciei na sala de alfabetização - Alfa I, como era denominado na época. A estrutura era a seguinte: Alfa I 1ª série, Alfa II 2ª série e Alfa II 3ª e 4ª série. Essas salas eram assumidas pelos professores da Funap. Da 5ª a 8ª série era a do professor comissionado pelo Estado. Ficamos nessa estrutura até a mudança em 1996 para PEB I e PEB II.

Quantas emoções, quantos alunos passaram por minha sala. Nessa experiência, ri muitas vezes, fiquei chocada tantas outras, chorei, me assustei, me sensibilizei, aprendi, me surpreendi. E sempre na certeza de que era isso que eu queria e quero profissionalmente. Aprendi com Freire que: "Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática" (FREIRE, 2010, p. 58).

São muitas as lembranças desses dias... Uma passagem bem marcante foi um dia em que estava dando aula sobre cidadania e meus alunos não estavam concordando com o meu ponto de vista. Alguns alunos me disseram:

> Aluno 01: "No presídio só tem inocente, a culpa é do "Zé povinho" que nos coloca aqui!".
> Aluno 02: "A culpa é da sociedade!".
> Argumentei então:
> "Gente! Vocês têm que entender que muitas coisas podem levar a pessoa a ser presa. Vocês têm que entender que as escolhas que fazem podem te trazer para dentro de uma prisão! Muitas coisas que fizeram os trouxeram até aqui!".
> Aluno 03: "Não sou eu quem vim preso, a polícia que me trouxe"![3]
>
> (elaborado pela autora)

[3] Essa conversa me marcou bastante, visto que, sempre é necessário, que se trabalhe com os alunos questões sociais políticas e promover que os alunos se posicionem de forma mais crítica diante da realidade em que estão inseridos.

O diálogo acima teve um forte impacto na minha atuação dentro das prisões. Percebi que ainda tinha que pesquisar mais atividades e textos, que pudéssemos refletir sobre a sua situação social e política, das pessoas e privação de liberdade, pois, "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender". (FREIRE, 1996. p.25)

Assim, entre argumentos sobre: as questões do aprisionamento, sobre como reproduziam a ideia de que eram vítimas do sistema, que a culpa de estarem ali era atribuída à outra pessoa, que o discurso que faziam, era uma reprodução do contexto em que estavam inseridos, continuamos o debate. A minha intenção - ao que parece ingênua - era de que eles pensassem, como também pudessem entender que certas camadas sociais eram massivamente aprisionadas, e que entendido isso, poderiam compreender os motivos sociais pelos quais estavam presos, assim, pudessem buscar alternativas para mudança desse contexto.

Neste sentido, Freire (1987) afirma que:

> O educador se põe frente aos educandos como sua antinomia necessária reconhece, na absolutização da ignorância daqueles a razão de sua existência. Os educandos, alienados, por sua vez, à maneira do escravo na dialética hegeliana, reconhecem em sua ignorância a razão da existência do educador, mas não chegam, nem sequer ao modo do escravo naquela dialética, a descobrir-se educadores do educador. (FREIRE, 1987, p. 34)

Quase no final da aula eu disse: *"*Vamos fazer o seguinte! No final da aula vocês saem pela portaria, pois são todos inocentes e eu fico aqui, já que sou a única culpada nesta sala![4]". Estava indignada com a falta de visão mais crítica e a representação do papel de vítima, de alguns alunos.

Nesse momento, muitos alunos se levantaram e saíram da sala. Outros ainda ficaram até o final. Senti que ficaram em choque, porque falei com muita convicção. Não foi uma aula fácil, mas foi de grande aprendizagem. Esses alunos demoram uns dois dias para retornar à sala de aula, mas quando voltaram, estavam mais receptivos e abertos para conversas. Sentiram que naquele espaço, não precisavam usar máscaras sociais ou falar o que o outro quer ouvir. A sala de aula pode e deve ser, num espaço de privação de liberdade, um local para promover a reflexão, para ouvir opiniões diferentes, local de fala e

[4] O comentário ingênuo tinha como intenção, levá-los a refletir sobre o contexto social e político do aprisionamento no Brasil.

de escuta, de leitura diferente do mundo em que estão inseridos. Neste sentido, utilizo as palavras de Freire, que [...] "Escutar envolve receber o ponto de vista do outro (diferente ou similar ao nosso), abrir-se para o entendimento de sua hipótese, identificar-se com a sua hipótese, para compreensão de seu desejo." (FREIRE, 1996. p.11).

Pensando nesse momento, acredito que me impulsionou a estudar sobre as diversas questões sobre a prisão. Também foi aprendendo a trabalhar com eles que conheci seu universo cultural, conheci as influências que a privação de liberdade pode exercer sobre as pessoas. Entendi, que uma educação que fosse simplesmente à aquisição da habilidade da leitura e da escrita, sem contextualizar e problematizar o cotidiano, era simplesmente a educação que estava a favor do sistema prisional, que exclui, classifica e reproduz. Sendo reduzida para a ocupação do tempo, bem como a ajudar na disciplinarização (na acepção foucaultiana) do privado de liberdade.

Na questão da minha formação, sempre realizei cursos que me fizessem pensar sobre a minha prática e me deixassem atualizada. Muitos cursos na área das prisões foram promovidos pela FUNAP, em parceria com outras instituições. Destaco, por exemplo, o "Teatro do Oprimido", no ano 2000, que proporcionou uma visão singular sobre as vivências das pessoas que vivem e trabalham no sistema prisional, também os cursos específicos sobre educação nas prisões[5], promovidos pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

[5] Cursos realizados relacionados à temática prisão:
1- II encontro de monitores de educação de Adultos Presos do estado de São Paulo – Funap (1994); 2-Encontros para o Trabalho de Prevenção às DST e AIDS através do teatro no Sistema Prisional – Funap (1999); 3-Seminário Estadual de Educação de Jovens e Adultos – USP (1999); 4-Projeto Drama: Um processo Educativo através do Teatro – Funap/Universidade de Londres (2000); 5-Staging Human Rights – People´s Palace Projects & Queen Mary, University of London (2001); 6-Programa Brasil Alfabetizado – instituto Paulo Freire – FNDE (2001); 7-Programa Teatro nas Prisões – Projeto Drama: Direitos Humanos em Cena (2001); 8-Encontro Regional de Formação de Educadores – Funap (2002); 9-Encontro Estadual de Educadores do Sistema Penal do Estado de São Paulo – Funap (2002); 10-DST/AIDS, Drogas, Direitos Humanos e Cidadania – Instituto UNIEMP/Funap (2004); 11-Grupo de reflexão sobre as práticas profissionais "Perfil da População Carcerária e sua relação com o Sistema" – SAP; 12-Fórum Mundial de educação São Paulo – Educação Cidadã para uma Cidade Educadora – Fórum Mundial (2004); 13-III Seminário Paulo Freire – Biblioteca Popular Paulo Freire (2005); 14-A importância do uso de texto jornalístico e sua prática em sala de aula – RAC/Correio Escola (2005); 15-Seminário Regional: "sistema Penitenciário: Reaprender a Pensar e Agir – Uniso/Funap (2006); 16- Seminário de Educação e trabalho na Prisão: "Os (Des)caminhos da Integração" –Funap; 17-Curso de formação de Alfabetizadores do Programa BB Educar – BB Educar (2009); 18-Formação de Educadores em Educação Prisional – UFSCar (2009); 19-I Fórum de Reintegração Social " DE VOLTA A SOCIEDADE: Rompendo Paradigmas na Reintegração Social de Egressos do Sistema Prisional – SAP/Coordenadoria de Reintegração Social e Cidadania (2010); 20-Ciclo de Estudos em Educação Prisional – UFSCar (2010); Seminário Internacional-Educação em Prisões: Convergências e Perspectivas – OIE/PRONASCI/MEC/MJ; A Conquista da Cidadania LGBT: A Política da Diversidade Sexual do Estado de São Paulo – Fundap (2013); 21- Formação de educadores e Gestores Educacionais para as unidades Prisionais paulistas: Desvelando Caminhos, construindo saberes – UFSCar (2013).

No ano 2000, a Funap realizou uma parceria com a Fundação para Educação Comunitária – Fumec, que assumiu as salas de aulas do 1º seguimento dos presídios do complexo Campinas/Hortolândia e de Campinas. Nessa época, éramos apenas duas educadoras de Funap; os demais foram buscando outros caminhos, e trabalhávamos à época em dois períodos: na Penitenciária III de Hortolândia no período da manhã e no Centro de Progressão Penitenciária Ataliba Nogueira no período da noite. Em ambas as unidades, dávamos aula no segundo seguimento, da 5ª a 8ª série, também no noturno, preparando-os para os exames de certificação do Centro de Exames Supletivos da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo - CESU e Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos- ENCCEJA.

Nesse mesmo ano, fiz o concurso para a Fumec, onde comecei a trabalhar como professora substituta até 2005, quando fui efetivada. Assumi uma sala da de alfabetização até 2012, quando a sala foi fechada por número insuficiente de alunos. Durante três anos, fiquei novamente como professora substituta, até assumir uma sala de um novo programa oferecido pela Fumec, denominado "Programa de Educação Ampliada ao Longo da Vida – PEALV", que atende alunos que já possuem a certificação do primeiro seguimento, porém necessitam continuar o processo de alfabetização com atividades diferenciadas e com parcerias Inter setoriais.

No ano de 2004, a Funap iniciou o Programa Tecendo a Liberdade que tinha como escopo uma metodologia voltada para a educação nas prisões. Esse projeto da Funap teve como objetivo:

> [...] contribuir para a redução do analfabetismo e a elevação da escolaridade no Brasil, em particular dos homens e mulheres presos do Estado de São Paulo, bem como para a diminuição dos índices de reincidência Criminal (cerca de 60%), resultantes da falta de condições próprias de vida e de trabalho, que instigam o retorno à criminalidade. Este programa compreende ações para possibilitar a inserção na sociedade deste público excluído dos direitos na Educação, Saúde, Emprego, Habitação, Transporte. (SOUZA, BRITTO, FORTUNATO, 2005, p. 13).

Além da metodologia, respeitando a estrutura básica preconizada pelo CESU e as orientações curriculares de Educação de Jovens e Adultos do Estado de São Paulo, a organização das atividades pedagógicas foi estruturada por 24 módulos de 30 horas, totalizando 720 horas. Para a realização deste programa houve a criação do quadro de

Monitor Preso, composto por privados de liberdade, da unidade prisional. De acordo com os autores Souza, Britto e Fortunato (2005):

> A origem de prisioneiros atuando como alfabetizadores remonta ao final dos anos 60, quando inúmeros intelectuais e estudantes universitários condenados à pena de reclusão por crimes políticos cumpriam a sentença em meio à população condenada por crimes comuns. Este segmento organizou cursos, estudos, atividades culturais e iniciou um processo informal de alfabetização, uma vez que a grande maioria dos prisioneiros era analfabeta ou semialfabetizada. (SOUZA, BRITTO, FORTUNATO, 2005, p. 18).

O Monitor Orientador é responsável pela formação dos monitores privados de liberdade, pela construção dos planos pedagógicos e a pesquisa de material complementar foi formada pelos monitores de educação presentes no quadro da Funap.

Nessa estrutura, a formação continuada dos educadores se constitui o ponto chave do programa educacional proposta pela Funap, que se propõe a construção de uma proposta que atenda as especificidades do mundo intramuros. Diante disso, essa proposta promove:

> A organização de conteúdos e as atividades sempre levarão em consideração as especificidades do educando que está no Sistema Prisional Paulista e do modelo de formação que aqui se propõe. Neste sentido, o eixo trabalho e formação humana perpassa todo o programa. (SOUZA, BRITTO, FORTUNATO, 2005, p. 17).

Como Monitora Orientadora, passei a orientar os monitores presos da Penitenciária de Hortolândia I, um trabalho muito desafiador e gratificante. Com a formação dos monitores, nos aprofundamos nas metodologias de EJA. O grupo era denominado “grupo escola” era composto por três monitores presos, sendo três monitores de sala de aula e um monitor de biblioteca.

Realizava as formações de forma individual, atendendo às especificidades de cada sala de aula, como também em grupo, para a realização de formação pedagógica, tratando de assuntos específicos do espaço escolar, sempre embasada na proposta de educação libertadora de Paulo Freire.

Em 2006, passei a supervisionar as atividades educacionais dos presídios atendidos pela regional da Funap em Campinas. Por esta Fundação, fiz a minha segunda pós-graduação “Gestão Escolar” pela UNISEB/COC em 2009. Nesse período, em meu

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC na universidade analisava as ações de monitores presos como educadores sociais.

Após esse estudo, fui convidada a falar de minhas experiências em diversos lugares como: palestras, seminários, eventos educativos, o que me levou a pensar em fazer o curso de mestrado. De qualquer modo, ainda não era o momento, devido à intensa carga de trabalho que desenvolvia entre os anos de 2010 a 2013. Nessa época, gerenciava duas regionais da Funap, Campinas e Sorocaba, compostas por 24 unidades prisionais. Além de visitar as unidades, acompanhei a transição da entrada da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo para assumirem as salas de aula, ofertando a educação básica nas unidades prisionais atendidas por essa Regional, divulgando assim, as ações da Funap, além de promover formações com os estagiários, educadores e monitores presos, precisava acompanhar o contrato de alocação de mão de obra, representava a Fundação em eventos locais, entre outras funções gerenciais.

Ao retornar ao meu cargo de origem, como monitora de educação no ano de 2013, já na Penitenciária Feminina de Campinas, organizei a formação com as monitoras privadas de liberdade, que não lecionavam mais nas salas de Educação de Jovens e Adultos - EJA, devido à entrada dos professores da Secretaria de Educação, e agora trabalham no "*Programa de Educação para o Trabalho e Cidadania* - PET[6] - *De olho no futuro"*, no curso de informática básica e na sala de leitura.

Iniciei um projeto de leitura de livros com as mulheres privadas de liberdade que não tinham acesso à biblioteca, assim como, um projeto de restauração de livros, de captação de exemplares para composição do acervo e o projeto de leitura denominado: "Ciranda da Leitura: lendo para libertar". Também fui convidada pela Diretora de Educação e Trabalho do Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia (antiga Penitenciária I de Hortolândia) a elaborar um projeto de leitura para a unidade prisional.

O Projeto recebe o nome de "A Leitura Liberta", então, nessa unidade prisional houve um marco importante na minha escolha profissional. Este projeto compõe o meu trabalho como monitora, além das atribuições que desenvolvo nas unidades prisionais. O projeto "A Leitura Liberta", aparece como pioneiro na remição de pena pelas reportagens realizadas pelo jornal Estado de São Paulo de 30/05/2015, as reportagens da TV Record em 04/06/2015 e da EPTV Campinas 14/07/2015, BBC Brasil 23/10/2017, Documentário da

[6] O Programa de Educação para o Trabalho e Cidadania PET, tem como escopo proporcionar às pessoas privadas de liberdade a participação em atividades teórico-práticas com a perspectiva de favorecer mudanças comportamentais e que proporcionem oportunidade de aquisição e reflexão de novos conhecimentos, ampliando as possibilidades de êxito da sua reinserção na vida extramuros.

Editora Carambaia abril de 2018,[7] Entre outros, durante os últimos seis anos. Destaco aqui o infográfico criado pelo jornal Estadão e o minidocumentário "Resenha Livre" da Editora Carambaia. Na penitenciária Feminina de Campinas, um dos resultados do projeto foi o lançamento do livreto: *"#DINÂMIC@R_SERES: Os poemas não têm algemas*"[8] .

A seguir, apresentamos algumas imagens das reportagens mencionadas:

[7]Pela primeira vez é concedida a remição de pena através de um projeto de leitura http://www.sap.sp.gov.br/noticias/not393.html - Inauguração do projeto "A Leitura Liberta" http://www.funap.sp.gov.br/site/index.php/noticia/16 - Leitura ajuda detentos na remissão de pena em presídio de Hortolândia, SP - http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2015/07/leitura-ajuda-detentos-na-remissao-de-pena-em-presidio-de-hortolandia.html - Crime e Leitura – Estadão http://infograficos.estadao.com.br/cidades/crime-e-leitura-remicao-de-pena/ - Prisão de Hortolândia tem iniciativa de leitura para os presidiários http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/jornal-da-eptv/videos/t/edicoes/v/prisao-de-hortolandia-tem-iniciativa-de-leitura-para-os-presidiarios/4320502/ - Leitura ajuda na remissão de pena em prisão de Hortolândia http://www.blogdogaleno.com.br/2015/07/15/leitura-ajuda-na-remissao-de-pena-em-prisao-de-hortolandia - Crime, castigo e livros: as resenhas que reduzem penas em prisões superlotadas https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41168306 - Programa transforma leitura em chance de liberdade para detentos de São Paulo http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/programa -transforma-leitura-em-chance-de-liberdade-para-detentos-de-sao-paulo-04062015 - Presos reduzem pena lendo e escrevendo resenhas literárias no presídio https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41720984 - Autoajuda e relato de crimes lideram a leitura entre presos https://liberal.com.br/cidades/regiao/autoajuda-e-relato-de-crimes-lideram-a-leitura-entre-presos-541578/ - Projeto dá visibilidade aos principais leitores do Brasil: os presidiários https://exame.abril.com.br/brasil/projeto-da-visibilidade-aos-principais-leitores-do-brasil-os-presidiarios/ - Projeto incentiva leitura e produção de resenhas entre presos https://catracalivre.com.br/cidadania/projeto-incentiva-leitura-e-producao-de-resenhas-entre-detentos/ - Artplan usa livros para derrubar algemas em presídios http://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2018/04/27/artplan-usa-livros-para-derrubar-algemas-em-presidios.html - Vídeos: Resenha Livre: Minidocumentário https://www.youtube.com/watch?v=EnzMDu59BcU - Projeto incentiva leitura entre os presos para reduzir pena https://tv.estadao.com.br/cidades,projeto-incentiva-leitura-entre-os-presos-para-reduzir-pena,409240 - Presos reduzem pena participando de clubes de leitura dentro das cadeias https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/05/presos-reduzem-pena-participando-de-clubes-de-leitura-dentro-das-cadeias.html -- Um em cada quatro presos é reincidente no Brasil, aponta Ipea http://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/256725/um-cada-quadro-presos-e-reincidente-no-brasil-apon.htm

[8] O desenvolvimento do livreto: #DINAMIC@_ SERES : Os poemas não tem algemas, será apresentado no capítulo 6, da monografia

Imagens 02: Reportagens[9]



[9] Imagens obtidas pela pesquisadora, a partir dos veículos midiáticos.

Primeiramente, ao iniciar esses projetos, senti a necessidade de criar instrumentos para o desenvolvimento das atividades, como questionários, atividades de leitura, (ver anexos 01, 02 e 03) que serão apresentados no decorrer da pesquisa, que atendessem as necessidades dos participantes, que dessem a voz às pessoas em privação de liberdade, pois acredito que a leitura tem o poder de proporcionar mudanças na vida das pessoas. De acordo com Zilberman (2008):

> A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. (ZILBERMAN, 2008, p. 17)

Acreditamos no conceito trazido pela autora acima, por isso resolvi dedicar todas as minhas ações na elaboração de um projeto que pudesse despertar esse poder que a literatura oferece. A literatura funciona "como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário" (ZILBERMAN, 2008, p.16-17).

Fazendo um levantamento do nível escolar dos alunos junto às fichas de inscrições preenchidas pelos participantes, verifica-se que a grande maioria dos participantes, não concluiu ensino fundamental. Era necessário elaborar oficinas que pudessem oferecer formas de aprimoramento de leitura, de escrita, de interpretação de pesquisa, de oferta de espaço para leitura, de debate, enfim, um espaço que pudesse oferecer as condições necessárias para a leitura e reescrita do livro.

No CPP de Hortolândia, foi reformada a biblioteca, parceria com a Secretaria da Cultura, houve a doação de livros, de estantes e *pufs*, o que proporcionou um ambiente convidativo, muito próximo a uma biblioteca da "rua". Nesse espaço são oferecidas oficinas semanais com duas horas de duração.

Na Penitenciária Feminina de Campinas, comecei utilizando um espaço vago na grade do espaço escolar, também com oficinas semanais.

Fui construindo um perfil para cada projeto, de acordo com a cultura do local e de gênero. Assim, as oficinas são organizadas de acordo com as necessidades dos participantes. Configurando atendimentos diferenciados, mesmo tendo a mim como

organizadora da atividade e mediadora das oficinas, pois, é “a tarefa primordial do professor: seduzir o aluno para que ele deseje e, desejando, aprenda.” (ALVES, 2005, p. 61).

De tal modo, os projetos são iniciativas dessas unidades prisionais, atendendo as resoluções e portarias que versam sobre o estímulo à leitura no âmbito das prisões brasileiras.

Hoje, 26 anos depois, tenho plena convicção que fiz a escolha certa. Muitos foram os episódios de alegrias, conquistas e superações. Muitos também foram às angústias, medos, decepções e horror, porém o que mais me toca é a possibilidade de oferecer uma saída para mudança de vida pela educação, de modo amplo, pela leitura.

As contradições existentes nesses espaços, as aprendizagens promovidas, o crescimento cultural e intelectual dos participantes, as dificuldades estruturais e pessoais encontradas, o acompanhamento por parte dos alunos, as histórias de vida, a participação de fóruns, palestras, reuniões de formação, a vontade de dialogar, dar voz e ouvidos aos participantes do projeto - na tentativa de mostrar o quanto a leitura influencia na vida de cada um, “pois o esforço de propor aos indivíduos dimensões significativas de sua realidade, cuja análise crítica lhes possibilite reconhecer a interação de suas partes”, (FREIRE, 1987, p. 96) - é que me move e faz querer estudar sobre o assunto.

Assim, surgiu a oportunidade de fazer a terceira pós-graduação, na Unifesp. Escolhi a Gestão Pública por entender que poderia ajudar a pensar sobre o meu trabalho desenvolvido dentro das unidades prisionais. Esta formação me ampliou o panorama das ações do Estado nos contextos: histórico, político, social e econômico. Aspectos importantes para entender e promover ações mais eficientes e eficazes. O TCC defendido, em 2015, com o título “A contribuição do trabalho, da educação, da leitura para ressocialização da pessoa em privação de liberdade”, teve como finalidade a análise das políticas públicas sobre a remição de pena, nas prisões. A oferta de política de remição de pena que tem como escopo, a ressocialização do homem e da mulher em privação de liberdade, passa a analisar a aplicabilidade dessas políticas.

O mestrado, um sonho antigo, torna-se então realidade, uma vez que o objetivo é analisar os projetos de leitura existentes dentro das unidades prisionais em que trabalho e dar pistas, do quanto influenciam na vida de uma pessoa em privação de liberdade, relacionando-os a minha atuação, como mediadora de leitura, apontar a minha militância, humanizadora e emancipadora, nesse espaço de privação de liberdade.

4. A SITUAÇÃO CARCERÁRIA NO BRASIL E A LITERATURA EM ESPAÇO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: HISTÓRICO DO CONTEXTO

> *Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.* (SANTOS, 2003, p. 56)

Este capítulo aborda a situação penitenciária brasileira na atualidade, com o objetivo de acompanhar, bem como de refletir sobre a aplicação das diretrizes da Política Penitenciária Nacional e da Lei de Execução Penal, fazendo um recorte sobre as Políticas Públicas de remição de pena, especificamente a remição de pena pela leitura.

Os dados utilizados para a pesquisa são oriundos do Infopen, que desde 2004, fornece informações sobre o sistema prisional brasileiro, além de documentos oficiais como: leis, portarias e recomendações da União e estados.

A elaboração dos relatórios do INFOPEN passa por constantes reformulações na busca de responder aos diversos questionamentos sobre a questão penitenciária brasileira. De acordo com relatório (2019):

> Como já destacado nos relatórios dos anos anteriores o instrumento de coleta foi totalmente reformulado em 2014 e passou a incluir questões relacionadas ao fluxo de entrada e saída no sistema prisional, além de trazer mais informações acerca da infraestrutura dos estabelecimentos penais e das políticas de assistência e garantia de direitos, pautadas na Lei de Execução Penal. (INFOPEN, 2019, p. 05)

O relatório apresentado nessa pesquisa abarca informações que foram consolidadas a dados relativos a junho de 2017.

Para tanto, as leis, recomendações, projetos complementares (que possibilitam a remição de pena aos prisioneiros) e portarias sobre o sistema prisional, em especial a educação que circula dentro das penitenciárias, fornecerão um panorama sobre a aplicação e execução das atividades, auxiliando, assim, na construção efetiva do relatório de pesquisa, no qual é responsável por assistir não só na reflexão sobre sua aplicabilidade, mas também pelas suas consequências e potência estabelecida pela pesquisa.

4.1 Um recorte sobre a situação carcerária no Brasil

> *A única maneira de repelir o desespero é gerar e disseminar a esperança.* (Amós Oz, 2004, p.17)

A situação prisional no Brasil, apesar das políticas públicas de ressocialização nesta área, é uma das questões mais complexas que enfrentamos na realidade social brasileira. Ao analisarmos os dados produzidos por diversos órgãos, observamos que um crescente aumento nas taxas de aprisionamento reflete na superlotação, na reincidência, no déficit de vagas escolares e na precariedade de atendimento nas diversas áreas como: saúde, educação e oferta de trabalho aos presos, o que demonstra a ineficiência das políticas públicas para esse setor, bem como a urgência e a necessidade de ajustes para um melhor atendimento.

De acordo com os números apresentados pelo Conselho Nacional de Justiça – CNJ[10] em um levantamento realizado junto aos tribunais estaduais brasileiros, a população carcerária brasileira chegou a 654.372 pessoas em 2017, constituindo-se de acordo com os números apresentados a terceira maior população carcerária do mundo, ficando atrás somente dos Estados Unidos e da China. Já os dados apresentados no último relatório do Sistema Integrado de Informações Penitenciárias – Infopen, do Ministério da Justiça – MJ

[10] A opção pelos dados acima, se deve ao fato de que o último levantamento do Depen, referente ao ano de 2015, além do fato de que este levantamento é feito com os dados enviados pelas unidades prisionais, o que pode ocasionar uma distorção nas informações.

(2016) [11], a população prisional chegou a 726.712 pessoas. O documento apresenta os dados dos estabelecimentos prisionais dos estados e tem como objetivo de colaborar para uma análise mais aprofundada da situação prisional do Brasil.

Os dados que serão apresentados a seguir foram selecionados para compor as reflexões sobre o perfil dos privados de liberdade no Brasil, bem como aqueles que frequentam os projetos de leitura das unidades prisionais analisadas.

Observemos a tabela a seguir:

Tabela 01: Pessoas privadas de liberdade no Brasil [12]

Brasil - Junho de 2017	
Total da população prisional	**726.354**
Sistema Penitenciário	706.619
Secretarias de Segurança e Carceragens*	19.735
Total de Vagas	**423.242**
Déficit de vagas	**303.112**
Taxa de Ocupação	**171,62%**
Taxa de Aprisionamento	**349,78**

Fonte: Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen, junho /2017; . IBGE, 2017. Dados referentes a dezembro de 2016.

De acordo com a tabela apresentada acima, os assuntos que envolvem o aprisionamento no Brasil são complexos, em outras palavras, as questões jurídicas de um processo criminal são demoradas, uma vez que, envolve o inquérito, a coleta de provas, a análise do ministério Público e a sentença do Juiz. À vista disso, o sujeito pode aguardar o seu julgamento em liberdade ou privado de sua liberdade.

A partir das informações fornecidas na tabela acima, bem como das questões legais subjacentes às leis sobre o processo de encarceramento no Brasil, levantamos a seguinte pergunta: Como a questão do crime brasileiro é resolvida com prisão? No momento, apenas o encarceramento em massa[13] parece ser uma opção para combater o crime no Brasil.

[11] O Infopen reúne informações estatísticas do sistema penitenciário brasileiro, através de um formulário de coleta estruturado. Este formulário é preenchido pelos gestores dos estabelecimentos prisionais do país.

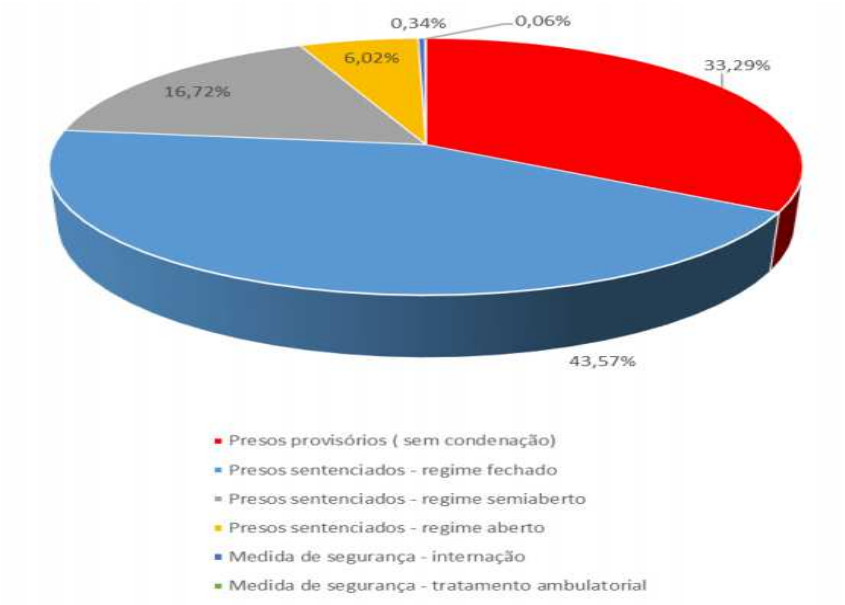
[12] Estão fora deste levantamento as pessoas em prisão domiciliar e com monitoração eletrônica.

[13] Em 2001, a taxa de prisão por 100 mil habitantes era de 135; pouco mais de uma década depois, esse número subiu para 306, o que representa um crescimento de 127%. A proporção desse crescimento não deixa dúvidas de que estamos enfrentando um processo de "encarceramento em massa". Essa noção que começou a ser usada por estudiosos no campo da punição, a partir da década de 1970, para descrever as mudanças na escala do encarceramento.

Para compreender tal questionamento é necessário aprofundar os estudos sobre os aspectos legais, uma vez que há um grande número dos processos judiciais, as deliberações para a sua conclusão do processo se arrastam por um longo tempo, fazendo assim, com que as pessoas presas preventivamente continuem privadas de liberdade.

Conforme os índices apresentados no Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias de 2017, 40% da população prisional estão aguardando julgamento. Segundo a Constituição Federal (1988) no seu artigo 5º, "ninguém é considerado culpado até a decisão final do julgamento", contudo, observamos que os dados apresentados, divergem da Constituição Federal.

Gráfico 01: Pessoas privadas de liberdade por natureza da prisão e tipo de regime



Fonte: Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen, Junho/2017.

De acordo com o gráfico 01, 33,29% das pessoas em privação de liberdade no Brasil, em junho de 2017, não tinham sido julgadas e condenadas. O relatório elaborado pelo Infopen (2016) analisa que:

> Este dado varia sensivelmente entre os levantamentos mais recentes do Infopen: no levantamento de junho de 2014, essa população representava 41% do total; em dezembro do mesmo ano representava 40%; já em dezembro de 2015, às pessoas sem julgamento somavam 37% da população no sistema prisional. (INFOPEN, 2016. p. 13).

Na comparação entre as séries históricas da população prisional provisória, entre os anos 2014 e 2017, observa-se que este dado varia pouco entre os anos. É possível perceber uma sensível redução nesta população prisional.

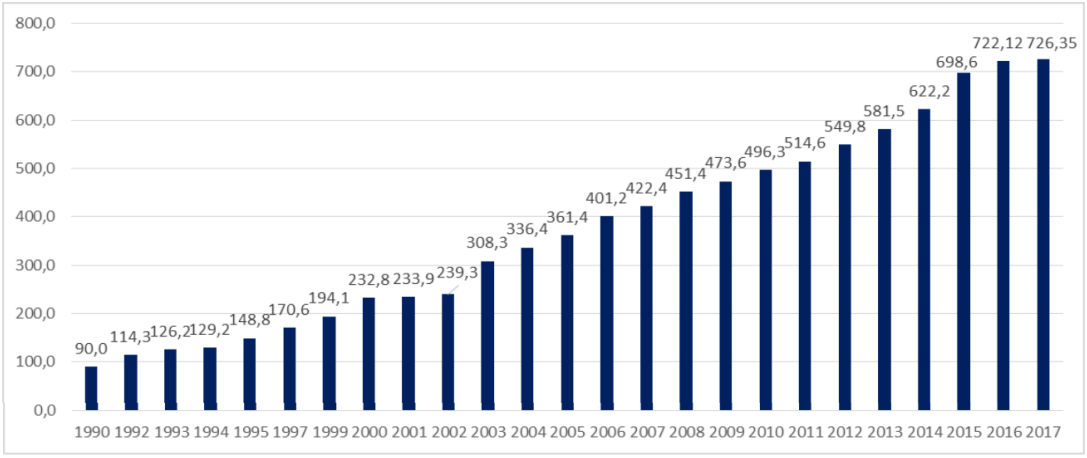
É importante perceber que pode haver uma variação nos números de acordo com as ações governamentais para alterar o quadro apontado. A redução de presos provisórios pode ocorrer se houver uma maior agilidade das audiências de custódia[14], a realização de mutirões carcerários, a intensificação do processo eletrônico de execução penal e mais aplicação de penas alternativas[15].

Com os números apresentados no gráfico 02, é possível verificar que o Brasil, ampliou o número de aprisionamentos, enquanto outros países diminuíram, representando. A análise do relatório do Infopen (2019) apresenta que:

> Desde o ano 2000, o Brasil teve, em média, uma taxa anual de crescimento de sua população prisional de 7,14%. Trata-se de uma redução de cerca de 0,16% por ano, se considerado o valor encontrado de 7,3% no levantamento referente a junho de 2016. Tendo como data base dezembro de 2005, a taxa média de crescimento foi cerca de 6,26% ao ano. (INFOPEN, 2019, p. 10).

Observemos o gráfico abaixo:

Gráfico 02: Pessoas privadas de liberdade entre 1990 e 2017



Fonte: Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen, junho/2017.

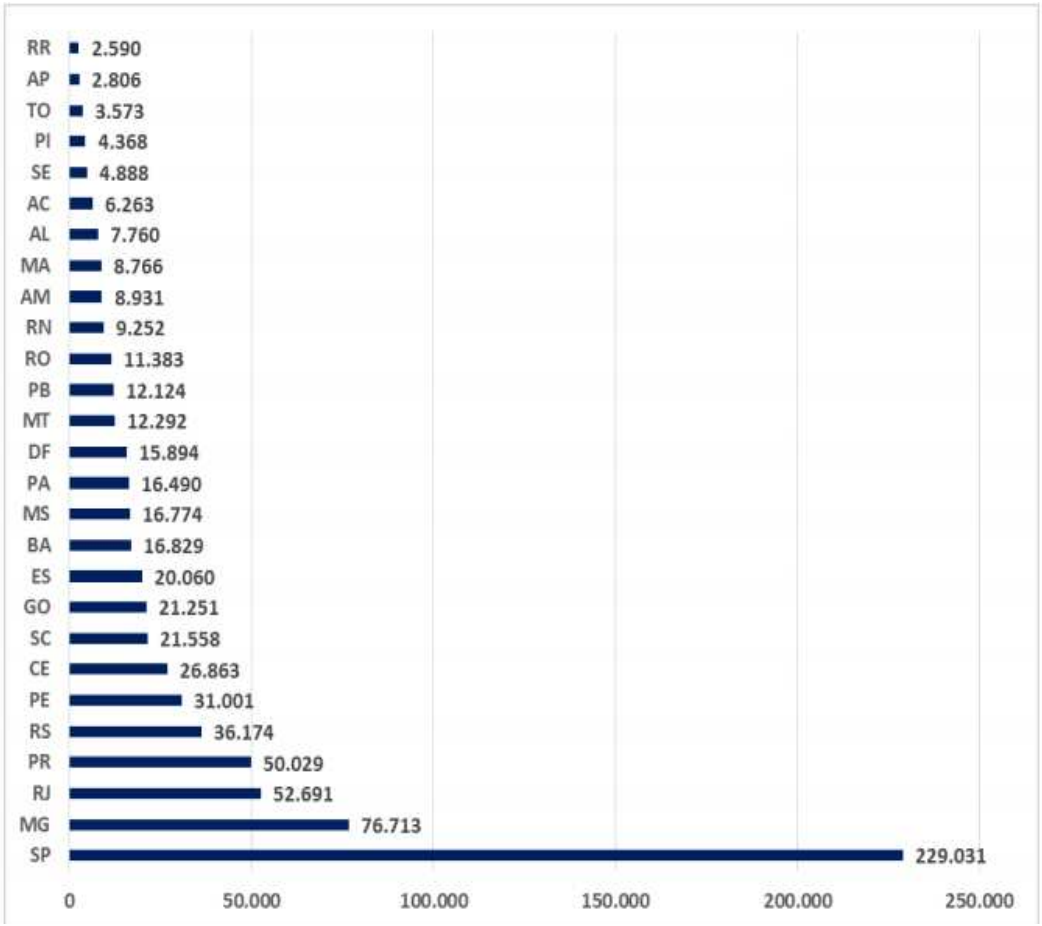
[14] Audiência de custódia é o instrumento processual que determina que toda pessoa presa em flagrante deve ser levado à presença da uma autoridade judicial, no prazo de até 24 horas, para que esta faça uma avalição da legalidade e da necessidade de manutenção da prisão.

[15] Penas Alternativas são legalmente conhecidas como penas restritivas de direitos. Estas envolvem qualquer tipo de punição que não seja tempo de aprisionamento. De acordo com o artigo 44 do Código Penal brasileiro, as penas restritivas de direitos podem substituir a prisão de uma pessoa, se a pena for menor do que quatro anos**.** Ao mesmo tempo, o crime pelo qual o acusado foi condenado, não pode ser violento ou de grave ameaça. Também é possível estender as penas alternativas, nos casos de crime culposo, que é o crime praticado sem intenção.

Os dados expostos apontam o uso do instrumento da prisão, como resposta ao combate da criminalidade crescente no Brasil.

De acordo com as informações retiradas do Infopen (2017), o estado de São Paulo possui 33,1% de toda a população prisional existente no Brasil, sendo 240.061 pessoas privadas de liberdade. O estado dispõe uma taxa de aprisionamento de 52% acima da média do Brasil, o que causa superlotação no estado, com um déficit de 108 mil vagas nos presídios.

Gráfico 03: população prisional no Brasil por unidade da federação.

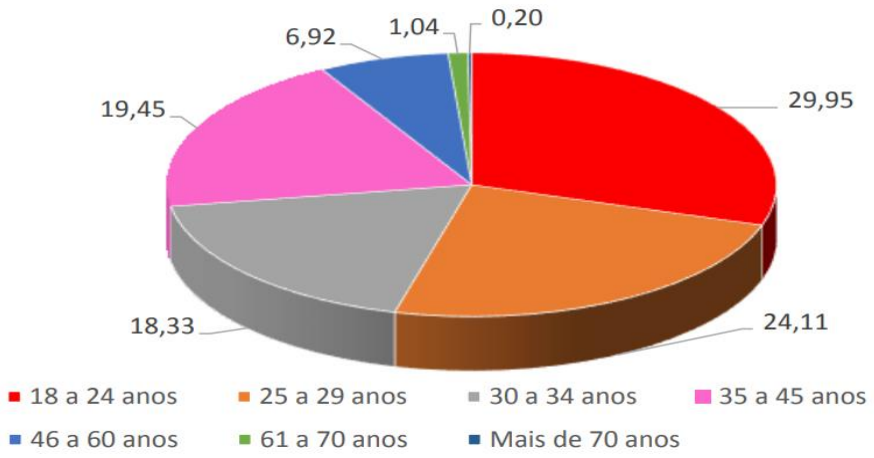


Fonte: Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen, junho/2017.

Observando o gráfico acima é possível concluir que há uma variação significativa entre os estados brasileiros no que diz respeito ao número de pessoas privadas de liberdade, assim, as informações revelam que o aprisionamento consiste na principal forma de ação concebida pelo poder público para a prevenção e o combate ao crime, em detrimento de outras medidas.

Para tanto, um ponto que merece destaque no relatório e na pesquisa é a taxa de aprisionamento de jovens, que é bastante elevada. O gráfico n.º 4 explicita os números:

Gráfico 04: Faixa etária das pessoas privadas de liberdade no Brasil[16]



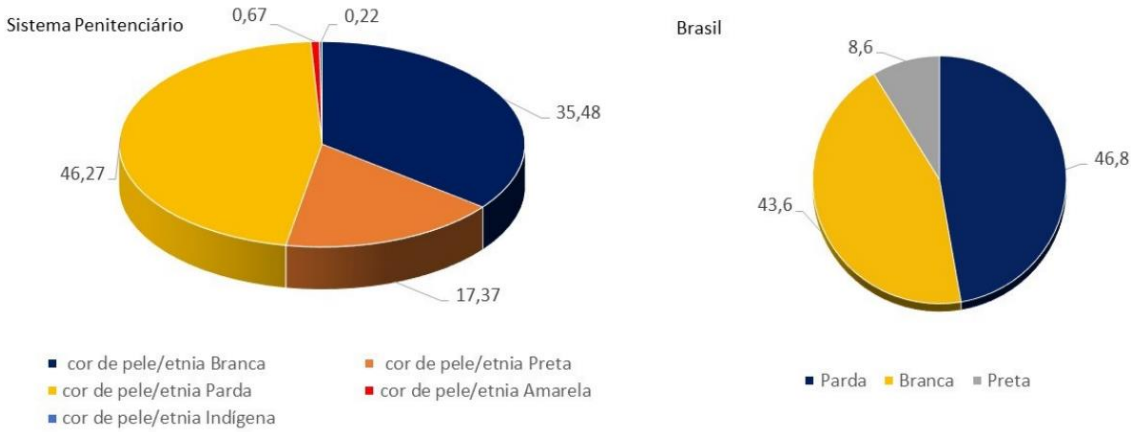
Fonte: Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen, junho/2016.

De acordo com a classificação do Estatuto da Juventude (Lei n.º 12.852/2013) são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. Analisando o gráfico acima, as pessoas privadas de liberdade com idade entre 18 e 29 anos – é a maior no sistema prisional chegando a 55%. Na população brasileira de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD, a população entre 18 e 29 anos representa 18% do total. (PNAD, 2015, apud INFOPEN, 2016, p. 30), dessa forma, se considerarmos a faixa etária entre 30 e 34 anos de idade - de 19% - e consolidarmos os números, chegamos ao escandaloso número de 74% da população prisional brasileira, em outras palavras, as pessoas privadas de liberdade estão em plena fase de formação escolar, familiar e de qualificação para o trabalho.

Agora, com relação às informações sobre a raça, cor ou etnia da população prisional, o levantamento apresenta os seguintes dados:

[16] A informação sobre faixa etária da população prisional disponível para 514.987 pessoas (ou 75% da população prisional total, a partir da análise da amostra de pessoas sobre as quais foi possível obter dados acerca da idade. (Infopen, 2016, p. 30).

Gráfico 05: Raça, cor ou etnia das pessoas privadas de liberdade e da população total:



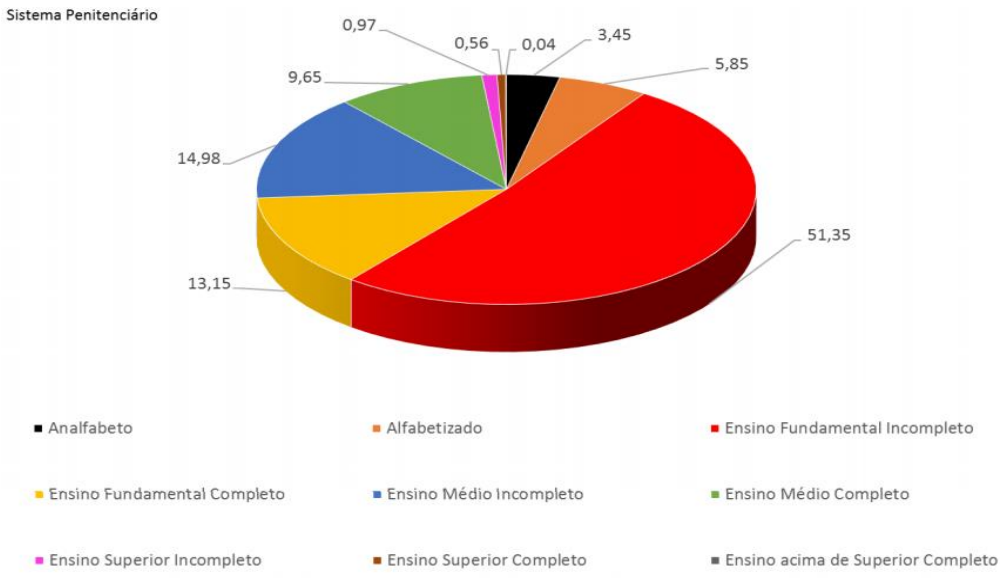
Fonte: Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen, junho/2016.

De acordo com os dados acima, 64% da população prisional é composta por pessoas negras, sobressaindo o aprisionamento em massa da população negra e caracterizando-se como uma política excludente.

A escolaridade se apresenta como um dado importante, uma vez que, influencia diretamente na oferta e na participação das atividades educativas oferecidas dentro do sistema prisional.

O levantamento do Infopen (2019) apresenta os seguintes dados:

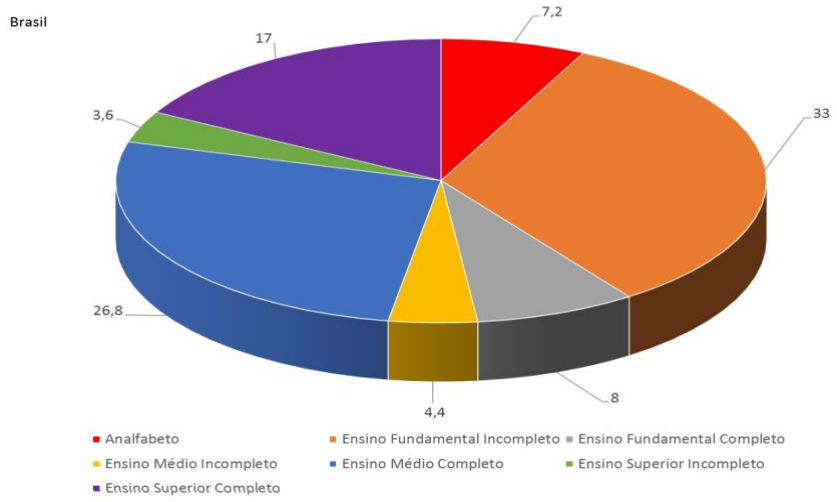
Gráfico 06: Escolaridade das pessoas privadas de liberdade no Brasil.



Fonte: Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen, junho/2017.

Fica claro nos dados apontados acima, que as maiores taxas de aprisionamento no Brasil estão vinculadas as pessoas situadas nas camadas da população economicamente menos atendidas pelos programas sociais brasileiros.

Gráfico 07: Escolaridade da população brasileira em 2017.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2017. Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen, junho/2017.

As informações apresentadas sobre o perfil do preso no Brasil demonstram que enfrentamos um dos maiores desafios sociais, econômicos e políticos na atualidade. Aponta a precariedade do sistema carcerário, sobretudo o aprisionamento em massa das pessoas menos favorecidas economicamente.

Portanto, a importância da educação prisional como uma das ferramentas de ressocialização, bem como no desenvolvimento de habilidades é inegável, já que o ensino é um instrumento imprescindível para auxiliar os presos na reconstrução de um futuro diferente e de melhor qualidade, durante e após o cumprimento da pena. A educação auxilia, impulsiona e permite a obtenção dos objetivos centrais de (re) habilitação que acontece no resgate social e na educação libertadora, numa extensão de autonomia, sustentabilidade pessoal e minimização de discriminação social.

4.1.1 Corpos cativos e mentes cativas?

Cadeia, um lugar onde aprendemos.
A conviver com as diferença
Um lugar de pessoas
Traficantes, homicidas e algo mais.
Um lugar que você chora
E sofre pelos seus lá fora
Por deixarmos quem mais precisa de você: Os filhos!
Onde temos que gritar calado
Chorar sem lágrimas
Um lugar que temos de sofrer sorrindo
Um lugar com mais de 700 mulheres e seus artigos
Mulheres com seus erros e acertos
Mas com um único objetivo:
Ter sua liberdade e poder ter de volta a sua família
Voltar a viver e poder recomeçar tudo outra vez
E falar não com vergonha, mas sim com aprendizado:
Sou uma presidiária, já passei por muitas coisas.
VI, vivi, chorei, mas venci![17]
(Taira Monique Prestes[18] *2017, p. 44).*

O contexto prisional brasileiro vem se apresentando como uma grande problemática social de complexa resolução, como já apontado. A situação é, de fato, caótica. O que observamos através de estudos, pesquisas e notícias recentes é que, ao invés de recuperar e promover a reintegração social à pessoa em privação de liberdade, a pena estabelecida pelos órgãos competentes acaba transformando o indivíduo em um reincidente, ou seja, uma pessoa que dificilmente encontrará alternativas para sair do mundo da criminalidade.

[17] Poema de uma mulher privada de liberdade, elaborado para o concurso de poesias, realizado em abril 2017, na Penitenciária Feminina de Campinas. A coletânea de poemas escritos neste concurso, faz parte de um livreto intitulado "#DINAMIC@R_SERES: os poemas não têm algemas... ", patrocinado pelo Centro Espírita Allan Kardec, por iniciativa das próprias presas. Para preservar a sua identidade, somente as inicias foram colocadas neste trabalho.

[18] Iniciais da autora do poema que está privada de liberdade, com o objetivo de preservação da identidade.

Ao tratarmos desse assunto na sociedade, encontramos não só uma crescente rejeição, como também a indiferença, assim como um aumento da tensão social sobre os fatos definidos como crimes. Esse cenário revela que há certo consenso de que a prisão se configura como uma "universidade do crime", portanto, o estereótipo criado pela sociedade torna a readaptação dessas pessoas algo cada vez mais difícil e distante.

As constantes notícias de rebeliões, mortes, superlotação, à falta de estrutura adequada, de políticas públicas, igrejas doutrinando, restrição e dificuldade o uso de "habeas corpus", resulta no aumento da prisão provisória. De acordo com o levantamento do CNJ com Tribunais de Justiça, em janeiro de 2017, representa 34% da totalidade dos presos no Brasil[19], aumentando o encarceramento de pessoas que podem cumprir penas alternativas. Os números evidenciam que este problema de aprisionamento necessita de soluções e medidas urgentes, a fim de garantir a dignidade, a segurança e o cumprimento da pena sem expor às pessoas em privação de liberdade a mais sofrimentos, ao desamparo, e a uma sobrepena, o que tira o caráter retributivo, inerente a qualquer sanção estatal, bem como a constitucionalidade desses modos de execução penal.

Quanto ao crescimento da taxa de criminalidade apontado no Levantamento realizado pelos Tribunais de Justiça do Brasil, em janeiro de 2017[20], o Brasil registrou, em 2015, (59.080) assassinatos, expondo 28,9 mortes a cada 100 mil habitantes. De acordo com o Sistema de Informações sobre mortalidade, do Ministério da Saúde:

> Em 2016 houve 62.517 homicídios no Brasil. Isso implica dizer que, pela primeira vez na história, o país superou o patamar de trinta mortes por 100 mil habitantes (taxa igual a 30,3). Esse número de casos consolida uma mudança de patamar nesse indicador (na ordem de 60 mil a 65 mil casos por ano) e se distancia das 50 mil a 58 mil mortes, ocorridas entre 2008 e 2013 [...]. (CERQUEIRA, 2018, p. 21)

Os insuficientes investimentos na segurança pública, o combate ineficiente a seu crescimento, o temor ao crime organizado, à sensação de insegurança, entre outros fatores, aumentam o questionamento social sobre a eficácia e eficiência do sistema penal brasileiro. Este cenário causa na sociedade um clamor por leis punitivas, mais rigorosas, acarretando um aumento na quantidade de prisões realizadas e a construção de novas unidades

[19] Levantamento realizado pelos Tribunais de justiça do Brasil em janeiro de 2017.

[20] Estes dados demonstram que os números estão aumentando, em todos os estados brasileiros, e que as medidas adotadas pelos governos têm se mostrado insuficientes no combate ao crime e às facções que atuam dentro e fora das unidades prisionais.

prisional. A prisão, de acordo com GOFFMAN (2008, p.17) está organizada "para proteger a comunidade contra perigos intencionais, e o bem-estar das pessoas assim isoladas não constitui o problema imediato [...]".

No cenário prisional, principalmente no Brasil, encontramos uma estrutura precária, com superlotação, com falta de materiais básicos, por exemplo, de higiene pessoal, assim facilitando o comércio de drogas e de telefones celulares, além de ausência de vagas de trabalho, vagas nas escolas (existente no interior das prisões), escassez no atendimento médico e dentário, falta de remédios específicos, dentre outros aspectos que inviabilizam a reintegração - objetivo maior do cumprimento de pena, como apontado anteriormente. Sendo assim, é possível afirmar que há opressão sobre o prisioneiro, por diversos meios, seja pela estrutura prisional, pelo corpo de funcionários, pelos dirigentes e pelos próprios privados de liberdade.

A proposta do Conselho Federal de Psicologia para o enfrentamento da crise do sistema prisional, FALANDO SÉRIO sobre prisões, prevenção e segurança pública, afirma que:

> Não é possível que o País insista na reprodução de políticas públicas sabidamente fracassadas que não apenas se mostram incapazes de enfrentar os problemas para os quais foram formuladas, mas que se tornaram – elas próprias – parte importante dos problemas a serem superados. Não é possível que o Brasil siga mantendo em seus cárceres imundos agora quase meio milhão de seres humanos – preponderantemente jovens e miseráveis muitos deles sequer com sentença condenatória, sem que esse resultado mobilize a consciência nacional em direção a profundas e urgentes reformas. Não é possível que governantes, parlamentares, magistrados e promotores sigam, em sua grande maioria, insensíveis às tragédias que integram o cotidiano prisional sem perceber que elas revelam, mais do que o perfil dos cárceres e o de seus ocupantes, características essenciais e vergonhosas do próprio Estado brasileiro. Declarações e frases de efeito sobre segurança pública jamais podem ser o equivalente a políticas públicas. Como regra, quando as autoridades encarregadas da gestão do sistema de segurança se dirigem à opinião pública, oferecendo tão-somente chavões, promessas de "rigor exemplar" ou frases legitimadoras da própria violência do Estado, estão – muito concretamente – oferecendo provas de sua incapacidade de apresentar diagnósticos precisos, planos racionais e resultados criteriosos. O espetáculo burlesco encenado na mídia é conhecido e, inacreditavelmente, ainda mantém audiências. (CFP, 2008, p. 13)

Há uma necessidade urgente, refletirmos socialmente sobre a questão do aprisionamento no Brasil. A prisão é um problema de todos nós e a solicitação de medidas mais duras como: prisão perpétua ou leis mais rigorosas, não irão resolver as questões da criminalidade.

Vejamos abaixo o que afirma o Conselho Federal de Psicologia, sobre esse assunto:

> O aumento expressivo da população carcerária brasileira nas três últimas décadas não assegurou ao País, melhores indicadores em segurança pública. Pelo contrário, há razões de sobra para concluir que a política criminal praticada no País – em sua opção preferencial pelas penas privativas de liberdade – seja uma entre as condições mais significativas da criminogênese moderna. (CFP, 2008, p.12)

Os meios de comunicação noticiam constantemente as barbáries que ocorrem no interior das prisões brasileiras, por exemplo, as cenas de violência crescente, o empilhamento de presos, as fugas constantes, a inexistência de celas individuais, de camas ou colchões para todos, a precariedade de vasos sanitários, a carência de produtos básicos de higiene. Elementos que ressaltam a insalubridade e o desrespeito à dignidade humana.

Chamamos a atenção para a seguinte definição de Sarlet (2002), sobre dignidade humana:

> A dignidade da pessoa humana corresponde à qualidade intrínseca e distintiva de cada ser humano que o faz merecedor do mesmo respeito e consideração por parte do Estado e da comunidade, implicando, neste sentido, um complexo de direitos e deveres fundamentais que assegurem a pessoa tanto contra todo e qualquer ato de cunho degradante e desumano, como venham a lhe garantir as condições existenciais mínimas para uma vida saudável, além de propiciar e promover a sua participação ativa e corresponsável nos destinos da própria existência e da vida em comunhão com os demais seres humanos. (SARLET, 2002, p. 60).

No art. 1.º, inciso III, da Constituição Federal (1988) consta como um demanda principal do ordenamento nacional, um valor sobre o qual é estabelecido o Estado Democrático de Direito: *dignidade da pessoa humana*, como um dos princípios fundamentais da República. Este é um parâmetro orientador de todas as ações estatais e privadas na interpretação, aplicação e efetivação das leis.

A realidade das prisões brasileiras, também contrariam as exigências mínimas da Lei 7.210/84 – LEP, que estabelece no seu artigo 1.º: "tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado." apontando a função ressocializadora da pena. É o que este previsto na lei, mas o que dificilmente é exercido. A prisão não cumpre o papel de reintegração da pessoa privada de liberdade.

O conceito de dignidade humana aparece também, em convenções internacionais em que o Brasil é signatário[21].

[21] O Brasil é signatário dos principais tratados internacionais sobre os Direitos Humanos, inclusive as Regras Mínimas para tratamento de reclusos, adotadas pelo Primeiro Congresso das Nações Unidas, para Prevenção do Crime e para o Tratamento de Delinquentes (GENEBRA, 1955).

Coimbra (2017) apresenta os seguintes tratados:

> O Brasil ratificou a maior parte dos tratados internacionais referentes a direitos humanos, como por exemplo, em âmbito global: Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio (1948); Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951); o Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados (1966); Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos (1966); Protocolo Facultativo referente ao Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos (1966); Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966); a Convenção Internacional sobre Todas as Formas de Discriminação Racial (1965); a Convenção Internacional sobre Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (1979); Protocolo Facultativo à Convenção Internacional sobre Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (1999); Convenção Contra a Tortura e Outros Tratamentos ou Penas Cruéis, Desumanos ou Degradantes (1984); Convenção sobre os Direitos da Criança (1989); Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional (1998); Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos da Criança referentes à venda de Crianças, à Prostituição Infantil e à Pornografia Infantil (2000); Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos da Criança relativos ao Envolvimento de Crianças em Conflitos Armados (2000). (MAZZUOLI, 2011, p. 818 apud COIMBRA, 2017, p.07).

As leis e tratados, nacionais e internacionais, apesar de ratificarem atenção aos direitos humanos para as todas as pessoas, incluindo os privados de liberdade, ao observarmos a realidade nas prisões brasileiras demonstra que esses direitos são constantemente violados.

Boaventura de Souza Santos afirma que “os direitos humanos não são iguais na sua aplicação” SANTOS (1997, p. 19), que aponta que os direitos humanos, se assentam num universalismo abstrato, é resultante da invisibilização e do não reconhecimento de outras concepções de dignidade humana.

SANTOS (1997) destaca o seguinte:

> O conceito de direitos humanos assenta num bem conhecido conjunto pressupostos, todos eles tipicamente ocidentais, designadamente: existe uma natureza humana universal que pode ser conhecida racionalmente; a natureza humana é essencialmente diferente e superior a realidade; o indivíduo possui uma dignidade absoluta e irredutível e que tem de ser defendida da sociedade ou do Estado [...]. (SANTOS, 1997, p. 19)

Os abusos de violações dos direitos humanos aos presos é uma consequência do descaso dos governantes, e é compartilhada pela sociedade, que vê no sofrimento do preso uma punição merecida, como também necessária, uma vez que violaram as regras sociais estabelecidas. Contudo, ao ser aprisionado, o indivíduo passa a ser responsabilidade do

Estado, que tem a obrigação de assegurar os direitos do prisioneiro, não são atingidos pela sentença criminal.

Neste sentido, encontramos no Código Penal art. 38 o seguinte: "O preso conserva todos os direitos não atingidos pela perda da liberdade, impondo-se a todas as autoridades o respeito à sua integridade física e moral" (Redação dada pela Lei n.º 7.209, de 11.7.1984). (BRASIL, 1984).

Na Lei de Execução Penal - LEP - no artigo 40 encontramos a seguinte afirmação: "impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios". Nos artigos 10 e 11 são enumeradas seis categorias de assistência que devem ser garantidas às pessoas submetidas à pena privativa de liberdade:

> Art. 10. A assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade.
> Parágrafo único. A assistência estende-se ao egresso.
> Art. 11. A assistência será:
> I - material; II - à saúde; III - jurídica; IV - educacional; V - social; VI - religiosa. (LEP. 1984)

Para Boaventura de Souza Santos, "a grande maioria da população mundial não é sujeito de direitos humanos. É objeto de discursos de direitos humanos[22]". (SANTOS, 2014, p 15) As pessoas privadas de liberdade estão entre eles. Sujeitos em que anteriormente a prisão, também não tiveram direitos mínimos assegurados, como: educação, moradia, lazer, saúde, etc. Os direitos também estão assegurados, na Constituição brasileira de 1988.

O consenso aponta que os presos são as únicas pessoas que recebem a cobertura dos direitos humanos. São pronunciadas repetidas frases como: "Direitos humanos é só pra bandido!", "os direitos dos manos!", "bandido bom é bandido morto!", e para as pessoas que trabalham na defesa e denúncia dos abusos existentes nas prisões é comum ouvir as seguintes frases: "Por que vocês não visitam as famílias das vítimas?" "Onde estão os direitos humanos das vítimas"?

Para superação de uma visão parcial, e discriminatória de parte da população, sobre a garantia dos direitos humanos, Santos (1997), aponta o seguinte:

---

[22] Os direitos humanos são um conjunto de direitos e liberdades que devem ser assegurados a todos os seres humanos, independente de raça, cor, sexo, nascimento, religião, língua, ideologia política, classe social entre outras situações e procuram atender a todos. Essa ideia de pensar que os direitos humanos é coisa de bandido é reforçada por mídias sensacionalistas e pela falta de conhecimento das situações vivenciadas no cotidiano das prisões e por falta de conhecimento sobre as histórias das conquistas desses direitos e de como ele atinge a todos nós cotidianamente.

> Na área dos direitos humanos e da dignidade humana, a mobilização de apoio social para as possibilidades e exigências emancipatórias que eles contêm só será concretizável na medida em que tais possibilidades e exigências tiverem sido apropriadas e absorvidas pelo contexto cultural local. (SOUZA, 1997, p. 23).

Na sociedade brasileira, é preciso estimular o debate sobre o conceito, garantias e cobertura dos direitos humanos. A grande desigualdade social vivenciada em nossa sociedade produz um alto número de indivíduos que não tem acesso a esses direitos e consequentemente, e por fatores complexos, acabam envolvidas em atividades criminais, vão compor o grande número de pessoas aprisionadas. Outro ponto importante para essa análise, é que, uma vez a pessoa presa, e cumprindo a sentença imposta pela justiça criminal, não é possível a sociedade aceitar e tolerar, as atrocidades, como: agressão, escassez de alimentos e medicamentos, falta de oferta de trabalho e educação, entre outros, que vemos expostas cotidianamente nas prisões brasileiras.

No artigo: *De onde vem à ideia dos direitos humanos, como defesa de bandidos?* [23], de Cassiano Martines Bovo (2018), pesquisador do Centro de Estudos de História da América Latina – CEHA da PUC-SP, sobre esse aspecto aponta que:

> Como as pessoas que sofrem essas violações são vistas como criminosas (embora nem sempre o sejam), e geralmente moradores pobres das periferias das cidades, parcela significativa da sociedade não se conforma que possam ter direitos, como está na Constituição; acreditam, inclusive, que devam ser torturadas e executadas. Como consequência, brutal carga de ódio recai sobre os ativistas que lutam contra esses arbítrios, como se tivessem que expiar pelos males da sociedade. Isso não acontece com ativistas das demais pautas no âmbito dos direitos humanos (por ex. feministas, LGBT, indígenas, racismo, saúde, educação, moradia, trabalho etc.), que enfrentam outras agruras e perseguições (BOVO, 2018).

Tais reproduções, sem a contextualização histórica, sobre a luta dos ativistas sobre os abusos proporcionados, pelas forças policiais e institucionais, ocorridos nas décadas de 1970 e 1980, não ajudam na promoção de um diálogo com a sociedade sobre a questão prisional.

O Jurista Alessandro Baratta, um dos precursores da corrente da criminologia crítica[24], adverte que:

---

[23] O Justificando, é um portal na internet com o objetivo de ser a fonte de artigos e notícias jurídicas sobre diversos temas ligados às lutas das minorias grupos marginalizados existentes dentro de uma sociedade, no caso a brasileira, devido aos aspectos econômicos, sociais, culturais, gêneros, físicos e religiosos.

[24] O aparecimento da Criminologia Crítica diz respeito ao momento em que nasceu a Criminologia Positivista, que era baseada nas características biológicas e psicológicas que diferenciam os sujeitos considerados "criminosos" dos sujeitos considerados "normais" e que não servia mais para explicar a

> […] a criminalidade, segundo a sua definição legal, não é o comportamento de uma minoria, mas da maioria dos cidadãos e que, além, disso, segundo a sua definição sociológica, é um *status* atribuído a determinados indivíduos por parte daqueles que detêm o poder de criar e de aplicar a lei penal, mediante mecanismos seletivos, sobre cuja estrutura e funcionamento a estratificação e o antagonismo dos grupos sociais têm uma influência fundamental (BARATTA, 2011, p.112 e 113).

Observa-se a alteração do foco no processo de criminalização do autor para a observação das às condições objetivas, subjetivas, estruturais e funcionais da sociedade em que está inserido.

Ainda sobre a realidade vivenciada pelos privados de liberdade, nas prisões brasileiras, é importante destacar o seguinte:

> Os indicadores disponíveis a respeito da vida nas prisões brasileiras demonstram, de maneira inconteste, um agravamento extraordinário de problemas já muito antigos, como a superpopulação carcerária, a escalada de violência entre os internos, as práticas de abusos, maus tratos e torturas em relação a eles, a inexistência de garantias mínimas para os condenados e o desrespeito sistemático e institucional à legislação ordinária e aos princípios dos direitos humanos. (CFP, 2008, p. 11).

As consequências do aprisionamento no campo psicológico impactam intensamente a vida do indivíduo que cumpre pena em privação de liberdade. Muitos homens e mulheres já iniciam a sua condenação com baixa autoestima, por não acreditarem em uma aceitação social de sua ressocialização, muitos se sentem injustiçados. Assim, é comum as (os) presas (os) apresentam uma visão muito descrente da sociedade em que estão inseridos, elas (es) chegam a relatar em diálogos nas salas de aula, nos projetos de leitura e em conversas informais que não terão mais empregos, perderam a família, não vão acompanhar o crescimento dos filhos, não possuem mais valor e são incapazes de uma mudança. O ambiente prisional reforça essa sensação.

O modelo de prisão estruturado no Brasil modifica a pessoa que está em cárcere privado, pois ela decompõe, humilha, desmoraliza, baixa a autoestima, degrada e embrutece a pessoa privada de liberdade, sendo impraticável uma pessoa sair melhor do que entrou. Nesta direção, "uma das consequências psicológicas é o fenômeno da *desindividualização* que se refere à perda de identidade de um indivíduo em relação a um grupo" (MYERS, 2012*, apud* SALIM, 2016). Neste caso, o indivíduo que se torna membro de um

---

criminalidade. A Criminologia Crítica visa analisar quais são os reais motivos que o levaram o indivíduo a praticar o crime.

determinado grupo, tende a reproduzir alguns comportamentos que sejam valorizados por esse grupo; assim para garantir a sua sobrevivência, sua personalidade e preferências são totalmente ignoradas, "é a mortificação do seu eu",[25] apontado por (GOFFMAN, 2008 p. 312).

Para Bittencourt, (2017, p. 204) aponta que a "pena privativa de liberdade produz uma ruptura total e coercitiva com o mundo exterior", dessa forma produz diversos efeitos nocivos à pessoa em privação de liberdade.

É preciso compreender que a privação de liberdade imposta a uma pessoa por um crime, de acordo com os princípios do ordenamento jurídico brasileiro, não teria como desígnio anular o sujeito em sua personalidade, mas torná-lo capaz de regressar ao mundo extramuros de forma mais reestruturada, seja pela educação, pelo trabalho ou pela leitura de um livro. Contudo, observamos que, de acordo com o atual quadro das prisões brasileiras, fica evidente que há falhas gigantescas na prestação de amparo aos privados de liberdade, o que ocasiona em um efeito reverso, piorando de suas condições humanas.

Segundo Goffman (2008):

> [...] uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada. (GOFFMAN, 2008, p. 11)

Em sua análise sobre as instituições totais, Goffman (2008), apresenta para a sociedade o retrato do funcionamento das prisões, abordando aspectos importantes da influência do ambiente prisional sobre o preso, que passa a fazer parte dessa engrenagem.

De acordo com o pensamento de Goffman (2008), uma pessoa, quando chega a uma unidade prisional, traz consigo uma cultura derivada das instituições sociais em que estava inserido, como: a família, a instituição de ensino, o trabalho e a igreja, o que lhe dá uma identidade e uma maneira de agir e reagir. Ao entrar em uma instituição total, o privado de liberdade, passa por um ritual de entrada, passando por um processo de despersonalização[26], onde é identificado, fotografado, registram-se suas tatuagens (se

---

[25] Termo utilizado pelo autor, apontando a forte influência de uma instituição total sobre as pessoas que são inseridas nesses locais.

[26] O transtorno de despersonalização/desrealização é um tipo de transtorno dissociativo que consiste em sentimentos recorrentes ou persistentes de distanciamento do próprio corpo ou processos mentais, geralmente com uma sensação de ser um observador externo da própria vida (despersonalização) ou de estar desconectado de um ambiente (desrealização) Disponível em: https://www.msdmanuals.com/pt-

possuir), marcas de nascença, tira suas impressões digitais, recebe instruções sobre regras internas e quais são os comportamentos valorizados pelos agentes prisionais. Finalmente receberá sua roupa e designado a sua cela. Desta forma, sofrerá mudanças radicais, porque terá que se adequar a uma cultura interna já preexistente. De acordo com Goffman (2008, p. 24), "o novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico".

Ao ingressar em uma unidade prisional, o privado começa a ser despido desses referenciais que o identifica, como, por exemplo, o nome. Passa por uma série de degradações, humilhações e profanações que influencia o julgamento que tinha de si mesma. Terá que desvendar rapidamente as relações internas e os sistemas de valores existentes naquele local e passa a adquirir os comportamentos aceitáveis nesta instituição que irão influenciar o seu comportamento.

Dentro do presídio, há inúmeros elementos culturais. Contudo, os que sobressaem são os rituais do horário de tranca das celas, a liberação para o trabalho, para a escola e atendimentos internos. Há também a rigidez nos horários de almoço e jantar, o uso do uniforme, as formas de comportamento diante dos funcionários, visitantes e demais presos, dentre outros aspectos.

Conforme Goffman (2008. p. 18) "nas instituições totais, existe uma divisão básica entre um grande grupo controlado, que podemos denominar o grupo dos internados, e uma pequena equipe de supervisão". Influenciando diretamente nas atividades desenvolvidas no local.

No primeiro momento, via de regra, os privados de liberdade se adequam e depois buscam formas de resistências para que não sejam totalmente despersonalizados. Entre essas formas de resistência, podemos destacar: a inserção ou permanência no crime organizado, a não participação das atividades oferecidas pela unidade prisional, a fidelização a uma religião, o envolvimento nos projetos promovidos pelos setores de reintegração social, de trabalho e educação. A participação dos presos nas atividades ofertadas pelo sistema prisional pode ser também uma forma de ser bem visto junto aos funcionários, dirigentes e a justiça criminal.

Observamos também, que os privados de liberdade procuram entender as ações e reações dos funcionários, bem com o funcionamento do sistema prisional, elementos que influenciam diretamente no seu comportamento e nas suas atitudes, de modo que se

---

br/profissional/transtornos-psiqui%C3%A1tricos/transtornos-dissociativos/transtorno-de-despersonaliza%C3%A7%C3%A3o-desrealiza%C3%A7%C3%A3o Acesso em 23/09/2019.

alinhem aos valores, as normas da prisão e/ou buscarem alternativas para abreviar o seu tempo nesse espaço. Muitos privados de liberdade buscam nas atividades como trabalho, estudo e leitura, saídas desse universo prisional, trabalhando, estudando, realizando leituras, que consequentemente o tirará do ócio e proporcionará a remição de tempo de reclusão.

Na escola, muitos procuram uma convivência mais diferenciada, pois, nesse espaço há a atuação de profissionais que promovem uma relação mais humanizada, na tentativa de oferecer ações que incentivem a mudança. Nesse espaço, buscam concluir seus estudos, além de mostrar uma boa imagem, já que as atividades realizadas pelos presos dão uma visão mais positiva aos funcionários e juízes que observarão no Boletim Interno (BI) a conduta desse preso, além de analisarem se há uma busca pela saída do mundo do crime, enquanto está cumprindo pena.

Dentro da área educativa, na prisão, o projeto de leitura pode proporcionar uma nova perspectiva de vida, tornando-os mais observadores e auxiliando-os a se posicionarem criticamente. A participação deve ser ativa, pois além da leitura do livro pode expor as impressões sobre o que leu e relacioná-las a sua própria vida. Como afirma Freire (2000, p. 90) "é atuando no mundo que nos fazemos. Por isso mesmo é na *inserção* no mundo e não na *adaptação* a ele que nos tornamos seres históricos e éticos capazes de optar, de decidir, de romper".

Diante dessa afirmativa de Freire, concebe-se o potencial efetivo e as vivências proporcionadas pela leitura que podem levar o participante a reflexões mais aprofundadas e críticas sobre o mundo em que está inserido, considerando suas histórias de vida, importantes na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

4.2 Estudos sobre educação e os projetos de leitura nas prisões

> *(...) há "conflito entre a ideia convencional de uma literatura que eleva e edifica (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que*

> *chamamos de mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver". (SANTOS, 2004, p. 176).*

Para buscar compreender o caótico universo prisional, inúmeros estudos são realizados no campo da educação e da leitura nas prisões brasileiras. A oferta de educação é uma obrigação do Estado e um direito do cidadão, sejam eles livres ou não. A educação nas prisões é um direito fundamental; ela possibilitaria, em tese, a reinserção social.

O tema, *educação nas prisões*[27] merece destaque por sua relevância social, no entanto, não é o objeto central desta pesquisa. De qualquer maneira, cabe salientar que no ano de 2010 foi promulgada as Diretrizes Nacionais para a oferta de Educação para Jovens e Adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais - Resolução CNE/CEB n.º 02, de 19 de maio de 2010. A Lei 12.433/2011 ampliou a abordagem da remição de penas no Brasil, modificando a redação dos artigos 126,127 e 128 da Lei de Execuções Penais - LEP, bem como a Recomendação nº 44/2013 do Conselho Nacional de Justiça – CNJ, que admite que o estudo possa ser um caminho para a diminuição de pena.

De acordo com a Recomendação há três possibilidades de remição de pena. A primeira apresentada é a remição de pena através de atividades complementares, ou seja, a participação pelo privado de liberdade em atividades educacionais não formais, como cursos ou práticas esportivas. A segunda possibilidade é a remição da pena com a certificação do Ensino Fundamental ou Médio por meio dos exames nacionais e em terceiro a remição da pena mediante a participação em projetos de leitura.

Num levantamento inicial para o presente estudo, foram realizadas buscas de teses, dissertações e Trabalhos de Conclusão de Curso com os marcadores: "Leitura na prisão", "projeto de leitura nas prisões" e "remição de pena pela leitura". Para uma pesquisa abrangente sobre os temas, os campos de pesquisa utilizados foram: a) a base de dados disponível nas Bibliotecas digitais das universidades Federais e universidades Estaduais do Brasil, b) o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), c) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e d) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

[27] A educação nas prisões impulsionou a elaboração, de políticas públicas para projetos de atividades complementares na educação, como o projeto de leitura, um dos objetos desta pesquisa. A educação nas prisões, não será analisada nesta pesquisa.

(IBICT), além de pesquisas[28] no sítio web de busca. Através dessas buscas, foram encontrados vinte e um (21) trabalhos produzidos com essas temáticas, entre o período de 2000 a 2019.

A leitura nas prisões começa a ser pesquisada em trabalhos acadêmicos, ainda que timidamente, conforme esse levantamento. Em tal mapeamento foram encontrados os seguintes trabalhos:

Tabela 02: Dissertações, Teses e Trabalhos de Conclusão de Curso, com a temática - leitura nas prisões, projetos de leitura e remição de pena pela leitura:

TRABALHOS	QUANTIDADE
TCC	**2**
Mestrado	**4**
Doutorado	**15**
Total	**21**

Elaborada pela autora (set/2019)

Tabela 03: Dissertações, Teses e Trabalhos de Conclusão de Curso por universidades federais e estaduais, públicas ou privadas.

ANO	BRASIL	OUTROS PAÍSES
Universidades Federais	**10**	**0**
Universidades Estaduais	**8**	**3**
Total	**21**	

Elaborada pela autora (set/2019)

Na tabela abaixo, em pesquisa na SCIELO (www.scielo.br)[29], e no site de busca Google (www.google.com)[30], com as palavras "leitura nas prisões" e "remição de pena pela leitura" foram encontrados os seguintes artigos:

Tabela 04: Artigos sobre leitura nas prisões no Brasil

ANO	2001 a 2019
Artigos	41

Elaborada pela autora (set/2019)

[28] Pesquisas realizadas em setembro de 2017, julho de 2018 e outubro de 2019.

[29] SciELO é uma biblioteca eletrônica científica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiras.

[30] Google é uma empresa multinacional americana que oferece serviços online e software.

Os artigos encontrados analisam as oficinas oferecidas nesses espaços de privação de liberdade, os projetos desenvolvidos, as atividades de leitura e as bibliotecas existentes nesses locais, além de observarem como a leitura influencia as pessoas em privação de liberdade. Sendo assim, foi possível notar que os trabalhos abarcam as representações de subjetividade, a identidade leitora, a interação texto/leitor, o contexto prisional, o gênero (atributos reconhecidos socialmente como sendo masculino ou feminino) e as políticas públicas. Para a composição e efetivação desses trabalhos, foram realizadas pesquisas de campo, observações, análises bibliográficas e entrevistas, a fim de se adquirir informações sobre os fundamentos legais, o currículo, a remição e a ressocialização. Os modos de fazer pesquisa, ou seja, os argumentos científicos ou filosóficos predominantes encontrados nesses trabalhos foram: o discurso do sujeito coletivo, a teoria da literatura, a sociologia da leitura, a relação dialógica e a etnografia.

Tais levantamentos foram importantes para observar os campos de estudos em que foram realizadas as pesquisas e a identificação de aspectos que ainda não foram retratados sobre os projetos de leitura.

A crescente oferta de oficinas de leitura nas prisões aponta para a necessidade de análise de como estão estruturadas e oferecidas tais atividades, quais as concepções ofertadas e como está concebida a participação do privado de liberdade nos projetos.

Apesar do levantamento realizado, abordando as atividades complementares no nível nacional, a proposta deste trabalho é fazer um recorte de dois projetos desenvolvidos no estado de São Paulo dos quais participo, a fim de apresentar um mapeamento cartográfico de alguns elementos presentes no desenvolvimento dos projetos de leitura de duas unidades prisionais: a Penitenciária Feminina de Campinas, prisão feminina, regime fechado, e o Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia, prisão masculina, regime semiaberto; locais onde são realizados os projetos. Busca-se compreender, na dinâmica do seu funcionamento, o que influencia as pessoas privadas de liberdade a procurar, permanecer e a desistir do projeto de leitura, cujo último objetivo é a abreviação do tempo de reclusão prisional. Outro aspecto considerado na pesquisa foi levantar as semelhanças e diferenças existentes em questões como: escolhas e preferências dos gêneros literários, formas de aplicação das oficinas, o contato intramuro com os livros, o poder da literatura no cotidiano das prisões, relacionamento professor-aluno, a produção das resenhas e as expectativas dos participantes.

4.3 Fundamentos legais: sobre a leitura em prisões

> *Um ensino da literatura que se fundamente na leitura e resulte em uma prática dialógica talvez seja tão utópico ou romântico quanto qualquer projeto que, hoje, se refira à educação no Brasil. (ZILBERMAN, 2009, p. 21).*

Dentro do sistema penitenciário brasileiro, encontramos algumas ações propostas e implementadas pelo governo. Com o objetivo de alterar o elevado número de prisões de pessoas pertencentes aos estratos sociais mais baixos, na tentativa de minimizar a precariedade do atendimento, a ineficácia na aplicação de políticas públicas e elevar os resultados positivos dessas políticas a essa camada da população. No âmbito educacional, existem legislações que garantem o direito à educação das pessoas em privação de liberdade. Da mesma forma, cumpre salientar que a própria Constituição Federal (1988) assegura que a educação é um direito de todos e que deve proporcionar o pleno desenvolvimento da pessoa. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB – Lei Nº. 9.394/1996, assinala que a finalidade da educação brasileira é o pleno desenvolvimento do educando, preparando-o para o exercício da cidadania e para qualificação ao trabalho.

A Lei de Execuções Penais – Lei n.º 7.210/1984 – LEP, na parte sobre a oferta educacional, aponta diretrizes de como deve ser garantida e aplicada a educação no interior das unidades prisionais, nas quais serão instaladas salas de aulas para garantia de realização de cursos do Ensino Básico e profissionalizante. A Resolução CNE/CEB n.º 02, de 19 de maio de 2010 – Dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para a oferta de Educação para Jovens e Adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais, altera a LEP, garantindo que todos os estabelecimentos penais brasileiros devem oferecer a educação. O Decreto n.º 7.626, de 24 de novembro de 2011, institui o Plano Estratégico de Educação no Âmbito do Sistema Prisional: com diretrizes, definição do público alvo e estabelecimento das atribuições e responsabilidades do Ministério da Justiça e do Ministério da Educação. A

Lei N.º 12.433, de 29 de junho de 2011, altera a LEP, nos artigos 126,127 e 128, para dispor sobre a remição de parte do tempo de execução da pena, por estudo ou por trabalho.

Com a regulamentação da oferta de educação nas prisões brasileiras e a promoção da remição de pena pelo estudo, assim como pelo resultado de experiências bem-sucedidas de leitura promovidas nas unidades prisionais federais – que consistem na leitura, interpretação e construção de resenhas críticas com o objetivo de fomentar o hábito de ler, e também oferecer o benefício da remição de dias da pena às pessoas privadas de liberdade – o CNJ propõe a instituição dos projetos também para os presídios estaduais.

A Recomendação n.º 44/2013 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) "dispõe sobre as atividades educacionais complementares para fins de remição da pena pelo estudo e estabelece critérios para a admissão pela leitura". A Recomendação orienta a leitura, pelo privado de liberdade, de um livro por mês, para a remição de pena. Para atender essa demanda, faz-se necessária a elaboração de uma política de bibliotecas prisionais para contemplar esse público, que terá a oportunidade de realizar leituras de obras literárias atualizadas (em tese!) e para os demais presos que não participam do projeto também terem a chance de ler bons livros.

O escopo da Portaria Conjunta Depen e a Corregedoria-Geral da Justiça Federal n.º 276/2012 (BRASIL, 2012), normatiza os projetos de leitura. A pessoa privada de liberdade receberá um livro e, após 30 dias, deverá apresentar uma resenha escrita, comprovando que a leitura foi de fato realizada, garantindo-lhe uma redução parcial da pena, com a redução de quatro dias de pena por mês ou quarenta e oito dias em um ano. Analisaremos sobre esse assunto, quando apresentarmos os projetos de leitura.

De modo geral, poucos estados brasileiros já regulamentam[31] leis específicas para a criação de projetos de leitura nas unidades prisionais, junto aos Tribunais de Justiça.

Para uma visão mais abrangente sobre os projetos de leitura oferecidos no Brasil, realizei uma pesquisa pela "internet" com a intenção de localizar leis estaduais sobre projetos de leitura - utilizando a frase: "Lei Estadual de Remição pela Leitura"[32]. Foram encontrados até setembro de 2019**,** cinco estados que promulgaram uma lei específica para o desenvolvimento do projeto nas prisões. Os demais estados seguem a recomendação (n.º 44/2013) e (portaria nº 276/2012), já mencionadas acima.

[31] Observamos aqui uma tentativa de regulamentar as ações de leitura nas prisões estaduais, uma vez que não há lei federal sobre o assunto. A promulgação de leis estaduais que abordam a questão é importante para fomentar debates e promover a criação de uma lei específica, no nível federal. Se não for nesse sentido, corremos o risco de ser identificados como inconstitucionais.

[32] O objetivo foi o levantamento, como os estados brasileiros estão se organizando para oferta de projetos e garantia da remição de pena nos seus estabelecimentos prisionais.

Os estados e as leis encontradas são os seguintes:

Tabela 05: Leis estaduais sobre oferta de projetos de leitura na prisão

ESTADO	LEIS
Paraná	Lei Nº 17.329/2012
Distrito Federal	Lei Nº 5.386/2014
Rio Grande do Norte	Lei Nº 10.182/2017
Maranhão	Lei Nº 10.606/2017
Rio de Janeiro	Lei Nº 2.920/2017
São Paulo[33]	Lei Nº 16.648/2018

Elaborada pela autora (setembro de 2019)

Nota-se o número restrito de estados que, até o momento, amparam as ações de leitura nos estabelecimentos prisionais sob a sua responsabilidade. Sendo assim, os registros apresentados reforçam a fragilidade da oferta e garantia da remição de pena, por meio dos projetos de leitura desenvolvidos nas unidades prisionais, uma vez que vários juízes concebem que a remição de pena por meio da leitura é uma ação não prevista por lei (seja em âmbito estadual ou federal) e até mesmo no caso da lei de Execução Penal, que prevê a remição pelo trabalho e pelo estudo.

Contudo, foi necessário aprofundar os estudos para coletar informações sobre as ações de leitura ofertadas nas unidades prisionais brasileiras, encontrando assim, no Infopen (2016) [34], o sistema de informações estatísticas do sistema penitenciário brasileiro.

De acordo com as informações do Infopen (2016), há 726.712 presas no Brasil e 1.418 unidades sob a responsabilidade dos estados e federais. A porcentagem de pessoas envolvidas com atividades educacionais é de 12%, (INFOPEN, 2016, p. 53).

Dentro da porcentagem levantada, estão incluídas as atividades complementares educativas, como leitura e esportes.

A política de aprisionamento no Brasil possui vários objetivos concomitantes. De acordo com Thompson (2002), os objetivos são os seguintes: "- punição retributiva do mal

[33] Em 30 de janeiro de 2020, a decisão do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP), revogou a Lei nº 16.648 / 2018, que permite a redução do encarceramento com a leitura de livros. O que pesou nessa decisão é que, na lei, há uma orientação da escolha de ler a Bíblia, para reduzir os dias de confinamento. Segundo o texto, o preso podia escolher "uma obra literária, clássica, científica, filosófica ou religiosa, entre outras". A lei tinha um parágrafo específico, determinando que, se houvesse uma escolha da Bíblia, ela deveria ser dividida em 66 livros: 39 para a parte do Antigo Testamento e 27 para o Novo Testamento. Além disso, o relator Beretta da Silveira e os membros do órgão especial do TJ-SP, por meio do Processo: 2182765-41.2019.8.26.0000 destacam que a lei estadual, contrária à Constituição Federal, para legislar abrange questões de competência federal.

[34] Informações fornecidas pelos estabelecimentos penais, o que pode causar uma distorção nos dados ofertados e a realidade, pois, pode haver uma valorização dos dados, uma sub informação ou até mesmo a falta de informação.

causado pelo delinquente; - prevenção da prática de novas infrações, através da intimidação do condenado e de pessoas potencialmente criminosas; - regeneração do preso, no sentido de transformá-lo de criminoso em não-criminoso." (THOMPSON, 2002, p. 03). O autor afirma ainda que:

> Enquanto anteriormente, a tônica do confinamento carcerário recaía sobre o alvo escarmento, já a partir do século passado, pelo menos, passou a merecer ênfase especial a meta reabilitação. Designada, indiferentemente, por terapêutica, cura, recuperação, regeneração, readaptação, ressocialização, reeducação e outras correlatas, ora é vista como semelhante à finalidade do hospital ora como à da escola. (THOMPSON, 2002, p.03-04)

O conceito de ressocialização de presos é tratado como um princípio do Direito Penal no Brasil e o seu objetivo principal é o de integrar a pessoa em privação de liberdade novamente ao convívio social, através de políticas públicas aplicadas nas prisões. Encontramos na lei penal brasileira LEP, diversos mecanismos para a realização do seu objetivo: ressocialização. Um deles é através do instituto da remição de pena.

Assim, o instituto da remição de pena é um mecanismo que controla o cumprimento da sentença do privado de liberdade por meio do trabalho, do estudo e da leitura.

De acordo com a LEP, Art. 126[35]: "o condenado que cumpre a pena em regime fechado ou semiaberto poderá remir, por trabalho ou por estudo, parte do tempo de execução da pena". A Lei de Execução Penal brasileira, no ano de 1984, introduz o instituto da remição de pena com a finalidade de abreviar, primeiramente, através do trabalho, parte do tempo da condenação. A partir de 2011, com a Lei 12.433 que altera a LEP, a educação, isto é, o estudo passa também a proporcionar ao privado de liberdade a remição de pena. É importante observar que os estudos só foram aceitos nas penitenciárias, na condição de remição de pena, depois de vinte e seis anos (considerando a promulgação da LEP), mas a remição pela leitura ainda não está prevista. Então, as oficinas de leitura são incentivadas pela Recomendação nº. 44/2013 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

Conforme pesquisas sobre os projetos de leis para a remição de pena pela leitura, em tramitação na Câmara dos Deputados e no Senado[36], observamos a seguir:

---

[35] O texto foi alterado pela lei nº 12.433, de 2011, que amplia a remição de pena para o estudo dentro das unidades prisionais.

[36] De acordo com a decisão de inconstitucionalidade da lei de remissão de leitura no estado de São Paulo, é importante retomar as discussões na Câmara dos Deputados, no Senado e com toda a sociedade, sobre a atualização da Lei de Execução Penal - LEP, para legitimar e garantir a continuidade dos projetos de leitura desenvolvidos nas prisões de São Paulo e em todo o país.

Tabela 06: Projetos de lei em tramitação.

PROJETO DE LEI	ANO	AUTORIA	TRAMITAÇÃO
Nº 7973	2014	Deputada - Erika Kokay - PT/DF	Câmara dos deputados
Nº 3.216	2015	Deputado - Rodrigo Pacheco - PMDB/MG	Câmara dos deputados
Nº 762	2015	Senador - Eduardo Amorim PSC/SE	Senado
Nº 7.528	2017	Deputado - Cleber Verde (PRB/MA)	Câmara dos deputados
Nº 10.424	2018	Deputado - Marco Antônio Cabral – MDB/RJ	Câmara dos deputados

Elaborado pela pesquisadora (março/2019)

Os projetos mencionados têm por objetivo assegurar, ao privado de liberdade, o direito à remição da pena pela leitura, garantindo que tenham mais um instrumento de educação à disposição. Desta forma, a pena privativa de liberdade possibilita, de modo mais efetivo, sua função de ressocialização. Há, no entanto, a necessidade de se promover debates e ações afirmativas para que os projetos de lei sejam aprovados, uma vez que ainda existe muita oposição e também muitas dúvidas sobre a aplicação e o acompanhamento desses projetos dentro das unidades prisionais.

De acordo com Mirabete (2007, p. 265), sobre a realidade espanhola:

> O instituto da remição está consagrado no Código Penal espanhol (art. 100) e sua origem remonta ao direito penal militar da guerra civil espanhola, estabelecido que foi pelo decreto de 28-5-1937 para os prisioneiros de guerra e os condenados por crimes especiais. (MIRABETE, 2007 p. 265)

Tempos mais tarde o instituto da remição de pena, acabou abrangendo os delitos comuns e influenciando as leis jurídicas de muitos países. A remição é recomendada pelas Nações Unidas, através das Regras de Tóquio, de acordo com Soares Júnior (2013) a remição de pena foi estabelecida:

> [...] pelo Instituto da Ásia e do Extremo Oriente para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (em 1986), cujo projeto foi aprovado em 14 de dezembro de 1990, pela Assembleia Geral das Nações Unidas (8º Congresso), integrando a Resolução nº 45/110, oficialmente denominadas Regras Mínimas das Nações Unidas para a Elaboração de Medidas não Privativas de Liberdade, com o objetivo de incentivar a adoção, pelos Estados-membros, de meios mais eficazes que o cárcere para prevenir a criminalidade e melhorar o tratamento dos encarcerados. (SOARES JÚNIOR, 2013. p. 03)

Essas leis trazem uma modernização e humanização do Direito Penal e da execução da pena, reforma, apresentando uma nova linha de política criminal em conformidade com os Direitos Humanos.

Cabe ainda ressaltar que, o STJ invocou a analogia "*in bonan parte*"[37] e a finalidade de ressocialização do apenado para autorizar ao Juízo de Execuções Criminais, a remição através da leitura. Eis a nota, obtida do Informativo n.º 564 do STJ, que expõe o seguinte:

> **A atividade de leitura pode ser considerada para fins de remição de parte do tempo de execução da pena**. O art. 126 da LEP (redação dada pela Lei 12.433/2011) estabelece que o "condenado que cumpre a pena em regime fechado ou semiaberto poderá remir, por trabalho ou por estudo, parte do tempo de execução da pena". De fato, a norma não prevê expressamente a leitura como forma de remição. No entanto, antes mesmo da alteração do art. 126 da LEP, que incluiu o estudo como forma de remir a pena, o STJ, em diversos julgados, já previa a possibilidade. Em certa oportunidade, salientou que a norma do art. 126 da LEP, ao possibilitar a abreviação da pena, tem por objetivo a ressocialização do condenado, sendo possível o uso da que admita o benefício em comento, em razão de atividades que não estejam expressas no texto legal (REsp 744.032-SP, Quinta Turma, DJe 5/6/2006). O estudo está estreitamente ligado à leitura e à produção de textos, atividades que exigem dos indivíduos a participação efetiva enquanto sujeitos ativos desse processo, levando-os à construção do conhecimento. A leitura em si tem função de propiciar a cultura e possui caráter ressocializador, até mesmo por contribuir na restauração da autoestima. Além disso, a leitura diminui consideravelmente a ociosidade dos presos e reduz a reincidência criminal. Sendo um dos objetivos da LEP, ao instituir a remição, incentivar o bom comportamento do sentenciado e sua readaptação ao convívio social, impõe-se a interpretação extensiva do mencionado dispositivo, o que revela, inclusive, a crença do Poder Judiciário na leitura como método factível para o alcance da harmônica reintegração à vida em sociedade. Além do mais, em 20/6/2012, a Justiça Federal e o Departamento Penitenciário Nacional do Ministério da Justiça (Depen) já haviam assinado a Portaria Conjunta 276, a qual disciplina o Projeto da Remição pela Leitura no Sistema Penitenciário Federal. E, em 26/11/2013, o CNJ - considerando diversas disposições normativas, inclusive os arts. 126 a 129 da LEP, com a redação dada pela Lei 12.433/2011, a Súmula 341 do STJ e a referida portaria conjunta - editou a Recomendação 44, tratando das atividades educacionais complementares para fins de remição da pena pelo estudo e estabelecendo critérios para a admissão pela leitura. **HC 312.486-SP, Rel. Min. Sebastião Reis Júnior, julgado em 9/6/2015, Dje 22/6/2015.** (BRASIL, 2015)

É importante também mencionar que existem semelhanças na pronunciada palavra remição e remissão. Elas são classificadas de parônimas, apresentando semelhança na grafia, homófonas, mas os significados são diferentes. Estas duas palavras ainda causam muitas dúvidas e confusões aos leigos sobre o tema prisão. A definição refere-se à

[37] A *analogia in bonan* parte significa o uso da analogia em benefício do réu, permitindo a sua absolvição ou a aplicação de pena mais branda a uma situação fática não prevista expressamente em lei.

abordagem do conceito assumido nesta pesquisa. Assim, a remição de que aborda a LEP é a com "ç" (remição). De acordo com o (Houaiss, 2009) [38] significa:

> Quitação; desobrigação do pagamento de uma dívida: remição tributária. Libertação; livramento de uma pena ou resgate dos prisioneiros. Ação ou efeito de remir; ação de se livrar, se libertar ou resgatar. Que se livrou dos pecados ou dos crimes por pagar penitência; forma preferível: remissão. (HOUAISS, 2009)

Já a remissão (com "ss") exprime outro sentido:

> Perdão; ação ou efeito de remir, de receber ou de alcançar o perdão. Absolvição; ação ou efeito de conceder o perdão, de remitir. Indulgência; sentimento de compaixão ou de misericórdia. Frouxidão; ausência de força e/ou energia. Ação que consiste no direcionamento do leitor para outras partes do texto. [Medicina] Ação de remediar ou de abrandar os sintomas de uma doença por um período temporário. Ação ou efeito de remeter. (HOUAISS, 2009)

Esta última é empregada no direito civil (especificamente no direito das obrigações), indicando o perdão do débito. Neste contexto, não deve ser confundida com remição.

O cálculo da remição de pena é aplicado de acordo com a atividade exercida pela pessoa em privação de liberdade. Observemos o quadro abaixo:

Tabela 07 - Atividades que oferecem a remição de pena

LEIS	REMIÇÃO	CÁLCULO	DIAS REMIDOS	REGIME	CONDICIONANTES
Lei Nº 7.210/84	Trabalho	**03** dias de trabalho	**01**	Fechado ou semiaberto.	A jornada normal de trabalho, que não pode ser inferior às 6h nem superior às 8h (art. 33).
Lei nº 12.433/11	Educação	**12** horas de estudo	**01**	Fechado, semiaberto, aberto ou, em livramento condicional.	Às 12 horas de estudo deverão ser divididas em, no mínimo, três dias.
Recomendação do CNJ nº 44/2013	Leitura	**30** dias de leitura	**04**	Fechado ou semiaberto.	Participação de oficinas oferecidas pela unidade prisional ou parceiros. Comitê interno para avaliação e validação.

Elaborado pela pesquisadora (mar/2019)

[38] Pesquisa realizada no dicionário Houaiss online. DICIO. Dicionário online de português.

Há a possibilidade de compatibilidade de remição pelo trabalho e estudo, desde que haja convergência de horário, o que acontece mais facilmente no regime semiaberto. Também é possível remir pela leitura, visto que essa pode ser feita em qualquer espaço da unidade prisional.

A aplicação da remição se configura como um dos caminhos para a promoção da ressocialização e a diminuição do tempo de reclusão do preso, resgatando mais rapidamente a sua liberdade,

A remição de pena no ordenamento brasileiro a partir do art. 26 da LEP vem sendo, aperfeiçoada ao longo do tempo, pela possibilidade de implementação de políticas públicas de integração do preso à sociedade, e também pela necessidade de diminuir o número de pessoas presas. A remição de pena é um direito do privado de liberdade em reduzir o tempo de duração da sua pena, por meio do trabalho, do estudo e das atividades complementares de educação. Eles serão suficientes? Existe trabalho para todos? Existem vagas suficientes nas escolas dentro da prisão? Os projetos de leitura são oferecidos em todas as unidades prisionais. A remição de pena é um direito do privado de liberdade em reduzir o tempo de duração da sua pena, por meio do trabalho prisional, do estudo e da leitura de obras literárias. Será suficiente?

Diante do exposto, fazemos os seguintes questionamentos: será que as políticas públicas podem realmente ajudar a inserir um preso à sociedade? Qual seria o tipo de sociedade? Como tais políticas estatais são aplicadas no interior das unidades prisionais? Quais são os efeitos junto a essa população intramuros, a partir das perspectivas dos próprios detentos? Como são mensurados os resultados dessas ações? Na oferta de projetos de literatura, como atividade complementar da educação, oferecida nas prisões, como podem ser estruturados, para a participação dos privados de liberdade? Como dentro do contexto prisional, estimular a leitura, com o acervo de livros, existentes no interior destas? Quais são os impactos dos projetos de leitura, nas vidas dos participantes? As leituras realizadas e as resenhas produzidas causam impactos na vida dos participantes? Sabemos que podemos não encontrar as respostas para esses questionamentos. “Esse é um saber fundante da nossa prática educativa, da formação docente, o da nossa inconclusão assumida”. (Freire, 1996. p. 65).

Sendo assim, o presente projeto tem a finalidade de encontrar elementos nos projetos de leitura que dão corpo/relevo a esses questionamentos, como também a outros que surgirão durante a pesquisa, sem a intenção de obter respostas, mas refletir sobre caminhos (im)possíveis, no desenvolvimento das atividades de leitura.

4.4 Leituras no espaço de privação de liberdade

Enquanto eu estiver com um livro
Eu nunca vou estar sozinha!
Eu leio Castro Alves
Resenho Drummond de Andrade
E Aluísio Azevedo
O meu coração é um músculo literário
E ele pulsa...
Shakespeare!
Eu sempre vou estar fruindo
Da sala de estar à cozinha...
Seja Machadiano ou Modernista
Rui Barbosa ou Pessoa...
Eu leio, eu leio, eu leio...
Eu leio, eu leio...
Eu venço o ENEM!!!
Eu leio, eu leio.
(...)
Eu vou fantasiando em livrarias
Ou no sebo numa boa...
Eu leio, eu leio, eu leio.
Eu leio, eu leio.
Sonetos também!
Eu leio, eu leio,
EU...
Ludmile Guimarães de (JESUS 2017)[39].

O estreito contato com a leitura de livros e com a escrita de cartas não é um fato novo dentro das unidades prisionais. Existem muitos exemplos de pessoas privadas de

[39] Paródia da música: *EU SEI* - Marisa Monte, criada por Ludmile Guimarães de Jesus.

liberdade que realizam essas atividades e escrevem livros. Um dos exemplos mais conhecidos no Brasil é o do escritor brasileiro Graciliano Ramos; o autor relata no livro "Memórias do Cárcere" (1953) as torturas e as privações que sofreu dentro dos presídios, bem como mistura a sua voz com outras vozes que, assim como ele, foram silenciadas dentro da prisão. Graciliano Ramos procurava direcionar os leitores a um "olhar de dentro", ou seja, o olhar de quem foi preso. A obra foi escrita no período em que ficou preso, entre 1936 e 1937, intensificando suas habilidades de leitura e de escrita, resultando assim na sua autobiografia, publicada após sua morte, em 1953.

Nesse contexto com a leitura e a escrita surge também a proposta pedagógica das oficinas dos projetos "Ciranda da leitura: lendo para libertar" e "A Leitura liberta" que foi construída a partir das sugestões das pessoas privadas de liberdade com as quais trabalho cotidianamente, assim como, da realidade vivenciada nos presídios e em outros espaços ativados pela memória dos participantes. São oficinas desenvolvidas de modo distinto de outras oficinas de leitura no estado de São Paulo. A preparação do material, bem como das atividades, constitui-se num processo coletivo, importante no processo e no desenvolvimento de leitura literária pelos presos.

Do ponto de vista didático, significa um aprofundamento de como aproveitar e entender melhor a leitura realizada do livro, o que pode permitir aos participantes das oficinas a ampliação sobre os temas abordados pelos autores dos livros escolhidos. Trata-se de uma atividade ativa, exploratória e de pesquisa, importante para o entendimento e aprofundamento da leitura do livro. Os temas abordados nos livros, do ponto de vista político-pedagógico, estão diretamente ligados à vida em sociedade em que estamos inseridos, permitindo-lhes entenderem, através de discussões coletivas, a ampliação dos seus conhecimentos mais profundos e mais críticos da realidade, seja dentro ou fora das prisões. Lembrando Paulo Freire, neste sentido: "desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual elas devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se "inserem" nela criticamente" (FREIRE, 1987, p. 40), ou seja, oportuniza-se uma compreensão mais aprofundada sobre o momento que estão vivendo.

Na relação professor-mediador e aluno, é importante partir da realidade vivida. Assim, a proposta criada para a estruturação e desenvolvimento dos projetos de leitura é indispensável à participação ativa da pessoa em privação de liberdade, pois é ela quem conhece a realidade em que está inserida, através de sua experiência cotidiana. Daí a importância da criação de uma proposta educativa, na qual a professora/ mediadora de leitura e os participantes das oficinas buscam conhecer e transformar a realidade,

transformando-se mutuamente. Dessa forma, vivencia-se uma prática de leitura libertadora, tendo o diálogo como a principal maneira dessa transformação da realidade.

O ambiente prisional tem um importante peso nas atividades desenvolvidas, trata-se de um local que segundo Foucault (1999), promove o adestramento do sujeito através das normas disciplinares.

Para este autor, a prisão:

> [...] disciplina "fabrica" indivíduos; ela é a técnica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo, como objetos e como instrumentos de seu exercício [...]. O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora [...]. (FOUCAULT, 1999, p.143)

A ação do poder disciplinar está fortemente presente na produção da subjetividade, influenciando diretamente a participação da pessoa privada de liberdade. Surge, então, não só um problema a ser resolvido socialmente, mas também questionamentos importantes à pesquisa. Como promover um ambiente dialógico, onde as pessoas são vigiadas o tempo todo, onde paira no ar o receio de receber punição por qualquer ato que seja considerado um afrontamento as normas estabelecidas? Como promover um trabalho dialógico sem a influência ameaçadora desse ambiente? Quais os livros que devem/ podem ser ofertados aos educandos?

Esta função emancipadora que se vislumbra rompe com as influências anuladoras da subjetividade, na medida em que requer uma integral participação da pessoa privada de liberdade; configura-se, como ponto-chave para o desenvolvimento de um projeto emancipador, a possibilidade de rompimento com as amarras da anulação do sujeito. Nesse sentido Freire (1987) também nos mostra:

> O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que á a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. (FREIRE, 1987. p. 67)

As questões afeitas à leitura, à relação professor/aluno e ao ambiente são assuntos que conduzem os projetos desenvolvidos. Sendo assim, devem ser considerados na elaboração e na oferta de projetos de leitura dentro das prisões.

De acordo com a pesquisa realizada pelo INAF – População Carcerária[40], 86% "afirmam gostar de ler (muito ou um pouco) para distrair ou passar um tempo". Este dado aponta um número expressivo de pessoas que, dentro do cárcere, buscam a leitura como uma maneira de ocupar o tempo ocioso. A pesquisa aponta ainda que:

> A expressiva disposição para a leitura da população prisional paulista [...], parece ser reflexo direto das práticas de leitura e escrita dessa população, a qual, em função do estado de privação de liberdade, não dispõe de formas de comunicação eletrônicas e tem contato interpessoal com a sociedade bastante limitado. (INAF. 2006, p.28)

Importante salientar que, por questões de segurança, as limitações ao acesso a jornais, revistas e alguns títulos de livros são bastante fortes, o que limita o tipo de leitura realizada e, consequentemente o acervo das bibliotecas.

Apesar disso, a pesquisa do INAF (2006)[41], aponta que, comparando com a população brasileira[42], os hábitos de leitura e escrita dos sujeitos, em privação de liberdade, ficam assim configurados:

Tabela 08: A Leitura nas prisões

LEITURA	POPULAÇÃO BRASILEIRA 2005	POPULAÇÃO CARCERÁRIA SÃO PAULO
Gosta de ler	30%	51%
Gosta um pouco	38%	35%
Não gosta	32%	10%
Não sabe/não opinou	1%	3%

Dados extraídos da tabela nº 12 da pesquisa realizada pelo INAF, apontando o interesse pela leitura (para se distrair ou passar o tempo) – Tabela elaborada pela autora. (mar/2019)

Os dados acima demonstram que, os privados de liberdade, no estado de São Paulo, dedicam seu tempo com a leitura, mesmo não tendo esse hábito antes da prisão,

[40] Pesquisa realizada pelo Indicador de Alfabetismo Funcional – INAF com parceria entre o Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa, com o apoio do IBOPE Inteligência tendo a Fundação Prof. Manoel Pedro Pimentel como idealizadora dessa iniciativa em 2006. O levantamento foi realizado com 800 presos em 32 presídios do Estado de São Paulo, destacando as habilidades e práticas de leitura, escrita e matemática da população prisional.

[41] Última pesquisa realizada sobre esse assunto realizada no estado de São Paulo.

[42] A comparação com a população brasileira nesse levantamento se refere à entrevista (base amostral) com 2002 pessoas.

necessariamente. Buscam como alternativa criação de espaços heterotópicos[43] com os livros, criando alternativas para ocupação do tempo e para suas novas vidas.

Com relação aos hábitos de leitura e escritas levantados, a referida pesquisa aponta:

> Pode-se postular que esta situação explicaria o fato de que, enquanto da população masculina brasileira os que afirmam escrever cartas representam 38%[44] do total e os que afirmam escrever bilhetes representam 42%, entre a população carcerária paulista os que se encontram nestas situações representam 85% e 77% respectivamente. A referência de leitura de correspondência é bem menos expressiva (76% contra 88%), mas, neste caso, deve-se considerar-se que aí incluem diversas formas de comunicação institucional como contas a pagar, propaganda etc.
> Mesmo num quesito em que as limitações na unidade prisional são bastante fortes como ler jornais e revistas (há razões de segurança e de disciplina, várias restrições nos presídios para a entrada e uso desses materiais), os dados são bastante expressivos: 80% dos presos afirmam ler revistas, contra 63% da população brasileira e 58% da população masculina brasileira afirmam ler jornais (não há possibilidade de comparação, já que a leitura de jornal é medida de outra forma pelo INAF Brasil). Além disso, 72% dos presos leem livros de vários assuntos e 88% leem a Bíblia. (INAF, 2006, p. 28)

Os números acima apontam que há uma valorização da leitura e da escrita na prisão, pelos privados de liberdade. A escrita é utilizada na comunicação com a equipe técnica da unidade ou com a família e amigos. Já a leitura realizada nesses espaços pode ser em função de: distração, preenchimento do vazio emocional vivenciado por essas pessoas, obtenção de informações em diversas áreas e instrução, por exemplo.

Nesta direção, Michele Petit (2010) aponta:

> Os livros são hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia. E algumas vezes eles nos fazem atravessar oceanos, dão-nos o desejo e a força de descobrir paisagens, rostos nunca vistos, terras onde outra coisa, outros encontros serão talvez possíveis. Abramos então as janelas, abramos os livros (PETIT, 2010, p. 266).

Outro aspecto interessante presente no cárcere e abordado na pesquisa do INAF (2006) é referente à escrita nesses locais:

> Esta disposição para ler e escrever também se manifesta quando são consideradas práticas de escrita pessoal em que há forte investimento subjetivo e evidente intenção reflexiva e expressiva. Assim, quando se observam os resultados relativos

[43] Conceito de espaço heterotópico apresentado por Foucault (2013), será apresentado no capítulo 6 da pesquisa.

[44] Os dados estatísticos, na atualidade, sofreram significativas mudanças devido ao crescente acesso aos meios de comunicação eletrônicos como Facebook e WhatsApp, alterando as formas de comunicação entre as pessoas.

> ao item de inventar e escrever histórias, poesias ou letras de música, encontram-se perfis bastante marcados. Neste caso, enquanto 29% da população brasileira e 26% da população masculina afirmam ter esta prática, o percentual entre a população carcerária paulista sobe para 50%. No que concerne ao item *escrever diário pessoal,* os resultados são ainda mais significativos: apenas 9% da população masculina brasileira afirma que o fazem (contra 14% que afirma ser uma prática de perfil feminino); já entre os presos, sã0 30% aqueles que escrevem diários. (INAF, 2006, p. 28)

Há muitos relatos de presos, que chegam ao projeto de leitura, dizendo que estão escrevendo a sua experiência na prisão. Muitos escrevem poesias e letras de músicas, na tentativa de expor a sua passagem por esse universo, como comentado anteriormente.

A observação desse indicador sobre as ações de leitura e escrita na prisão pode revelar que "a condição carcerária, em função do isolamento social, de restrição de movimentação, das limitações de trabalho, comércio e lazer, amplia o tempo em que a pessoa fica voltada para si e para a realização de atividades reflexivas." (INAF, 2006, p. 28). Isso, certamente, dá pistas de como as pessoas em privação de liberdade buscam mecanismos para sair, pelo menos mentalmente, das diversas influências do ambiente prisional. Petit, neste sentido, também aponta que "Ler, apropriar-se dos livros, é reencontrar o eco longínquo de uma voz amada na infância, o apoio de sua presença sensível para atravessar a noite, enfrentar a escuridão e a separação" (PETIT, 2010, p. 65).

Como se concebe aqui, a literatura também humaniza as pessoas. Cândido (2004) define por humanização:

> [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2004, p.180).

Quando estimulamos a leitura de textos literários, despertamos nos alunos leitores uma maior sensibilidade e criticidade que permitirá que esse leitor faça questionamentos sobre o mundo e (talvez) deseje mudá-lo, bem como a si mesmo. Assim, a literatura tem o potencial de resgatar a própria humanidade/ subjetividade.

Petit (2010) aponta a importância da leitura para a formação humana, para a inclusão social, e principalmente sobre a atuação da leitura em lugares onde a crise é particularmente intensa. A autora nos ajuda a pensar sobre, o valor da leitura um espaço de crise. A prisão é um espaço em que as pessoas não vivenciam o seu melhor momento na vida, uma vez que, já que estão privadas da sua liberdade de ir e vir e as decisões do seu

cotidiano são tomadas e organizadas, pelos servidores penitenciários. Neste lugar a leitura pode contribuir tanto na reconstrução de si mesmo quanto na promoção de uma atividade psíquica saudável auxiliando na (re)organização de sujeitos em crise:

> As crises, muitas vezes vividas como ruptura pela perda de paisagens familiares e separação, da família e dos próximos, confinam o sujeito num tempo imediato – sem projeto e sem futuro –, em um espaço sem linha de fuga. Despertam feridas, reativam o medo do abandono, abalam o sentimento de continuidade de si e a autoestima. Provocam, às vezes, uma perda total de sentido. (PETIT, 2010, p. 21)

A busca pela leitura, na prisão, se configura como uma busca de construção de sentidos, e uma linha de fuga do ambiente prisional. Trata-se de uma oportunidade de reorganização do pensamento, sentimentos e novas possibilidades de entender e encarar a vida, dentro e fora dos muros da prisão.

4.5 O direito à leitura nas prisões brasileiras

> *Uma coisa me parece muito clara hoje: jamais tive medo de apostar na liberdade, na seriedade, na amorosidade, na solidariedade, na luta em favor das quais aprendi o valor e a importância da raiva. (FREIRE, 1998, p. 121)*

Pensar em literatura nas prisões ainda é um tema que deixa muitas pessoas admiradas. No entanto, como aponta Antônio Candido (2004): "(...) a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação." (CANDIDO, 2004, p. 174).

Essa necessidade universal de fabulação é experimentada em toda a sociedade, além de ser apontada por Candido, como um direito fundamental na experiência humana. Para esse autor, a literatura tem a função:

1) Psicológica: Atender uma necessidade psicológica universal da fantasia, ou seja, um mundo que não é, mas poderia ser;

2) Formadora: ensinando os valores sociais, dando a oportunidade ao leitor na construção de suas decisões e de traçar o seu caminho;
3) Conhecimento: oportunizando o conhecimento sobre a realidade, que pode ser libertadora ou alienante, e servir para o bem ou para o mal;
4) Humanizadora: humaniza o homem, pois, pode fazê-lo viver, humanizando as suas ações.

As funções acima apontadas podem, e devem ser oportunizadas, na oferta de leitura nos espaços de privação de liberdade, promovendo a conscientização. Sobre esse aspecto, Freire (1979) afirma que:

> A conscientização não está baseada sobre a consciência, de um lado, e o mundo, de outro; por outra parte, não pretende uma separação. Ao contrário, está baseada na relação consciência – mundo. Tomando esta relação como objeto de sua reflexão crítica, os homens esclarecerão as dimensões obscuras que resultam de sua aproximação com o mundo. A criação da nova realidade, tal como está indicada na crítica precedente, não pode esgotar o processo da conscientização. A nova realidade deve tomar-se como objeto de uma nova reflexão crítica. Considerar a nova realidade como algo que não possa ser tocado representa uma atitude tão ingênua e reacionária como afirmar que a antiga realidade é intocável. (FREIRE, 1979 p. 15-16)

Para Mortimer Adler, a leitura "é um instrumento básico. Aqueles que utilizam para aprender nos livros e para se distrair com eles, possuem os tesouros do conhecimento. Podem tornar de tal modo sua inteligência que a perspectiva das horas solitárias se apresenta menos triste." (ADLER, 1954, p. 07).

Sabemos que a leitura é um dos principais caminhos para que o aluno adquira conhecimentos, para compreensão do mundo em que está inserido. Livro é um recurso importante para o desenvolvimento da nossa aprendizagem e do nosso pensamento. Também sabemos que ler é muito mais do que somente decodificar símbolos; ela necessita da interação do leitor com o texto e com autor, extrapolando o universo linguístico da narrativa. A leitura, na verdade, é um dos meios pelos quais, acontece a interação entre os seres humanos, além de promover a reflexão sobre diferentes assuntos, favorecendo, assim, a formação de um leitor crítico. Portanto, a leitura é uma forma de se obter conhecimentos para a produção do saber elaborado e também, uma maneira de interação social com o mundo, o que significa dizer que ao lermos, abrimos fronteiras, alargou horizontes, ampliamos os diálogos e alcançamos lugares e pessoas distantes. "A leitura,

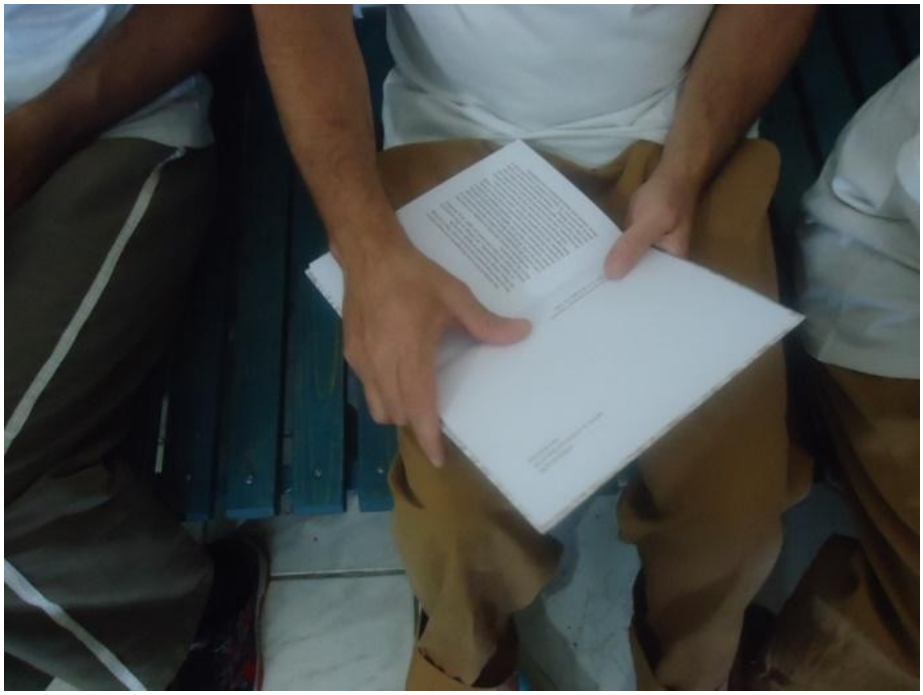
particularmente de obras literárias, participará então de um nível mais próximo do sensorial e das primeiras interações que permitiram a constituição dos limites de si mesmo." (PETIT, 2010, p. 62) Nesse sentido, "a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas". (CANDIDO, 2004, p. 175)

Nesse sentido Martins (2005) afirma que:

> Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisa, ideias, situações reais e imaginárias (MARTINS, 2005, p. 34).

Um projeto de leitura bem estruturado, de acordo com o perfil da unidade prisional em que está inserido – e consequentemente a remição pela leitura – reduzindo o tempo de cumprimento da pena de prisão, através atividades de leitura, interpretação, a promoção de debates sobre os temas abordados pelos livros, a compreensão destes "a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto" (FREIRE, 1990, p. 09), pensando a realidade em que vive, criando "condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta" (MARTINS, 1994, p.34), aperfeiçoando a personalidade, e proporcionando a reinserção social da pessoa em privação de liberdade.

Imagem 03: O leitor



Acervo pessoal (mar./2019)

Os projetos de leitura, também poderão oferecer aos participantes, uma maneira de aprofundar de forma crítica, a leitura que estão realizando de um livro. Para Amos Oz (2006, p. 33), a "literatura é sempre a resposta, porque a literatura contém um antídoto", para a desesperança, para a falta de perspectiva de mundo, para a falta de conhecimento, para depressão, para solidão.

Nesse sentido, Petit (2010) afirma que:

> Não importa o meio onde vivemos e a cultura que nos viu nascer, precisamos de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior. O que está em nós precisa primeiro procurar uma expressão exterior, e por vias indiretas, para que possamos nos instalar em nós mesmos. Para que pedaços inteiros do que vivemos não fiquem incrustados em zonas mortas do nosso ser. De outra forma, não temos condições de fazê-lo. (PETIT, 2010, p. 115)

Talvez esse seja o motivo para o grande número de leitores existentes nas prisões: buscam saídas e entendimento do mundo em que vivem.

Com relação à literatura como uma salvação, devemos também refletir que "a ideia de que a literatura pode contribuir para o bem-estar é sem dúvida tão antiga quanto à crença de que pode ser perigosa ou nefasta" (PETIT, 2010, p.15). Dessa forma, o bem-estar nas prisões pode ser considerado como uma forma de escapar, pelo menos mentalmente, do

ambiente prisional, que despersonaliza e mortifica o "eu" dos prisioneiros, como apontado por Goffman (2008) e anteriormente aqui comentado. A possibilidade de leitura, tal como apontada por Petit (2010, p.15), pode ser "perigosa" também, pois pode elevar o conhecimento sobre a sociedade em que o leitor está inserido e fomentar o questionamento dos direitos que não são atendidos ou os deveres que não são cumpridos pelos funcionários das unidades prisionais. Deste modo, fica uma questão: quais os sentidos da oferta de leitura nas prisões para os privados de liberdade?

Nesse cenário, faz-se importante considerar também o que Deleuze e Guattari (1995) afirmam:

> A literatura é um agenciamento, [...] Falamos exclusivamente disto: multiplicidade, linhas, estratos e segmentaridades, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquínicos e seus diferentes tipos, os corpos sem órgãos e sua construção, sua seleção, o plano de consistência, as unidades de medida em cada caso. (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 11)

Em Freire (1998) também encontro um caminho para compreender um pouco mais esses cotidianos e nossas práticas (docente, leitora, aprendente, entre outras):

> Como educador preciso de ir "lendo" cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo "leitura do mundo" que precede sempre a "leitura da palavra". (FREIRE, 1998, p. 90)

Como se pode observar, a oferta da leitura em espaços de privação prisional possui um grande valor no que se refere à formação humana, bem como numa nova leitura de mundo. As medidas acordadas nesses espaços podem contemplar a possibilidade da promoção de condições para a emancipação desses sujeitos, fazendo com que reflitam sobre a realidade em que estão inseridos, bem como passem a ouvir o que as pessoas têm a dizer, de forma mais atenta e reflexiva. Essas práticas podem permitir também que conheçam outras perspectivas de vida e se posicionem sobre vários assuntos e informações que são apresentadas. Será que a oferta de leitura nas prisões, de modo geral, tem contemplado essa dimensão de formação humana como dialógica e participativa, ou ainda

tem se fixado numa compreensão mais técnica do ato de ler, bem como da remição de pena nesses moldes?

Nesse sentido, participando dos projetos de leitura dos quais participei, as pessoas privadas de liberdade desenvolveram, "a aptidão para conviver com situações em aberto, até para gostar dessas situações, de aprender a desfrutar a diversidade, também podem ajudar." (PETIT, 2010, p. 36-37). A leitura dessa forma contribui "para a reconstrução de uma pessoa após uma desilusão amorosa, um luto, uma doença, (PETIT, 2010, p. 17)". No caso a privação de liberdade, a leitura pode contemplar "toda a perda que afeta a representação de si mesmo e do sentido da vida". (PETIT, 2010, p. 17).

Para que os livros possam promover mudanças, a mediação da leitura tem que oferecer pistas, caminhos, alternativas e estabelecer vínculos. São esses mediadores culturais que criam uma "abertura psíquica" (PETIT, 2010, p. 50) para o conhecimento dos livros e da literatura. Isso porque "os mediadores, ao conceder atenção, ajudam na recuperação dos vínculos." (PETIT, 2010, p. 141). Significa que não basta somente oferecer os livros, promover um debate depois de alguns dias e solicitar a escrita de uma resenha, como muitas oficinas são feitas. É preciso criar um ambiente de aprendizagem sobre os sentidos da leitura para cada um, a intencionalidade do autor, o contexto histórico, político, social e cultural da narrativa, promovendo enfim, um melhor aproveitamento (ético, estético, sensível), por parte do participante da leitura realizada. Nas palavras de Petit: "A leitura por si só não basta, precisamos de vínculos sociais, amor, amizade, outras práticas culturais, e por vezes, de profissionais da escuta" (PETIT, 2010, p.115). Sem essas dimensões, não vejo sentido na "aplicação" de projetos de leitura nas unidades prisionais, a não ser que sejam apenas para diminuição do tempo de cumprimento de pena ou para o Estado diminuir o número de pessoas presas. Contudo, uma dimensão fundamental da leitura se perde nesse modelo tecnicista ou protocolar, como foi aqui argumentado.

4.6 Alguns dados sobre o desenvolvimento dos projetos de leitura nas prisões

Um homem que tira a liberdade de outro homem é um prisioneiro do ódio, está preso atrás das grades do preconceito e da

> *incapacidade de ver além... Os oprimidos e os opressores são privados de sua humanidade da mesma forma. (MANDELA, 1994)*

Para entendermos a demanda e a oferta de projetos de leitura nas unidades prisionais, faremos uma breve apresentação dos dados levantados pelo Infopen (2016). Nesse caso é importante ressaltar o seguinte:

> Com o intuito de acompanhar as atividades educacionais que são desenvolvidas dentro das unidades prisionais, o Infopen divide da seguinte forma: a) atividades de ensino escolar, que compreendem as atividades de alfabetização, formação de ensino fundamental até ensino superior, b) cursos técnicos (acima de 800 horas de aula), c) curso de formação inicial e continuada (capacitação profissional, acima de 160 horas de aula), e; d) atividades complementares, que abarcam os custodiados matriculadas em programas de remição da pena pelo estudo por meio da leitura, pessoas matriculadas em programas de remição pelo estudo por meio do esporte e pessoas envolvidas em demais atividades educacionais complementares (tais como, videoteca, atividades de lazer e cultura). (INFOPEN, 2019, p. 56)

Os projetos de leitura são ofertados aos presos através das atividades complementares, visto que essas práticas são fundamentais no processo de remição de pena por meio da leitura de livros, bem como na produção textual de resenha.

O relatório aponta que "apenas 10,58% da população prisional no Brasil está envolvida em algum tipo de atividade educacional, entre aquelas de ensino escolar e atividades complementares" (INFOPEN, 2019, p. 56). Apesar do perfil marcado pela baixa escolaridade, apontado no capítulo anterior, e que está inteiramente associada à exclusão social, nem 11% dos presos têm acesso a atividades educativas nas prisões.

Se a educação prisional é um importante instrumento de ressocialização e de desenvolvimento de capacidades, criticidade e de conhecimento - auxiliando a pessoa em privação de liberdade na reconstrução de um futuro diferente e melhor, durante e depois do cumprimento da sua sentença - com os dados apontados ficam evidentes que há a necessidade garantir a oferta da educação como um direito fundamental. Isso implica na superação da concepção vigente de educação, como obrigação ou privilégio, portanto, é urgente a garantia do acesso, permanência e a qualidade da educação no interior das prisões.

Vejamos a tabela na próxima página, que apresenta as atividades educacionais complementares com remição da penalidade.

Tabela 09: Pessoas privadas de liberdade envolvidas em atividade educacional complementar por Unidade da Federação (estados):

UF	Remição pelo estudo através da leitura		Remição pelo estudo através do esporte		Pessoas envolvidas em atividades educacionais complementares (videoteca, atividades de lazer, cultura)	
	N	%	N	%	N	%
AC	24	100,00	-	-	-	-
AL	-	-	-	-	-	-
AM	77	45,83	-	-	91	54,17
AP	4	100,00	-	-	-	-
BA	203	38,01	-	-	331	61,99
CE	27	6,68	207	51,24	170	42,08
DF	-	-	-	-	-	-
ES	-	-	-	-	-	-
GO	143	94,08	-	-	9	5,92
MA	-	-	-	-	-	-
MG	1412	35,67	120	3,03	2427	61,30
MS	110	99,10	-	-	1	0,90
MT	236	73,29	-	-	86	26,71
PA	31	36,90	-	-	53	63,10
PB	60	100,00	-	-	-	
PE	177	33,91	-	-	345	66,09
PI	12	100,00	-	-	-	
PR	3457	85,19	446	10,99	155	3,82
RJ	435	62,50	-	-	261	37,50
RN	58	100,00	-	-	-	
RO	392	69,14	-	-	175	30,86
RR	80	66,67	-	-	40	33,33
RS	103	49,76	37	17,87	67	32,37
SC	2405	83,94	-	-	460	16,06
SE	154	65,81	-	-	80	34,19
SP	793	13,42	-	-	5118	86,58
TO	169	74,78	-	-	57	25,22
Brasil	10.562	49,96	810	3,83	9.926	46,95

Fonte: Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – (Infopen, 2017, p.59).

De acordo com a tabela apresentada pelo Infopen (2019), dentre as pessoas privadas de liberdade que se encontram envolvidas em atividades complementares educacionais no sistema prisional brasileiro, 49,96% (mais de quarenta e nove por cento) encontram-se em programas de remição por meio da leitura, ou seja, dos 10.562 presos matriculados nesta

atividade, somente 2.449 participam do projeto de remição de pena pela leitura. Se fizermos a comparação com o número total de presos no Brasil, os números são mais assustadores. Comparemos os dados do Infopen (2019)

Tabela 10: Pessoas privadas de liberdade envolvidas em atividade educacional complementar por Unidade da Federação

UF	POPULAÇÃO PRISIONAL	PESSOAS MATRICULADAS EM ATIVIDADES COMPLEMENTARES	
		Números	%
AC	**6.263**	**0**	**0,00**
AL	**7.760**	**48**	**0,62**
AM	**8.931**	**85**	**0,95**
AP	**2.806**	**650**	**23,16**
BA	**16.829**	**145**	**O,86**
CE	**26.863**	**0**	**0,00**
DF	**15.894**	**99**	**0,62**
ES	**20.060**	**0**	**0,00**
GO	**21.251**	**29**	**0,14**
MA	**8.766**	**0**	**0,00**
MG	**76.713**	**189**	**0,25**
MS	**16.774**	**1**	**0,01**
MT	**12.292**	**70**	**0,57**
PA	**16.490**	**45**	**0,27**
PB	**12.124**	**0**	**0,00**
PE	**31.001**	**0**	**0,00**
PI	**4.368**	**0**	**0,00**
PR	**50.029**	**81**	**0,16**
RJ	**52.691**	**22**	**0,04**
RN	**9.252**	**11**	**0,12**
RO	**11.383**	**223**	**1,96**
RR	**2.590**	**266**	**10,27**
RS	**36.174**	**14**	**0,04**
SC	**21.558**	**124**	**0,58**
SE	**4.888**	**0**	**0,00**
SP	**229.031**	**397**	**0,17**
TO	**3.573**	**0**	**0,00**
BRASIL	**726.712**	**2.499**	**68,44**

Fonte: Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – Infopen, Junho/2017.
Elaborada pela autora

Com relação às atividades complementares, somente 1,4% da população prisional brasileira está envolvida em atividades de remição de pena através da leitura, esporte ou através de outras atividades educacionais complementares.

Sobre tais atividades complementares nas prisões, o relatório do Infopen (2019) aponta ainda que:

> Além da educação de ensino formal, as atividades complementares de ensino também são consideradas como válidas para a remição de pena. Assim, atividades de leitura são realizadas por 49,96% dos custodiados que se encontram nesta categoria, 46,95% realizam atividades complementares, como videoteca, cultura e lazer e com apenas 3,83% estão aqueles que praticam algum esporte. (INFOPEN, 2019, p. 60)

O quadro acima reflete a omissão do Estado e o conflito com as legislações - nacional e internacional -que garantem a todo cidadão brasileiro o direito à educação, ou seja, direito ao ensino fundamental obrigatório e gratuito, sendo assegurada, inclusive, sua oferta para todos os que a ele não tiverem acesso em idade apropriada.

Os projetos de leitura, após as resoluções mencionadas no capítulo anterior, vêm se consolidando como mais um recurso para a remição de pena e ressocialização da pessoa em privação de liberdade, mas sem garantias legais mais solidamente sustentadas, pela Lei de Execução Penal.

Acreditamos que os privados de liberdade podem buscar mecanismos para a reinserção social definida pelas políticas públicas, desde que oferecidas com eficiência e numa perspectiva humanizadora/ emancipatória, atendendo às especificidades da prisão e da população atendida nesses espaços.

Pensando nas buscas subjetivas dos participantes do projeto de leitura para construção de sua emancipação, Freire (1998) afirma que "o ser humano é um ser inacabado em processo constante de humanização", uma vez que estão em constante processo de aprendizado, em contato com as pessoas buscando informações e adquirindo novas concepções sobre o mundo.

Neste sentido, as atividades educacionais desenvolvidas no interior das prisões, para a promoção de uma mudança de perspectiva de vida, e voltadas para as necessidades da população prisional, podem proporcionar ao privado de sua liberdade, caminhos para uma alteração de pensamento, atitude, ações, possibilidades e aumento da sua autoestima, na busca do ser mais. Freire (1996) aponta que "o ideal é que, na experiência educativa, educandos, educadoras e educadores, juntos, "convivam" de tal maneira com este como com outros saberes [...] que eles vão virando *sabedoria".* (Freire, 1996. p. 65)

Oportunizando tais atividades no interior das prisões é possível fazer com que o participante tenha um caminho para uma compreensão da realidade em que está inserido, refletindo, questionando, pensando e agindo de maneira propositiva sobre a sua vida e seu inacabamento, pois "[...] a inconclusão que se reconhece a si mesma, implica

necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo de busca", (FREIRE, 1998, p. 61) procurando novos caminhos para a reconstrução de sua vida fora da prisão?

No entanto, lamentavelmente, muitos estados ainda não promovem projetos de leitura nos seus estabelecimentos penais, apesar do incentivo da União e dos Tribunais de Justiça, pelo menos até o corrente ano.

4.6.1– Projetos de leitura no estado de São Paulo

No estado de São Paulo, encontramos a maior população prisional, brasileira. De acordo com os dados da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP) [45], São Paulo possui 174 unidades prisionais, sendo 155 masculinas, 22 femininas e 03 hospitais de Custódia[46]. Estão em construção 13 novas unidades, que serão entregues nos próximos anos o que totalizará 185[47] unidades prisionais.

De acordo com informações apresentadas pelo Jornal Globo News, de 16/09/2019, tendo como base os dados da Secretaria Estadual de Administração Penitenciária (SAP) a população carcerária do estado de São Paulo conta com 234.499 presos.

As unidades prisionais administradas pela Secretaria de Administração Prisional – SAP. Estão organizadas da seguinte forma:

- 86 Penitenciárias para presos em regime fechado;
- 15 Centros de Progressão Penitenciária – (CPPs) para sentenciados em regime semiaberto;
- 47 Centros de Detenção Provisória – (CDPs) para pessoas que aguardam julgamentos;
- 22 Centros de Ressocialização – (CRs) para presos de baixa periculosidade em regimes fechado e semiaberto;

[45] Dados do site da secretaria de administração Penitenciária de 04/09/2019.
[46] Franco da Rocha - Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico "Professor André Teixeira Lima" I (M e F) Franco da Rocha - Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico II (M e F), São Paulo - Centro Hospitalar do Sistema Penitenciário (M e F) e Centro de Readaptação Penitenciária "Dr. José Ismael Pedrosa" de Presidente Bernardes (M e F)
[47] Informações retiradas do site da Secretaria de Administração Penitenciária de São Paulo.

- 01 Centro de Readaptação Penitenciária – (CRP), para sentenciados em Regime Disciplinar Diferenciado – (RDD);
- 03 Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico – HCTPs.

Em alguns estabelecimentos prisionais não há a possibilidade de desenvolver atividades escolares e, consequentemente, também não há condições de desenvolvimento dos projetos de leitura, devido ao regime, à estrutura física, à falta de materiais e de profissionais para realizarem as atividades.

Segundo o Plano Estadual de Educação nas prisões do estado de São Paulo, a Funap é o órgão responsável pelas salas de leitura[48] presentes nas unidades prisionais, porém podemos encontrar outras instituições que desenvolvem os projetos de leitura, como ONGs, Pastoral Carcerária, escolas vinculadoras e voluntários da sociedade civil. O documento determina a responsabilidade de cada órgão envolvido na área de educação no estado. Entre as ações da fundação, destaco o seguinte:

> Na área cultural, a FUNAP desenvolve várias atividades nas unidades prisionais, destacando-se:
> a. 170 salas de Leitura, formadas na maioria com, no mínimo, 1.000 títulos, e equipadas com computadores para controle e otimização do acervo, nelas atuam os monitores presos, que além de cuidar do acervo e dos empréstimos de livros, desenvolvem diversas ações de incentivo a leitura, tais como rodas de leitura e saraus. (PEEP, 2015/2016 p. 11)

Apesar de estar presente no Plano de Educação, ainda não foi possível a realização do projeto, devido à falta de recursos específicos, ausência de colaboradores e estabelecimento de novas parcerias. No site da Funap, encontramos a seguinte descrição dos projetos de leitura desenvolvidos:

> Com a participação de parceiros como Companhia das Letras, Fundação Palavra Mágica, Pastoral Carcerária, Centro Paula Souza, Instituto Ecofuturo, Faculdade de Americana, UNIESP – Sorocaba e as próprias unidades prisionais, os reeducandos têm acesso a obras de diferentes estilos. A proposta inclui, após a leitura da obra selecionada, a realização de um debate, onde os participantes podem trocar experiências e ideias sobre o livro e também a produção de uma resenha, que pode ser utilizada para a solicitação de remição de pena pela leitura. (FUNAP, 2018)

[48] Na impossibilidade de contratação de bibliotecários, as bibliotecas prisionais são denominadas salas de leitura. Nelas há um monitor preso que é contratado pela Funap, e tem a responsabilidade de cadastrar e realizar o empréstimo de livros para os demais privados de liberdade.

A busca de parceria se faz necessária, pois ainda não há uma política pública estadual que define orçamento para a aquisição de acervo, mobiliário, oriente sobre pareceristas e correção das resenhas, contratação de pessoas especializadas e formação dos mediadores para os projetos. O que tem dado um caráter de improviso e de ações isoladas.

Cada regional procura parceiros para o atendimento da demanda, desenhando um modelo para a oferta de projetos de leitura nas unidades prisionais, das quais são responsáveis.

No convênio firmado entre a Funap e a editora Companhia das Letras, por exemplo, foram montados 12 kits, com 20 títulos cada, que atendem 20 unidades prisionais escolhidas pela editora que circula entre as regionais. Os monitores ou coordenadores de projetos da Funap realizam os três encontros na unidade prisional selecionada, sendo o primeiro para a entrega dos livros; o segundo é voltado para a criação de uma roda de conversa e o terceiro é destinado para a realização das resenhas. Os monitores realizam encontros mensais para a formação, promovidos pela editora Companhia das Letras, e para relatar/avaliar o desenvolvimento do projeto. Uma das exigências da editora é de que o mesmo participante leia todas as obras oferecidas; uma meta difícil de ser cumprida, devido à mobilidade dos presos.

No ano de 2017, a Funap realizou uma parceria, com Instituto Ação pela Paz,[49] e recebeu um total de 2.310 livros, com títulos diversos, que foram divididos em 42 Kits. Que foram destinados a três regionais[50]. As doações de livros proporcionam atendimento a 42 unidades prisionais, sendo 20 da regional de Prudente, 12 da regional de Campinas, 10 da regional de Grande São Paulo e litoral.

A mediação é conduzida pelo monitor preso, contudo o monitor precisará passar por uma formação antes de iniciar tal tarefa. Essa formação é ministrada pelos coordenadores de projetos que são contratados pela fundação e/ou dos monitores da Funap. Em setembro de 2019, apenas sete (7) unidades prisionais iniciaram o projeto.

Há também o projeto de leitura realizado pelo Instituto Palavra Mágica, em parceria com a regional da Funap de Ribeirão Preto, que desenvolve os projetos de leitura. Porém,

[49] Instituto Ação pela Paz é uma entidade que atua em diversas frentes, no auxílio aos presos e egressos do sistema penitenciário brasileiro, com atividades laborais e educativas.

[50] Para atendimento das unidades prisionais no interior do estado de São Paulo, a Funap, está dividida por regionais. São oito no total, e estão divididas da seguinte forma: Araçatuba, Bauru, Campinas, Capital e Vale do Paraíba, Grande São Paulo e Litoral, Presidente Prudente, Ribeirão Preto e Sorocaba. Para o recebimento dos kits, apenas três regionais demonstraram interesse, pois estruturam o projeto, para que o monitor privado de liberdade, após receber uma formação específica, realizasse a mediação dos livros, no projeto de leitura da unidade prisional.

não há a previsão da remição de pena pela Vara de Execuções que atendem as unidades da região.

Em julho de 2018, houve a publicação da Resolução SAP – 82, de 12 de julho de 2018, intitulada, *Lendo a Liberdade*, oficializando a FUNAP como, promotora e articuladora e dos projetos de leitura no estado de São Paulo.

Como apontado anteriormente, além de abrigar a maior população prisional do Brasil, o estado de São Paulo apresenta uma variedade estrutural prisional com regimes de prisão diferenciados, além de regiões economicamente diversificadas. Todos os aspectos influenciam na oferta da educação e dos projetos de leitura que não podem ser oferecidos de maneira equânime.

Ao conversar com alguns profissionais da fundação sobre a estrutura e o desenvolvimento dos projetos desenvolvidos, encontramos vários formatos nas cinco regionais da fundação, o que demonstra a diversidade de parcerias, a adaptação ao perfil da unidade prisional e as condições de oferecimento dos projetos, tornando-os frágeis como política pública mais ampla.

Os dados abaixo foram obtidos através de informações disponíveis em um banco de dados com informações enviadas mensalmente das unidades prisionais regionais da Funap, de onde podemos observar o seguinte:

Tabela 11: Projetos de leitura consolidados pela Funap/SP[51]

REGIONAL FUNAP	UNIDADES PRISIONAIS	PROJETOS DE LEITURA	MEDIADORES DE LEITURA	ACERVO	PARCEIROS CORREÇÃO DE RESENHAS
Campinas Sorocaba	**36**	**27**	Monitores da Funap Supervisor Funap Monitores privados de sala de leitura Agente penitenciário Professora do Estado	Funap Cia. das Letras ONG Mulheres do Brasil Unidade Prisional	UNIESP ONG Mulheres do Brasil Monitora da Funap Escola Vinculadora IFSP Avaré FAC Cia das Letras Voluntários
Araçatuba	**17**	**04**	Monitores da Funap ONG Mulheres do Brasil	Cia. das Letras	Cia. das Letras ONG Mulheres do Brasil
Bauru e Ribeirão Preto	**47**	**26**	Monitores da Funap Monitores privados de sala de leitura Alunos do curso de direito e advogados	Funap Cia. das Letras Palavra Mágica Instituto Federal de Avaré ONG Mulheres do Brasil	Cia. das Letras Palavra Mágica Instituto Federal de Avaré ONG Mulheres do Brasil

[51]Banco de dados FUNAP, referente a setembro de 2019.

Continuação:

Grande SP e Litoral Capital e Vale do Paraíba	**52**	**27**	Monitores da Funap Monitores privados de sala de leitura Supervisor Funap Estagiário de Educação	Funap Cia. das Letras FAC	Faculdade Dehoniana Cia. das Letras FAC
Prudente	23	19	Monitores privados de sala de leitura	Instituto Ação pela Paz	Faculdade de Tupi Paulista Faculdade Reges de Dracena Faculdade Reges de Osvaldo Cruz Faculdade de Junqueirópolis

Elaborado pela autora (set/2019)

Vale ressaltar que os dados acima utilizados para esta pesquisa não esgotam a análise sobre o assunto. Contudo, destacamos que estudos futuros são necessários para o acompanhamento dos projetos de leitura que deverão aprofundar as limitações aqui apontadas.

Os dados acima apresentam o desenvolvimento de 103 projetos de leitura. Desses 04 são desenvolvidos por voluntários ou por professores das escolas vinculadoras da unidade prisional. Em um deles há a informação que a Companhia das Letras é responsável, porém, o mediador é servidor da Funap, deixando em dúvida se não há realmente uma parceria entre às duas instituições. (ver anexo 04)

Atualmente, as regionais da Funap acompanham 99 (noventa e nove) projetos de leitura no estado de São Paulo, totalizando uma oferta de 53,51% aos estabelecimentos prisionais. O levantamento é repassado para a Secretaria de Administração Penitenciária - SAP e até o final desta pesquisa não foram encontrados outros indicadores.

As informações acima apontam para uma diversidade de aplicação dos projetos de leitura nas unidades prisionais, acompanhadas pelas regionais DIAPH da Funap. Cada uma foi realizando parcerias de acordo com a realidade das regiões, das estruturas físicas e de pessoas dispostas a ofertar o projeto de leitura nas unidades prisionais.

A diversidade dessa oferta, como apontado anteriormente, afeta o desenvolvimento do projeto de modo importante, pois, para a concretização das ações de leitura no interior das prisões, é preciso organizar uma comissão interna, como descrito na portaria n.º 276 do CNJ/Depen/12 e nas Varas de Execuções Penais, para que as resenhas sejam aceitas como uma atividade educativa e viabilizem a redução da pena.

.

Observando as formas de desenvolvimento dos projetos ofertados pela Funap e de acordo com as dificuldades apontadas acima, destacamos o seguinte:

1) Para suprir a falta de mediadores para as oficinas, foram habilitados monitores presos de sala de leitura que realizam as oficinas de mediação.
2) Na correção das resenhas, foram realizadas parcerias com Faculdades, Editoras, ONGs e Institutos educacionais para leitura e deferimento das resenhas elaboradas pelos presos.
3) Realização de parcerias com editoras e Instituições que doaram livros às unidades prisionais para o desenvolvimento dos projetos de leitura.

A despeito dos problemas mencionados sobre o fortalecimento de uma política pública, são ações importantes que viabilizam o desenvolvimento dos projetos no interior das unidades prisionais.

Neste cenário, as maiores dificuldades podem ser assim resumidas:

1) A demora entre a escrita da resenha, a correção e o envio para as Varas de execução.
2) Restrição de números de participantes que é também determinada pelo número de livros (20 exemplares), na maioria dos projetos desenvolvidos no estado de São Paulo, e pelo espaço físico;
3) A logística de troca de livros, desenvolvida pelo Funap e Cia das Letras, em que os 12 títulos que circulam entre 12 unidades prisionais contempladas do estado, dependem do tempo de desenvolvimento das oficinas no interior dessas unidades, dificultando a leitura das 12 obras lidas durante um ano, como recomenda a portaria CNJ/Depen 276/12.
4) A escolha de livros para leitura pelos presos, limitados aos títulos que foram doados pelas instituições.
5) Falta de uma diretriz de formação do mediador de leitura como sendo uma pessoa privada de liberdade ou não.

Além dessas, poderíamos listar inúmeras dificuldades encontradas. Destacamos algumas apenas para apontar a necessidade de debates para aprimorar e ampliar de forma qualitativa a oferta de projetos de leitura, nas unidades prisionais do estado.

Diante do exposto, há pontos positivos e negativos na oferta dos projetos. Ainda sobre os pontos positivos, podemos destacar:

1) Pode potencializar as diferentes vozes.
2) Respeita a diversidade de atendimentos.
3) Pode favorecer o diálogo diversificado.
4) Experiências diferentes fortalecem a oferta e o desenvolvimento dos projetos
5) Assertividade dos agentes públicos prisionais, respeitando as diferenças estruturais, perfil da unidade prisional e estabelecimento de parcerias
6) A Participação de diversas Instituições permite destacar algumas variáveis que são importantes para a população prisional atendida.
7) Permite estabelecer prioridades ao nível da unidade prisional.
8) Permite a utilização de vários modos de avaliação.
9) Participação de parceiros variados

Em relação a outros pontos negativos, destacamos mais detalhadamente os seguintes aspectos:

1) A avaliação das resenhas é interrompida quando o estudante universitário é o corretor e entra em férias da instituição superior.
2) Falta de reuniões periódicas para avaliação dos projetos e troca de experiências.
3) Falta de análises, aprofundamento nas discussões e acompanhamento dos projetos de leitura pela Funap.
4) Não haver uma política de formação dos mediadores (sejam privados de liberdade ou monitores da Funap).
5) Encontros regionais e estaduais para acompanhamento do projeto ou trocas de experiências.

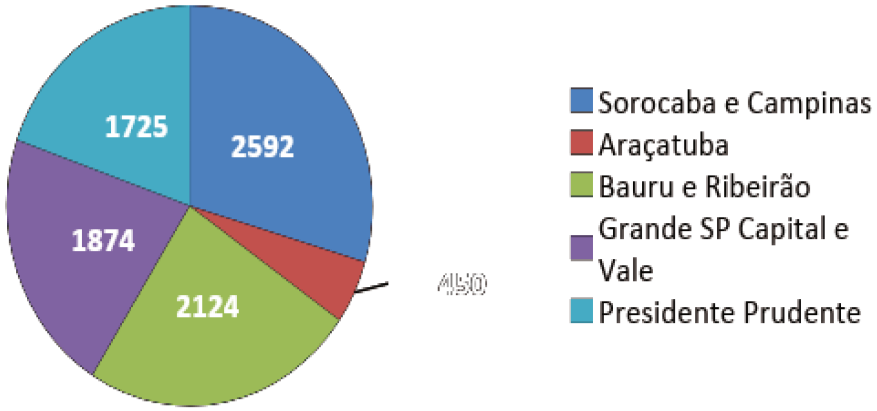
Apesar das dificuldades apresentadas, os projetos existentes acabam dando pistas de como uma política pública pode ser desenvolvida e aprimorada, mesmo que ofertada a poucos participantes. Nessa perspectiva, de acordo com Freire (1996):

> Mudar é difícil, mas é possível, que vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de

> alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão-de-obra técnica. (FREIRE, 1996, p. 88)

Mesmo diante desses desafios, podemos observar abaixo, os dados compilados pela Funap sobre o número de resenhas produzidas durante o 1º semestre de 2019:

Gráfico 08: Resenhas compiladas pela Funap - 1º semestre 2019.



Levantamento realizado pela Funap - Banco de dados (set/2019)

Os dados do gráfico acima apontam o número de resenhas produzidas pelos presos nos projetos de leitura, de modo geral, mas nele não consta a quantidade de resenhas produzidas pelos 04 projetos em que a Funap não realiza um acompanhamento.

É difícil quantificar os números de remições cedidas pela Vara de Execuções, uma vez que o parecer de aprovação ou reprovação das resenhas, assim como a informação sobre a redução ficam restritos apenas ao preso. Então, faz-se necessário criar um indicador que permita fazer uma comparação entre as resenhas produzidas e encaminhadas à Vara de Execução com as remições concedidas.

Fica visível que é bastante necessário promover um diálogo entre todos os envolvidos nesse processo, para que ajustes sejam realizados e o projeto aprimorado.

4.7 Bibliotecas nas prisões brasileiras

> *[...] a biblioteca. É lá que estão guardados os melhores tesouros – os livros. Essa é uma das portas mais importantes para o conhecimento humano. (PIMENTEL, 2007, p. 05)*

Este item traz uma breve explicação sobre obrigatoriedade e a existência das bibliotecas prisionais no Brasil. Analisam também o desenvolvimento das atividades nas bibliotecas do Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia e da Penitenciária Feminina de Campinas e os projetos de leitura nelas desenvolvidas, fazendo uma relação de proximidade entre os dois temas. Apresenta a situação dessas bibliotecas, identificando de que forma a oferta de projetos de leitura contribuem, na ressocialização dos privados de liberdade. Nesse interim, apontamos a afirmação de FREIRE (1990) que envolve a questão da biblioteca. Para esse autor, "a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca". (FREIRE, 1990, p. 22)

As bibliotecas prisionais são apontadas como bibliotecas especiais. De acordo com BENEDUZI (2004, p. 22 apud OLIVEIRA, 2005, p. 15) "são vistas como especiais devido ao atendimento de um tipo especial de leitor, por isso, detém um acervo especial, como, por exemplo, as bibliotecas para deficientes visuais (braille), bibliotecas em presídios e bibliotecas em hospitais". Essas atuam como instrumento colaborativo, no que diz respeito ao incentivo à leitura, combate ao analfabetismo, promove a "ressocialização" dos apenados e a busca por uma nova vida pós-cárcere por parte dos apenados, como afirma Beneduzi (2004. p. 24).

Para tanto, as bibliotecas prisionais são espaços importantes, para o "amparo educacional, social e cultural do preso," (TRINDADE, 2009, p. 14) Configurando-se como um local onde os privados de liberdade, buscam aprimorar os conhecimentos, ocupar o tempo ocioso, retira ou leem livros, buscando alternativas para escapar, mesmo que momentaneamente, da condição de aprisionamento.

Na Declaração para o direito às bibliotecas, elaborado na Conferência Anual da American Library Association - ALA, em Chicago, no ano de 2013, aponta a biblioteca como um Direito Humano Universal e destaca o seguinte, no seu quarto artigo:

> Bibliotecas são o grande equalizador:
> As bibliotecas servem pessoas de qualquer idade, nível de escolaridade, nível de renda, etnia e capacidade física. Para muitas pessoas, as bibliotecas oferecem recursos que de outra forma, não poderiam ter condições de obtê-los – recursos que eles precisam para viver, aprender, trabalhar e governar. [...] (ALA, 2013)

Como um espaço diferenciado nas prisões pode ser um instrumento de resgate da cidadania aos encarcerados, para que se sintam mais humanizados, mais valorizados, possibilitando a busca de respostas aos seus questionamentos pessoais, a busca por novos conhecimentos e para a retomada da sua vida extramuros? Na declaração para o direito às bibliotecas é ressaltada a importância do funcionamento desses espaços aos privados de liberdade, assim o artigo quinto declara:

> Bibliotecas nos ajudam a entender os outros:
> As pessoas de todas as esferas da vida se reúnem em bibliotecas para discutir questões de interesse comum. As bibliotecas oferecem programas, acervos e espaços de reunião para nos ajudar a compartilhar e aprender com as nossas diferenças. [...] (ALA, 2013)

O interesse pelos livros e pelo projeto de leitura oportunizam encontros que incentivam a discussão de temas diferenciados. Em outras palavras, o acesso ao projeto de leitura proporciona o debate sobre os mais diversos temas, ou seja, o privado de liberdade experimenta outra possibilidade de convívio e socialização no cárcere, já que, por exemplo, não é comum que sejam expressas, de modo livre e cotidiano, as suas opiniões. Muitos parecem usar uma máscara de invulnerabilidade, de invisibilidade e de insensibilidade emocional, para conviverem de forma “harmônica” com o ambiente prisional.

Nas bibliotecas prisionais através do projeto de leitura, é possível a promoção escuta e da fala, incentivando a participação em discussões e debates, o compartilhamento ideias e impressões, oportunizando a emissão de opiniões sem o medo de uma provável punição.

Sobre a importância da biblioteca, Petit (2010), aponta:

> Uma biblioteca ou uma coleção de livros exerce um papel essencial no interior de uma população marginalizada. Muito além do fornecimento de informação ou de um apoio à educação formal. Para os cidadãos vivendo em condições normais de

> desenvolvimento, um livro pode ser uma porta a mais que se abre; para aqueles que foram privados de seus direitos fundamentais, ou de condições mínimas de vida, um livro é talvez a única porta que pode permitir-lhes cruzar a fronteira e saltar para o outro lado. (PETIT, 2010, p.75).

A biblioteca prisional funciona como um espaço de aprendizagem contínua, na leitura de livros e da produção escrita, configura-se como um processo essencial na contribuição para a (res) socialização e de (re) inserção social, do sujeito em situação de privação de liberdade.

Para Trindade (2009), a biblioteca prisional funciona:

> Como espaço cultural consagrado, a biblioteca tem o dever de incentivar a leitura como forma de aquisição de conhecimento, ocupação do tempo ocioso, entretenimento e desenvolvimento intelectual. Assim o ato de ler, além de todas as peculiaridades da leitura, ganha destaque os espaços prisionais como apoio estrutural útil [...]. (TRINDADE, 2009. p. 14).

Portanto, sua utilidade aos privados de liberdade é imensa e imprescindível para que estes mantenham outras relações interpessoais, tenham acesso ao conhecimento, possam buscar respostas aos seus questionamentos pessoais, além de encontrarem um espaço para realização de atividades diferenciadas que envolvam a leitura, jogos e outros artefatos culturais.

Cabe ressaltar que só é possível o desenvolvimento dessas ações quando são permitidas pelas autoridades prisionais, o que não é uma realidade na maioria das prisões brasileiras. Nessa direção, Beneduzi (2004) aponta:

> Vale a pena salientar que as bibliotecas no sistema prisional constituem um sistema regulamentar que tem um ofício de reintegração e incentivador das melhorias dos apenados, por isso suas funcionalidades devem estar inseridas nessa perspectiva. Dessa forma, a organização e implementação de atividades culturais, que podem incluir desde oficinas de leitura e produção textual, até cinema e teatro, devem ser norteados pelas funções da biblioteca prisional. Da mesma forma, que as bibliotecas fora dos presídios estão em constante abertura a novos serviços e produtos, a biblioteca prisional deve acompanhar a mudança em sua missão, atuando como protagonista na vida dos sujeitos, e oferecendo uma gama de serviços em benefício de sua comunidade. (BENEDUZI, 2004. p.23-24)

A biblioteca no interior da unidade prisional se configura como um espaço diferenciado das prerrogativas prisionais, estabelecidas pela LEP/1984. No Brasil, a criação

de bibliotecas prisionais é legitimada por meio da Lei de Execuções Penais (LEP) n.º 7.210 de 11 de julho de 1984, que diz em seu art. 21, Capítulo V: "Cada estabelecimento penal deve ser dotado de uma biblioteca, para uso de todas as categorias de reclusos, provida de livros instrutivos, recreativos e didáticos". A Lei Nº 12.244, de 24 de maio de 2010, dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Apresenta no Art. 1.º que "as instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do país, contarão com bibliotecas". Portanto, cada estabelecimento penal deva ser dotado de uma biblioteca, conforme preconiza a legislação. Importante ainda salientar que temos o direito à informação, assegurado a todo e qualquer cidadão, conforme a Constituição Brasileira de 1988, prescrito no Artigo 5º, inciso XIV, o que solidifica ainda mais a LEP das bibliotecas prisionais, para que todos os indivíduos brasileiros, inclusive os encarcerados, tenham acesso à informação.

Nas publicações internacionais sobre bibliotecas, encontramos a International Federation of Library Associations and Institutions – IFLA, que juntamente com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - UNESCO no ano de 1994, redigiram um Manifesto sobre as bibliotecas públicas, afirmando que a "A biblioteca pública - porta de acesso local ao conhecimento - fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais." (IFLA/ UNESCO, 1994, p. 01). A IFLA aconselha que suas diretrizes, sejam aplicadas nos países onde exista a obrigatoriedade de biblioteca nas prisões. Já a American Library Association-ALA, apresenta as suas próprias diretrizes nas publicações "Library Standards for adult correctional institutions" e "Library Standards for Juvenile Correctional Facilities", oferecendo informações para a capacitação dos profissionais, para que desenvolvem seu trabalho, nas bibliotecas intramuros das prisões, já que estas possuem especificidades singulares.

Entre as diversas funções de uma biblioteca prisional está a de fornecer ao privado de liberdade a oportunidade de combater a inatividade existente nas prisões, incentivando o desenvolvimento pelo gosto de leitura das obras literárias lá existentes e também a possibilidade de redução da pena, através de elaboração de resenha das obras lidas. Deve, ainda, servir de ferramenta para a ressocialização do privado de liberdade, promovendo um caminho alternativo como experiência para a reintegração na sociedade pela leitura, pesquisas e dos estudos realizados no local, como aqui já argumentado.

Na biblioteca os privados de liberdade realizam as leituras, pesquisas e participam de projetos de leitura. Este espaço deve se constituir em um local que vai além dos empréstimos de livros, ultrapassando os limites do acervo, servindo também como um espaço para o desenvolvimento intelectual, auxiliando na formação educacional e cultural dos de seus usuários, instrumentalizando-os para que tenham uma base de informações, que auxiliarão no seu retorno à liberdade. Reforçamos esse posicionamento com a afirmação de Freire (1990) salienta:

> Da mesma maneira como, deste ponto de vista, a alfabetização de adultos e a pós-alfabetização implicam esforços no sentido de uma carreta compreensão do que é a palavra escrita, a linguagem, as suas relações com o contexto de quem fala e de quem lê e escreve, compreensão portanto da relação entre "leitura" do mundo e leitura da palavra, a biblioteca popular, como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto. Daí a necessidade que tem uma biblioteca popular centrada nesta linha se estimular a criação de horas de trabalho em grupo, em que se façam verdadeiros seminários de leitura, ora buscando o adentramento crítico no texto, procurando apreender a sua significação mais profunda, ora propondo aos leitores uma experiência estética, de que a linguagem popular é intensamente rica. (FREIRE, 1990, p. 20)

Somente a implantação e existência de bibliotecas no interior das unidades prisionais, obviamente não promove a ressocialização, mas a unificação da biblioteca com a realização de projetos de leitura e outras atividades educativas proporcionarão ao privado de liberdade outras oportunidades de aprendizado.

Entretanto, o quadro que nos deparamos hoje sobre as bibliotecas prisionais está bem longe de ser atingido, como estabelecido por lei específica. Encontramos, por exemplo, no Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen) de junho de 2014, realizado pelo Departamento Penitenciário Nacional do Ministério da Justiça (Depen), informações oficiais acerca das bibliotecas em estabelecimentos penais. O documento informa o seguinte:

> Cerca de um terço das unidades afirmou ter biblioteca. Entre os entes, a variação dessa porcentagem é ampla. Enquanto todos os estabelecimentos do Distrito Federal e a maior parte das unidades do Paraná (89%), do Acre (75%) e do Espírito Santo (71%) afirmaram ter biblioteca, apenas uma parcela muito reduzida dos estabelecimentos do Rio de Janeiro (2%), do Ceará (4%) e de Tocantins (9%) disse dispor de biblioteca. (INFOPEN, 2014. p. 121)

No Levantamento realizado no ano de 2016[52], não consta a atualização dessa informação, demonstrando que o tema ainda necessita de um extenso debate e formulação de uma política pública que atenda essa demanda. Beneduzi (2002) afirma que a biblioteca:

> [...] assume um papel inclusivo em uma sociedade que cada vez mais marginaliza aqueles que não estão seguindo os parâmetros pré-estabelecidos pela mesma, como é o caso do direito de parte marginalizada da população a ter a presença de uma biblioteca em âmbito prisional cujo principal objetivo é o de incentivo à leitura por parte dos apenados, apresentando a biblioteca como um agente ativo em proporcionar atividades que atuem na futura reinserção dos mesmos na sociedade. É preciso que se entenda que o acesso à informação é fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade como um todo sem distinção de cor, raça, religião ou condição social, inclusive pessoas privadas da liberdade. (BENEDUZI, 2004. p.22)

No estado de São Paulo, as bibliotecas nas penitenciárias são denominadas como Salas de Leitura e estão sob a responsabilidade da Funap, que contrata um monitor entre os privados de liberdade para ser responsável por esse espaço, como já anunciado. Dessa forma, a contratação de um monitor preso pela Funap descumpre a legislação específica sobre a instalação e manutenção das bibliotecas nas prisões que indica a contratação de bibliotecários.

Para tanto, o fundamento legal para as bibliotecas prisionais determina a contratação de um profissional qualificado, bibliotecário, para atendimento das demandas e qualificação do trabalho, além de destinação dos recursos permanentes para que as prisões realizem novas aquisições, manutenção do acervo de livros e realização de projetos pedagógicos.

[52] O levantamento sobre os atendimentos realizados pelos estados, sobre as atividades desenvolvidas no interior das prisões, é compilado a cada dois anos. O último levantamento apresentado foi realizado no ano de 2016. Até o momento o do ano de 2018, não foi apresentado.

5. A REALIDADE DA PESQUISA: SOBRE BIBLIOTECAS, LEITURA, OFICINAS E OS LEITORES

> *A escola não se preocupa em ensinar a manipular o cotidiano, porém sem esse saber tão pouco o homem sabe manipular a sua existência. (FREI BETO, 1992, p. 16)*

Este capítulo expõe informações sobre o funcionamento das bibliotecas do Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia e da Penitenciária Feminina de Campinas, ambas objeto desta pesquisa, além de apresentar o desenvolvimento dos projetos de leitura nesses espaços.

Também abordaremos o tema sobre leitores e leitoras que participam ou não participam as atividades desenvolvidas não espaço escolar, consequentemente os projetos de leitura.

A educação tem o potencial de mudar a vida de uma pessoa através da aquisição de novos conhecimentos e a biblioteca faz parte desse contexto. Observamos que a biblioteca nas prisões tem o potencial de oferecer reintegração social às pessoas privadas de liberdade, por meio do fornecimento de atividades educacionais complementares, oferta de livros para leitura e pesquisa e de integração social entre os usuários.

5.1 As bibliotecas da pesquisa espaço para o encontro da cidadania, direito de poucos.

A biblioteca proporciona o desenvolvimento intelectual, prolifera o conhecimento e preserva a cultura, é um espaço físico de fundamental importância para o desenvolvimento d do sujeito.

Conhecendo o funcionamento da biblioteca na prisão iremos perceber, qual a sua influencia sobre os leitores do projeto de leitura e para os demais usuários.

O Objetivo das bibliotecas nos dois espaços prisionais é para o fomento da leitura, instigar e estimular o hábito e o prazer de ler e ofertar livros aos presos.

A biblioteca nos presídios tem como proposta a tentativa de uma reintegração social dos detentos através de atividades por ela desenvolvida no espaço prisional. Assim, as bibliotecas prisionais podem ser caracterizadas como locais de oportunidades para os apenados, onde, entre outras atividades, eles têm acesso à educação, à leitura, ao convívio social com os outros presos e com profissionais que atuam nesses espaços de apoio educacional, em especial o bibliotecário, uma vez que cabe a esse profissional da informação mediar na busca de informações e no processo de aquisição do conhecimento.

A seguir, apresentaremos o desenvolvimento de projetos de leitura desenvolvidos nesses espaços. Também abordaremos o tema dos leitores que participam ou não das atividades desenvolvidas nesses espaços.

Os dados das bibliotecas foram coletados com a contribuição dos Diretores Gerais, dos agentes prisionais, integrantes dos Centros de Trabalho e Educação, Diretoria de Segurança e Diretoria de Disciplina[53], de cada unidade prisional.

Imagem 04: Fachada do Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia



Acervo pessoal (junho/2019)

[53] A estrutura administrativa de uma unidade prisional é dividida por algumas diretorias. Nas atribuições da Diretoria de Segurança e Disciplina destacamos o seguinte: em relação às atividades gerais da unidade a função é manter a ordem, segurança e disciplina; Em relação aos presos: cuidar da observância do regime disciplinar; além de fiscalizar: a visitação aos presos; acompanhar os presos, quando em trânsito interno; conferir, diariamente, e manter atualizado o quadro da população carcerária; providenciar o encaminhamento, ao Centro Integrado de Movimentações e Informações Carcerárias, dos documentos relacionados com a situação processual dos presos; organizar e manter atualizado o cadastro dos presos; e em relação à segurança do estabelecimento penal: inspecionar, diariamente, suas condições; executar a vigilância preventiva, interna e externa, da unidade prisional entre outras funções determinadas pela Secretaria de Administração Penitenciária (SAP/SP)

O Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia (CPPH) é um presídio que atende à população prisional masculina, de regime semiaberto. O CPPH foi inaugurado em novembro de 1990, está localizado no Complexo Prisional Campinas/Hortolândia, com capacidade para 1.125 presos, contudo, a penitenciária abriga 1.937 privados de liberdade[54].

Imagem 05: Fachada da Penitenciária Feminina de Campinas



Acervo pessoal (junho/2019)

A Penitenciária Feminina de Campinas PFC é um presídio para uma população prisional feminina, tendo como regimes o fechado e o preso provisório. Está localizada no Bairro São Bernardo, próximo ao centro da Cidade de Campinas. A PFC foi inaugurada em 1976 como cadeia pública e abrigava, inicialmente, a população prisional masculina. Foi transformada em presídio em 1993 e, em 2005, mudou para penitenciária feminina, recebendo as mulheres privadas de liberdade dos presídios da Grande São Paulo. Possui a capacidade para abrigar 556 pessoas e tem uma população atual de 415 mulheres[55].

Ambas as unidades prisionais pertencem a Coordenadoria das unidades prisionais da Região Central, responsáveis por 39 estabelecimentos prisionais.

[54] Dados coletados do site da Secretaria da Administração Penitenciária de São Paulo, referente ao dia 05/09/2019.

[55] Dados coletados do site da Secretaria da Administração Penitenciária de São Paulo

5.1.1 Estrutura das bibliotecas nas duas unidades prisionais pesquisadas

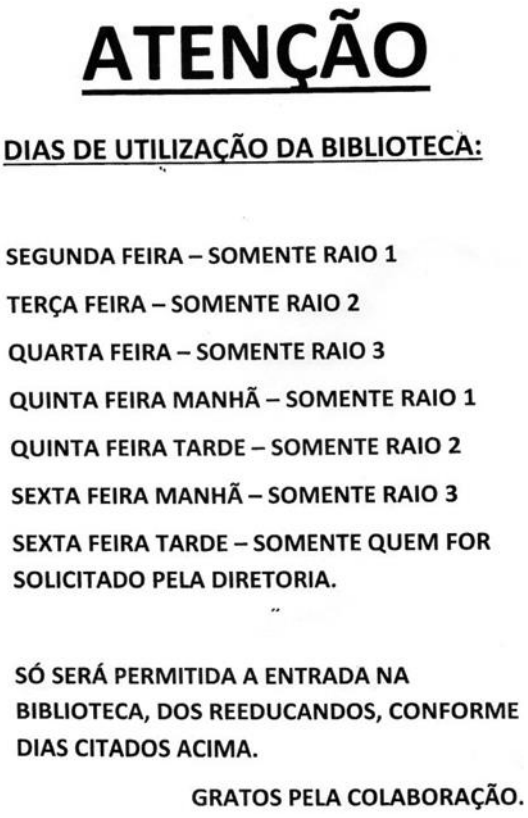
As características das bibliotecas pertencentes ao sistema prisional serão apresentadas nos subcapítulos seguintes, bem como a análise comparativa da estrutura e do funcionamento das bibliotecas.

5.1.2 Normas de funcionamento

As normas de funcionamento são estabelecidas pela Diretoria de Educação e Diretoria de Disciplina, conforme o regime prisional e as questões de segurança e disciplina da unidade. Não há um documento específico identificando essas informações.

No Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia, todos os privados de liberdade podem frequentar biblioteca, desde que sigam as orientações abaixo:

Imagem 06: regra estabelecida pela unidade prisional do CPPH·


ATENÇÃO

DIAS DE UTILIZAÇÃO DA BIBLIOTECA:

SEGUNDA FEIRA – SOMENTE RAIO 1

TERÇA FEIRA – SOMENTE RAIO 2

QUARTA FEIRA – SOMENTE RAIO 3

QUINTA FEIRA MANHÃ – SOMENTE RAIO 1

QUINTA FEIRA TARDE – SOMENTE RAIO 2

SEXTA FEIRA MANHÃ – SOMENTE RAIO 3

SEXTA FEIRA TARDE – SOMENTE QUEM FOR SOLICITADO PELA DIRETORIA.

SÓ SERÁ PERMITIDA A ENTRADA NA BIBLIOTECA, DOS REEDUCANDOS, CONFORME DIAS CITADOS ACIMA.

GRATOS PELA COLABORAÇÃO.

Acervo pessoal (mar./2019).

As orientações acima foram produzidas pelo setor de educação da unidade prisional, que restringe o acesso à biblioteca, estabelecendo um controle de número de privados de

liberdade que podem frequentar o que auxilia o setor de disciplina sobre o deslocamento interno do privado de liberdade. Observa-se que apesar de a unidade ter o regime semiaberto, o horário é previamente agendado, pois "todas as suas necessidades essenciais precisam ser planejadas." (GOFFMAN, 2008, p. 21).

Na Penitenciária Feminina de Campinas, somente as matriculadas nas salas de aula e nos cursos desenvolvidos no local têm acesso à biblioteca.

5.1.3 – Horário de funcionamento

As bibliotecas permanecem abertas durante o expediente do sistema penitenciário, de acordo com o quadro abaixo:

Tabela 12: horários de atendimento

LOCAL	DIAS	HORÁRIOS
Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia	Segunda a sexta-feira	08:00 às 11:00 13:00 às 17:00 19:00 às 23:00
Penitenciária Feminina de Campinas	Segunda a sexta-feira	08:00 às 16:00

Elaborada pela autora (set/2019)

5.1.4 – Recursos humanos

Nas duas unidades prisionais, o monitor de sala de leitura (privado de liberdade), é contratado através de processo seletivo, que leva em conta a escolaridade, o conhecimento básico de livros e gosto pela leitura e a empatia junto à população prisional. Este é responsável, pela organização do espaço e do acervo, catalogação de empréstimo de livros, limpeza e apoio aos professores da secretaria de Educação.

A monitora responsável pela sala de leitura da PFC, uma vez por semana leva à ala A e B um carrinho com livros para empréstimo às pessoas que não tem acesso ao espaço de leitura.

5.1.5 – Estrutura

No Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia há um pavilhão destinado às atividades escolares, contendo salas de aula, biblioteca e uma sala para atividades

administrativas relacionadas à educação. O espaço da sala de leitura, ou seja, a biblioteca tem 56 m² (8,00 x 7,00 metros), não há separação de ambientes, somente um espaço delimitado com uma mesa de atendimento, três mesas para leitura, estudo e pesquisa. Nesse espaço, encontramos onze estantes, um revisteiro, cinco conjuntos de mesas com cadeiras, quatro *pufs*, dois ventiladores, uma televisão, um aparelho de DVD, um computador para registro de movimento de retirada e entrega de livros, uma mesa de escritório e vasos de plantas.

Imagem 07: Porta de entrada da sala de leitura (Biblioteca)



Acervo pessoal (ago./2017)

Imagem 08: Sala de leitura

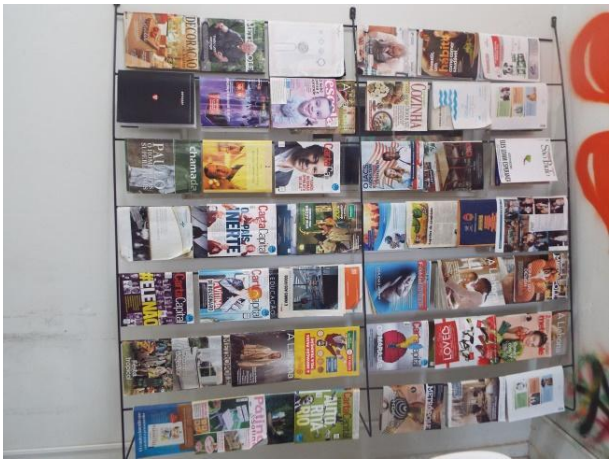


Imagem 09: Sala de leitura



Acervo pessoal (jun./2019)

Imagem 10: Revisteiro



Acervo pessoal (jun./2019)

Imagem 11: Estantes de livros religiosos, dicionários e de pesquisa.



Acervo pessoal (jun./2019)

Imagem 12: Estantes de livros de literatura



Acervo pessoal (jun./2019)

Imagem 13: Parede da biblioteca[56]



Acervo pessoal (jun./2019)

Imagem 14: Mural com informes



Acervo pessoal (jun./2019)

Observa-se nas fotos uma grande quantidade de livros didáticos, que são utilizados pelos professores da Secretaria Estadual de Educação. O espaço destinado à biblioteca é amplo, permitindo acomodar os livros e os móveis de forma organizada, proporcionando, assim, um ambiente convidativo como sala de leitura.

Na Penitenciária Feminina de Campinas a sala de leitura está presente em um pequeno espaço adaptado, de (1,5 x 3,0), cerca de quatro metros. Contém seis estantes, que acondicionam os livros que são separados por gêneros, e uma estante destinada para a guarda de diversos materiais pedagógicos, como lápis, caderno, papéis, materiais para pesquisa do educador, colas entre outros materiais. Contém também, uma mesa com

[56] Mural pintado pelos alunos do Programa de Educação para o trabalho -PET, na semana acadêmica, uma parceria entre a Funap, Unicamp e o CPPH, realizada em dezembro de 2019, que tem como objetivo, oferecer ao alunos do PET, palestras realizados pelos alunos do instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH, da UNICAMP, sobre diversos temas sobre a violência.

gavetas, duas cadeiras, uma carteira e um computador para o registro da entrada e saída de livros.

Abaixo são apresentadas imagens da biblioteca na unidade prisional:

Imagem 15: Disposição das estantes.



Acervo pessoal (ago./2017)

Imagem 16: Disposição das estantes



Acervo pessoal (jun./2019)

Imagem 17: Livros de literatura



Acervo pessoal (jun./2019)

Imagem 18: Materiais pedagógicos das monitoras privadas de liberdade



Acervo pessoal (jun./2019)

Imagem 19: Estante com revistas - Corredor entre as salas e a biblioteca.



Acervo pessoal (jul./2019)

5.1.6 – Acervo

O CPPH, em agosto/2019, possuía um acervo de cerca de 2.890 obras que sofre alterações mensais, devido a não devolução de livros pelas presas ou à falta de recebimento de novas doações.

As obras, que compõem o acervo, também são resultados de diversas, doações. Neste caso, a revitalização deste espaço aconteceu através de uma parceria entre a FUNAP, Secretaria de Cultura e unidade prisional, no ano de 2012, para a aquisição de parte do acervo, dos materiais para biblioteca, e a pintura do espaço. Destaco que os dirigentes da área de educação tiveram a sensibilidade e a criatividade de oferecer ao homem privado de liberdade, um espaço que pudesse convidá-los a realização da leitura de forma agradável.

Como foi aqui já destacado, a leitura pode ter uma força libertadora para transpor os muros, grades, trancas, solidão, do presídio, enfim, mundo que está além das grades da prisão. Neste sentido, destaca-se uma média de livros empréstimos mensais em torno de 250 livros.

A PFC, em agosto/2019, possuía um acervo de cerca de 4.700 livros, e assim como ocorre no CPPH, pode sofrer alterações mensais. O acervo dessa unidade é constituído por doações, influenciando diretamente na oferta das obras às mulheres privadas de liberdade. Em função dessa particularidade, existe uma grande quantidade de enciclopédias e livros religiosos.

Com relação aos livros religiosos, nos últimos três anos, houve um crescente aumento de doação de livros pelas instituições evangélicas, mais especificamente. Os livros são doados para toda a população prisional. Muitas leem, passam para as novatas, doam para os parentes nas visitas. Muitos livros vão também para o lixo, mas a maioria vai para a biblioteca. Frequentemente é necessária a doação desses livros a outras unidades, para não haver um excessivo número de exemplares da mesma obra na biblioteca (com espaço bastante reduzido, como foi destacado).

Há, no momento, dois grupos voluntários que tentam mudar esse quadro. O primeiro grupo é *denominado Coletivo Lélia González* e vem desenvolvendo um trabalho de empoderamento da mulher na nossa sociedade, com doações de livros com tais temáticas. O grupo oferece também palestras, promoção de debates, grupo de estudos e exibição de filmes, por exemplo.

O outro grupo, chamado *"primas",* contribui com doações de livros que são referências reconhecidas na literatura brasileira.

No pequeno espaço destinado à biblioteca, são também guardados materiais das alunas da sala de Ensino Fundamental. Apesar do pequeno espaço, há uma potência multiplicadora de desejos e uma "válvula de escape" para o tempo em que essas mulheres estão privadas de liberdade.

Muitas relatam que possuem um acervo de livro pessoal, geralmente com obras trazidas pela família, doadas entre elas ou trazidas por Instituições religiosas como relatado acima. Os livros ficam aos pés de suas camas e, para quem ainda não dorme nesses locais, os livros ficam embaixo dos colchões, o que muitas vezes pode causar desconforto.

5.1.7 – Usuários da biblioteca prisional

Na Penitenciária Feminina de Campinas, os usuários da biblioteca são as presas e os funcionários. Já no Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia, apenas os presos podem usar esse espaço.

5.1.8 – Classificação dos livros

Para a classificação dos livros nas duas unidades prisionais é utilizado o programa Minibiblio[57], instalado nos computadores presentes nas bibliotecas, onde a catalogação dos livros é realizada de forma simplificada, utilizando apenas o título do livro e o nome do o autor.

[57] A MiniBiblio é um software para catalogar livros, filmes, documentários, fitas VHs, DVDs, CDs, álbuns de música, mp3, filmes, revistas e também documentos. É distribuída no formato Donationware, gratuitamente, basta realizar um cadastro para baixa-lo no computador.

Imagem 20: Computador PFC

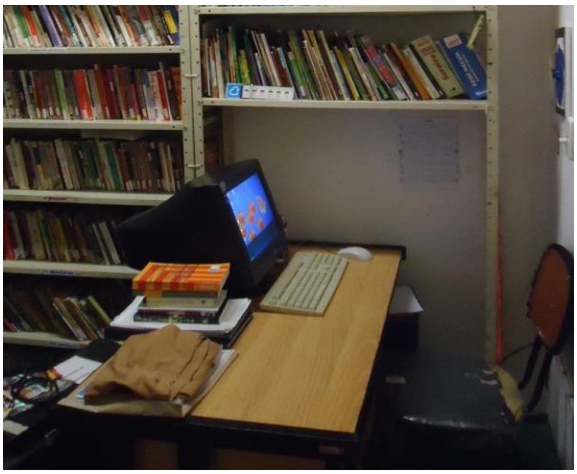
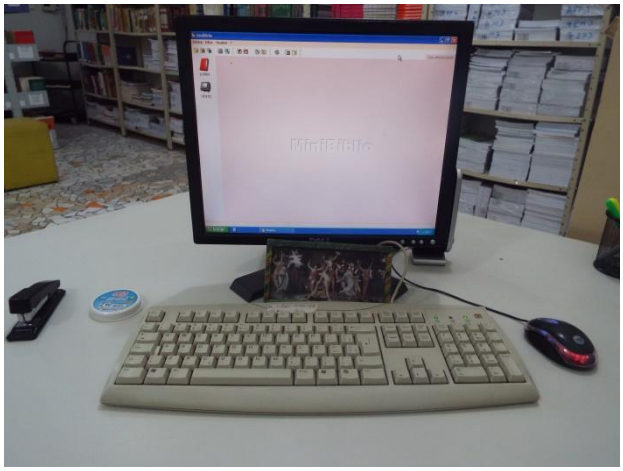


Imagem 21: Computador CPPH



Imagens capturadas pela pesquisadora (jun./2019)

5.1.9 – Empréstimos

No Centro de Progressão Penitenciária, os privados de liberdade podem ir à biblioteca para escolher e retirar os livros nos dias pré-determinados pela unidade prisional. Na Penitenciária Feminina de Campinas, o monitor da sala de leitura leva um carrinho de suprimentos com livros, às sextas-feiras, para as alas A e B, tanto para empréstimos como devoluções das obras.

Imagem 22: Carrinho de livros - PFC

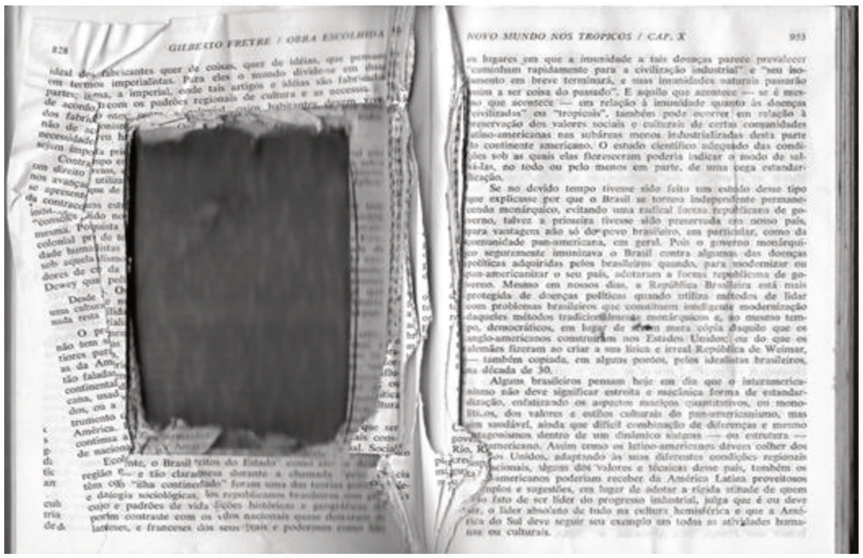


Acervo pessoal (jun./2019)

Em média, são emprestados 200 livros por mês e os gêneros mais populares são: romance, autoajuda e livros espíritas.

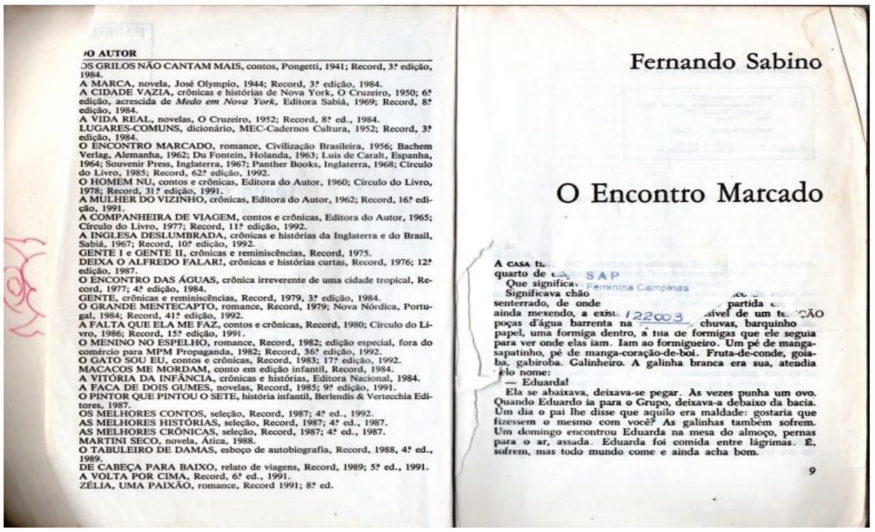
Nas duas unidades, apenas livros autorizados são emprestados. Livros de capa dura, por exemplo, não são permitidos para empréstimo, em função da alegação sobre segurança nesses ambientes. Deste modo, as diretorias de segurança das duas unidades proíbem a remoção de livros de capa dura das bibliotecas, pois podem ser usados como esconderijo para vários objetos, como pode se observar abaixo:

Imagem 23: Livro danificado por usuário da biblioteca[58]



Acervo pessoal (mar./2019)

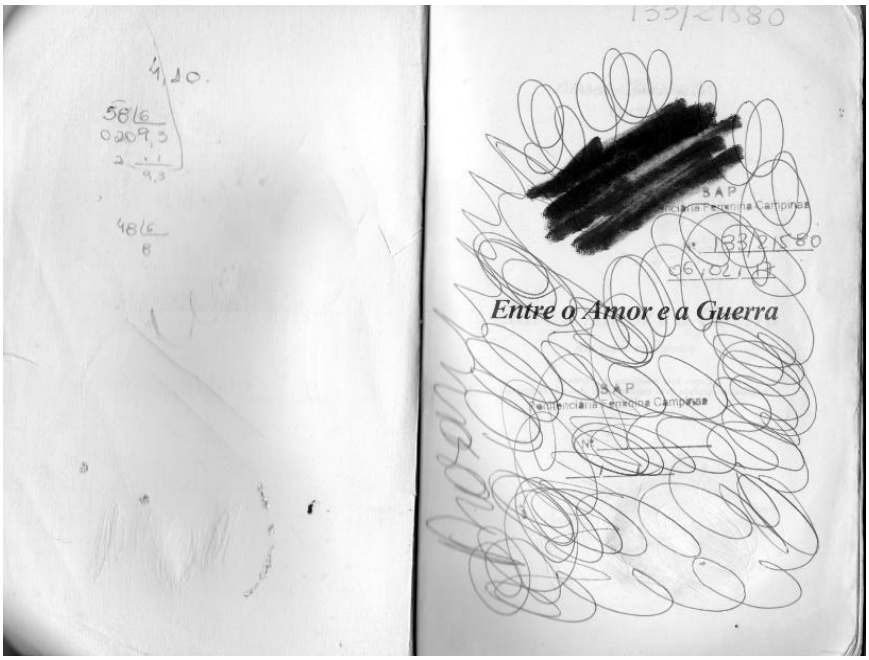
Imagem 24: Imagem de livro danificado – espaço em branco



Acervo pessoal (mar./2019)

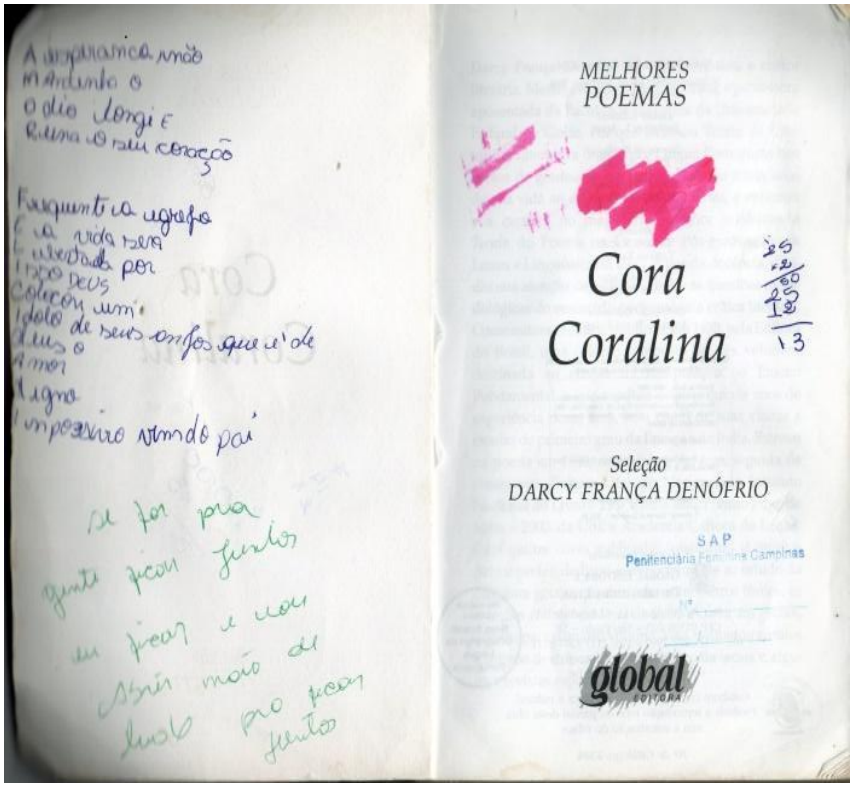
[58] Livro encontrado na sala de leitura do Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia.

Imagem 25: Livro danificado – riscado



Acervo pessoal (mar./2019)

26: Imagem Livro danificado – escritas

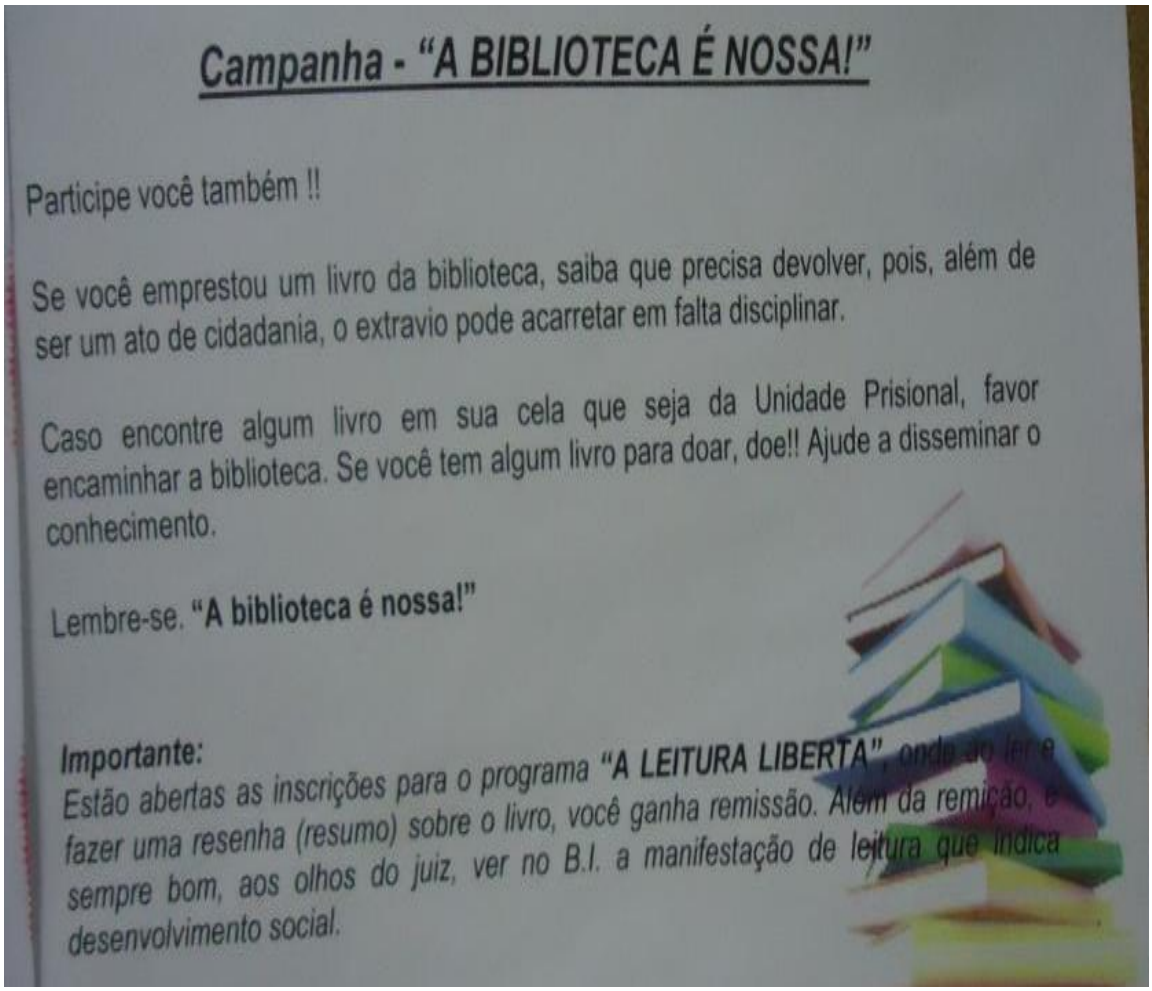


Acervo pessoal (mar./2019)

Para essa situação, são comuns às unidades prisionais, por meio dos agentes de segurança colocar informes nos pavilhões, com orientações de medidas repressivas individuais e coletivas. No entanto, se um dos objetivos da biblioteca prisional é o auxílio na educação para a vida em sociedade, devemos proporcionar alternativas construtivas para o aprendizado adquirido nesses casos, que será uma conquista bem mais valiosa do que sanções e punições. Uma campanha de conscientização, realizada pelo setor de educação, juntamente com os privados de liberdade, da biblioteca e das alas ou pavilhões, poderá ser uma alternativa para que o usuário perceber que é importante não danificar um livro, ou de devolvê-lo.

Observe a imagem abaixo criada pelo monitor de salas de leitura da biblioteca do centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia:

Imagem 27: Campanha da biblioteca



Acervo pessoal (abr./2018)

5.1.10 – Aquisição de livros e revistas

Os livros e revistas são adquiridos, através de doações de diversos parceiros da unidade prisional, da Funap e instituições religiosas, como anteriormente apontadas.

5.1.11 – Pesquisa do acervo

A pesquisa é realizada apenas pelo monitor de sala de leitura, o único autorizado a utilizar o computador existente nas salas de leitura. Como também informado, a busca é feita de forma simplificada, onde se consulta título do obra e/ ou autor.

5.1.12 – Projetos desenvolvidos

Projetos de leitura, concursos literários, sarau.

5.1.13 – Normas disciplinares

No Centro de Progressão Penitenciária e na Penitenciária Feminina de Campinas, os livros são constantemente inspecionados pelos agentes penitenciários para detectar “mau uso” e a possibilidade de danos. Outros livros, como os de capa dura, não são permitidos para aqueles privados de liberdade permanecem nas prateleiras, como acima apontado.

É importante notar que há uma resistência constante por parte da área de segurança da unidade prisional em favor da manutenção da ordem e da disciplina preconizadas pelas unidades prisionais.

A seguir, são expostas as regras de segurança:

Tabela 13: Problemas do mau uso dos livros

Formato	Problemas apontados	Onde podem ser usados
Revistas	Com suas páginas arrancadas podem ocultar objetos na parede.	Biblioteca
Livros de capa dura	Ocultar, celulares, fios, drogas, armas. As enciclopédias podem ser danificadas	Biblioteca
Livros em geral	Nas partes em branco, podem ser encontrados: número de telefones, recados, anotações diversas ou rasgadas para servir de papel para bilhetes.	Celas Biblioteca
Periódicos	Dissolve facilmente em meio aquoso e pode ser usado para tampar (camuflar) buracos nas paredes	Não são permitidos na unidade prisional
Apostilas de cursos	Espirais de ferro podem ser usados para ferir alguém.	São permitidas nos raios e pavilhões desde que o espiral seja retirado e passado o barbante.
Gibis	São produzidos com a mesma matéria prima do jornal. (ver periódicos)	Biblioteca

Elaborada pela autora (mar./2019)

Uma biblioteca prisional deve ser composta, por livros que atendam de forma qualitativa o público atendido. O que significa que serão necessárias as seguintes ações:

- Levantamento do acervo existente.
- Desenvolvimento de um sistema regular de constituição e reposição do acervo.
- Atualização e Padronização do sistema de catalogação.
- Formação do monitor da biblioteca.
- Promoção de ações de leitura.
- Estabelecimento de parcerias com as bibliotecas públicas das cidades onde as unidades estão inseridas.
- Articulação com outros órgãos públicos como, por exemplo, secretarias de Educação e Cultura, para o desenvolvimento de ações pedagógicas e cultura, no espaço da biblioteca prisional.
- Fomento à leitura e formação de mediadores.

Existem desafios a serem alcançados nas bibliotecas das duas unidades prisionais, tais como uma política pública de alocação de recursos para aquisição de coleções e móveis. Na Penitenciária Feminina de Campinas, faz-se urgente a construção de um espaço adequado para o desenvolvimento de atividades relacionadas às atividades da biblioteca. Há também a premência de treinamento sistemático do monitor da sala de leitura, como já

mencionado, além de aquisição de computadores e programas de pesquisa por privados de liberdade.

5.2. Concepção de leitura assumida

> *Ao deixar claro que o uso da linguagem escrita, portanto o da leitura, está em relação com o desenvolvimento das condições materiais da sociedade, estou sublinhando que minha posição não é idealista. (FREIRE, 1994, p. 38)*

As concepções de leitura determinam as formas de organização dos projetos de leitura, interferindo nos processos de ensino e aprendizagem, incidindo sobre prática pedagógica, como na escolha do que poderá ser oferecido, o formato e a finalidade. As concepções de leitura têm sido objeto de discussões de linguistas, professores e pesquisadores, também nas últimas décadas. Entre essas discussões amplas e complexas, surgem temas emergentes, tais como: literatura, análise de livros, linguagem padrão, variações linguísticas, metodologias de ensino, produção de textos orais e escritos, concepções de língua e linguagem, entre outros aspectos.

Para a elaboração e desenvolvimento de um projeto de leitura, seja nas prisões ou nas escolas brasileiras, é necessário estar ciente de qual teoria orienta as práticas, pois essa concepção, evidentemente, interferirá nos processos de ensino e aprendizagem e na configuração das atividades literárias.

No trabalho realizado nas oficinas de leitura, por mim organizadas e propostas nas referidas instituições, as concepções de Paulo Freire foram essenciais. Para Freire (1990), aprender a ler "[...] é um ato fundamentalmente político", por isso não é neutro. Na prisão, gerentes, funcionários, educadores, mediadores da leitura, enfim, os responsáveis pela elaboração e desenvolvimento de projetos de leitura devem ter o conhecimento, a sensibilidade e a consciência sobre as perspectivas teóricas do projeto,

certamente vinculadas a uma concepção acerca da língua, da linguagem[59] e seus processos de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, aponto pelo menos três das concepções de linguagem que permearam a história dos estudos linguísticos e que podem oferecer, aos educadores, uma compreensão dos processos que estão em perspectiva:

a) A linguagem como expressão do pensamento

Para essa concepção, pensar logicamente é a condição básica da escrita, pois a linguagem revela a expressão que é construída pela mente. Assim, a linguagem é concebida como uma criação individual e focada na capacidade mental dos sujeitos. Nesta concepção, regras gramaticais devem ser seguidas, tal como Fernandes (2004) também aponta:

> A **língua** é concebida como simples sistema de normas, acabado, fechado, abstrato e sem interferência do social. Em decorrência disso, os estudos tradicionais consideram apenas a variedade dita padrão ou culta, ignorando todas as outras formas de uso da língua, consideradas corrupções da língua padrão pautada nos modelos literários, na língua literária artística. Não estabelecem, portanto, relação com a língua viva do nosso tempo e com o uso do nosso cotidiano. As línguas, nesse caso, obedecem a princípios gerais racionais, lógicos, e a linguagem é regida por esses princípios. Assim, impõe-se a exigência de que os falantes a usem com clareza e precisão, pois ideias claras e distintas devem ser expressas de forma lógica, precisa, sem equívocos e sem ambiguidades, buscando a perfeição. (FERNANDES, 2004, p. 04)

Nessa tendência, Fernandes (2004) ainda argumenta:

> Nesta tendência, observa-se a relação psíquica entre linguagem e pensamento, caracterizando a linguagem como algo individual, centrada na capacidade mental do indivíduo. As dificuldades de expressão, o discurso que se materializa no texto, então, independem da situação de interação comunicativa, do interlocutor, dos objetivos, dos fenômenos sociais, culturais e históricos. Se há algum desvio quanto às regras que organizam o pensamento e a linguagem, ele só pode ser explicado pela incapacidade de o ser humano pensar e raciocinar logicamente. (FERNANDES, 2004, p. 04)

[59] A linguagem é o sistema através do qual o homem comunica suas ideias e sentimentos, seja através da fala, escrita ou outros sinais convencionais. Para este estudo, concebemos a concepção de linguagem como um fenômeno social de interação verbal, realizado através de enunciados ou enunciados. A interação verbal, portanto, constitui a realidade fundamental da linguagem, como um lugar para a interação humana. o que implica em uma postura educacional diferente, pois situa a linguagem como o lugar de constituição das relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos.

Como se observa, a língua e a linguagem são concebidas sob um sistema de normas finalizado e fechado também subjetivamente. Sobre seu ensino predomina o que é "certo" ou "errado", sem que se conceba também alguma interferência do contexto social.

b) A linguagem como instrumento de comunicação

Nesta concepção, a linguagem é um código, ou seja, um sistema composto de sinais ajustados por regras específicas, que permite ao remetente transmitir uma certa mensagem ao destinatário que deve ter, supostamente, o conhecimento e o domínio da informação e dos códigos. Para Fernandes (2004), tal concepção:

> Ao processo interno de organização do código. Privilegia-se, então, a forma, o aspecto material da língua, e as relações que constituem o seu sistema total, em detrimento do conteúdo, da significação e dos elementos extralinguísticos. (...) O que interessa é saber o modo como elas funcionam, num dado momento, como meio de comunicação entre os seus falantes, a partir da análise de sua estrutura e configuração formal. (FERNANDES, 2004, p. 05)

Silva (1999) argumenta que ambas concepções apresentam conceitos que reduzem a leitura. Para este autor, reduzir é desprezar "elementos fundamentais da leitura, diminuindo sua complexidade processual" (SILVA, 1999, p. 12).

Para Silva, tais concepções de leitura compreendem que a leitura é realizada para traduzir a escrita em fala, decodificar mensagens, fornecer respostas a sinais gráficos, extrair a ideia central, seguir as etapas do livro e aproveitar os clássicos.

Neste contexto, Paulo Freire já defendia que "Não é exagero repetir que a leitura, com estudo, não é andar por sentenças, mas frases e palavras do texto, sem qualquer preocupação em saber para onde elas podem nos levar". (FREIRE, 1994, p. 42)

Em síntese, as concepções de leitura acima destacadas desprezam as diferentes interpretações e significados elaborados pelo leitor, "sem levar em conta as múltiplas facetas e a essência do ato de ler". (SILVA, 1999, p. 15)

Projetos de leitura nas prisões, estruturados e embasados nas concepções, restringem a participação dos alunos, no sentido de, apenas realizar a leitura de livros, extraindo a ideia principal do autor, sem relacioná-la ao seu contexto social, e escrever uma resenha.

c) A linguagem como um processo de interação

Nesta concepção, a leitura é uma prática social. A leitura do livro e as atividades oferecidas no projeto de leitura são concebidas como uma unidade de leitura-ensino-aprendizagem. A leitura do livro é um trabalho a ser explorado, desvendado, valorizado, compartilhado e vinculado a usos sociais, onde o mediador explora o texto, questiona, sugere, problematiza, cria polêmica, concorda ou não, negocia os sentidos através das pistas deixadas pela narrativa ou pelo autor. É um espaço de interação verbal, criando possibilidades para o surgimento de diferentes conhecimentos de mediadores e de participantes.

Para Silva (1999), há uma intrínseca interação entre leitor- texto e texto-leitor para produção de significados e para compreensão e interpretação. Dessa forma, o leitor produzirá novos significados para a vida em sociedade, através do conhecimento, da expansão da visão de mundo, da criticidade e da cidadania.

Nessa abordagem interacionista, portanto, é que os projetos e, consequentemente, as atividades desenvolvidas ("A Leitura Liberta" e a "Ciranda da Leitura: lendo para libertar"), foram concebidos.

5.3. Estrutura dos projetos

As oficinas, nas duas unidades prisionais mencionadas anteriormente, acontecem uma vez por semana, com cada grupo servido, com duração de 2 horas, e são preparadas com base nas demandas apresentadas pelos participantes. Acontecem quatro a cinco reuniões por mês e são estruturadas da seguinte forma:

a) Na primeira reunião, ocorre a apresentação do projeto, informando a estrutura e as diretrizes a serem seguidas pelos participantes. Nesse momento, também é preenchido um formulário para pesquisar o interesse no projeto e os interesses de leitura (expectativas de participação). Após a orientação, a escolha do livro é incentivada.

A escolha do livro é realizada de acordo com o gosto pessoal do participante, assim como a partir da oferta dos exemplares disponíveis na unidade prisional e, ocasionalmente, em função da mediação do professor responsável pelo projeto.

A maioria das bibliotecas das unidades prisionais é composta de obras recebidas através de doações. Estas podem acontecer de diferentes formas, como apontado

anteriormente: por instituições religiosas, fundações, Pastoral Penitenciária, sociedade civil, família, Secretaria de Educação e Cultura, parcerias, acordos esporádicos ou parceiros que servem apenas algumas unidades. Ainda não existe uma política pública para oferecer livros nas prisões como um programa nacional de bibliotecas escolares.

Em vista do exposto, não há como trabalhar com o mesmo título para todos os participantes, conforme recomendado pela Recomendação 44 do CNJ, isto é, que cada participante retire da biblioteca o gênero que mais lhe agrada ou que esteja mais familiarizado. Em função dessa escassez, cabe ao mediador avaliar a qualidade do material a ser lido.

Sobre esse cenário e a materialidade das obras escolhidas, Freire nos ajuda a refletir que “se deve “assumir” a ingenuidade dos educandos, para poder, com eles, superá-la.”. (FREIRE, 1990, p. 27), isto é, se a princípio o participante se interessa por obras mais "fáceis", ele é gradualmente incentivado a ler livros que promovam a reflexão sobre a sociedade ou assuntos mais complexos.

b) No segundo encontro, intitulado "roda de leitura", os participantes apresentam o livro lido aos outros participantes, contando a estrutura do livro, os detalhes da trama, as características dos personagens, dúvidas sobre a narrativa, os sentimentos despertados pelo trabalho, os pontos positivos ou negativos, se têm alguma dificuldade em ler, etc. Os demais participantes expressam sua opinião sobre o livro apresentado, trazendo outras interpretações e opiniões também. Não é necessário que o participante tenha terminado de ler o livro. Nesses casos e, ele pode apenas apontar suas primeiras impressões da leitura realizada.

Sobre essa dimensão intersubjetiva e dialógica que a leitura provoca, Zilberman destaca:

> Se esse é o ângulo individual da leitura, o ângulo social decorre dos efeitos desencadeados. O leitor tende a socializar a experiência, cotejar as conclusões com as de outros leitores, discutir preferências. A leitura estimula o diálogo, por meio do qual se trocam resultados e confrontam-se gostos. Portanto, não se trata de uma atividade egocêntrica ou narcisista, se bem que, no começo, exercida solitariamente; depois, aproxima as pessoas e coloca-as em situação de igualdade, pois todos estão capacitados a ela. (ZILBERMAN, 2008 pg.17-18)

Freire (1994) também reflete sobre a importância da leitura individual e coletiva:

> Antes da leitura em grupo, obviamente, como preparação para ela, cada participante faz sua leitura individual. Consulta este ou aquele instrumento auxiliar. Estabelece esta ou aquela interpretação, de um ou de outro trecho da

> leitura. O processo de criação da compreensão do que se vai lendo construído no diálogo entre os diferentes pontos de vista em torno do desafio, que é o núcleo significativo do autor. (FREIRE, 1994, p. 44)

Essa oficina funciona também como um "termômetro" ao mediador, para avaliação do nível de leitura e escrita do grupo e também as habilidades particulares dos participantes, com o objetivo também de se identificar e aprofundar alguns pontos importantes que poderão constar na resenha a ser escrita no final do ciclo. É "um adentramento" ao livro, possibilitando um caminho para que os conceitos sejam "compreendidos, e não mecanicamente memorizados." (FREIRE, 1990. p.18). Essa oficina também pode oferecer informações sobre os próximos passos necessários para preparação de material, o que contribui para a formação do grupo e outras atividades de leitura e a escrita.

Na maioria das vezes, é necessário identificar com eles e para junto deles os elementos da narrativa, os gêneros textuais, contextos sociais, culturais, políticos e históricos, escolas literárias, escritores, buscando relacionar a leitura com o contexto vivido ou apresentado, assim, o trabalho do mediador é fundamental a esse respeito.

c) Na terceira oficina, geralmente é o momento para a formação mais específica do grupo. Há uma tentativa de superar as dificuldades apresentadas pelos participantes. Os recursos utilizados neste encontro são fundamentais para possibilitar a superação das dificuldades detectadas.

Neste contexto, Freire (1994) nos mostra que:

> A compreensão do que se está lendo, estudando, não estala assim, de repente, como se fosse um milagre. A compreensão é trabalhada, é forjada, por quem lê, por que estudar que, sendo sujeito, se deve instrumentar para melhor fazê-la. Por isso mesmo, ler, estudar, é um trabalho paciente, desafiador, persistente. Não é tarefa para gente demasiado apressada ou pouco humilde que, em lugar de assumir suas deficiências, as transfere para o autor ou autora do livro, considerando como impossível de ser estudado. (FREIRE, 1994, p. 35).

As referidas oficinas têm sido oferecidas com textos de diversos gêneros, filmes, documentários, notícias, biografias, debates, entre outros. Silva (2014. p.153), afirma que esses suportes podem facilitar esse processo de leiturização, sendo o mediador cuidadoso ao enfatizar seu manuseio e uso de acordo com diferentes motivações para a leitura. São atividades que buscam despertar participação, aprendizado, superação e compreensão

crítica do tópico abordado. Essas atividades estão impregnadas das experiências dos participantes, dentro ou fora dos muros da prisão. É um trabalho coletivo onde todos podem aprender. Nesse sentido, concordamos com Freire (1996) quando afirma que:

> Não é difícil compreender, assim, como uma de minhas tarefas centrais como educador progressista seja apoiar o educando para que ele mesmo vença suas dificuldades na compreensão ou na inteligência do objeto e para que sua curiosidade, compensada e gratificada pelo êxito da compreensão alcançada, seja mantida e, assim, estimulada a continuar a busca permanente que o processo de conhecer implica. Que me seja perdoada a reiteração, mas é preciso enfatizar, mais uma vez: ensinar não é transferir inteligência do objeto ao educando mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito consciente, se torne capaz de inteligir e comunicar o inteligido. É neste sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele. (FREIRE, 1996, p. 134-135)

No que se refere à concepção de leitura assumida, temos as contribuições de Smolka (1989) que salienta:

> Falo da atividade de leitura como uma forma de linguagem, originária na dinâmica das interações humanas – portanto, de natureza dialógica – que, em processo de emergência e transformação no curso da História, marca os indivíduos (em termos cerebrais, mas não genéticos) e configuram as relações sociais. Falo de leitura não como mero "hábito" adquirido, mas como atividade inter e intrapsicológica, no sentido de que os processos e efeitos desta atividade de linguagem, transformam os indivíduos, enquanto mediam a experiência humana. (é essa dimensão inter e intrapsicológica, que distingue a atividade de escovar os dentes, da atividade de ler jornal todas as manhãs). Falo, portanto, da leitura como mediação, como memória e prática social. (SMOLKA, 1989, p. 28)

Como se observa, a partir desse panorama teórico, o que nos interessa, para o desenvolvimento de projetos, é a possibilidade de o participante fazer relações de leitura com o contexto social em que está inserido e não apenas adquirir ou melhorar o hábito de ler para escrever a resenha ou passar seu tempo ocupado enquanto estiver preso.

Na oficina de redação, para incentivar os alunos a produzir e revisar textos, são oferecidas várias formas de expressão como escrever notas, cartas, poesia, textos curtos, resumos, sempre enfatizando que não há certo e errado. Nesses textos, encontramos muitos erros de ortografia, em grande parte um reflexo das lacunas do ensino básico (no caso dos que frequentaram essa etapa da escolarização). Por outro lado, encoraja-se ali a releitura da produção escrita, a busca de palavras erradas, porque a correção ortográfica não é o foco da oficina, mas o incentivo à escrita. No transcorrer da realização das oficinas, principalmente a da escrita, fica "cada vez mais evidente, a importância dos processos de mediação, na

elaboração do conhecimento sobre a escrita" (SMOLKA, 1989, p. 34). Se o foco da oficina for apenas a avaliação da escrita, desestimula-se a participação dos privados de liberdade que ficam inibidos com as suas dificuldades. Se for valorizada apenas a escrita "correta" e essa for "considerada como um objeto que se adquire e pode possuir, funciona como instrumento de poder, como forma de avaliação do saber, como meio de discriminação e dominação." (SMOLKA, 1989, p. 39) Não é o caminho percorrido nas oficinas de leitura que desenvolvemos.

d) O quarto encontro é a oficina de resenha. Essa é a mais esperada pelos participantes, afinal, é o resultado desse processo que será enviado à Vara de Execuções Criminais - VEC ou DEECRIM - através de instrumentais (ver anexos 06, 07,08 e 09) que atestam e validam a participação dos presos, que possibilitará, em caso de aprovação, a remição de pena.

De acordo com o Dicionário Aurélio: resenha é 1— Enumeração. 2 — Relação. 3 — Descrição minuciosa. 4 — Resumo detalhado de um texto. 5 — Análise crítica de um artigo ou de uma obra. Com esta definição a resenha se configura em uma escrita que propõe a construção de relações entre as propriedades do livro que está sendo lido, enumerando-o, descrevendo-o, resumindo, tecendo comentários pessoais e julgamentos de valor sobre o que está sendo analisado.

Com a resenha, o privado de liberdade tem a oportunidade de ler e escrever a sua palavra, o que compreendeu do livro, emitindo sua visão de mundo, suas impressões e sua opinião.

A participação nas oficinas reafirma o compromisso com a leitura e estimula o debate, oportunizando os pontos de vista daqueles que leram o livro, o aumento do prazer de descobrir novos contextos e muitos se sentem encorajados a continuar, opinar e participar do projeto.

As oficinas são a essência desse projeto, pois, ao longo do mês, é possível acompanhar cada participante e acompanhar o desenvolvimento da leitura e da escrita.

O posicionamento pedagógico diante dos projetos de leitura é o de me solidarizar com os participantes, na qualidade de mediadora. Como afirma Zilberman "servindo-lhes de veículo para a manifestação pessoal e colaborar para a sua autoafirmação." incentivando "às suas próprias experiências." (ZILBERMAN, 2008, p. 18). Os projetos de leitura ajudam os participantes a continuar lendo um livro, a procurar livros e outros gêneros, a reunir pessoas que compartilham suas experiências de leitura em solidariedade. Pensar no papel da leitura na prisão significa refletir sobre sua contribuição para a vida das pessoas em

privação de liberdade, por meio de atividades que incentivem a participação e a convivência, o crescimento, a emancipação do sujeito do desenvolvimento pessoal e coletivo. Segundo Zilberman (2008):

> A experiência da leitura decorre das propriedades da literatura enquanto forma de expressão, que, utilizando-se da linguagem verbal, incorpora a particularidade dessa de construir um mundo coerente e compreensível, logo, racional. Esse universo, da sua parte, alimenta-se da fantasia do autor, que elabora suas imagens interiores para se comunicar com o leitor. Assim, o texto concilia a racionalidade da linguagem, de que é testemunha sua estrutura gramatical, com a invenção nascida na intimidade de um indivíduo; e pode lidar com a ficção mais exacerbada, sem perder o contato com a realidade, pois precisa condicionar a imaginação à ordem sintática da língua. Por isso, a literatura não deixa de ser realista, documentando seu tempo de modo lúcido e crítico; mas revela-se sempre original, não esgotando as possibilidades de criar, pois o imaginário empurra o artista à geração de formas e expressões inusitadas.
> Dúbia, a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. (ZILBERMAM, 2008, p. 18)

Fatores como a imaginação, comparações entre leitura e universo existencial, são condições essenciais para a promoção da reflexão e comparação com a realidade vivida, reconhecendo-se como sujeito capaz de observar criticamente a realidade em que vive.

Ao apresentar a estrutura das oficinas realizadas dentro do projeto de leitura, nas duas unidades prisionais pesquisadas, não pretendemos expor um modelo rígido para sua realização. Como dito anteriormente, o desenho das oficinas foi construído e constituído com prática, durante seis anos de operação e com a interação com os participantes dos projetos, tendo a sensibilidade de construir uma experiência que atendesse às necessidades e interesses dos participantes, nesse ambiente em que estão inseridos.

As formações dos projetos buscam conquistar um número maior de leitores que possam usar a leitura para os mais diversos fins, como ocupar o tempo (fruição), buscar conhecimento, entre outros, além da remição de sentenças e o treinamento de escritores que conseguem expor seus entendimentos sobre o que foi lido, para registrar claramente e sem medo o que pensam e sentem.

Embora a estrutura das oficinas seja semelhante, existem diferenças no seu desenvolvimento entre as duas unidades. No Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia, um regime semiaberto e população masculina, após breves discussões sobre os livros, as atividades de leitura e escrita são muito valorizadas pelos participantes, que os

preparam para escrever a resenha. Na Penitenciária Feminina de Campinas, regime fechado, as oficinas são muito mais baseadas nas emoções despertadas pelos livros, pelas narrativas e personagens, levando a intensos debates sobre esses aspectos e somente depois eles desejam redigir a resenha.

Deram-se num longo e difícil caminho a construção e manutenção dos projetos. Existem vários fatores que podem impedir o desenvolvimento de projetos, tal como a grande mobilidade dos participantes que recebem liberdade ou são transferidos de uma unidade prisional. Outro motivo de dificuldade é a brusca retirada do projeto. Existem muitos fatores neste sentido: o fato de os participantes acreditarem, especialmente no Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia - CPPH, que há preconceito para interromper o processo em andamento, no VEC ou DEECRIM[60], para a contagem da remição pela leitura, e assim ter que esperar mais tempo na prisão. Ao invocar a iniciativa de sair do projeto de leitura, a principal questão levantada pelo participante é que, ao solicitar essa demissão, sofrerá perdas no processo, juntamente com a unidade prisional e terá a visão negativa do juiz de suas ações dentro da penitenciária, influenciando negativamente sua liberdade. Assim, muitos decidem sequer começar.

Outro ponto importante é a dificuldade encontrada no próprio exercício de leitura do livro, via de regra num ambiente com muitas pessoas, e consequentemente, os barulhos produzidos pelas conversas, televisão ou rádio que dificultam a concentração no texto. Há ainda aqueles que preferem trabalhar.

A juíza encarregada dos presos do Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia diz que sempre observa as ações dos privados de liberdade, entendendo que, se estudam, trabalham ou participam de atividades complementares, é um fator positivo por parte do prisioneiro, na busca de sua reintegração social, pois se distancia do universo criminoso. Os privados de liberdade sabem disso muito bem.

Por outro lado, qualquer ação que interfira na segurança é motivo para suspender as atividades educacionais e outras áreas como saúde, trabalho.

A pouca participação e o precário envolvimento do comitê interno que validam as ações de leitura na prisão, apenas avalia as resenhas, corrigindo os erros ortográficos e raramente participam das oficinas pedagógicas. Limitam-se a elaborar os documentos

[60] O DEECRIM é responsável por processar todas as ações dos privados de liberdade nas unidades da base territorial, no caso de Campinas e Hortolândia, e também é responsável pelo departamento de assuntos internos das prisões.

necessários para a solicitação da remição de pena pela leitura e a encaminhá-los para a VEC/DEECRIM.

Diante do exposto, é necessário um amplo debate, entre todos os envolvidos, para melhorar a oferta de projetos de leitura nas unidades prisionais.

5.3.1 Projeto A leitura liberta: presídio masculino

O projeto "A Leitura Liberta" foi iniciado em setembro de 2013, no Centro de Progressão Penitenciária em Hortolândia. Este projeto tem sido desenvolvido na sala de leitura, localizada no pavilhão da escola da unidade prisional. Hoje temos duas turmas, com 25 participantes cada. A primeira oficina acontece às terças-feiras e os privados de liberdade que trabalham (dentro ou fora da unidade prisional, durante o dia), participam à noite. O funcionamento da oficina é das 17:00 às 19:00 horas. A segunda turma acontece às quintas-feiras e nela participam os que não estão trabalhando, por motivos diversos, e ficam até serem encaminhados para um trabalho, quando são transferidos para o período da noite, em caso de manifestação de interesse. O funcionamento da oficina é das 09:00 às 11:00 horas.

Para o conhecimento do projeto de leitura na unidade prisional, os cartazes são afixados nos raios[61] e na biblioteca. Os privados de liberdade também são informados pela equipe de reintegração social, nas reuniões aos recém-chegados à unidade prisional.

A entrada dos participantes no projeto "A Leitura Liberta" começa com o preenchimento de um formulário, contendo nome, registro, célula e um espaço para inserir informações sobre o interesse em participar do projeto. Assim, os interessados ficam em lista de espera, até o início do novo ciclo, que dura 30 dias. O ciclo ocorre no início de cada mês, quando novos participantes são adicionados.

Quando convidado a participar do projeto, o futuro participante preenche um formulário (ver anexo 05) que contém seus dados pessoais, suas intenções e expectativas, hábitos de leitura e o gênero literário de que mais gosta. Esse formulário apresentará um perfil básico do grupo, colaborando na formulação de atividades educativas, necessárias para o melhor aproveitamento dos livros.

[61] Raio é o equivalente a um pavilhão em um presídio. Neste local, estão inseridas as celas, local onde os presos moram, recebem os visitantes, tomam sol, praticam atividades físicas, etc.

O único pré-requisito para participação é a competência em leitura, conforme determinado pela Resolução CNJ nº 276 e pela Portaria DEECRIM[62] nº 55. Sobre tal exigência, cumpre salientar que para os detentos que não são alfabetizados, talvez fosse bastante oportuna a promoção de leitura por terceiros e debates sobre as obras em questão. Seria uma importante ação afirmativa para esse público, já excluído também fora das prisões, em função dessa condição. As resenhas poderiam ser gravadas em vídeo, por exemplo.

Ainda seria importante a superação da limitação da leitura de um livro por mês, considerando também o fato de que, em algumas unidades, não há oferta de emprego e educação para todos, o que inviabiliza o direito à remição de pena através desses recursos.

5.3.2 Projeto Ciranda da leitura - lendo para libertar: presídio feminino

O Projeto "Ciranda da Leitura: Leitura para Liberar" foi iniciado em novembro de 2013, em conformidade com a portaria do Juiz do Tribunal de Execução Penal de Campinas, nº 02/13 (ver anexo 10), que regulamenta sua aplicação na prisão unidades em Campinas e Hortolândia. Sua estrutura foi projetada para oferecer às partes interessadas, além da remição de sentenças, um espaço para leitura e reflexão sobre obras literárias, além de oficinas para interpretação e produção de resenhas, tendo sido ajustado nos primeiros meses de sua realização.

As oficinas acontecem semanalmente, toda quarta-feira, das 8:00 às 10:00 horas. A divulgação é feita com pôsteres e as partes interessadas enviam um ticket ao monitor da biblioteca, que o colocará em uma lista e este será enviado, no final do mês ao setor educacional que formulará a lista de participantes. A média de participação das privadas de liberdade é de 15 educandas.

[62] DEECRIM é a unidade regionalizada, da 4ª Região Administrativa Judiciária – RAJ, de Campinas. Tem a responsabilidade de processar todos os feitos dos privados de liberdade, nas unidades da base territorial e com atribuição do serviço de corregedoria dos presídios de todos os estabelecimentos prisionais. A região abrange as unidades prisionais das cidades: Jundiaí, Itatiba, Vinhedo, Várzea Paulista, Campo Limpo Paulista, Francisco Morato, Franco da Rocha, Cajamar, Caieiras, Bragança Paulista, Pinhalzinho, Piracaia, Atibaia, Jarinu, Moji Mirim, Mogi Guaçu, Conchal, Itapira, Vila Mimosa, Valinhos, Paulínia, Cosmópolis, Rio Claro, Brotas, Itirapina, Limeira, Araras, Cordeirópolis, Pirassununga, Santa Rita do Passa Quatro, Porto Ferreira, Leme, Piracicaba, Rio das Pedras, Capivari, Monte Mor, Laranjal Paulista, São Pedro, Tietê, Cerquilho, São João da Boa Vista, Aguaí, Espírito Santo do Pinhal, Vargem Grande do Sul, Americana, Nova Odessa, Santa Bárbara D'Oeste, Sumaré, Amparo, Pedreira, Jaguariúna, Serra Negra, Águas de Lindóia e Socorro.

O trabalho começa com a escolha do livro, passando pelas atividades pedagógicas e sendo finalizado com a produção da resenha que será enviada à Vara de Execução Criminal para o alcance da remição de pena.

Nas oficinas, são realizadas atividades que auxiliam na melhor interpretação dos livros lidos e têm o objetivo de possibilitar às presas a reflexão e articulação com o cotidiano.

Imagem 28: Sala de aula usada para o desenvolvimento do projeto de leitura



Arquivo pessoal (abr. 2018)

Imagem 29: Parede decorada com o tema do livro Pequeno Príncipe



Arquivo pessoal (abr./2018)

No trabalho com o livro, na PFC, recursos audiovisuais são produzidos para o estímulo ao debate. Sobre tal recurso, Silva (2014) assinala que:

> [...] a estimulação ambiental somente ganha o seu sentido maior quando acompanhada de exemplos e modelos de leitores ou, como se diz atualmente, de "mediadores" que dinamizem e valorizem as interações com os escritos. Ler para..., ler com..., ler junto..., ler e discutir... etc. são ações familiares e essencialmente pedagógicas que podem facilitar muito a caminhada dos leitores em direção à sua independência e autonomia que, uma vez atingidas, fazem o leitor caminhar por si mesmo, sem a necessidade de incentivos externos. Quando ele atinge o patamar da autonomia, as práticas de leitura são automotivadoras, valendo por si mesmas e permitindo ao leitor gerar várias satisfações para si conforme a circunstância em que estiver e conforme o tipo de curiosidade que puder movimentar a sua busca por textos. (SILVA, 2014. p.151-152)

Esses estímulos potencializam o debate sobre os livros.

5.4. A formação humanizada de leitor@s, no espaço de privação de liberdade

> *Os livros são moradas emprestadas, onde é possível se sentir protegido e sonhar com outros futuros, elaborar uma distância, mudar o ponto de vista. (PETIT, 2010, p. 284)*

Apresentamos aqui um retrato das características e perfis de leitores encontrados nas unidades prisionais, apontadas anteriormente, onde se desenvolvem os projetos de leitura.

De acordo com as narrativas dos participantes do projeto, nem todos que lêem procuram os projetos de leitura, por vários fatores: querem ler sem compromisso com a realização de atividades, preferem trabalhar ou receber a remição pelo trabalho, acham incoerente haver 30 dias para ler o livro e receber apenas quatro dias de remição, acreditam que prejudica o andamento do processo penal que pode ficar parado na vara de execuções, configurando um tempo maior na prisão, entre outros motivos.

As práticas de leitura nessas prisões são configuradas, portanto, pela relação de dois elementos principais: o leitor (em situação de privação de liberdade) e o contexto prisional (instituição fechada). Diante disso, vínhamos questionando sobre como os participantes davam sentido à leitura e às experiências que ocorrem nos projetos.

Para a realização deste estudo, juntamente com os formulários entregues na primeira participação, 50 formulários (ver anexo 05) foram escolhidos aleatoriamente, respondidos pelos participantes do projeto de leitura, entre nos anos de 2013 e 2018, na Penitenciária Feminina de Campinas e no Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia.

Duas perguntas foram selecionadas. Foram perguntas abertas em que se observam algumas preferências dos leitores:

Tabela 14: Interesse e procura pelo projeto de leitura

Nº	RESPOSTAS	HOMEM	MULHER
1.	Aperfeiçoamento na leitura	6	2
2.	Aprendizado	4	14
3.	Comunicar-se melhor	---	1
4.	Conhecimento	26	9
5.	Distração	3	---
6.	Entendimento	2	---
7.	Esquecer os problemas	1	---
8.	Ensinar	---	1
9.	Gostar de ler	13	13
10.	Hábito saudável	---	1
11.	Interesse pela leitura	5	2
12.	Interesse pelo projeto	---	1
13.	Melhorar a leitura	---	1
14.	Melhorar o vocabulário	2	---
15.	Mudar de vida	---	1
16.	Ocupação	9	10
17.	Participava de projeto de leitura em outra prisão	1	---
18.	Passar o tempo	2	3
19.	Remição	13	17
20.	Ressocialização	1	---
21.	Terapia	1	4

Elaborado pela autora

Destacamos três respostas mais significativas quanto aos objetivos desta pesquisa. A primeira é em relação à busca de conhecimento pelos homens como sendo o motivo mais citado. As mulheres, por outro lado, relataram que estão buscando a remição da sentença. Gostar de ler aparece como uma segunda opção e, entre os sexos, apresenta-se numa mesma proporção. Na terceira resposta, as mulheres apontam para a aprendizagem e os homens para a remição da punição.

A segunda questão selecionada ressalta o interesse dos privados de liberdade pelas leituras que gostam de fazer e pelos livros que procuram na coleção da biblioteca. Aqui

também podemos conceber a leitura como uma produção de significados que ocorre a partir de interações sociais ou relações dialógicas que ocorrem entre o leitor e o livro.

Destaca-se também que, como muitos não têm conhecimento prévio dos gêneros literários, foram dadas respostas diferentes para a pergunta sobre o gênero preferido. Salienta-se ainda que, por se tratar de uma pergunta aberta, a maioria dá mais de uma resposta, como se vê na próxima tabela:

Tabela 15: Gênero literário de preferência: Penitenciária Feminina de Campinas e Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia

Nº	RESPOSTAS	HOMEM	MULHER
1.	Autoajuda	9	---
2.	Arquitetura	1	---
3.	Artes	1	---
4.	Ação	6	4
5.	Aventura	2	2
6.	Biografia	3	---
7.	Comédia	---	2
8.	Conhecimento geral	1	6
9.	Contos	3	5
10.	Documentário	1	---
11.	Drama	1	1
12.	Educação dos filhos	---	1
13.	Fábulas	1	1
14.	Ficção	6	3
15.	Filme	2	---
16.	Filosofia	---	2
17.	Futebol	1	---
18.	História	9	1
19.	Histórias em quadrinhos	1	1
20.	Literatura estrangeira	--	1
21.	Livro didático	---	1
22.	Mitologia	3	---
23.	Não Respondeu	2	2
24.	Pesquisa	1	---
25.	Poesia	1	2
26.	Policial	3	1
27.	Psicologia	4	---
28.	Qualquer gênero (todos/geral)	3	7
29.	Religião	9	11
30.	Reportagem	1	---
31.	Romance	9	30
32.	Suspense	6	3
33.	Terror	2	1

Elaborada pela autora

O romance aparece como o principal interesse pela maioria das mulheres privadas de liberdade, conforme os formulários, e os livros religiosos, na sequência. Já nas respostas dos homens privados de liberdade, nota-se um interesse mais diluído dos assuntos. Os homens demonstraram interesse em primeiro lugar por livros que contêm: fatos históricos e autoajuda, seguido por livros de ação e ficção.

Com relação aos livros religiosos, aponto alguns prováveis motivos para aparecerem como prediletos: busca de alternativas espirituais para o ambiente prisional, a presença de instituições religiosas nos finais de semana nos presídios e o grande acervo de exemplares por elas ofertados a essa população.

Dados como esses são importantes para elaboração da política pública para remição de pena pela leitura.

A escolaridade pode ser uma das maiores barreiras que encontramos neste projeto. De acordo com pesquisas recentes, a maioria dos privados de liberdade não concluiu o ensino fundamental, o que influencia diretamente na oferta das atividades para a compreensão da leitura e produção escrita e até mesmo no direito à participação dessa alternativa de remição.

As atividades desenvolvidas nas oficinas procuram atender todos os níveis de escolaridade. Entre os participantes, encontramos desde alunos que não entendem o que leem, até aqueles que já conseguem fazer diversas inferências sobre os livros lidos, pois é por meio da linguagem (também escrita) que o sujeito distingue os significados da cultura em que está inserido, estabelecendo relações entre as informações. Dessa forma, podem construir sentidos para/sobre si mesmos e para/sobre o mundo.

Nesse movimento partilhado em grupo, existe ainda uma potencialidade de compreensão, como nos lembra Freire: "No fundo, a leitura em grupo faz emergir diferentes pontos de vista que, expondo-se uns aos outros enriquecem a produção da inteligência do texto". (FREIRE, 1994, p. 43)

Para os participantes que não concluíram o ensino fundamental, há o incentivo de matrícula na escola da unidade prisional, para que concluam os estudos e continuem participando do projeto de leitura. Ao serem solicitados a escolherem os livros para leitura, estes ainda procuram os que possuem menos páginas, mais imagens e os infanto-juvenis, considerados por eles de fácil compreensão.

Devido à diversidade de pessoas presentes no mundo intramuros, as oficinas são estruturadas através das expectativas, escolaridade e das experiências de leitura desses privados de liberdade. O projeto foi se delineando ao longo dos anos, possuindo uma

estrutura básica, mas não rígida, para o seu desenvolvimento. Assim, para contemplar uma proposta formativa, as oficinas são constituídas de, no mínimo, quatro encontros mensais.

Dentro dessa estrutura, a organização das atividades sofre alterações de acordo com o desenvolvimento da turma, o processo de aprendizagem, os interesses apontados, expectativas levantadas e das necessidades pedagógicas. A participação ativa dos alunos é fundamental para que as oficinas atendam as principais demandas e expectativas desses envolvidos. Tal percepção foi construída ao longo do desenvolvimento do projeto, configurando-se como uma ação mais rica e significativa para todos os envolvidos. Por um lado, atendendo às necessidades e desejos do participante e, por outro, a elaboração de atividades que elevam o nível de participação, compreensão do livro lido e a produção de resenha, aumentando assim os êxitos nas atividades de leitura e escrita.

O mediador tem a função de aprimorar as possibilidades de domínio na leitura e na escrita para que os participantes das oficinas compreendam e aprimorem suas práticas sociais. Observou-se que, desta forma, os envolvidos vão ficando motivados a participar, já que encontram um ambiente contínuo de descobertas e aprendizado. Justamente nessa direção que outras possibilidades artísticas são trazidas, pelo mediador, nesses encontros, por se conceber que: "A arte não apenas representa a vida, mas pela recriação do leitor, mostra como a vida poderia ser de outra maneira." (SILVA, 2014. p. 153). Tais turmas configuram-se, portanto, num espaço onde todos cooperam para o próprio aprendizado e para o dos outros participantes.

Neste cenário, importante salientar que o trabalho do mediador não é para, mas com os participantes. Esse processo busca inovação, humanização das/nas relações e aprendizagens mútuas, numa construção dialógica e coletiva.

Nesse sentido, Bordini (1988) afirma:

> O acesso aos mais variados textos, informativos e literários, proporciona, assim, a tessitura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo que gera vínculos entre o leitor e os outros homens. A socialização do indivíduo se faz, para além dos contatos pessoais, também através da leitura, quando ele se defronta com produções significantes provenientes de outros indivíduos, por meio do código comum da linguagem escrita. No diálogo que então se estabelece o sujeito obriga-se a descobrir sentidos e tomar posições, o que o abre para o outro. (BORDINI, 1988, p. 10)

Nesse mesmo contexto, as dificuldades na realização das oficinas de leitura são vistas como indicadores do processo para a (re)construção das oficinas.

O melhor entendimento da leitura do livro, o trabalho na construção da escrita e a busca de maneiras de remediar as lacunas escolares são alguns aspectos desenvolvidos nas oficinas para ajudar os (as) detentos (as) a superar as dificuldades encontradas, assim como encontrar meios para um processo de emancipação subjetiva e social, a partir da realidade que vêm enfrentando. Freire (1996) aponta que:

> Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos "conhecimentos de experiência feitos" com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 1996, p. 71)

Alguns dos participantes dos projetos de leitura - principalmente aqueles que procuram, com destaque, a remição da punição - percebe-se, através dos relatos, uma grande dificuldade em continuar participando das oficinas. Muitos começam a ler um livro quando entram no projeto, acreditando que será um processo fácil, lendo um livro e escrevendo uma resenha, mas acaba parecendo muito difícil, posteriormente. Mesmo para um resumo simples, obviamente, é preciso compreender o que se lê.

Encontramos nesses participantes, os seguintes desafios:

- Na construção de sentidos do livro;
- a leitura no nível da decodificação;
- a falta de conhecimento dos significados de palavras;
- uma visão "restrita" do mundo que o cerca. (concebendo-se aqui os bens simbólicos e culturais, destacadamente);
- desconcentração;
- grande ansiedade, pois, querem/precisam escrever logo a resenha;
- baixa escolaridade;
- pouca familiaridade com a leitura e a escrita.

Neste sentido, é importante destacar que alguns participantes leram pela primeira vez um livro completo, apenas na prisão.

Diante disso, é necessária, a elaboração de estratégias pedagógicas, para superação dessas dificuldades, oportunizando a todos, a chegada ao fim do ciclo, para não privilegiar somente aqueles que têm familiaridade facilidade em desenvolver as atividades, uma vez

que, “[...] ninguém que lê, que estuda, tem direito de abandonar a leitura de um texto como difícil porque não entendeu o que significa, por exemplo, a palavra epistemologia”. (FREIRE, 1994, p.34).

Para Freire, é bastante importante a reflexão sobre a prática na relação com os alunos, tal como foram concebidas as relações nas oficinas de leitura aqui relatadas:

> A generosidade é uma virtude que devemos aprender e exercitar. Aprendi a observar minhas posturas docentes e pude identificar a presença dessa virtude. Quanto à generosidade, vejo isso em minha relação com os alunos, quando respeito os seus saberes e suas dificuldades e ofereço-lhes os meios para que possam superá-las. Nessa vertente, o professor deve sempre buscar melhorar sua prática e formação, visto que “o professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe” (FREIRE, 2010. p. 92).

Diante disso, as oficinas têm procurado oportunizar aos participantes:

- O trabalho com textos de diversos gêneros literários para que desenvolvam estratégias que contemplem múltiplas competências e habilidades de leitura;
- o desenvolvimento de atividades para que os participantes construam hipóteses de leitura;
- a construção de textos, considerando as várias informações presentes nas leituras realizadas;
- o incentivo para a criação de inferências a partir dos textos trabalhados;
- a apresentação de gêneros pouco familiares;
- o reconhecimento do ponto de vista do autor;
- a identificação e debates sobre os conflitos gerados pela narrativa.

Essas estratégias visam ajudar os participantes que apresentam as dificuldades mencionadas a se movimentarem com maior autonomia pela cultura letrada, promovendo tanto a leitura literária como fonte de aprendizado, prazer e reelaboração da realidade em que vivem. A leitura, nessa concepção, tem um papel fundamental na ampliação do conhecimento, arregimentando uma proposta educacional estimulante para que a aprendizagem aconteça, bem como favorecendo a participação dos envolvidos, tal como Freire nos lembra: “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. (FREIRE, 1990, p. 5)

Como já apontado anteriormente, nesse bojo, a literatura se configura como uma forma de ampliação da visão de mundo, fazendo com que o leitor se coloque no lugar do outro e possa fazer observações de novos pontos de vista. Assim, Zilberman afirma:

> A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo. (ZILBERMAM, 2008, p. 18).

Na mesma direção do depoimento da autora, os projetos de leitura desenvolvidos nas unidades prisionais buscam proporcionar uma transformação, a partir do sujeito envolvido no ato de ler, considerando uma possível mudança de perspectiva em relação aos diferentes contextos em que estão inseridos e seus respectivos papéis nesse ínterim.

A leitura desafia o participante a assumir sua própria posição como sujeito, expandindo sua compreensão de mundo, sua participação na construção do conhecimento, sua emancipação e reflexão sobre sua condição atual e futura. O papel do educador deve ser o de intervir no progresso inerente ao processo de construção do conhecimento dos participantes O mediador da leitura e os alunos precisam estar juntos na ação que envolve redescobertas e infinitas possibilidades, entendendo que a leitura é um elemento essencial para a vida dentro e fora dos muros da prisão.

As leituras realizadas nos projetos oferecidos aos privados de liberdade podem fazê-los elevar os conhecimentos sobre si, sobre o mundo, transformando-o. Também podem oportunizar novas indagações e conexões, a partir de um envolvimento afetivo com as histórias trazidas pelos personagens que povoam as obras (não apenas do ponto de vista cognitivo e técnico envolvido).

Do mesmo modo, Freire (1996) salienta sobre as práticas pedagógicas progressistas e democráticas:

> Deve fazer parte de nossa formação discutir quais são estas qualidades indispensáveis, mesmo sabendo que elas precisam de ser criadas por nós, em nossa prática, se nossa opção político-pedagógica é democrática ou progressista e se somos coerentes com ela. É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça,

> não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. (FREIRE, 1996, p. 11)

A amorosidade, o compromisso com a aprendizagem, o incentivo à superação dos obstáculos, com a pesquisa, a valorização do conhecimento prévio do educando, assim como a construção coletiva do conhecimento estão presentes no desenvolvimento do projeto, uma vez que: "De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável às mudanças". (FREIRE, 1996, p. 11)

Até agora, abordamos os participantes do projeto que, de alguma forma, têm - como proposto na legislação, a aplicação de projetos de leitura nas unidades prisionais - habilidades de leitura e escrita. Já apontamos a leitura e a escrita de alguns participantes no nível fundamental, mas e os que não sabem ler ou escrever? Para eles, não seria possível ler (disponibilizar um ledor) ou promover debates para discussão sobre o livro, grava-los e depois transcrever? Não participa do projeto? Somente a resenha escrita após a leitura do livro pode servir como uma medida da leitura realizada? Essa estrutura proposta pelas leis não é, de alguma forma, exclusiva? Por que apenas ler um livro por mês? Não poderiam ser dois ou três, já que em algumas unidades não há oferta de emprego e educação para todos?

Deixamos aqui as questões para a promoção de debates sobre o tema.

5.4.1 Leitor@s (in)visíveis: participação e recorte de identidade de gênero/ sexualidade

> *Lésbica, gay e bi, o famoso LGBT, mas também o H são rótulos que não cabem pra nós, pessoas trans, são rótulos para pessoas cis (cis é o contrário de trans.: ou você é um ou outro, não tem muito como fugir disso) A gente arrebenta esses conceitos todos. (MOIRA, 2016, p. 187)*

Pensemos em tudo que ouvimos falar ou lemos sobre uma vida trans. Imaginem agora essa pessoa em privação de liberdade nas prisões brasileiras. Se nessas prisões encontramos pessoas que não são lembradas pela sociedade, suponham as condições dos transgêneros, como expressões de gêneros nômades. Essas expressões "enquanto potências que circulam, compõem os afetos atravessados pelas várias subjetividades e que necessitam se apropriar de tempos mais nômades, fluidos, não fixos, não rígidos e muito menos excludentes". (SALES et al., 2017, p. 76)

A resistência é produzida no próprio corpo dos sujeitos que se identificam como sujeitos-trans. Uma resistência aos modelos de vigilância e punição (FOUCAULT, 1986) contra os discursos conservadores, políticos e religiosos, ou por outras violências que silenciam e tentam domesticar esses corpos.

Em anos mais recentes, começamos a ouvir, no Brasil, a expressão "queer" para designar as pessoas que estão fora do modelo tradicional de orientação sexual ou de identidade de gênero. SALES (2017, apud PERES, 2013), esclarece que:

> Essa palavra ganha força a partir dos anos 80 com pesquisadoras e pesquisadores americanos e do Reino Unido que, atravessados por muitas crises e acontecimentos socioculturais, como a epidemia da AIDS, revertem os sentidos iniciais do uso da palavra para rotular pessoas LGBTs e contrapõem tais usos produzindo discussões e ativismos potencializando o posicionamento expressivo de contestação do termo (SALES et al. 2017 apud, PERES, 2013, p. 73).

Nesse sentido, concordamos com a afirmação dos autores: "as perspectivas queers são marcadas, aqui, por transgredir e desestabilizar os limites das "normalidades" ao dar visibilidade às pessoas que escapam e resistem aos poderes heteronormativos impostos na contemporaneidade". (SALES et al., 2017, p. 73).

São muitos os conceitos em nossa sociedade que definem como devem ser as pessoas quando nascem, crescem e quando tornam adultas. Esses processos de subjetivação normatizadores dizem respeito à construção social de sujeitos que repetem os padrões previamente dados e conservam certo modo de viver repetitivo disciplinado, e regulado socialmente. Na contramão desse processo, as pessoas trans, por exemplo, representam "performatividades estéticas alheias aos padrões binários cristalizados" (SALES et al., 2017, p. 76).

Esse caráter de subjetivação demonstra a força e a eficiência causada por aquilo que Foucault denominou biopoder: "o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na

espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder" (FOUCAULT, 2008, p. 03). Um dispositivo que teria dupla direção: de disciplinar os corpos e de regular a população.

O que pretendemos aqui não é um aprofundamento conceitual sobre as múltiplas formas de existência e os processos normatizadores nesse contexto, mas considerar que as pessoas trans, gays, lésbicas, entre outras, também se encontram em privação de liberdade, e colocar em perspectiva as condições de participação dessa população nas atividades de leitura nas prisões aqui consideradas.

Observamos em muitos locais a hostilidades contra a população LGBT, num país considerado como um dos mais violentos neste sentido, mas dentro da prisão parece ser ainda pior. Desde o momento do aprisionamento dessas pessoas, há relatos de agressões físicas e verbais. O silêncio impera.

O levantamento do Infopen apresenta dados sobre os tipos de estabelecimentos penais construídos somente para os gêneros feminino e masculino. São poucas as unidades que possuem cela separada para os presos LGBT.

Nesse aspecto, o relatório Infopen (2019, p. 20), aponta que "de todas as unidades cadastradas no Infopen, 74,8% destas destinam-se aos homens, 6,9% as mulheres e outros 18,1% são destinadas a ambos os públicos, havendo alas/celas destinadas para o aprisionamento de mulheres".

Gomes (2015) alerta que:

> Lésbicas, gays, bissexuais e transexuais (LGBT) presos, muitas vezes enfrentam desafios adicionais em relação aos prisioneiros heterossexuais. De acordo com a Organização Internacional de Direitos Humanos, os presos LGBT estão "entre os mais vulneráveis da população prisional." De acordo com um relatório divulgado, algo em torno de 67% dos presos LGBT foram agredidos enquanto estavam presos. A vulnerabilidade dos presos LGBT tem levado algumas prisões a separá-los de outros prisioneiros, enquanto em outras eles ficam alojados com os presos em geral. (GOMES, 2015)

Na Universidade Gadjah Mada, em Yogyakarta, Indonésia, em 2006, a Comissão Internacional de Juristas e o Serviço Internacional de Direitos Humanos elaboraram um conjunto de princípios jurídicos para a aplicação de uma legislação internacional, combatendo as violações de direitos humanos com base na orientação sexual. Os chamados "Princípios de Yogyakarta" apresentam uma consolidação abrangente da legislação de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. No Princípio 9 encontramos o seguinte:

> Toda pessoa privada da liberdade deve ser tratada com humanidade e com respeito pela dignidade inerente à pessoa humana. A orientação sexual e identidade de gênero são partes essenciais da dignidade de cada pessoa. Os Estados deverão: a) Garantir que a detenção evite uma maior marginalização das pessoas motivada pela orientação sexual ou identidade de gênero, expondo-as a risco de violência, maus-tratos ou abusos físicos, mentais ou sexuais; b) Fornecer acesso adequado à atenção medica e ao aconselhamento apropriado as necessidades das pessoas sob custódia, reconhecendo qualquer necessidade especial relacionada à orientação sexual ou identidade de gênero, inclusive no que se refere à saúde reprodutiva, acesso à informação e terapia de HIV/Aids e acesso à terapia hormonal ou outro tipo de terapia, assim como a tratamentos de redesignação de sexo/gênero, quando desejado; c) Assegurar, na medida do possível, que todos os detentos e detentas participem de decisões relacionadas ao local de detenção adequado à sua orientação sexual e identidade de gênero; d) Implantar medidas de proteção para todos os presos e presas vulneráveis à violência ou abuso por causa de sua orientação sexual, identidade ou expressão de gênero e assegurar, tanto quanto seja razoavelmente praticável, que essas medidas de proteção não impliquem maior restrição a seus direitos do que aquelas que já atingem a população prisional em geral; e) Assegurar que as visitas conjugais, onde são permitidas, sejam concedidas na base de igualdade a todas as pessoas aprisionadas ou detidas, independente do gênero de sua parceira ou parceiro; f) Proporcionar o monitoramento independente das instalações de detenção por parte do Estado e também por organizações não governamentais, inclusive organizações que trabalhem nas áreas de orientação sexual e identidade de gênero; g) Implantar programas de treinamento e conscientização, para o pessoal prisional e todas as outras pessoas do setor público e privado que estão envolvidas com as instalações prisionais, sobre os padrões internacionais de direitos humanos e princípios de igualdade e não discriminação, inclusive em relação à orientação sexual e identidade de gênero. (PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA, 2007, p. 18).

No estado de São Paulo, a Resolução da Secretaria de Administração Penitenciária – SAP, n.º 11, de 30/01/2014, dispõe sobre a atenção às travestis e transexuais no âmbito do sistema penitenciário. Com a publicação da Resolução, travestis e transexuais devem ter seus nomes, orientação sexual e identidade de gênero respeitado. Podem usar peças íntimas, feminina ou masculina, conforme seu gênero, além de poderem deixar o cabelo comprido. Os presos que passaram por processo cirúrgico de transgenitalização podem ser incluídos nas unidades prisionais do sexo correspondente.

Diante do exposto são visíveis que, as unidades prisionais necessitam organizarem-se para atender os LGBT, independente de seus crimes, eles vão pagar por seus atos e não devem pagar duplamente por ter uma identidade sexual distinta dos demais. No Brasil ainda se realiza muitos dos quesitos considerados minoritários.

A população LGBT é vulnerável quanto ao atendimento de seus direitos humanos, incluindo o acesso aos serviços públicos educacionais.

Na prisão, chegamos ao que se refere nesse estudo sobre essa população na participação nos projetos de leitura nas duas unidades prisionais acompanhadas. Desde o início dos projetos nas unidades pesquisadas, na Penitenciária Feminina de Campinas e no

Centro de progressão Penitenciária de Hortolândia, foram poucos os participantes LGBT (queers) que participaram dos projetos de leitura. Há uma presença, sensivelmente maior, no projeto de leitura da Penitenciária Feminina de Campinas, talvez porque nos presídios femininos há uma população trans mais presente.

A nossa percepção é de que eles priorizam, até por questão de sobrevivência financeira, os poucos trabalhos oferecidos a essa população, além de se resguardar das agressões verbais e olhares de reprovação dos demais presos. Nós os encontramos realizando serviços de limpeza das salas de administração, das celas ou lavando roupas para outros presos, ficando para o segundo plano, toda a questão prisional.

Numa conversa informal com uma travesti, que trabalhava na limpeza do espaço escolar, quando questionada que da sua não participação no projeto de leitura no Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia, ela expôs que "não gosto de participar, porque não quero ficar exposta aos olhares de reprovação dos outros presos sobre as minhas opiniões". A declaração evidencia a violência silenciosa vivenciada por esses sujeitos que procuram passar despercebidos entre a população carcerária.

Quando participam dos projetos de leitura, somente depois de alguns encontros é que começam a colocar suas impressões sobre a leitura dos livros, mesmo assim de forma muito tímida.

Cabe ressaltar, que não encontramos livros nas bibliotecas prisionais que abordam essa temática, sejam livros específicos sobre o assunto ou literatura que contenham relacionamentos trans entre os personagens, o que não viabiliza a discussão sobre esse tema, nos projetos dessa população.

O fomento à discussão sobre essa população busca como aponta SALES (2017):

> Romper com processos indenitários que dão limites para as construções indenitárias fixas, e se coadunam com posicionamentos políticos para defesa de estilísticas das existências que demandam efetivas garantias e equidade de direitos básicos à vida (a educação formal). (SALES et al., 2017, p. 75-76)

No geral, portanto, evidencia-se a invisibilidade desses sujeitos e a falta de alcance das atividades educacionais para essas pessoas que continuam desacompanhadas pelas políticas públicas de educação, sempre à margem.

A falta de atenção a esse público, por parte do Estado, e políticas públicas mais efetivas, podem ser configuradas como impedimento para o acesso dessa população a

direitos humanos básicos, o que foi acima salientado, tais como a educação e o acesso à literatura.

Sem ouvir ou dar voz e sem constituir relações com essas pessoas de forma dialógica, não há a possibilidade de trazer à tona a realidade vivenciada e "seus tempos flexíveis, seus corpos fluídos, vibráteis, expressões de gêneros nômades, vidas precárias e sexualidades múltiplas [...]". (SALES et al., 2017, p. 79)

O espaço das oficinas está aberto para recebê-l@s. Com a participação desses sujeitos, certamente se abririam outros modos de representação e debate que enriqueceriam a construção do conhecimento coletivo sobre a alteridade, podendo colocar os participantes em posição altruísta.

Diante do exposto, enfatizamos aqui a urgência de se aprofundar o tema dos direitos humanos para todos, também nas prisões - em ações promovidas pela sociedade, pelo Estado e pela pesquisa acadêmica - dando garantia à visibilidade da população LGBT e às condições dignas e edificantes para o cumprimento (e remição) de suas penas.

6. ENCONTROS E EXPLOSÕES: ARTES, ESCRITAS DE SI E OUTROS DIÁLOGOS.

> *Tudo mais, que aprendemos de ouvido ou que aprendemos nos livros, se evapora com o tempo e desaparece; só essas lições, que nos entraram pelos olhos e nos espalharam na alma as suas raízes, só essas conservaremos por toda a vida e levaremos conosco para a sepultura. (AZEVEDO, 2013, p. 158)*

Como apresentado anteriormente, as oficinas têm o objetivo de aprofundar o aprendizado, através da leitura e da escrita, bem como os resultados do processo de aprendizagem, sendo assim, serão aqui relatadas algumas atividades que foram desenvolvidas pelos privados de liberdade nesses encontros.

No decorrer desse processo, surgiu a necessidade de realização de atividades para o aprofundamento da leitura de obras literárias, a fim de aperfeiçoar a produção de escrita da resenha, proporcionando, assim, a elaboração de novos registros. A partir dos encontros, surgem os apontamentos das ações, das percepções, das falas e das escritas; tudo fica registrado na mente e em papéis, em forma de atividades, narrativas, poemas, cartas, bilhetes e anotações. São as memórias dos acontecimentos[63] ocorridos e que nos surpreenderam, antes, durante e depois das oficinas de leitura, ou seja, "uma reflexão do dizer e do acontecimento [...] Dizer o acontecimento é também dizer o que chega e tentar dizer o que é presentemente e se passa presentemente, logo dizer o que é, o que vem, o que chega, o que se passa". (DERRIDA, 2012, p. 235)

Os encontros com os livros geraram acontecimentos marcantes na vida de todos os envolvidos no processo de aprendizagem. A leitura nos preparou para a transformação e para um crescimento coletivo que nos proporcionou momentos de prazer. Ela, a leitura; eles, os leitores. Ambos, com os livros, foram essenciais para a criação das narrativas que seguem. Conforme Freire (1996):

---

[63] A abordagem sobre o conceito de acontecimento será abordado no capítulo (08) desta pesquisa, na perspectiva Derrida (2012), presente no artigo, "Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento".

> Como educador preciso de ir "lendo" cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo "leitura do mundo" que precede sempre a "leitura da palavra". (FREIRE, 1996, p. 90)

Além de apresentar as narrativas produzidas, recuperamos as vivências e experiências dos participantes nos projetos de leitura. O processo de reconstrução da subjetividade passa pela invenção e reinvenção de novos modos de existência e de observação do mundo que os cercam, impulsionando-os a se tornarem sujeitos mais éticos e mais libertários. Com as narrativas, construímos uma investigação direcionada ao modo de como eles e elas que, passando pelo aprisionamento, souberam se reconstruir e construir novos modos de ver e viver a vida, de alguma maneira. Na contracorrente dos modelos autobiográficos tradicionais confessionais, as narrativas aqui reproduzidas se configuram também como testemunho que reconstroem o presente, projetam o futuro, avaliam suas experiências e dão um novo sentido à leitura e à vida.

Para a reflexão sobre as narrativas, nos apoiaremos nos conceitos sobre a escrita de si, de corpo utópico e de heterotopia, em Foucault, e no conceito de dialogicidade de Freire.

O primeiro trabalho é o resultado de uma oficina de leitura, desenvolvida na Penitenciária Feminina de Campinas com o livro "O cortiço e a Cela", uma adaptação do livro "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo. Esse trabalho foi parte do livro digital (e-book) "Minorias, Direitos Humanos e Educação: caminhos propositivos em tempos difíceis", organizado como resultado dos trabalhos apresentados pelos alunos, no final da disciplina Minorias, Direitos Humanos e Educação, ministrado pela Professora Heloísa Lins, realizada no 2º semestre de 2017, na Faculdade de Educação da Unicamp. Neste capítulo, reescrevo aquelas ideias, apoiada já em novas reflexões.

O segundo trabalho consiste em respostas às cartas de muitos participantes das atividades educativas de leitura que desenvolvemos nas duas unidades prisionais, com a intenção de dialogar com a minha própria prática de educadora e as impressões sobre os impactos do trabalho educativo nas pessoas que me escrevem.

O terceiro trabalho realizado na Penitenciária Feminina de Campinas apresenta o resultado do 1º concurso de poesias, músicas e narrativas que resultou na elaboração de um livreto, publicado com o apoio dos "Mensageiros da Paz" do Centro Espírita Allan Kardec.

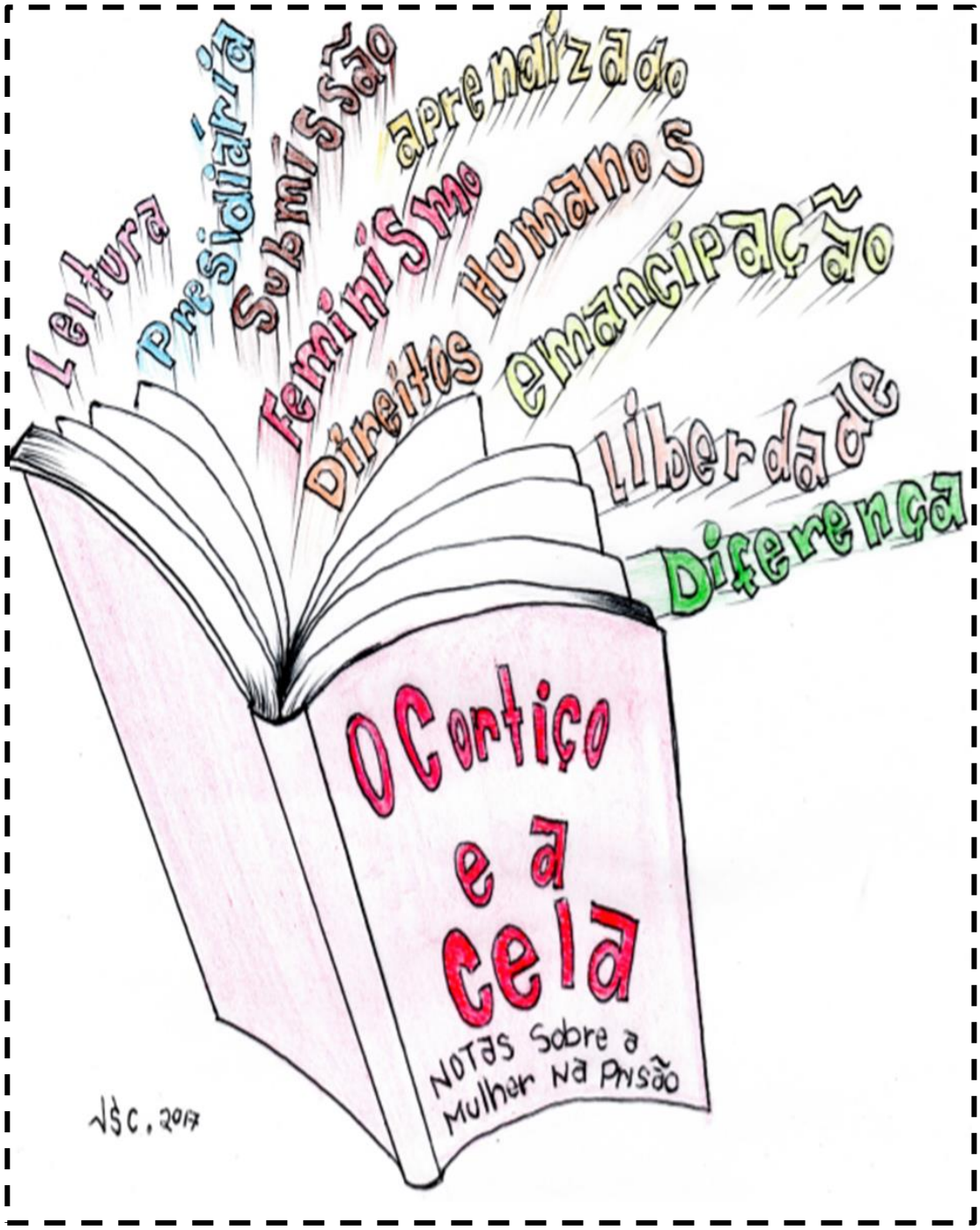
Os trabalhos acima apontados fazem parte da pesquisa desenvolvida na Penitenciária Feminina de Campinas e no Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia e não têm o objetivo de avaliação, mas a pretensão de dar visibilidade às práticas educativas e modos de subjetivação dos participantes das atividades de leitura.

A potência dos trabalhos a seguir, com as produções artísticas (fotos e imagens), bem como os relatos (depoimentos e cartas) dos privados de liberdade, demonstram que é possível oportunizar espaços para as criações diversas, de diálogo, de emancipação subjetiva, de ampliação das sensibilidades e abertura a outros modos de viver e conviver, mesmo em situação de privação de liberdade.

Vamos a eles!

6.1- O cortiço e a cela[64]

Imagem 30: O cortiço e a cela: notas sobre a mulher na prisão



[64] Adaptação do livro: O Cortiço de Aluísio de Azevedo. Capa produzida por Valdomiro Soares Costa (nome fictício), privada de liberdade no Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia.

Imagem 31: Nossas palavras



6.1.1 Vinculações

Nossas Palavras

Parte 1

Identificando
Projeto de Leitura

Parte 2

Aluísio de Azevedo
O Cortiço
Encontros
Filme: O Cortiço
O que é ser mulher?
Mulheres presas
Direitos Humanos e feminismo
Culminância
Atividade 1- minhas fotos e a escrita
Atividade 2 – Fotos: Somente Elas
Terminando - reflexões
Sobre as participantes

Parte 3

Perspectivas qualitativas do trabalho

6.1.2 - Parte 1

Mulheres na atualidade: um contexto a partir do aprisionamento feminino.

> *"Entre o dia de hoje e esse momento", disse minha avó. apenas viva e deixe viver. Ela era definitivamente imune ao fanatismo. Conhecia o segredo de conviver com situações em aberto, com conflitos não resolvidos, com a diferença do outro. (Amós Oz, 2004, p. 39)*

Mulher um assunto, urgente!

Nas questões abordadas na disciplina "Minorias, Direitos Humanos e Educação", a questão da mulher foi uma das que mais me chamaram a atenção. Encontramos leis específicas que garantem direitos que as mulheres conquistaram e construíram na história. Ainda estamos longe de garantir a igualdade em vários campos da nossa sociedade.

As mulheres conquistaram direitos políticos, civis e sociais, obtendo acesso à educação e alcançando maior participação no mercado de trabalho e no espaço público. Apesar disso, as mulheres ainda recebem menos (mesmo com o aumento da escolaridade e o obtenção de empregos com a mesma função que os homens) e realizam dupla jornada. Observam-se também os números crescentes de violência contra a mulher e aumento de sua participação no mundo do crime.

As mulheres em privação de liberdade são as pessoas destacadas aqui, principalmente porque estão inseridas em um espaço onde sofrem muitas violações de direitos, seja pelas autoridades públicas, pela Justiça, pelos agentes públicos e também pelas pessoas que estão acompanhando sua privação de liberdade.

Dezessete mulheres participam do projeto de leitura da Ciranda da Leitura: lendo de graça, das 411[65] mulheres que hoje estão encarceradas na Penitenciária Feminina de Campinas.

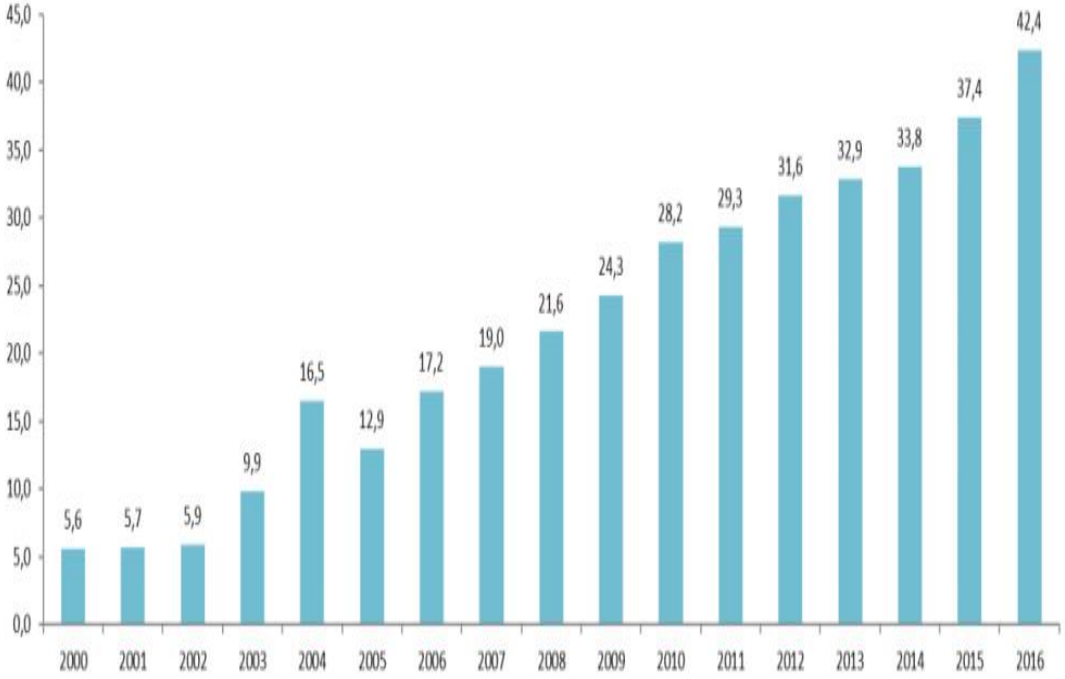
Essas mulheres, privadas de sua liberdade, têm necessidades específicas que muitas vezes não são atendidas pelo governo. Necessidades, garantias e direitos fundamentais, constantes da Constituição Brasileira e que não são removidos com a condenação. Elas e

[65] Dados do Siscopen (Sistema de Controle de Execuções Penais). Acesso em 10/05/2019.

outras prisioneiras, no Brasil e no mundo, são privadas de sua liberdade, em um sistema prisional construído a partir da perspectiva masculina. Invisibilidade está presente. Enfrentam dificuldades de convivência na unidade prisional, com a família, com os filhos e com relação ao acesso à justiça, saúde e educação. Muitas são abandonadas pela família e vivem isoladas, deixadas por conta própria. Enfrentam dificuldades de convivência, na unidade prisional, com a família, com os filhos e de acesso à Justiça, à saúde e educação. Muitas são abandonadas pela família e vivem isoladas, deixadas a sua própria sorte.

O relatório da Pesquisa Nacional de Informação Penitenciária (Infopen), referente a junho de 2016, mostra a evolução do número de mulheres privadas de liberdade no País e por Estado, nos últimos 16 anos. A taxa de encarceramento feminino por grupo de 100 mil habitantes é superior ao crescimento geral da população carcerária que aumentou 455% no mesmo período. O número de mulheres privadas de liberdade cresceu de forma alarmante, 656%, no período de 2000 a 2016. Se fizermos uma comparação com outros países, no momento da pesquisa, o Brasil possui a quarta maior população carcerária do mundo, 42.355 presos, ficando para trás apenas de países como: Estados Unidos (211.870 prisioneiros); China (103.131); Rússia (48.478). (INFOPEN, 2018)

Gráfico 09: Crescimento de mulheres privadas de liberdade

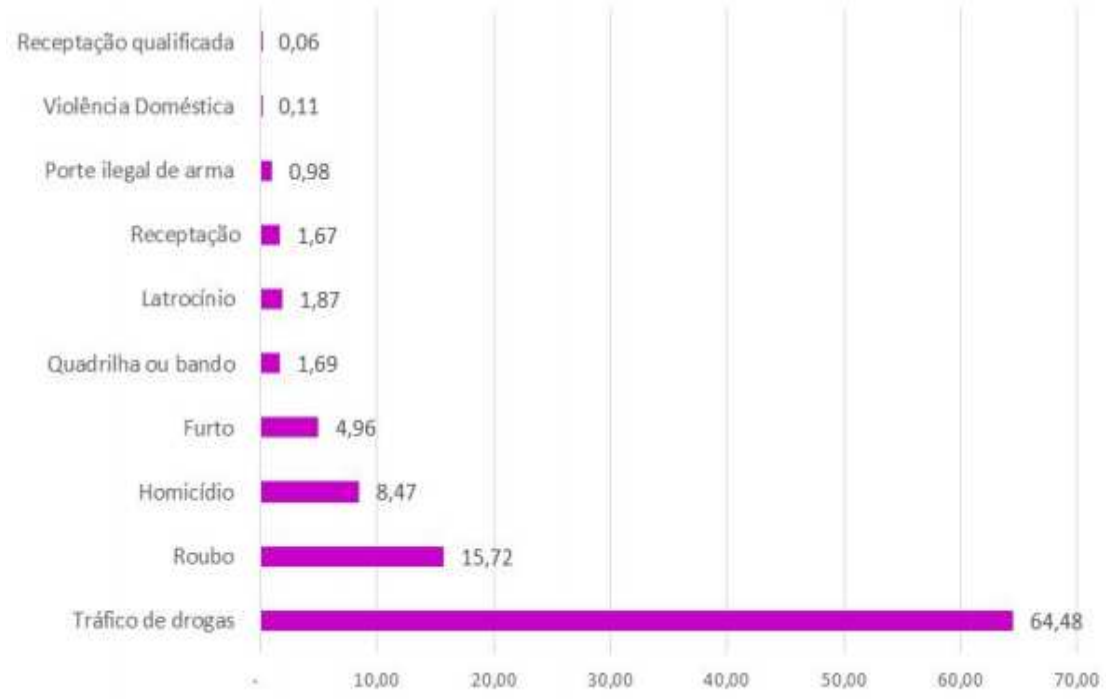


Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – Infopen Mulheres - (2016, p. 10).

O relatório aponta que “em junho de 2016, a população carcerária feminina alcançou 42.000 mulheres privadas de liberdade, o que representa um aumento de 656% em relação ao total registrado no início dos anos 2000” (INFOPEN MULHERES, 2018, p.14) . Nesse contexto, cumpre destacar que a população carcerária feminina no estado de São Paulo é a maior do Brasil, com 15.104 prisioneiras, ou seja, 36% (trinta e seis por cento).

Também encontramos no relatório, entre outros aspectos, um perfil de mulheres privadas de liberdade: por escolaridade, cor, faixa etária, estado civil, natureza da prisão, tipo de regime e natureza dos crimes pelos quais foram condenados. O tráfico de drogas é um dos dados mais impressionantes na porcentagem de mulheres presas por crime: 58% (cinquenta e oito por cento), como apontado no gráfico a seguir:

Gráfico 10: Distribuição por gênero dos crimes tentados/consumados entre os registros das pessoas privadas de liberdade. Brasil. Junho de 2014.[66]



onte: Infopen, junho/2018. Departamento Penitenciário Nacional/Ministério da Justiça.

Nos indicadores sobre as causas da prisão feminina no Brasil, não há números sobre as mulheres presas por praticarem o aborto. Mas na pesquisa da Infopen é possível

[66] Dados utilizados para a aplicação da atividade, na Penitenciária Feminina de Campinas. No ano de 2018, houve a atualização dos dados sobre as penitenciárias brasileiras, sendo este o último publicado.

encontrar dados sobre isso. A pesquisa encontrou 42 pessoas presas nos artigos (artigos 124, 125, 126 e 127), relacionadas ao aborto, 31 homens e 11 mulheres (Infopen, 2017 p. 44). O artigo 124 do Código Penal Brasileiro prevê prisão de um a três anos para aqueles que abortam intencionalmente. Vale ressaltar que há três casos em que o aborto induzido é legal: quando não há como salvar a vida da mãe, quando a gravidez resulta de estupro e quando o feto é anencéfalo. Em 2015, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizou uma estimativa sobre o aborto no Brasil. Segundo a pesquisa, mais de 8,7 milhões de brasileiros com idades entre 18 e 49 anos já fizeram pelo menos um aborto durante a vida. Assim, 1,1 milhão de abortos foram causados.

Os resultados da Pesquisa Nacional de Aborto[67] de 2016 (PNA 2016) apontam que:

> É possível observar que o aborto no Brasil é comum e ocorreu com frequência entre mulheres comuns, isto é, foi realizado por mulheres: a) de todas as idades (ou seja, permanece como um evento frequente na vida reprodutiva de mulheres há muitas décadas); b) casadas ou não; c) que são mães hoje; d) de todas as religiões, inclusive as sem religião; e) de todos os níveis educacionais; f) trabalhadoras ou não; g) de todas as classes sociais; h) de todos os grupos raciais; i) em todas as regiões do país; j) em todos os tipos e tamanhos de município. (DINIZ, 2016 p.04)

De qualquer modo, é bastante importante que sejam divulgados sistematicamente à sociedade brasileira os estudos interseccionais (sobre classe, raça e gênero) que colocam em perspectiva as prisões apontadas acima, no tocante ao aborto, que evidenciam os efeitos nefastos do patriarcado e do racismo na vida dessas mulheres. Como demonstram Cisne, Castro e Oliveira, por exemplo, sobre a criminalização do aborto, "as mulheres pobres e negras são as mais prejudicadas, as que mais morrem e que quase todos os abortamentos inseguros no mundo acontecem nos países de economia periférica" (CISNE, CASTRO e OLIVEIRA, p.452). Góes (2019) argumenta nessa mesma direção e traz um preocupante panorama, ao afirmar que, no Brasil, a lacuna da produção científica sobre a saúde da mulher negra é ainda maior quando se considera o aborto, pois embora as pesquisas indiquem que essas mulheres estão mais suscetíveis às práticas inseguras de interrupção da gravidez e ao maior risco de morte em função dessas complicações, poucas discutem como o racismo incide na experiência reprodutiva.

[67] A PNA 2016 é um inquérito domiciliar cuja amostra probabilística representa a população feminina de 18 a 39 anos alfabetizada do Brasil. Combina entrevistas face-a-face realizadas por entrevistadoras mulheres com a técnica de urna e, portanto, tem vantagens sobre os levantamentos que dependem integralmente de entrevistas diretas.

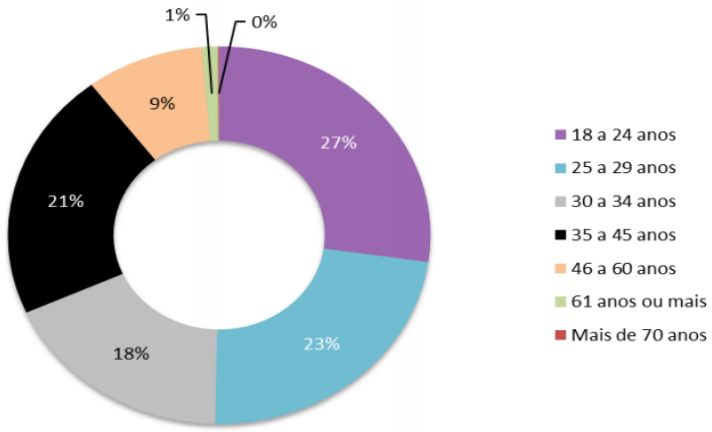
Diante desse panorama, espera-se, enfim, que o poder público possa agir de modo mais justo e equânime, alterando a situação atual desses aprisionamentos, bem como as condições de saúde das mulheres, principalmente das negras e pobres.

Ainda com relação ao crescimento de mulheres presas, bem como as razões dessas prisões, os relatos e indicadores de criminalidade no Brasil apontam para um aumento no número de mulheres envolvidas em crimes, principalmente com crimes relacionados ao tráfico de drogas, como mencionado acima. Segundo Dutra (2012):

> A inserção da figura feminina no mundo do crime encontra-se fortemente ligada ao tráfico de drogas, visto que, este fornece à mão de obra desqualificada, uma posição no mercado. Com propostas tentadoras, sem a necessidade de experiência e garantias de renda mais considerável em meio a uma economia que intensifica o desemprego. A mulher visando à família, com a possibilidade de aumentar sua renda sem prejudicá-los diante de tantas ofertas lucrativas que não são encontradas no mercado de trabalho lícito, visa na comercialização de drogas uma forma de minimizar suas necessidades. (DUTRA, 2012, p.10).

Aprofundando a análise sobre o perfil da mulher presa, encontramos dados que confirmam que 50% das mulheres privadas de liberdade têm entre 18 e 29 anos, configurando assim um perfil jovem, como pode ser observado abaixo:

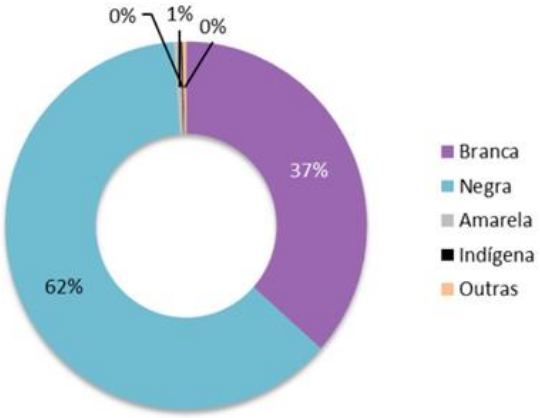
Gráfico 11: Faixa etária das mulheres privadas de liberdade. Brasil.



Fonte: Infopen Mulheres, jun./2016. Departamento Penitenciário Nacional/Ministério da Justiça.

Aprofundando o olhar sobre o aprisionamento feminino, observemos o próximo gráfico.

Gráfico 12: Raça, cor ou etnia das mulheres privadas de liberdade. Brasil.

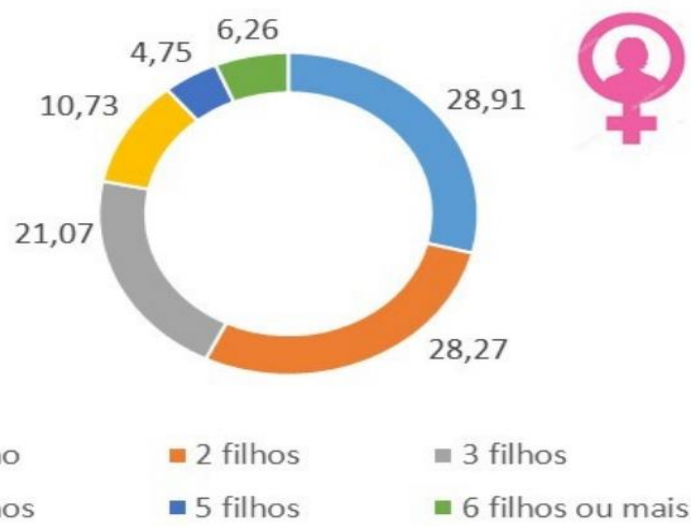


Fonte: Infopen Mulheres, jun./2016. Departamento Penitenciário Nacional/Ministério da Justiça.

Encontramos nos dados acima, o indicador confirmando que 50% das mulheres, que em privação de liberdade estão entre 18 e 29 anos, configurando-se dessa forma um perfil jovem. Em seguida, o indicador de raça, cor e etnia, aponta também que 68% da população carcerária feminina é negra, revelando o aprisionamento da população menos favorecida, social e financeiramente.

Não poderíamos deixar de incluir um dado importante e que afeta grandemente o estado emocional das mulheres presas. Filhos. Segundo dados do Infopen 74% das mulheres presas são mães, já 47% dos homens na mesma condição declaram ser pais:

Gráfico 13: Mães privadas de liberdade



Fonte: Levantamento de Informações Penitenciárias - INFOPEN, Junho/2016.

Em 2018, o Supremo Tribunal Federal e a Lei nº 13.769 / 2016 estabeleceram novos limites ao judiciário para legislar sobre a detenção preventiva de mães e gestantes. A lei prevê prisão domiciliar, em vez de prisão preventiva para mulheres grávidas, mães de pessoas com deficiência e mães de crianças de até 12 anos de idade, exceto quando são acusadas de crimes cometidos por violência ou ameaça séria, ou crimes contra seus dependentes. As medidas começam a beneficiar grande parte das mulheres presas e a redução de prisões futuras[68]

Os dados acima apresentam o retrato do perfil das mulheres em situação de privação de liberdade no Brasil e serão utilizados como base para discussões nas oficinas de leitura, com o tema das mulheres discutido aqui, como destacamos a seguir:

6.1.3 - O projeto de leitura

Imagem 32: A presa e a leitura



Acervo pessoal (out./2017)

O Projeto "Ciranda da leitura: Lendo para Libertar", na Penitenciária Feminina de Campinas, teve início em novembro de 2013, atendendo à portaria da Juíza da Vara de Execuções Criminais de Campinas, que regulamenta sua aplicação junto às unidades prisionais de Campinas e Hortolândia.

Sua estrutura foi projetada para oferecer às partes interessadas, além da remição de pena (cada livro lido e revisado pelo participante recebe, se aprovado, quatro dias de remição de pena) um espaço para leitura e reflexão sobre obras literárias, além de oficinas de interpretação e produção escrita. Essas oficinas funcionam semanalmente, às quartas-feiras. Começam com a escolha do livro, passam pelas atividades pedagógicas e terminam com a produção da revisão que é enviada à Vara de Execução Penal - VEC, para conseguir a remição da sentença.

Nas oficinas, são realizadas atividades que auxiliam uma melhor interpretação dos livros lidos e atividades que possibilitem a reflexão dos assuntos abordados com o

[68] No mês de fevereiro de 2020 foi divulgada a notícia de que, contrariando a decisão do STF, a justiça de São Paulo negou 60% dos pedidos de prisão domiciliar de mães presas. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/8299626/. Acesso em 16/2/2020.

cotidiano vivenciado pelas presas. Compreende-se que ”pela confrontação desses materiais que estão longe de esgotar o tema, para tentar esclarecer a contribuição da leitura em contextos críticos” (PETIT, 2010, p. 32) abriremos, em conjunto, novos horizontes em todas as participantes.

Dessa forma, além da interpretação do livro, é possível construir um espaço de reflexão sobre diversos assuntos, o que possibilita ampliar a visão de mundo, buscando compreendê-lo e assumir uma posição mais crítica e emancipatória.

Freire (1996) defende uma educação carregada de carinho, sem deixar que a afetividade interfira na realização ética e no dever do educador e de sua autoridade, uma relação pedagógica e cultural que não se trata apenas de conceber a educação como transmissão de conteúdos ou realização do currículo pelo educador; é necessário incentivar a participação do aluno, estimulando e valorizando sua autonomia com uma prática dialógica nesses espaços educacionais.

Além dessa compreensão sobre as relações pedagógicas que embasam o projeto, é importante destacar, como anteriormente mencionado, o papel da leitura como uma ferramenta humanizadora (e não meramente como uma atividade cognitiva ou técnica). Nessa direção, PETIT (2010, p.33-34) também argumenta: “[...] os livros lidos ajudam algumas vezes a manter a dor ou o medo à distância, transformar a agonia em ideia e a reencontrar a alegria [...]”.

São as experiências coletivas que potencializam a criação de espaços outros, mesmo em condições concretas tão adversas como as vividas nos presídios. Tais construções simbólicas são chamadas de heterotópicas por Foucault (2013). São uma espécie de “pequena utopia”, mas considerando que, para o autor, não se trata de uma compreensão de “um não lugar”. Para Foucault (2013) as heterotopias são a construção de “espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos” (p. 35). Desse modo, podemos pensar nos espaços das oficinas de leitura como heterotópicos ou, quem sabe, heterotópicos também os espaços dialógicos e simbólicos que são criados pelos (as) participantes, através das narrativas que povoam os encontros.

A seguir, apresentaremos as experiências dessas mulheres, possivelmente criando espaços outros, no encontro com o livro O Cortiço, de Aluísio Azevedo.

6.1.4 - Parte 2

O começo

Na oficina realizada em setembro de 2017, as alunas relataram as personagens do livro, o contexto social em que foram inseridas e os assuntos abordados pelos autores das obras. A roda de leitura era interessante, pois estavam ansiosas para fazer o relatório. Cada uma expôs seu ponto de vista e as demais contribuíram para o aprofundamento do assunto abordado no livro. Uma delas relatou que estava apaixonada pela história de amor do cachorro por seu dono, retratada no livro e concluiu: *"(...) como eu gosto de ler livros como esse, de pessoas que ajudam outras pessoas*". A próxima relatou que ainda não tinha conseguido ler nada, explicando: "*Minha cabeça não está boa e não consigo me concentrar*. Tem *muito barulho na cela".* Eu disse a ela que voltaríamos na próxima semana, dando-lhe mais tempo para ler o livro, ou pelo menos parte dele.

No relato sobre seu livro, uma das participantes discorreu sobre as suas impressões do livro o Cortiço, dizendo: *"(...) em um certo momento, quando estava lendo o livro na cela, eu levantava o olhos e olhava ao meu redor, vi que se parecia com o cortiço do livro, a mesma coisa do livro."* Incentivamos que continuasse a falar sobre essa experiência e ela prosseguiu. "*Vejo cada uma das personagens nas pessoas que estão presas comigo. A Bertoleza, a Rita Baiana, a Piedade e até a mulher do Barão!"*

Todas as ações desenvolvidas nas oficinas servem para aprofundar a visão crítica do mundo. O leitor pode estabelecer relações entre os personagens, suas características, o contexto em que estão inseridos e a vida real, trazendo para suas reflexões diárias que influenciam suas ações e decisões futuras. Após o relato, debatemos e decidimos estudar o tema mulher.

Juntos, fizemos uma pesquisa sobre quais aspectos seriam importantes para aprofundar o assunto. Em síntese, os temas levantados pelas participantes foram: o que é ser mulher hoje, preconceito, mulher presa e trabalho. Além dessas questões levantadas, também veríamos a história do feminismo e dos direitos humanos, com foco na prisão.

Na busca de material para o desenvolvimento da atividade, decidimos dividi-los em cinco reuniões, dentro das oficinas de leitura realizadas entre os meses de setembro e outubro de 2017, no Projeto *Ciranda da Leitura: lendo para Libertar.*

Assim, os temas ficaram divididos da seguinte forma:

- 1º Encontro: Filme *O Cortiço*: utilização do filme como recurso para o conhecimento da obra de Aluísio de Azevedo, aprofundamento do debate sobre o papel da mulher no início do Século XIX, a representação da mulher na obra, a condição de inferioridade, as condições sociais e psicológicas;

- 2º Encontro: O que é ser mulher: o papel da mulher na sociedade atual, suas conquistas e atuações;

- 3º Encontro: Mulheres presas: análises sobre a realidade em que as participantes estão inseridas e o contexto social;

- 4º Encontro: Direitos Humanos e História do Feminismo: levantamento e conhecimento histórico dos movimentos sociais em prol da luta e conquista de direitos;

- 5º Encontro: Culminância: produção artística do conhecimento adquirido durante o desenvolvimento do projeto.

A seguir, serão apresentados os materiais, as atividades, os resultados e as reflexões desenvolvidas durante as oficinas.

6.1.5 - Quem foi Aluísio Azevedo? [69]

O autor de um livro é uma pessoa que traz em seus escritos uma maneira de refletir sobre assuntos que fazem parte da vida. Estudar sua vida e seu trabalho permitirá que você entenda o contexto social, político e econômico em que o livro foi escrito, fornecendo ferramentas para analisar e contextualizar o que lemos.

Vamos ver abaixo quem foi esse autor importante da literatura brasileira.

Imagem 33: Aluísio de Azevedo



Fonte: imagens google.com.br

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, conhecido como Aluísio Azevedo, era caricaturista, jornalista, romancista e diplomata. É membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Nasceu em São Luís, MA, em 14 de abril de 1857, e morreu em Buenos Aires, Argentina, em 21 de janeiro de 1913. Filho de um segundo sindicato de sua mãe Emília Amália Pinto de Magalhães com o vice-cônsul português David Gonçalves de

[69] Pesquisa realizada em pesquisa na internet, e em livros do autor sobre a vida e obra e Aluísio de Azevedo.

Azevedo.

Em 1878, iniciou sua carreira como escritor, com a publicação, em 1879, do romance "Uma lágrima de mulher", um dramaturgo romântico. Ajuda a lançar e colabora com o jornal anticlerical "O Pensador", que defendia a abolição da escravidão.

Em 1881, Aluísio iniciou "O Mulato" e causou um escândalo na empresa maranhense sobre a linguagem naturalista bruta e o tema tratado: os preconceitos racistas existentes na burguesia maranhense. Foi o romance que o movimento natural lançou no Brasil. Este movimento é caracterizado pela observação e análise de grupos humanos. Azevedo examina a deterioração das casas de pensão e sua exploração por imigrantes, principalmente portugueses. Em termos da realidade cotidiana, seus temas favoritos eram: a luta contra o preconceito de cores, o adultério, o vício e os humildes. Essa observação leva a duas de suas melhores obras: Casa de pensão (1884) e O cortiço (1890).

Na obra "*O Cortiço*", Aluísio retrata o aumento da população no Rio de Janeiro e o surgimento de centros residenciais, chamados Cortiços, nos quais trabalhadores e pessoas se amontoavam em atividades inseguras. O grande personagem do romance é o próprio prédio de apartamentos. Ele viveu por 15 anos com o que ganhou como escritor. Em 1895, Aluísio iniciou sua carreira diplomática, interrompeu sua obra literária e atuou como cônsul do Brasil no Japão, Espanha, Inglaterra, Itália, Uruguai, Paraguai e Argentina. Durante esse período, ele não se dedicou mais à produção literária. Em 1910, ele se estabeleceu como cônsul em Buenos Aires e morreu três anos depois, em 21 de janeiro de 1913 na mesma cidade.

6.1.6 - Livro: O Cortiço de Aluísio de Azevedo

Imagem 34: Capa do livro cortiço



Fonte: imagens google.com.br

"O Cortiço" [70] foi lançado em 1890 e foi bem recebido pelos críticos da época, pois Aluísio de Azevedo estava mais de acordo com a grande teoria naturalista da Europa. O livro é composto por 23 capítulos que relatam a vida em um prédio de apartamentos de pessoas pobres na cidade do Rio de Janeiro. O

[70] "O Cortiço" – Análise da obra de Aluísio Azevedo. Resumo adaptado para apresentação do livro às participantes do projeto. A página visitada encontra-se nas referências.

romance se tornou uma peça-chave para explicar melhor o Brasil no século 19, um relato crítico e coerente das relações sociais corruptas do país. Este trabalho tem um rigor científico em retratar a realidade e seu princípio teórico é a deterioração causada pela mistura racial. A intenção do método naturalista era criticar forte e coerentemente uma realidade corrompida. Os romances naturalistas consistem em espaços em que pessoas sem adaptação, desempregados, trabalhadores pouco qualificados e mal remunerados, funcionários públicos simples, trabalhadores, comerciantes e lavadeiras, funcionários, pedreiras, homens e mulheres de diferentes etnias explicam o comportamento do personagem com base na influência do ambiente, Raça e período histórico. Esses espaços se tornam personagens do romance.

No livro O Cortiço, Aluísio mostra que a mistura de raças no mesmo ambiente oferece promiscuidade sexual, moral e ética e completa humilhação. É o caso do prédio, projetado mais no trabalho do que os personagens que moram lá. Num trecho do romance, o narrador compara o prédio com uma estrutura biológica (floresta), um organismo vivo que cresce e se desenvolve, aumenta as forças nocivas e determina o caráter moral daqueles que vivem no interior. O naturalista tinha uma tese para apoiar sua história. A intenção era mostrar através do trabalho literário como o ambiente, a raça e a história determinam as pessoas e as levam à degradação.

O trabalho não apenas utiliza as regras do naturalismo[71], mas também mostra práticas recorrentes no Brasil do século XIX. Na situação do capitalismo inicial, o descobridor vivia muito perto dos explorados, então a pousada de João Romão estava entre os pobres inquilinos do prédio. Além disso, o burguês Miranda, que tem uma projeção social mais alta que João Romão, vive em sua casa com aspectos aristocráticos e tem medo do crescimento do prédio. "O Cortiço" não é apenas um romance naturalista, mas uma alegoria do Brasil.

O trabalho é contado em uma terceira pessoa, com um narrador que está ciente de tudo (intruso deliberado), até parece penetrar nos pensamentos dos personagens, fazer julgamentos e riscos como se fosse uma história curta que influencia as influências de prova o ambiente, a raça e o momento histórico.

[71] o naturalismo é um movimento literário que ocorreu durante a segunda metade do século XIX. A literatura naturalista foi fortemente influenciada pelas correntes científicas. Essas correntes são: Positivismo, Determinismo, Evolucionismo, Socialismo e Psicanálise. O romance naturalista tem uma tese a ser comprovada durante a narrativa e é quase um relatório científico, traz descritivíssimos e objetivismo. Retrata o proletariado e as classes pobres de maneira coletiva. Uma das características do proletariado na época retratada na literatura é a zoomorfização, que é o ser humano que começa a agir de acordo com os instintos animais, seu psicológico é: superficial porque o contexto determina que ele aja de acordo com instintos biológicos diante da condição miserável de sobrevivência.

O foco narrativo mantém uma aparência de imparcialidade, como se o narrador tivesse se afastado do mundo que ele criou como um deus. No entanto, isso é ilusório, pois o processo de representar objetivamente a realidade já é uma posição ideologicamente tendenciosa. O tempo é trabalhado linearmente com o começo, meio e fim da história. A história se passa no Brasil do século XIX e não tem data exata. Dois quartos são examinados no trabalho. O primeiro é o cortiço onde moram os pobres. Ao lado do prédio estão a pedreira e taberna do português João Romão. O segundo cômodo ao lado da casa é a nobre casa do comerciante Miranda. A casa da cidade representa a burguesia. Esses espaços fictícios, que representam o homem da época com grande fidelidade. Eles estão inseridos no cenário do distrito de Botafogo e exploram a natureza local exuberante como um meio determinante. Dessa maneira, o sol escaldante na costa americana atua como um elemento corruptor para a população local.

É recomendável ler e refletir sobre o livro, pois a obra levanta questões sobre as desigualdades sociais que ainda hoje se refletem no Brasil.

Pesquisa: Quem foi Cesare Lombroso[72]?

Imagem 35: **Cesare Lombroso**



Fonte: google.com.br

Cesare Lombroso (1835-1909)é considerado o pai da criminologia moderna. Adepto da **fisiogonomia,** que é uma técnica que permite compreender o comportamento e a personalidade, através da observação das características dos traços faciais e corporais, propõe um extenso estudo, utilizando um método positivista, sobre as características de criminosos, loucos e prostitutas e de pessoas "normais". Desta forma classificou os criminosos.

Este estudioso parece firme em suas convicções e foi bastante respeitado em seu tempo, e algumas dessas noções, são ouvidas ainda hoje com muita frequência.

Para Lombroso, no inconsciente coletivo a pessoa em privação de liberdade que é fruto do meio e é irrecuperável.

[72] Resumo do pensamento de Cesare Lombroso sobre as características pensadas na época sobre o perfil do criminoso. Com imagem retirada do site: https://www.sciencephoto.com/keyword/cesare-lombroso 16/02/2019.

6.1.7 - Encontros

6.1.7.1 - Debatendo o filme: O cortiço

A expectativa era alta. Elas estavam prontas para ver o filme "*O Cortiço*".

Imagem 36: Cena do filme “O Cortiço” [73]



Imagem Google[74]

A personagem Rita Baiana é retratada com características marcantes: uma mulher bonita, mestiça, voluptuosa, intensa e independente, com a capacidade de envolver todos ao seu redor. Representação da sensualidade atribuída às mulheres brasileiras.

Todas assistiram ao filme com atenção, apesar da baixa qualidade de imagem e áudio, já que era uma produção de 1977. Houve risadas, comentários e perguntas durante a exibição. Algumas tomam notas porque se preocupam em comentar, ao final do filme, se o debate for encorajado.

No final da exibição, discutimos, em círculo, como lembra Fiori, no prefácio do livro “A Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire (1987):

> [...] re-vive a vida em profundidade crítica. A consciência emerge o mundo vivido, objetivando-o, compreende-o como projeto humano. Em diálogo circular, intersubjetivando-se e mais e mais, vai assumindo criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos, em círculo. E em colaboração, re-elaboram o mundo e ao reconstruí-lo, apercebem-se de que, embora construído também por eles, esse mundo não é verdadeiramente para eles. Humanizado por

[73] https://www.livrosepessoas.com/tag/o-cortico/ 27/02/2018.

[74] Imagem do filme “O Cortiço”, Disponível em: https://www.google.com/search?rlz=1C1NHXL_pt-BRBR753BR753&q=imagem+do+filme+o+corti%C3%A7o&tbm=isch&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwirmqyLv7LkAhUCGrkGHQCACWAQsAR6BAgGEAE&biw=1366&bih=625#imgdii=33LeZ_8RUpCtlM:&imgrc=_4inPEn4oRCxXM Acesso em 22/05/2019.

> eles esse mundo não os humaniza. As mãos que o fazem, não são as que o dominam. Destinando a libertá-los como sujeitos, escraviza-os como objetos. (FIORI, 1987 apud FREIRE 1987, p. 17).

Em linhas gerais, os principais aspectos do contexto e dos personagens do filme foram abordados de maneira reflexiva.

No início do debate, Fátima, leitora de livros e participante do projeto de leitura, deixou claro o seguinte*: "O livro é mais complexo e detalhado!"*. Chama a atenção para alguns dos pontos sobre as mulheres representadas no livro, em relação à submissão e a valorização do diretor do filme, na personagem "Rita Baiana" pelos outros e como eles foram tratados superficialmente no filme.

O filme permitiu uma discussão mais detida sobre questões de gênero e classe , eurocentrismo, alienação de pessoas que moravam nas favelas da cidade do Rio de Janeiro, além de aspectos sociais, econômicos e sociais. Aspectos relevantes nas obras de escritores naturalistas que enfatizam o comportamento e as características dos personagens, bem como essas condições sociais e econômicas.

Diante do exposto, faz-se importante retomar o conceito de heterotopia em Foucault (2013), contendo os espaços físicos e mentais ao mesmo tempo. Assim, a prisão, era comparada pelas participantes ao presente, parecendo não revelar grandes mudanças e, comparada à realidade vivida nos pavilhões, as detentas podiam observar a mesma divisão, hierarquias e exclusões existentes socialmente. Nesse sentido, Foucault (2013, p. 28) destaca: “é aí que encontramos o que de mais essencial existe nas heterotopia. [os espaços heterotópicos] são a contestação de todos os outros espaços [...]”.

Mudanças estruturais foram observadas em relação ao clima carcerário na Penitenciária Feminina de Campinas, tais como: redução do número de prisioneiras na sala de prisão que afetaram diretamente os relacionamentos, humanizando as relações.

Terminamos o dia com a certeza de que todas podem contribuir muito. Juntas é possível refletir e desenvolver novos conceitos sobre si e os outros, a fim de saber mais e agir de maneira diferente. Foi aberta, nesse encontro, uma oportunidade de observar e refletir sobre o espaço social e as relações existentes, a partir da perspectiva de cada subjetividade.

6.1.7.2 - O 2º Dia: Ser mulher

Uma folha pautada com o título "*Mulher: quem sou eu?*" foi entregue a cada participante, logo no início da aula. Ao se trabalhar o tema mulher, como um tema gerador, lembramos Freire (1987 p. 98) quando afirma: "(...) o tema gerador não se encontra nos homens isolados da realidade (...)", pensando em suas experiências concretas de vida e com recursos que possibilitem suas reflexões.

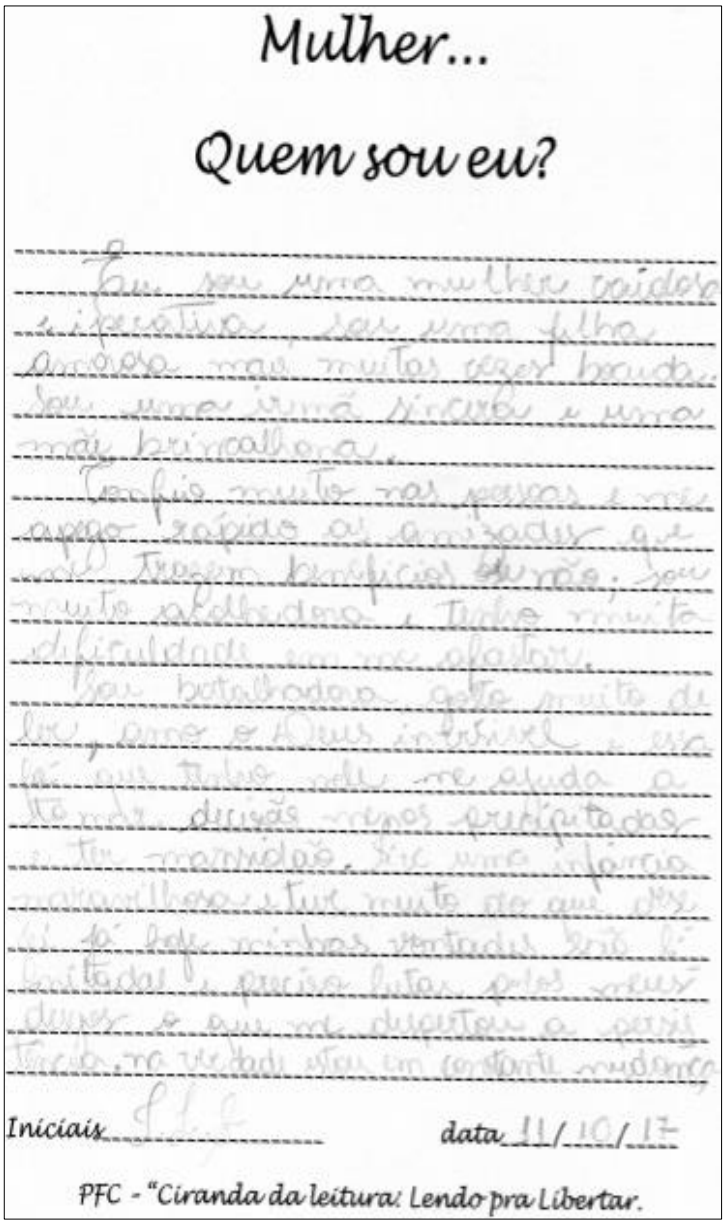
A atividade proposta pressupunha a colaboração quanto à construção do eu em (auto) relatos, a partir da oficina com o tema "ser mulher" com uma intervenção de recursos audiovisuais para uma possível ressignificação dos sentidos e saberes até então elaborados (sobre si, sobre outras mulheres, etc.). Uma jornada que tem como potencial a busca de inteireza e que possibilita o entendimento de si e do mundo em que se está inserida.

Os relatos produzidos na segunda oficina apresentam uma visão sobre o estatuto e a importância da escrita de si sob a ótica do papel da mulher em nossa sociedade, considerando o ambiente prisional no qual essas mulheres estão inseridas. Para isso, esse momento foca em trajetórias de vida, aludindo aos conceitos de mulher, prisão, (re)criação e escrita de si (FOUCAULT, 1992), na tentativa de produzir uma noção de escrita como cuidado de si e do outro. Escrever para si e para outrem. Escrever como um exercício pessoal. Será nesse sentido que Foucault aponta como a escrita tem uma função transformadora (no vínculo com a leitura). Segundo Foucault, a escrita nesses casos busca atenuar os riscos da solidão e realizar um trabalho não apenas sobre as ações, mas sobre o pensamento.

As narrativas propõem a escrita como uma ferramenta para a formação do sujeito, enfatizando as práticas de si como elementos através dos quais a atividade escrita se estenderia à vida.

Ao escrever e refletir sobre suas trajetórias de vida, as presas não apenas descrevem o que realizaram, mas (re)definem sua vida sob a ótica de determinadas condutas. Trata-se de estabelecer relações entre a escrita e a maneira como essas mulheres se conectam com a ideia da (re)criação subjetiva, tal como exemplificado a seguir:

Imagem 36: Relato 1 – **Tatiana Lima Souto**



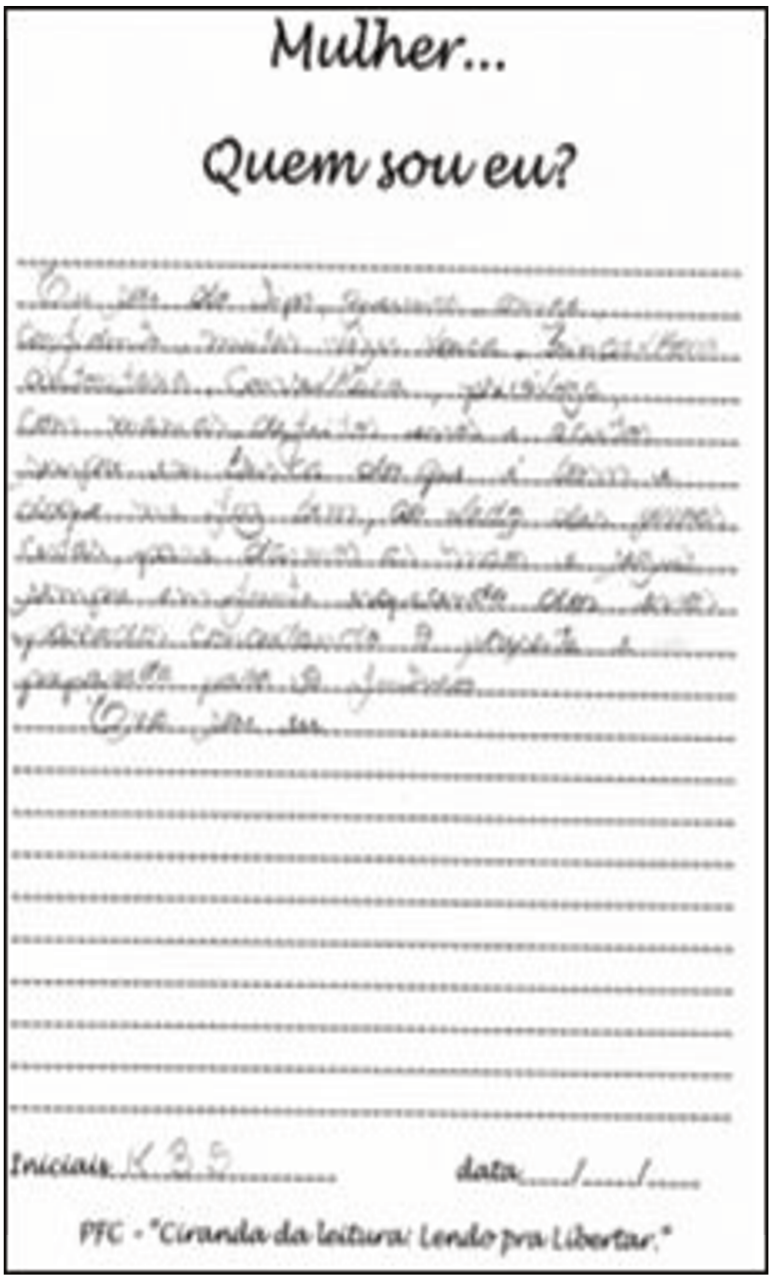
Acervo pessoal

"Eu sou uma mulher vaidosa e imperativa, sou filha amorosa, mais muitas vezes bocuda". Sou uma irmã sincera e uma mãe brincalhona.

Confio muito nas pessoas e me apego rápido as amizades que trazem benefícios ou não; sou muito acolhedora e tenho muita dificuldade em me afastar.

Sou batalhadora gosto muito de ler, amo o Deus invisível e essa fé que tenho Nele me ajuda a tomar decisões menos precipitadas e ter mansidão. Tive uma infância maravilhosa e tive muito do que desejei (sic) Já hoje minhas vontades são limitadas é preciso lutar pelos meus desejos o que me despertou a persistência na verdade na verdade estou em constante mudança.".

Imagem 37: Relato 2 – **Kátia Barbosa Silvino**



Acervo pessoal

"Eu sou do tipo, guerreira, amiga, confidente, muitas vezes, louca, brincalhona, autoritária, conselheira, psicóloga, com manias defeitos erros e acertos, sempre em busca do que é bom e do que me faz bem, ao lado das pessoas certas, para darmos as mães e seguir sempre em frente esquecendo dos (sic) erros passados consertando o presente e preparada para o futuro.

Essa sou eu.".

Imagem 38: Relato 3 – **Neusa Lívia Bandeira**

"Eu sou uma mulher que vive num país com grandes diferenças culturais e sociais. Apesar de não ter nascido no meio das classes elitizadas. Aprendi que os livros nos libertam cura os males da alma, nos ensinam e nos tornam seres humanos pensantes com atitudes e personalidades definidas.

Fui uma garota tímida, sofrida, suportei abusos físicos, psicológicos, dificuldades financeiras e bullings (sic)..."mas, com orientação e os cuidados de uma mulher guerreira e forte, aprendi que para lidar com todo o sofrimento, nosso refúgio estava nos livros." Minha mãe é essa mulher que admiro, com sua paciência me direcionou para os caminhos do conhecimento. "com os livros podemos viajar, imaginar, sentir aromas, sem sair do lugar".

Creio que com essa bagagem intelectual e emocional pré-definidas, me tornei mulher independente, personalidade

forte e meiga e uma mãe cuidadosa...

Essa sou eu hj (sic)!"



Acervo pessoal

Imagem 39: Relato 4 - **Paula Ferreira Barros**



Arquivo pessoal

"Uma menina com sonhos!

Uma mãe ausente mas sempre presentes em pensamentos.

Uma filha preocupada e amada pela mãe que é meu espelho como mulher.

Hoje sou quem sou, pelo simples fato de ter tido uma boa mãe que me criou com amor, carinho e cuidado.

Com minha idade, não vivi tempo de sofrer ou trabalhar "escravamente" (sic), mas me sinto feliz como mulher, uma menina que ainda busca sonhos e objetivos que ainda busca construir sua própria família!".

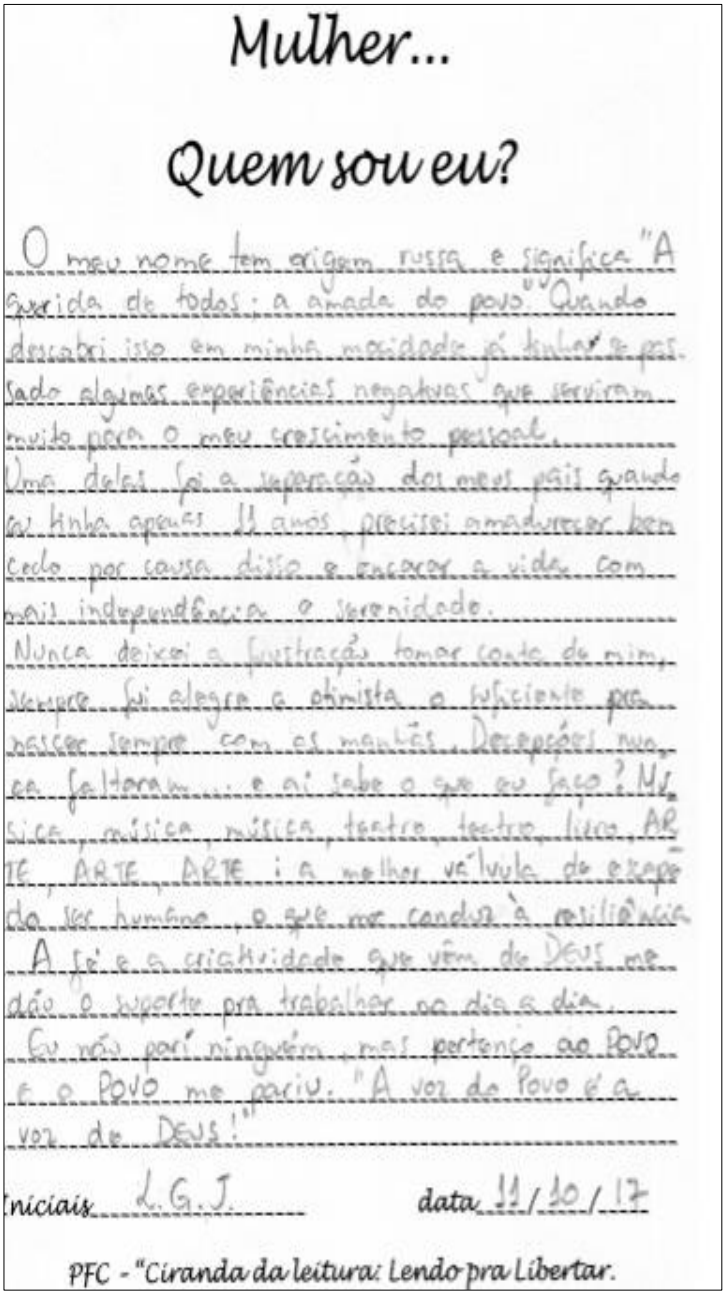
Imagem 40: Relato 5 – **Aline Cristina Barbosa Lima**

"Eu sou uma filha, e através de uma mulher batalhadora eu me tornei uma grande mulher, totalmente madura em algumas relações, mas sim que com alguns obstáculos da vida que vão passar, vou amadurecer cada vez mais... eu sou uma menina mulher batalhadora, pois tudo o que eu passei foi visto como superação e aprendizado. Sou uma mulher amiga, filha, companheira e futuramente sou uma mulher formada... determinada e independente! Todas as mulheres são batalhadoras e merecem respeito, não pelo fato de ser o sexo feminino! Mas sim pelas lutas, conquistas e o fardo que só elas suportam. Somos o que quisermos ser, guerreiras!!!".



Acervo pessoal

Imagem 41: Relato 6 – **Lúcia Silveiro Ribeiro**



Mulher...

Quem sou eu?

O meu nome tem origem russa e significa "A querida de todos; a amada do povo." Quando descobri isso em minha mocidade já tinham se passado algumas experiências negativas que serviram muito para o meu crescimento pessoal.

Uma delas foi a separação dos meus pais, quando eu tinha apenas 11 anos, precisei amadurecer bem cedo por causa disso e encarar a vida com mais independência e serenidade.

Nunca deixei a frustração tomar conta de mim, sempre fui alegre, a otimista, o suficiente para nascer sempre com as manhãs. Decepções nunca faltaram... e aí sabe o que eu faço? Música, música, música, teatro, teatro, livro, ARTE, ARTE, ARTE: a melhor válvula de escape do ser humano, o que me conduz à resiliência.

A fé e a criatividade que vêm de Deus, me dão o suporte pra trabalhar no dia a dia.

Eu não parí ninguém, mas pertenço ao POVO e o POVO me pariu. "A voz do Povo é a voz de DEUS!"

Iniciais L.G.J. data 11/10/17

PFC - "Ciranda da leitura: Lendo pra Libertar.

Acervo pessoal

O meu nome tem origem russa e significa "A querida de todos; a amada do povo." Quando descobri isso em minha mocidade já tinham se passado algumas experiências negativas que serviram muito para o meu crescimento pessoal.

Uma delas foi a separação dos meus pais, quando tinha apenas 11 anos, precisei amadurecer bem cedo por causa disso e encarar a vida com mais independência e serenidade.

Nunca deixei a frustração tomar conta de mim, sempre fui alegre, a otimista, o suficiente para nascer sempre com as manhãs. Decepções nunca faltaram... e aí sabe que eu faço? Música, música, música, teatro, teatro, livro, ARTE,ARTE,ARTE: a melhor válvula de escape do ser humano, o que me conduz a resiliência.

A fé e a criatividade que vêm de Deus, me dão o suporte pra trabalhar no dia a dia.

Eu não parí (sic) ninguém, mas pertenço ao POVO e o POVO me pariu. "A voz do povo é a voz de Deus!".

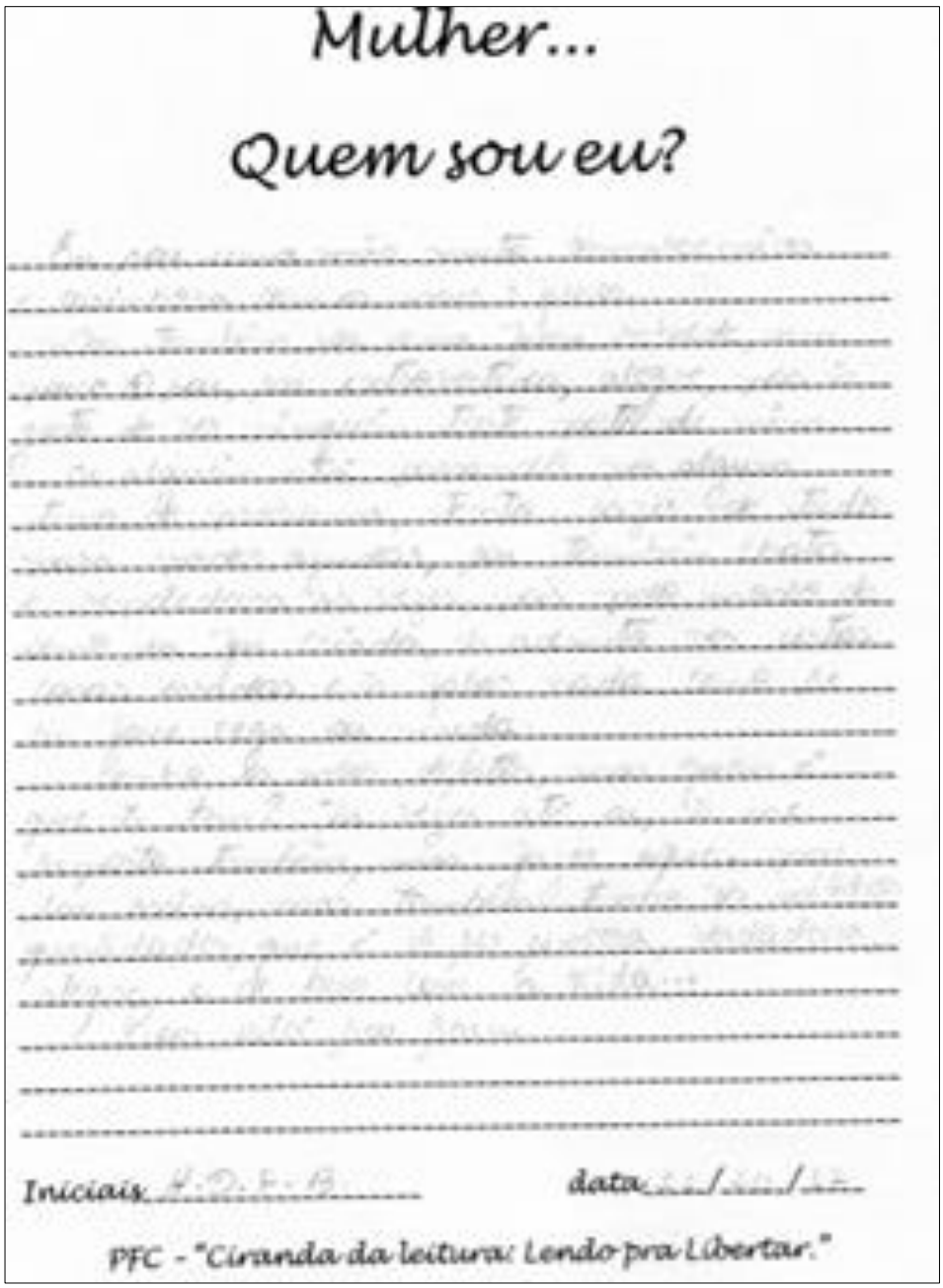
Imagem 42: Relato 7 – **Rebeca Hellen Soares**



Acervo pessoal

"Sou dedicada em tudo que faço.
Sou muito explosiva vezes.
Quando quero algo luto até conquistar, nada me vence facilmente.
Sou amiga para todas as horas me esforço sempre para ser a melhor mãe para meu filho".
Nunca fui submissa a homem."

Imagem 43: Relato 8 – **Heloísa Dinorá Fagundes Brasil**



Acervo pessoal

"Eu sou uma mãe muito compreensiva e carinhosa com meus filhos.

Mas também sou uma filha rebelde um pouco + sou extrovertida, alegre pois, ñ (sic)gosto de ver ninguém triste perto de mim.

Se alguém está passando por algum tipo de problema, tento fazer de tudo para poder ajudar e redendeira (sic) às vezes, pois, pelo modo de que fui criada, ñ admito ver certas coisas erradas e ñ falar nada como seu fosse cega ou muda.

Tenho os meu (sic) defeitos, mas quem é que ñ tem? Às vezes até eu ñ me suporto também, mas fazer o que, pois, sou assim, mas também tenho as minhas qualidades, que é ser sincera, verdadeira, alegre e de bem com a vida.

Pois, esta sou eu...".

Imagem 44: Relato 9 – **Sônia Soares Gomes**



Acervo pessoal

"Sou uma mulher objetiva, direta, persistente, perfeccionista, sonhadora, sou filha, esposa e mãe.

Sou independente, gosto de arriscar, de organizar de planejar.

Sou amiga, gosto de ouvir, gosto de ajudar.

Sou sincera, expresso no meu olhar, na minha face o que estou sentindo.

Sou chata, sou exigente, não gosto de esperar, sou ansiosa.

Com os obstáculos que enfrentei durante a minha vida, aprendi a ser humilde e deixar o orgulho de lado.
Sei reconhecer o meu erro e pedir desculpa, não guardo mágoas de ninguém, gosto de resolver as situações no mesmo momento, não deixo para depois.

Essa sou eu".

Imagem 45: Relato 10 - **Fátima Gonçalves Silva**



Acervo pessoal

"Sou uma mulher vencedora, com 49 anos de idade, HIV há vinte anos, mãe de 1 (sic) menina que faleceu em 2012 com 23 anos e de 1 menina que hoje está com 16 anos.

Sempre trabalhei na área de Recursos Humanos específica em deptº (sic) pessoal, seleção e recrutamento.

Hoje aposentada, depois de muita luta, consegui me aposentar.

Já sofri vários preconceitos, o que mais me marcou, foi a última empresa em que já estava trabalhando há 1 ano, quando descobriram que (eu) era HIV e me mandaram dispensaram.

Mas com tudo que passei até hoje, me sinto mais uma vencedora.

Amo minha família e meus cães".

Imagem 46: Relato 11- **Ana Paula Ferreira**



Acervo pessoal

"Sou uma pessoa que tive que mudar o meu jeito de ser, infelizmente perdi minha inocência e hoje com um olhar sei o que a pessoa quer dizer. Hoje voltando para cadeia com uma droga que não é minha, sou uma pessoa triste, revoltada. O que hoje me ajuda são os livros aprendo muito e sinto saído deste lugar a Axx Pxxxx se sente uma pessoa melhor.

Hoje sou uma pessoa que cada dia cato (sic) meus cacos e junto para recomeçar a depressão, tristeza, saudade tentão (sic) me derrubar de quebra veio a tuberculose + tento superar e olhar pra gente e ter a certeza não é eterno, esta sou eu"

As narrativas acima propõem uma leitura reflexiva do eu feminino, possibilitando uma avaliação de gênero, demonstrando como a pesquisa, o debate, a escrita têm a capacidade de provocar uma exposição e a (re) construção subjetiva. Relembrar vínculos afetivos, conquistas, sofrimentos, sonhos, revela a capacidade de se ressignificar e de se colocar no lugar do outro diante da pergunta "o que é ser mulher?".

Neste sentido, Rago (2013) argumenta: "As autobiografias dessas mulheres dão voz aos saberes assujeitados, porque as perspectivas e experiências femininas até recentemente foram excluídas da história e da literatura" (2013, p. 54), principalmente no que se refere às mulheres em privação de liberdade, silenciadas pela sua condição de aprisionamento.

As atividades de escrita revelam aspectos importantes sobre a vida de cada uma. Possibilitaram o reencontro consigo mesmas e a reflexão sobre o cuidado de si, como apontado anteriormente: "O papel da escrita como exercício pessoal: deve-se "meditar" (meletan), escrever (graphein), treinar (gymnazein); 'possa a morte arrebatar-me enquanto penso, escrevo, leio". (FOUCAULT, 1992, p. 134). Para o autor, a finalidade desse pensamento, grego e romano, é fazer com que o homem olhe para si próprio e retorne a si. Assim, cuidar de si[75] é dar conta de seu próprio comportamento para consigo e para com as outras pessoas. No que se refere ao cuidado de si, encontramos "A escrita de si" como um modo de subjetivação, uma forma de tecnologia de si.

A apropriação do sujeito sobre o "já dito" e sua consequente utilização em uma prática de si, ou seja, um exercício (que é um modo de subjetivação) concebido conforme o entendimento que os antigos (gregos ou romanos) tinham do papel da escrita como exercício de si no pensamento.

Segundo Foucault, havia duas formas desse exercício da escrita: o hypomnemata e a correspondência. A função que vão cumprir é da ordem de uma tekne tou biou, uma arte de viver, "que é preciso entender como um adestramento de si por si mesmo" (FOUCAULT, 2009, p. 132).

O autor aponta ainda que:

> A escrita de si mesmo aparece aqui claramente na sua relação de complementaridade com a anacorese: atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível; o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha; podemos, pois propor uma primeira analogia: aquilo que os outros são para o asceta numa

[75] O "cuidado de si" consiste em um conjunto de normas de existência em que o sujeito dá a si mesmo causando, de acordo com a sua vontade e desejo, uma maneira de viver, culminando em uma "estética da existência". O cuidado de si é o retorno para si mesmo para depois agir no mundo em que está inserido.

> comunidade, sê-lo-á o caderno de notas para o solitário. (FOUCAULT, 1992, p. 131-132)

Encontramos esse aspecto nos trechos das narrativas apresentadas anteriormente. A escrita permitiu, naquele instante, uma releitura de suas vidas. Encontramos isso em trechos como: "[...] tive uma infância maravilhosa [...]" ILS (2017), "[...] totalmente madura em algumas relações, mas sim que com alguns obstáculos da vida que vão passar [...]" ACBL (2017) e "[...] Quando descobri isso em minha mocidade já tinham se passado algumas experiências negativas que serviram muito para o meu crescimento pessoal" [...] LGJ (2017), revelando um olhar "de fora", para entender a trajetória de vida.

Do mesmo modo, encontramos elementos destacados sobre a rememoração nesse processo, como nos lembra Freire: "A consciência é essa misteriosa e contraditória capacidade que tem o homem de distanciar-se das coisas para fazê-las presentes, imediatamente presentes" (FREIRE, 1990, p. 16). Assim, as detentas descrevem os fatos marcantes de sua vida, como a separação dos pais, a própria separação, dificuldades financeiras, preconceitos: "[...] Já sofri vários preconceitos, o que mais me marcou, foi a última empresa em que já estava trabalhando há 1 ano, quando descobriram que (eu) era HIV e me mandaram dispensaram" sentimentos "[...]Hoje voltando para cadeia com uma droga que não é minha, sou uma pessoa triste, revoltada".

Sobre ser mulher, encontramos nessas narrativas os seguintes adjetivos: guerreira, vaidosa, imperativa, amiga, menina, mãe ausente, filha batalhadora, compreensiva, vencedora, objetiva, ou como expresso no trecho a seguir: "[...] Quando quero algo luto até conquistar, nada me vence facilmente".

Diante do exposto, partilhamos das argumentações de Deleuze sobre o poder da língua: "Ora, qual é esse ato de fala que se ergue no ar enquanto seu objeto afunda na terra? Resistência". (DELEUZE, 1999, p. 14).

A familiaridade com a realidade de ser mulher também trouxe uma cumplicidade entre elas e a identificação com o tema abordado, bem como a proximidade entre a mediadora e as participantes, lembrando o que diz Freire sobre o processo de ensino-aprendizagem: "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (FREIRE, 1996, p. 25).

Nesse contexto, o mediador de leitura, com amorosidade, procura através do pensamento e reflexões, das experiências trazidas e vividas com os leitores e escritores de si, mudar a realidade e criar, em conjunto, novas possibilidades existenciais.

Essas novas possibilidades de pensamento e de vida foram estimuladas através dos círculos de debates, numa relação horizontal entre educador e educando, que tem como base o Círculo de Cultura, apresentado por Freire. Nessa direção da potencialidade reflexiva nesses espaços, Deleuze afirma que "A lógica do pensamento é o conjunto das crises que ele atravessa, assemelha-se mais a uma cadeia vulcânica do que a um sistema tranquilo e próximo ao equilíbrio". (DELEUZE, 1992, p.106)

FIORI (1987) também aponta:

> O círculo de cultura – no método Paulo Freire – re-vive a vida em profundidade crítica, A consciência emerge do mundo vivido, objetivando-o, problematizando-o, compreendendo-o como projeto humano. Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos, em círculo e em colaboração, reelaboram o mundo e, ao reconstruí-lo, apercebem-se de que, embora construído também por eles, esse mundo não é verdadeiramente para eles. Humanizado por eles, esse mundo não os humaniza. As mãos que o fazem, não são as que o dominam. Destinado a liberá-los como sujeitos, escraviza-os como objetos. (FREIRE, 1987, apud FIORI, 1987, p. 17)

Observamos que, durante o Círculo de Cultura, as mulheres presas revivem suas histórias e se relacionavam com o momento atual, percebendo e identificando suas fraquezas e potencialidades em relação ao seu papel na privação de liberdade. Nesse sentido, o diálogo é a diretriz da experiência pedagógica, centrada na afirmação de que aprender é aprender a dizer "sua palavra".

Neste contexto, a escrita de si constitui um mecanismo importante para a análise das práticas de resistência das mulheres em privação de liberdade.

Após a escrita e a leitura (escuta), foram exibidos vídeos[76] com músicas[77] sobre o empoderamento das mulheres.

A música como forma de expressão artística pode ser um ato de resistência. "Esse ato de resistência na música culmina num grito", como nos lembra Deleuze (1987, p. 14). A música como experiência educativa é um recurso favorável para a construção do conhecimento, organizando as emoções, auxiliando a memória, o aumento da percepção e estimulando a inteligência e a criticidade. É um agente motivador no processo de ensino aprendizagem, sensibilizando o comportamento humano. Deleuze ainda aponta: "o ato de resistência possui duas faces. Ele é humano e é também um ato de arte. Somente o ato de

[76] No espaço escolar da Penitenciária Feminina de Campinas, existe uma sala de informática, que possui um aparelho de Datashow, possibilitando a exibição de vídeos.

[77] Músicas sugeridas pelas participantes da atividade, de acordo com os seus gostos musicais e com a sua memória sobre o tema.

resistência resiste à morte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta entre os homens" (p.14). Com a música resistiram ao fatalismo tão presente no comportamento das mulheres em privação de liberdade.

Neste contexto, Foucault também argumenta: "É o que Nietzsche descobria como a operação artística da vontade de potência, a invenção de novas "possibilidades de vida" [...] esses processos de subjetivação são inteiramente variáveis". (FOUCAULT, 2008, p. 123) . A participante LGJ assim define o processo de vida/ resistência atravessado pela música e por outras manifestações artísticas:

> [...] Nunca deixei a frustração tomar conta de mim, sempre fui alegre, a otimista, o suficiente para nascer sempre com as manhãs. Decepções nunca faltaram... e aí sabe que eu faço? Música, música, música, teatro, teatro, livro, ARTE, ARTE, ARTE: a melhor válvula de escape do ser humano, o que me conduz a resiliência. (LGJ, 2017)

A música pode marcar a possibilidade de escapar de um território, abrindo novos agenciamentos, mas, ao mesmo tempo, um "voltar para dentro de si". A música também pareceu ser, nesses encontros, um recurso poderoso para denunciar, dar voz aos oprimidos e silenciados, para gritar toda a opressão sentida. Muitas vezes, as mulheres tentam se expressar e, especialmente, as mulheres privadas de liberdade não são ouvidas; as pessoas não ouvem ou não querem ouvi-las. Acabam sendo duplamente excluídas numa sociedade patriarcal.

A música foi ali fonte de informação, pesquisa, representação e reflexão social e cotidiana, facilitando a contextualização do tema discutido e a situação das mulheres hoje. As músicas escolhidas diziam muito sobre essa mulher também lutadora, em busca de ser reconhecida como uma pessoa com direitos iguais aos outros e de ser dona de seu próprio corpo.

As músicas foram mostradas e cantadas por muitas participantes que se sentiram representadas em muitas letras expostas, como as mencionadas a seguir:

Cor de Rosa Choque

Rita Lee

Nas duas faces de Eva
A bela e a fera
Um certo sorriso
De quem nada quer...

Sexo frágil
Não foge à luta
E nem só de cama
Vive a mulher...

Por isso não provoque
É Cor de Rosa Choque
Oh! Oh! Oh! Oh! Oh!
Não provoque!
É Cor de Rosa Choque
Não provoque!
É Cor de Rosa Choque
Por isso não provoque
É Cor de Rosa Choque...

Mulher é bicho esquisito
Todo o mês sangra
Um sexto sentido
Maior que a razão
Gata borralheira
Você é princesa
Dondoca é uma espécie
Em extinção...

Por isso não provoque
É Cor de Rosa Choque
Oh! Oh! Oh! Oh! Oh!
Não provoque!
É Cor de Rosa Choque
Não provoque!
É Cor de Rosa Choque
Por isso não provoque
É Cor de Rosa Choque
Oh! Oh! Oh! Oh! Oh!Não provoque!
É Cor de Rosa Choque
Não provoque!
É Cor de Rosa Choque
Por isso não provoque
É Cor de Rosa Choque...

100% Feminista (part. Karol Conká) MC Carol

Presenciei tudo isso dentro da minha família
Mulher com olho roxo, espancada todo dia
Eu tinha uns cinco anos, mas já entendi
Que mulher apanha se não fizer comida
Mulher oprimida, sem voz, obediente
Quando eu crescer, eu vou ser diferente

Eu cresci
Prazer, Carol bandida
Represento as mulheres, 100% feminista
Eu cresci
Prazer, Carol bandida
Represento as mulheres, 100% feminista

Represento Aqualtune, represento Carolina
Represento Dandara e Xica da Silva
Sou mulher, sou negra, meu cabelo é duro
Forte, autoritária e às vezes frágil, eu assumo
Minha fragilidade não diminui minha força
Eu que mando nessa porra, eu não vou lavar a louça

Sou mulher independente não aceito opressão
Abaixa sua voz, abaixa sua mão

Mais respeito
Sou mulher destemida, minha marra vem do gueto
Se tavam querendo peso, então toma esse dueto
Desde pequenas aprendemos que silêncio não soluciona
Que a revolta vem à tona, pois a justiça não funciona
Me ensinaram que éramos insuficientes
Discordei, pra ser ouvida, o grito tem que ser potente

Eu cresci
Prazer, Karol bandida
Represento as mulheres, 100% feminista
Eu cresci
Prazer, Karol bandida
Represento as mulheres, 100% feminista

Represento Nina, Elza, Dona Celestina
Represento Zeferina, Frida, Dona Brasilina
Tentam nos confundir, distorcem tudo o que eu sei
Século XXI e ainda querem nos limitar com novas leis
A falta de informação enfraquece a mente
Tô no mar crescente porque eu faço diferente

Eu cresci
Prazer, Carol bandida
Represento as mulheres, 100% feminista
Eu cresc
Prazer, Karol bandida
Represento as mulheres, 100% feminista

Eu cresci
Prazer, Carol bandida
Represento as mulheres, 100% feminista
Eu cresci
Prazer, Karol bandida
Represento as mulheres, 100% feminista

100%, por cento, por cento, por cento feminista
100%, por cento, por cento, por cento feminista
100%, por cento, por cento, por cento feminista
100%, por cento, por cento, por cento feminista

Desconstruindo Amélia
Pitty

Já é tarde, tudo está certo
Cada coisa posta em seu lugar
Filho dorme, ela arruma o uniforme
Tudo pronto pra quando despertar

O ensejo a fez tão prendada
Ela foi educada pra cuidar e servir
De costume, esquecia-se dela
Sempre a última a sair
Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar (Uhu!)
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo
Faz questão de se cuidar (Uhu!)
Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também

A despeito de tanto mestrado

Ganha menos que o namorado
E não entende por que
Tem talento de equilibrista
Ela é muita, se você quer saber

Hoje aos 30 é melhor que aos 18
Nem Balzac poderia prever
Depois do lar, do trabalho e dos filhos
Ainda vai pra night ferver

Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar (Uhu!)
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo
Faz questão de se cuidar (Uhu!)
Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também

Uhu, uhu, uhu
Uhu, uhu, uhu

Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar (Uhu!)
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo
Faz questão de se cuidar (Uhu!)
Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também

Tô Na Luta
Karol Conka

Sagacidade é o que vale desde o começo
Por isso eu peço força e proteção
Bênção não tem preço, cada luta é uma missão
Se quer tentar pode vir que tem
Sem comparação, sem ter palpitação
Que aguenta não chora, enfrenta a pressão

Planta do pé tá no chão
Sangue dos meus ancestrais no coração
Alcançando a vitória com as próprias mãos
Alcançando a vitória com as próprias mãos
Com as próprias mãos

Se é pra vencer deixa quem sabe fazer
Eu tô na luta, sou mulher
Posso ser o que eu quiser
Se é pra vencer deixa quem sabe fazer
Eu tô na luta, sou mulher
Posso ser o que eu quiser
O que eu quiser

2° round, já anunciaram 2° round
Peso na estrutura, tem que ter o braço forte
Não vou nem contar com a sorte
É, hoje eu vou causar
Dona Sônia me ensinou a nunca desistir
Já caí, levantei e hoje eu venci
Papo de: não vai dar certo também já ouvi
Sou do gueto, mais respeito que hoje eu tô aqui
Perto da vitória, longe do seu ódio
Hoje eu quero o lugar mais alto do pódio
58 Quilos pronta pro combate
Sou Joice, sou Silva sou 18 quilates

Se é pra vencer deixa quem sabe fazer
Eu tô na luta, sou mulher
Posso ser o que eu quiser
Se é pra vencer deixa quem sabe fazer
Eu tô na luta, sou mulher
Posso ser o que eu quiser
O que eu quiser

Menina Pretinha
Mc Soffia

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

Devolva minhas bonecas
Quero brincar com elas
Minhas bonecas pretas, o que fizeram com elas?

Vou me divertir enquanto sou pequena
Barbie é legal, mas eu prefiro a Makena africana
Como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor
Africana, como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

O meu cabelo é chapado, sem precisar de chapinha
Canto rap por amor, essa é minha linha
Sou criança, sou negra
Também sou resistência
Racismo aqui não, se não gostou, paciência

Cabelo é chapado, sem precisar de chapinha
Canto rap por amor, essa é minha linha
Sou criança, sou negra
Também sou resistência
Racismo aqui não, se não gostou, paciência

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

Mulher do Fim do Mundo
Elza Soares

Meu choro não é nada além de carnaval
É lágrima de samba na ponta dos pés
A multidão avança como vendaval
Me joga na avenida que não sei qualé.

Pirata e super homem cantam o calor
Um peixe amarelo beija minha mão
As asas de um anjo soltas pelo chão
Na chuva de confetes deixo a minha dor

Na avenida, deixei lá
A pele preta e a minha voz
Na avenida, deixei lá
A minha fala, minha opinião

A minha casa, minha solidão
Joguei do alto do terceiro andar
Quebrei a cara e me livrei do resto dessa vida
Na avenida, dura até o fim

Mulher do fim do mundo
Eu sou e vou até o fim cantar

Meu choro não é nada além de carnaval
É lágrima de samba na ponta dos pés
A multidão avança como vendaval
Me joga na avenida que não sei qualé

Pirata e super homem cantam o calor
Um peixe amarelo beija minha mão
As asas de um anjo soltas pelo chão
Na chuva de confetes deixo a minha dor

Na avenida, deixei lá
A pele preta e a minha voz
Na avenida, deixei lá
A minha fala, minha opinião

A minha casa, minha solidão
Joguei do alto do terceiro andar
Quebrei a cara e me livrei do resto dessa vida
Na avenida, dura até o fim

Mulher do fim do mundo
Eu sou, eu vou até o fim cantar
Mulher do fim do mundo
Eu sou, eu vou até o fim cantar, cantar

Eu quero cantar até o fim
Me deixem cantar até o fim
Até o fim, eu vou cantar
Eu vou cantar até o fim

Eu sou mulher do fim do mundo
Eu vou, eu vou, eu vou cantar
Me deixem cantar até o fim

La la la laia la la laia
La la la laia la la laia

Até o fim eu vou cantar, eu quero cantar
Eu quero é cantar, eu vou cantar
até o fim, la la la lara la lara laia
Eu vou cantar, eu vou cantar
Me deixem cantar até o fim

Me deixem cantar até o fim
Me deixem cantar
Me deixem cantar até o fim

Músicas maravilhosas que causaram um grande impacto nas mulheres. Ficavam em silêncio, como se algo as tocasse, no fundo da alma. A educação é assim: pode promover impactos capazes de mudar a vida de uma pessoa.

Debatemos, no final das exibições, as representações da mulher nas músicas. Atividade importante para a reflexão sobre os conceitos de empoderamento, reflexão e novas possibilidades de ação da mulher na atualidade, debatidos durante as vivências construídas por elas e durante as demais atividades.

Nas oficinas, é aberto um espaço para a diferença através das artes, da fala, da leitura e da escrita; é criado um espaço para pertencer a um grupo. No final da atividade,

elas retornam as celas, mas não são mais as mesmas. Abrem-se para novos encontros de uma maneira mais poderosa e completa, permitindo que vivenciem o novo.

De modo geral, essa atividade possibilitou aumentar as expectativas para o próximo encontro que teve como tema: “A mulher na prisão”.

6.1.7.3 - O 3º Dia: Mulheres presas

A proposta para esse dia foi debater a situação atual das mulheres em privação de liberdade, com a intenção de “estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos” (FREIRE, 2010, p. 30). Iniciamos com a apresentação de dados estatísticos, para embasamento das discussões. Em seguida, assistiram ao vídeo do programa A Liga - “Mulheres atrás das grades”, uma experiência vivenciada na Penitenciária Maria Júlia Maranhão, em João Pessoa, Paraíba, pela repórter do programa, Mariana, que passa 24 horas dentro do presídio como se fosse detenta. Mariana passa pela experiência, portanto, de uma sentenciada, desde os procedimentos de “recepção” até as atividades diárias desenvolvidas com as presas do local.

Durante a apresentação, houve muitos comentários, apontando as diferenças nas roupas dos presos, as diferenças nas palavras usadas nas prisões da Paraíba e na Penitenciária Feminina de Campinas. Um exemplo apontado foi que, na Penitenciária Feminina de Campinas, é utilizado o termo “uniforme” e na Paraíba “farda”, para roupas usadas na prisão.

Apresentamos também um vídeo da música de Leci Brandão, “Bagulho do Amante”, com imagens (retiradas da internet) em PowerPoint de mulheres privadas de liberdade, preparadas por um dos monitores educacionais da Funap. Emoção total. Alguns já conheciam a música e cantaram junto.

Por fim, houve uma apresentação de dados sobre o encarceramento feminino, apresentada no início desta experiência com a leitura do livro “O Cortiço”, através da Pesquisa Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen Mulher, apontando o aumento dos aprisionamentos, a tipologia dos crimes cometidos e a situação do estado de São Paulo. Para muitas, foi um momento importante para se refletir sobre a situação delas como prisioneiras. Houve vários relatos de pesar sobre a questão da prisão.

No debate coletivo, pairaram as narrativas sobre um imenso desejo de não ser privada de sua liberdade, de não se envolver com o crime e de mudar sua vida. Por fim, ouvimos a música de Leci Brandão, "O bagulho do amante":

O Bagulho do Amante[78]

Leci Brandão

Não matou nem roubou
Mas foi presa em flagrante
Escondeu no chateaux
O bagulho do amante
O amante saiu e largou o embrulho
Quando a casa caiu tava lá o bagulho

Lelelelelelele Lelelelelelele
Lelelelelelele Lelelele

Hoje a vida é na cela
Toma banho de sol
Acompanha a novela e também futebol
No dia de visita Sua mãe vai levar a criança bonita
para ela abraçar
O amante saudoso nunca mais foi lhe ver
E ela nem tem direito um pouco de prazer
E que venha o alvará pra essa pobre mulher
Que um dia sairá se Deus quiser

Lelelelelelele Lelelelelelele
Lelelelelelele Lelelel

(BRANDÃO, 2008)

O narcotráfico é a principal causa do alto encarceramento de mulheres nos últimos dez anos no Brasil. Muitas participantes do projeto foram presas por seu envolvimento no narcotráfico.

O debate, após a exibição da música e do vídeo, foi intenso. Cada uma delas expôs e deu exemplos de mulheres presas por esse motivo, uma vez que "não é só no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão". (FREIRE, 1987, p. 78).

[78] Departamento Penitenciário Nacional - Depen, órgão do Ministério da Justiça (2016), 60% das prisões de mulheres no Brasil estão relacionadas ao tráfico de drogas.

6.1.7.4 - O 4º Dia: Direitos Humanos e feminismo

> *Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade. (BEAUVOIR. 2009, p. 361)*

O primeiro vídeo exibido foi "*A história do feminismo em três ondas".* O segundo foi *Direitos humanos para todos: entenda o termo e por que é importante defendê-lo*, o terceiro, *A primavera das mulheres - GNT* e o quarto: *Elas para elas.* Os vídeos tiveram um importante potencial pedagógico para apoiar os conceitos propostos para a aula e consolidar o aprendizado. Na prática educativa, fica evidente a importância de o professor planejar cuidadosamente cada aula, com o objetivo de alcançar não apenas conhecimentos, mas também valores sem os quais não seria possível alcançar os objetivos desejados. Nesse sentido, Freire afirma que os seres humanos como "[...] seres históricos-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos" (FREIRE, 1997, p.36).

Depois de mostrar os vídeos, iniciamos o debate. Considerei esse dia o mais intenso, comparado aos encontros anteriores, porque muitos relataram suas histórias cheias de violência e preconceito. Nesse momento, o debate buscou um cenário que valorizasse o diálogo, para que todas as participantes tivessem autonomia em suas opiniões e trocas de conhecimentos. Ouviam-se frases como:

> *"A mulher quer o direito de andar na rua sem ser agredida verbalmente ou por olhares".* (Paula)[79]
>
> *"O homem julga as mulheres pelas roupas que usam, principalmente quando a roupa é curta e com decote."* (Pâmela).
>
> *"As próprias delegadas julgam as mulheres que sofreram abuso".* (Neusa)
>
> *"Tem mulheres que não concordam que outras mulheres cresçam, sejam independentes, elas pensam que nós temos que nos diminuir diante delas."* (Neusa).
>
> *"Casei por ter engravidado, por causa da (sic) sociedade achar que seria a melhor condição e por fim o casamento não deu certo."* (Rebeca).
>
> *"As mulheres crescem com a ideia de que temos que dar satisfação de tudo o que fazemos, sofremos assédio psicológico dentro da própria casa."* (Neusa).
>
> *"Não podemos permitir que o homem sinta-se que é nosso dono."* (Tatiana).
>
> *"Fui julgada por uma tatuagem que decidi fazer, pelo fato de ser mulher e no ano de 1985, fui criticada pelos meus pais e vizinhos."* (Rebeca).
>
> *"Fui agredida em 2009, se passaram dois anos e o juiz perguntou se queria dar continuidade no processo, onde fica a segurança da mulher contra as agressões?"* (Heloísa).
>
> *"Fui esfaqueada pelo meu companheiro, fiz BO e nada resolveu, se eu tivesse falado para minha família, ele não estava vivo, mas a justiça nada fez"* (Heloísa).
>
> *"Muitas mulheres não contam para a família dos abusos e agressões, por medo da reação."* (Fátima).
>
> *"A mulher já avisava as autoridades pelo abuso verbal ou agressão, porém precisou uma mulher ser morta, para dar poder ao feminicídio."* (Lúcia).
>
> *"Se alguma mulher erra por alguma decisão de atitude, somos apontadas que erramos pelo fato de ser mulher."* (Kátia).
>
> *"Foi bastante importante o Movimento Feminista, onde as mulheres podem ser expressar."* (Ludmile).
>
> *(...)*

Ao reconhecer suas lutas, dificuldades e possibilidades, as mulheres apontam a necessidade de uma luta política, social e cultural, com o objetivo de mudar sua própria realidade e a de outras mulheres. Nessa direção, "[...] quanto mais o homem é rebelde e indócil, tanto mais é criador" (FREIRE, 2010, p. 32). A mudança de uma consciência

[79] Nomes das participantes dessa oficina de leitura são fictícios, criados para preservação da identidade, de acordo com as orientações do Termo de Livre Consentimento Esclarecido – Comitês de Ética da Unicamp e SAP.

fatalista para uma consciência crítica conhecida por transformar o mundo é o que encontramos em Freire (2010). Assim, o autor declara:.

> No momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram sua percepção muda, embora isto não signifique ainda a mudança de estrutura. Mas a mudança da percepção da realidade, que antes era vista como algo imutável, significa para os indivíduos vê-la como realmente é: uma realidade histórica cultural, humana, criada pelos homens e que pode ser transformada por eles [...]. (FREIRE, 2010, p. 50).

A narrativa de Lima (2017) apresentada anteriormente, (ver página 183) aponta para esse caminho também, quando afirma que *"[...] todas as mulheres são batalhadoras e merecem respeito, não pelo fato de ser o sexo feminino! Mas sim pelas lutas, conquistas e o fardo que só elas suportam. Somos o que quisermos ser, guerreiras!!!"*Naquele dia, houve uma expressão real de indignação. O debate foi muito caloroso e esclarecedor. Todas elas queriam falar sobre o papel das mulheres na sociedade de hoje, os avanços e contratempos.

Freire (2010, p. 113) explica que "[...] o educador que escuta com atenção, aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele". Ainda sobre a escuta, Freire salienta:

> Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das ideias. Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura. Precisamente porque escuta, sua fala discordante, em sendo afirmativa, porque escuta, jamais é autoritária. (FREIRE, 1996, p. 135)

Para encerrar o encontro e elevar o sentimento de pertencer a um grupo que pode expor suas ideias, falar sobre seus medos, sentimentos de sonho, foi proposta uma dança circular, após um breve ensaio e exibição de um vídeo (com pessoas cantando e dançando a música "Casa de Farinha[80]"), cuja letra segue:

---

[80] Casa de farinha Ciranda - PIBID MÚSICA UECE disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=semBJs5_7Wo Acesso em: 10/09/201

Casa de Farinha / Dançar Ciranda

Mandei Fazer uma casa de farina
Bem maneirinha que o vento possa levar
Passa o sol, passa a chuva, passa o vento
Só não passa o movimento
Do cirandeiro a rodar

Essa ciranda não é minha só
É de todos nós, é de todos nós
A melodia principal do dia é a primeira voz,
a primeira voz
Pra se dançar ciranda juntamos mãos com mãos
Fazemos uma roda cantando essa canção.

(Domínio público)

Elas gostaram muito, pois dificilmente alguém se toca e se abraça na prisão. Trata-se de uma regra interna.

A experiência de dançar em círculo, como uma prática integradora, de mãos dadas, em uma sala apertada, forneceu uma conexão com a energia que emana de todos(as), proporcionando a experiência de amizade, força conjunta, fraternidade, compartilhamento, amor, alegria, cooperação e contato com o "Sagrado Feminino", que existe em todos nós e deve ser experimentado.

A dança circular foi apresentada como recurso pedagógico, essencial para a aproximação dos privados de liberdade, proporcionando mais uma experiência e integração entre eles. Um ritual de rendição, de encontro além das palavras.

De acordo com o manual de implantação de serviços de práticas integrativas e complementares no SUS, a dança circular define-se como:

> As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) contribuem para a ampliação das ofertas de cuidados em saúde, para a racionalização das ações de saúde, estimulando alternativas inovadoras e socialmente contributivas ao desenvolvimento sustentável de comunidades; motiva as ações referentes à participação social, incentivando o envolvimento responsável e continuado dos usuários, gestores e trabalhadores nas diferentes instâncias de efetivação das políticas de saúde, além de proporcionar maior resolutividade dos serviços de saúde (BRASIL, 2015).

Além da contribuição na área da saúde, a dança circular é configurada como um recurso poderoso na educação, oferecendo pontes para permitir o cruzamento entre o conteúdo trabalhado no espaço educacional e sua incorporação pelos envolvidos. Um convite para que os participantes se voltem para seus sentimentos, abrindo espaço para imaginação, criatividade e espontaneidade.

De acordo com o manual de implantação de serviços de práticas integrativas e complementares no SUS, a dança circular é definida com uma:

> [...] Prática expressiva corporal que utiliza a dança de roda, o canto e o ritmo para promover a integração humana, o auxílio mútuo e a igualdade visando ao bem-estar físico, mental, emocional e social. Originária de diferentes culturas que favorece a aprendizagem e a interconexão harmoniosa entre os participantes. As pessoas dançam juntas, em círculos, e aos poucos começam a internalizar os movimentos, "liberar a mente, o coração, o corpo e o espírito". Por meio do ritmo, da melodia e dos movimentos delicados e profundos, os integrantes da roda são estimulados a respeitar, aceitar e honrar as diversidades. (BRASIL, 2018, p. 48-49)

No trabalho pedagógico desenvolvido na Penitenciária Feminina de Campinas com a leitura, sempre houve a necessidade de buscar atividades interdisciplinares, a fim de complementar a compreensão do livro proposto e estudado pelas presas.

Como educadora, momentos como esses são uma a oportunidade de oferecer, experimentar e compartilhar múltiplos conhecimentos e práticas, estabelecer vínculos, promover encontros, proporcionando novos repertórios, por que:

> Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos. (FREIRE, 1998, 29)

No final da atividade, repetimos várias vezes, como um grito de fortalecimento, a seguinte frase: "Lugar de mulher é onde ela quiser!" Todas se abraçaram emocionadas[81].

6.1.7.5 - O 5º dia: Linhas de fuga

Foram realizadas quatro encontros sobre temas relacionados às minorias e direitos humanos, buscando criar o que Deleuze e Guattari (1995) definem como linhas de fuga, ou seja, tudo o que escapa à experiência totalizante, fazendo com que as pessoas tenham um novo relacionamento com outras experiências e se movam em outras direções. São linhas de intensidade que atravessam toda a experiência.

[81] As imagens deste momento, não foram captadas, porque à época não tínhamos acesso câmera da unidade prisional. (outras câmeras não são permitidas ali)

Como proposta para esse último encontro, iniciamos as atividades com um vídeo sobre motivação[82] voltado para as mulheres. Depois do vídeo, refletimos sobre os assuntos abordados nas últimas reuniões.

Falamos sobre possibilidades e caminhos que podem ser tomados pelas mulheres em privação de liberdade e depois que cumprem suas sentenças. Escrevemos juntas novas palavras para colocar na folha de rosto deste trabalho, pensando no aprendizado que construímos nos encontros.

Para o registro de nossas experiências, escrevemos um poema coletivo com as palavras que surgiram e que poderiam contar um pedaço da história de cada uma, como as imagens abaixo evidenciam:

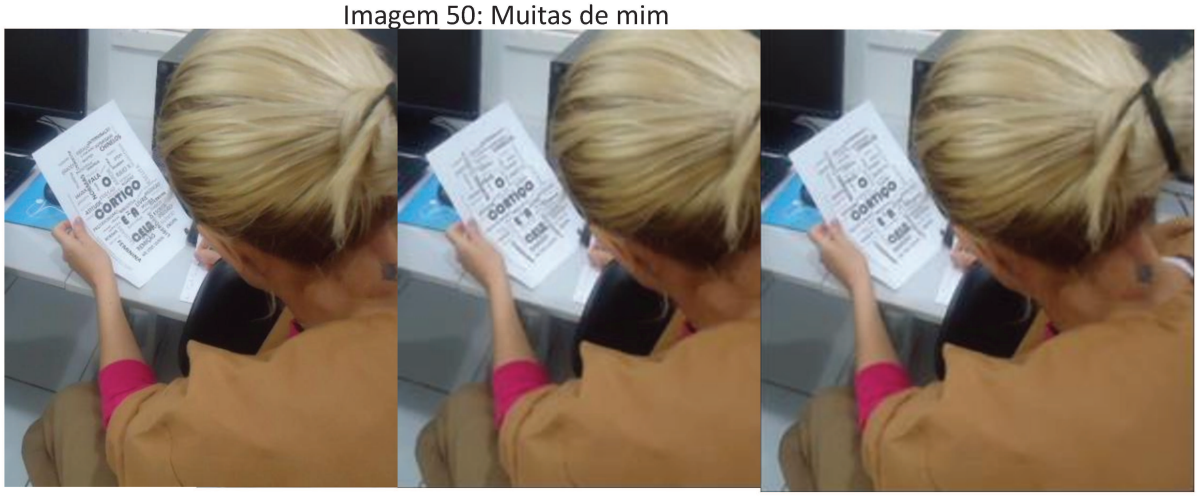
Imagens 47 a 49 – Construindo palavras e escrevendo poesia

Imagem 47 Imagem 48 Imagem 49



Fonte: arquivo pessoal (out. de 2017)

Imagem 50: Muitas de mim



Fonte: arquivo pessoal (out. de 2017)

[82] Vídeo: *Mulher, você é muito forte* (motivação feminina).

Com as palavras em mãos, cada participante escreveu uma poesia. Ação importante, como afirmado por Petit (2010, 123) "[...] para crescerem, para começarem um dia a formular sua própria história, eles necessitam de literatura". Neste caso, as palavras emergiram da leitura do livro "O Cortiço", do debate sobre os personagens, da comparação com a realidade vivida.

Após a leitura, estruturamos os poemas para que pudessem representar uma escrita coletiva. A primeira poesia é uma coleção de escrita, cujo título escolhido foi *"A mistura de todos nós* ...", como se observa a seguir:

A mistura de todas nós...

Quando cheguei aqui;
Passei por muita humilhação;
Com o passar do tempo levantei a cabeça;
E me enchi de esperança e determinação.

Todos os dias são iguais;
Atrás das grades;
Todas as manhãs eu choro e peça a Deus;
Trás de volta a minha liberdade.

Liberdade de expressão de sentimentos;
Poesia, choro, angústia tudo tem um sentido;
Feminina mulher amiga;
Falsidade não combina com liberdade;
Escutar música fez a diferença.

Menos idade, mais idade tudo sai de liberdade;
Família, saudade, grades impedem a felicidade;
Atitudes feminina amor de família;
As grades não impedem a felicidade;
A leitura traz a humildade.

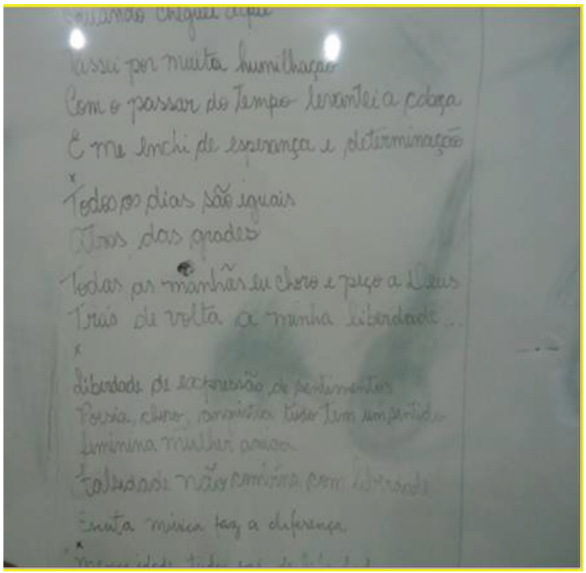
A fé pela liberdade;
O sofrimento em silêncio;
A mulher guerreira;
E o coração livre para sonhar.

Na prisão silêncio, angústia, sofrimento mais a mulher
Guerreira que tem fé escuta;
E com seu olhar procura trabalho, informática,
Ciranda da leitura, pois através disto vêm os sonhos.

Aliadas só quem é;
Livre não tem sentimento melhor de sentir liberdade;
Liberdade, liberdade;
Abra seus braços e venha ao meu encontro.

A prisioneira guerreira escuta o silêncio;
Da indiferença e do esculacho;
Esperando a liberdade do sofrimento;
Sonhando com o sorriso do desabafo.

Imagem 51: A Mistura de todas nós



Arquivo pessoal (out. / 2017)

Num belo dia de domingo sua mãe entra sorrindo
para ver a filha presidiária;
Um abraço apertado e muito carinho trocado;
E então bate o sinal, acabou a visita é hora de despedir,
mas a esperança de logo seu alvará cantar;
E assim sua diferença mostrar para aquela mulher guerreira que veio visitar.
Com tanto conhecimento;
Veio (sic)tantas humilhações, tristeza, choro e por fim a sentença;
Com muita coragem;
Sabedoria, serei mais que vencedora.

Prisão me trouxe um grande sofrimento cheio de injustiça;
Que todo dia me dói a saudade;
Quem inventou as grades não sabe a dor da saudade;
Vivo no sofrimento com saudade em busca de minha liberdade.

Busco com determinação aumentar meus conhecimentos;
Durante meu tempo como presidiária;
Para amenizar meu sofrimento, minha saudade;
Em busca de minha liberdade.

(mulheres em privação de liberdade) Coletânea dos fragmentos

(participantes da ciranda da leitura)

Na realização dessa atividade, o conteúdo exposto precisou ser adaptado ou transformado diante do que foi estudado, vivenciado, experimentado e apropriado, criando novos significados para as participantes das oficinas. Nesse sentido, Freire (2010) aponta que a atividade pedagógica "[...] como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista" (FREIRE, 2010. p. 145).

A liberdade de criação, construção e reconstrução, de união, possibilitou experimentar a singularidade entre os participantes da atividade, na busca de sua própria voz, na escolha de seu próprio caminho.

Outras poesias também foram criadas. Nelas é possível ler todos os sentimentos e reflexões de três mulheres que alcançaram em sua escrita o momento que estavam vivendo, ensinando-nos sobre suas experiências cotidianas:

Livros e poemas

4 anos na prisão;
O que seria de mim;
Se não fosse a determinação?.

Um processo longo;
De autoconhecimento;
Com a ajuda dos livros;
Pra vencer o sofrimento.

Através das algemas;
Me pus a fazer poemas;
Quem diria tal atitude;
Diante de tantos brilhantismos...;
Eis o verdadeiro protagonismo!.

Quer receita pra mulher guerreira?;
Música, escrita, arte, amizade;
Diga não ao choro;
Tenha mais fé e atitude;
Conheça o valor da liberdade.

(Ludmile Guimarães de Jesus)

Mulheres guerreiras

Hoje atrás das grades desta cela;
Parei um pouco para me escutar;
Vi como a vida é simples e bela;
Mude também o teu olhar.

Verás que nem todos que estão na cadeia são presos;
Apesar de muitos aqui não estar;
São mantidas presas em seu lar.

Talvez para alguns é normal dizer “Que tapa de amor não dói”;
Mas saiba que qualquer tipo de agressão destrói;
Vamos nos libertar, de tudo que vem nos aprisionar;
Somos mulheres, guerreiras, fortes e decididas.

Não precisamos de ninguém mandando nas nossas vidas;
Toda prisão vai passar, não importa onde você está;
Mas saiba que seu mundo só você pode mudar;
Sonhe e ouse sonhar, a sua liberdade hoje vai chegar.

(Tatiana Lima Souto)

Sonho

No frio da cela;
Choro e lembro-me da sua fala;
Mamãe quanto amor;
Você é minha flor.

A saudade oprime meu coração;
Quero gritar esmurrar e chorar;
Tento correr, me livrar da angústia;
Só quero seu abraço meu filho.

Sonho com o dia que te coloco em meu colo;
Me levanto, luto com meu interior e sei;
Que a opressão, a represália, o medo;
Tristeza, injustiças e indiferenças.

Foram quebrados, como as algemas da opressão;
Minha esperança, fé, emoção, compaixão;
Vivem no meu coração;
Sou livre, sou mulher, guerreira, poderosa, determinada.

Passo batom e me sinto maravilhosa;
Pego os livros, e me trazem confiança, esperança;
Viajo nas linhas das pequenas páginas;
Adquiro sonhos, me elevo ao trabalho da minha alma.

Quebro as algemas do meu espírito, viajo ao infinito;
Chego aos pés de Deus, olho os anjos, sorrio e acalmo minhas emoções;
Pois todo o processo ele pegou em suas mãos;
Me disse filha, chega de confusão, és livres e quebrei sua prisão.

Sou seu Deus,
Escutei sua oração;
Dou a última palavra;
Chegou sua absolvição.

(Neusa Lima Bandeira)

As poesias acima demonstram o prazer em expressar-se de forma poética, “as histórias que ouvimos ou os livros que lemos ecoam em nós o que até então indizível”. (Petit, 2010, p. 123) As participantes escreveram com o coração. Nota-se que as atividades desenvolvidas durante os encontros, a partir do livro “O Cortiço” proporcionou o aprofundamento da leitura, da pesquisa, da interpretação, da criação e da reflexão. Todas aprenderam e cresceram como seres humanos.

6.1.7.5.1 - Fotos: somente elas, imagens que anunciam e denunciam.

No segundo momento da atividade, com a máquina fotográfica da unidade prisional em mãos, fizemos imagens que pudessem representar os temas debatidos durante o mês.

Imagens são potentes! Além da emoção de pegar uma máquina fotográfica nas mãos e fazer uma imagem, o ponto alto ao ver as fotos tiradas foi o de se ver por inteira, assim como manifestaram, já que com a privação da liberdade não são permitidos espelhos grandes nas celas. Há somente os pequenos, existentes nos componentes de maquiagem. Foi, verdadeiramente, a coisa mais emocionante vê-las se reconhecendo nas imagens produzidas. Cada participante optou em nomear as imagens criadas.

A solidariedade estava presente nas falas das participantes. Nessa mesma direção, Amós diz que: "[...] a capacidade de nos vermos como os outros nos vêem é um outro remédio, A Aptidão para conviver com situações em aberto, até para gostar dessas situações, de aprender a desfrutar a diversidade, também podem ajudar." (OZ, 2016, p.36-37).

Foi o que aconteceu com essas mulheres que puderam participar de atividades que, por certo, ampliaram a sua visão sobre o tema mulher e puderam se "ver" e se colocar no lugar do outro.

A fotografia se constituiu em um eficiente recurso pedagógico para trabalhar com as participantes da oficina. Uma forma de se trabalhar o conteúdo com uma maneira mais ilustrativa, significativa e inesquecível.

Ao receberem a máquina fotográfica nas mãos, foram orientadas a capturar imagens que tivessem relação com o tema, usando a intuição. Dessa forma, foi possível criar mais uma alternativa para que elas exercitassem novas formas de expressão e um novo olhar, questionando a realidade em que estão inseridas.

Dubois (2011) afirma que:

> A foto não é apenas imagem (o produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de um fazer e de um saber-fazer, uma representação de papel que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito), é também, em primeiro lugar um verdadeiro ato icônico, uma imagem (...) algo que não se pode conceber fora de suas circunstâncias, (...) inclui também o ato de sua recepção e de sua contemplação. (DUBOIS. 2011, p. 15)

As autoras das fotos orientavam e posicionavam suas personagens, de acordo com o que mais marcou no processo de aprendizagem e, assim, puderam expressar suas impressões sobre os temas abordados. Uma construção subjetiva na experiência com as imagens, abrindo a possibilidade do devir, de ser diferente do que se é, escapando das formas de aprisionamento, denunciando e refletindo a produção do sujeito aprisionado através das imagens.

O ato de fotografar pode ser realizado, no que diz respeito à relação entre a pessoa que está fotografando e a mensagem que ele deseja transmitir, assim como espelho da realidade ou a transformação dessa realidade ou ainda um fragmento da realidade.

Na experiência de enquadrar a imagem, são olhares subjetivos criados através do uso da fotografia, como podemos perceber abaixo:

Imagem 52: Tranca

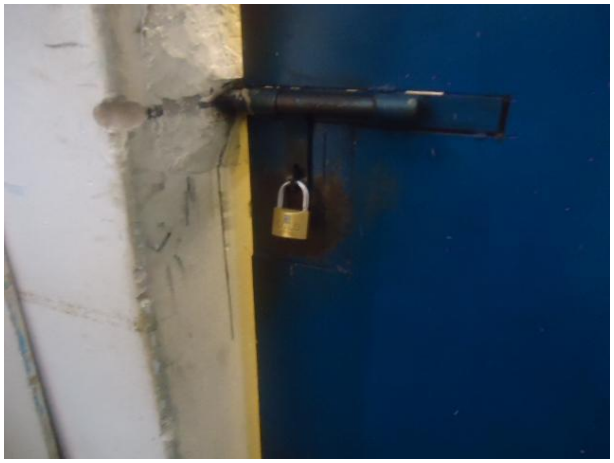


Imagem 53: Chapão[83]



Acervo pessoal (out. /2017)

Essas imagens mostram as portas que se fecham para o mundo exterior. Portas que prendem e impedem o ir e vir. Portas que separam. Isso qualifica o bem e o mal, o espaço real, o espaço temido, o espaço vivido. Uma releitura da situação da prisão, uma escrita de si mesmo.

[83] Nome dado pelos privados de liberdade as portas de ferro que trancam as celas

Imagem 54: Tatuagens



Acervo pessoal (out. /2017)

Tatuagens, marcas registradas no próprio corpo, para a afirmação de uma ligação afetiva. As mulheres registram em seus corpos: nome do (s) filho (s), do (a) companheiro (a), de um amor saudoso. São marcas afetivas. Tatuar-se “é fazer com que o corpo entre em comunicação com poderes secretos e forças invisíveis”, como salienta Foucault (2013, p.12), apresentando uma linguagem do desejo de estar próximo. Foucault aponta nesse sentido também: ”meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais e utópicos”. (FOUCAULT, 2013, p. 14)

Imagem 55 – Vaidade



Acervo pessoal (out. /2017)

Presa sim, nunca “desleixada”. A vaidade é valorizada e cultivada na prisão. Unhas e cabelos quase sempre arrumados. O cuidado de si como ser humano, demonstrando que, apesar da privação de sua liberdade, as mulheres continuam quebrando as determinações impostas pelo encarceramento e descobrindo saídas. Foucault (2013, p.12) ainda destaca que tais movimentos (a máscara, a tatuagem, a pintura, por exemplo) “ instalam o corpo em outro espaço, fazem-no entrar em um lugar que não tem lugar diretamente no mundo, fazem deste corpo um fragmento de espaço imaginário que se comunicará com o universo das divindades ou com o universo do outro.”

Neste sentido, para Foucault (2013), essas marcas são uma espécie de linguagem:

> O corpo é também um grande ator utópico quando se pensa nas máscaras, na maquiagem e na tatuagem. Usar máscaras, maquiar-se, tatuar-se, não é exatamente, como se poderia imaginar, adquirir outro corpo, simplesmente um pouco mais belo, melhor decorado, mais facilmente reconhecível. Tatuar-se, maquiar-se, usar máscaras, é, sem dúvida, algo muito diferente; é fazer entrar o corpo em comunicação com poderes secretos e forças invisíveis. A máscara, o sinal tatuado, o enfeite colocado no corpo é toda uma linguagem: uma linguagem enigmática, cifrada, secreta, sagrada, que se deposita sobre esse mesmo corpo, chamando sobre ele a força de um deus, o poder surdo do sagrado ou a vivacidade do desejo. (FOUCAULT, 2013, p. 12)

A tatuagem na prisão evoca o pertencimento, a saudade. Escreve-se na pele a sua ligação ao ente querido, a sua própria história, um sentido especial para o momento em que foi realizada. E esse registro se revela e se desvela naqueles segundos em que é visto pelos outros e pela própria mulher. Nessa perspectiva, a tatuagem está a serviço da sua subjetivação, assim como do diálogo com um coletivo.

Abaixo, também podemos observar uma foto sobre a questão dos direitos que pode apresentar, ao menos, dois aspectos. Primeiro, a bandeira que simboliza a democracia e preconizam direitos iguais a todos os cidadãos brasileiros e o segundo aspecto na figura da “personagem” que, entre as privadas de liberdade, sempre as convida para o aprendizado constante:

Imagem 56: Direitos



Acervo pessoal (out. /2017)

A próxima foto demonstra o corpo em uma atitude positiva. A porta e os braços abertos podem representar uma rota de fuga (para o desejo mais importante e latente): a liberdade. Talvez aponte para o fato de que "que temos um corpo, que esse corpo tem uma forma, que essa forma tem um contorno, que nesse contorno há uma espessura, um peso, numa palavra, que o corpo ocupa um lugar." (FOUCAULT, 2013, p. 14)

A liberdade tão sonhada, desejada, festejada, projetada, planejada. O desejo de não ter seu mais o seu corpo marcado pela cor da roupa, de poder transitar por onde se desejar, de poder falar o que pensa sem medo de restrições, de reencontrar alguém que está fora da prisão, de ter finalizado a sua pena. Assim, lembra Foucault: "O meu corpo é como a Cidade de Deus, não tem lugar, mas é de lá que se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos". (FOUCAULT, 2013, p. 14)

Imagem 57: Liberdade



Acervo pessoal (out. /2017)

As roupas também podem condenar e separar. Na fotografia seguinte (Jaleco), as roupas e um livro são o mote da criação. Novamente, Foucault nos ajuda a refletir sobre a questão de que talvez seja possível ultrapassar os limites impostos pela vestimenta: “mas talvez fosse preciso descer mais, por baixo da vestimenta, talvez fosse preciso atingir a própria carne [...]” Foucault (2013, p. 13)

Imagem 58: Jaleco[84]



Acervo pessoal (out. /2017)

[84] Jaleco é o nome dado à parte de cima do uniforme utilizado pelos presos e presas no estado de São Paulo.

Imagem 59: Mãos dadas

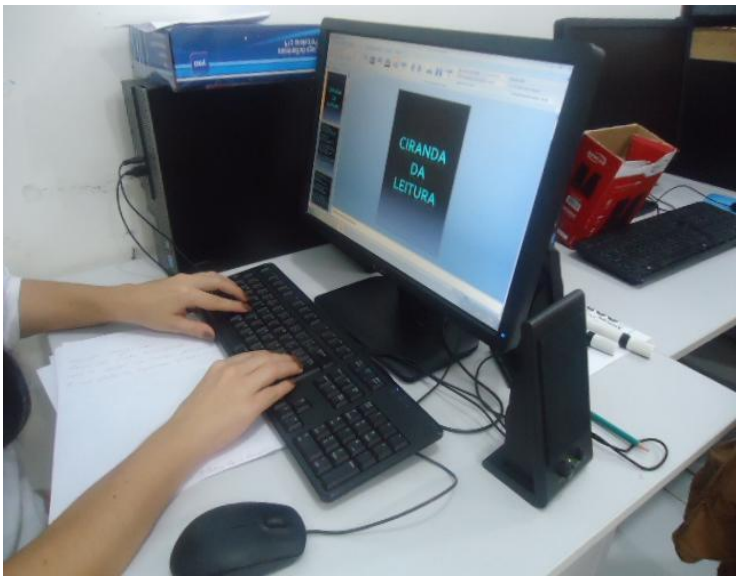


Acervo pessoal (out. /2017)

Em “mãos dadas” (foto acima), podem se destacar questões afeitas à união, igualdade, apoio, companheirismo, amor, homossexualidade, presentes entre as pessoas em situações de encarceramento.

Abaixo, vislumbra-se a busca pelo conhecimento se fazendo presente entre as participantes do projeto de leitura. É possível que acreditem nas palavras de Freire: “Se, de um lado, a educação não é a alavanca das transformações sociais, de outro, estas não se fazem sem ela.”. Freire (2000, p.91)

Imagem 60: Conhecimento



Acervo pessoal (out. /2017)

Imagem 61: Corpo preso, mas a mente livre.



Acervo pessoal (out. /2017)

O indivíduo é o intérprete principal de todas as utopias, sonhos desejos e denúncias. Apesar da opressão, é possível pensar diferente do que está posto socialmente, como pode evidenciar a imagem acima. Como salienta Foucault: “Meu corpo, de fato, está sempre em outro lugar. Está ligado a todos os outros lugares do mundo, e, para dizer a verdade, está num outro lugar que é o além do mundo.” (FOUCAULT, 2013, p. 14)

Imagem 62: A justiça é falha



Acervo pessoal (out./2017)

A foto “A justiça é falha” lembra uma releitura da situação prisional, representada pelas roupas e pelos gestos. Talvez estejam ali dizendo: “Não escuto as coisas faladas na prisão ou pela sociedade. Não falo ou denuncio o que penso sobre a minha situação e os acontecimentos que vivencio. A opressão me cala. E não vejo nada do que acontece ao meu redor”. Neste sentido, “Afinal, o corpo do dançarino não é justamente um corpo dilatado segundo um espaço que lhe é ao mesmo tempo interior e exterior? [..] também [...] os estigmatizados, cujo corpo torna-se sofrimento, resgate e salvação, ensanguentado paraíso”. (FOUCAULT, 2013, p. 14)

É assim que, para Foucault (1984), o corpo é concebido como o “centro do mundo, ali onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo não está em nenhuma parte: o coração do mundo é esse pequeno núcleo utópico a partir do qual sonho, falo, me expresso, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. (FOUCAULT, 2013, p. 14)

Através das fotografias produzidas pelas presas, é possível visualizar as denúncias e as linhas de fuga do território prisão, na busca de um lugar menos opressor e dolorido:

.

Imagem 63: Amor, arte e opressão



Acervo pessoal (out./2017)

Representação das múltiplas facetas da prisão. Opressão representada pelos corpos. Amor e arte representada pelo tapete confeccionado por uma mulher privada de liberdade.

Importante, diante do exposto, resgatar as concepções de Freire (1987), também quando afirma:

> O ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sintam opressores, nem se tornem, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si mesmos e aos opressores. (…) Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. (FREIRE, 1987. P 41).

Entender que é possível criar novas realidades da vida, a partir da releitura do mundo, só é possível quando propomos dialogar e refletir coletivamente sobre os novos conhecimentos e conceitos, visualizando e construindo caminhos para a construção de uma sociedade mais justa.

Imagem 64: Encontro



Arquivo pessoal (out. 2017)

Educar é uma forma de intervir no mundo. Minha foto (capturada por uma participante do projeto) demonstra, cumplicidade, o querer bem, a afetividade. Uma experiência importante e vital na prática educacional construída e reconstruída constantemente.

Outro ponto importante a ser considerado nesse processo é que, apesar do educando ”[...] necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não

significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem". (FREIRE, 1990, p. 10)

As observações, as inferências e a discussão das imagens/fotos produziram um efeito bastante significativo para todas nós, contribuindo para a consolidação da aprendizagem sobre os temas abordados. O corpo se tornou um "corpo mensagem". Como vimos anteriormente, ele se apresenta como um meio de comunicação e expressão através do qual as mulheres presas exteriorizaram, suas angústias, os seus afetos e interesses pessoais e coletivos. É neste sentido também que Foucault aponta: "O corpo humano é o ator principal de todas as utopias." (FOUCAULT, 2013, p. 12)

As fotografias foram portadoras de valores presentes em diversas dimensões culturais existentes na prisão. As fotos proporcionaram uma leitura do corpo, um reencontro de cada participante consigo mesma. A maneira como os corpos foram dispostos, modelados, escondidos pelos gestos (in)comuns, pela roupa, pelo ajuntamento das pessoas, pode ser um caminho para a leitura de si e da sociedade.

Dessa forma, os modos de subjetivação do grupo talvez tenham sido demonstrados pelos sonhos/projetos de liberdade, o controle sobre o próprio corpo feminino, a liberdade proporcionada pela leitura dos livros, pelos gestos e expressões, pelas imagens produzidas para mostrar desejos e sonhos e ter um reconhecimento social, através principalmente da saída da prisão. Do mesmo modo, o corpo representado pelas imagens denuncia a repressão sofrida e a proibição da liberdade pessoal.

6.1.8 – Parte 3

Terminando - reflexões

O livro "O Cortiço" proporcionou uma oportunidade única de reflexão sobre o papel da mulher na atualidade, suas conquistas, suas lutas e seus desafios. Longe do determinismo pensado por Aluízio de Azevedo, pautado pela visão naturalista da época, essas mulheres não são somente a influência do meio em que vivem. Isso é apenas uma parte delas; uma passagem, para muitas.

Apesar das conquistas de direitos civis, políticos e sociais, muito ainda tem a ser feito para a efetivação desses direitos às mulheres, dentro e fora das prisões.

Através do espaço escolar e do Projeto de Leitura, essas mulheres buscam alternativas para suas vidas. Cada situação vivida durante os dias de aprendizado exigia uma reflexão crítica de como lidar com os conteúdos trabalhados, como nos ensinou Freire (2010): “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 2010, p. 39).

Dessa forma, construímos conhecimento coletivo, utilizando diversos recursos pedagógicos para entender e refletir sobre o tema abordado. Nesta tarefa “os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. (FREIRE, 2010, p. 26).

Entendemos que com Freire que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 2010, p. 29). Evidentemente, nós, educadores, devemos passar por constantes atualizações, reflexões e transformações, trazendo teoria e prática, buscando significar e mudar a nossa realidade e a dos educandos.

Quando proporcionamos um espaço para o diálogo, há um encontro real de corpo e alma entre os participantes, com muito amor e respeito entre todos. Nesse sentido, Freire (1987) afirma que:

> O diálogo é este encontro dos homens, imediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. (FREIRE, 1987, p. 91).

Acreditamos que o diálogo é uma necessidade humana; é o encontro entre as pessoas que acreditam que o mundo pode ser diferente, pronunciado. Não há outra forma de se realizar um trabalho pedagógico efeito, também nas unidades prisionais, onde as mulheres e homens possam ter voz.

As oficinas de leitura possibilitaram uma experiência democrática entre as presas, respeitando as suas vivências, seus pensamentos, seus relatos e linguagens, estabelecendo condições essenciais para o diálogo. Teve como princípio o respeito às diferenças e a valorização das participações, oportunizando o debate sobre os assuntos que surgiram com o tema abordado.

6.1.9 - Participantes da atividade temática: O Cortiço e a cela

Abaixo estão os dados das participantes da oficina de leitura o cortiço e a cela. Informamos novamente que os nomes são fictícios, respeitando as orientações do Comitê de Ética da Unicamp e da SAP. As informações adicionais foram retiradas da ficha qualificativa[85] existente na unidade prisional.

1. **A**na **P**aula **F**erreira – 44 anos, natural de Americana/SP, branca, solteira, ensino médio completo, autônoma, reincidente.
2. Aline Cristina Barbosa Lima – 38 anos natural de Campinas/SP, branca, casada, ensino médio incompleto, vendedora, primária.
3. **C**armem **T**heodoro **S**ilva - 28 anos, natural de São Paulo/SP, parda, casada, ensino fundamental incompleto, autônoma.
4. **E**lisabete **A**ssis **S**érgio **G**usmão – 34 anos, natural de Americana/SP, parda, solteira, ensino médio incompleto, operadora de telemarketing, primária.
5. **F**átima **G**onçalves **S**ilva – 49 anos, natural de Populina/SP, branca, viúva, superior incompleto, aposentada, reincidente.
6. **H**eloísa **D**inorá **F**agundes **B**rasil – 34 anos, natural de Campinas/SP, parda, solteira, ensino médio completo, auxiliar de serviços gerais, primária.
7. **K**arina **G**raziela **M**oraes **S**alvador – 29 anos, natural de Piracicaba/SP, parda, solteira, ensino fundamental completo, doméstica, reincidente.
8. **K**átia **B**arbosa **S**ilvino - 32 anos, natural de Piracicaba/SP, branca, união estável, ensino médio completo, autônoma; primária;
9. **Lúcia S**ilveiro **R**ibeiro - 26 anos, natural de Salvador/ BA, parda, união estável, ensino médio incompleto, animadora, primária.
10. **L**udmile **G**uimarães de **J**esus – 44 anos, natural de Itapetininga[86]/SP, branca, solteira, superior incompleto, desempregada, primária.
11. **N**eusa **L**ívia **B**andeira - 32 anos, natural de São Paulo/SP, branca, União estável, superior completo técnica de enfermagem, primária;

[85] Ficha qualificativa é um formulário computadorizado, contendo os dados básicos do preso (a) como: nome, filiação, naturalidade, escolaridade, marcas no corpo, condenação, e observações. Informações da ficha qualificativa. Disponibilizada pela direção da unidade prisional. Arquivos do Sistema de Controle de Execuções Penais - SISCOPEN. Pesquisa de campo na Penitenciária Feminina de Campinas, no Brasil, 2018.

[86] No momento da prisão, Ludmile apresentou o documento de outra pessoa, para que dados como idade, cor, estado civil, escolaridade, status de trabalho e status criminal não correspondam aos dados reais dela. Os dados apresentados referem-se a ficha qualificativa de outubro de 2017, referente ao nome falso.

12. **P**âmela **M**endes **L**ara – 36 anos, natural de Rio Claro/SP, branca, união estável, ensino médio completo, promotora, primária.
13. **P**aula **F**erreira **B**arros - 22 anos, natural de São Carlos/SP, parda, união estável, ensino fundamental incompleto, auxiliar de cozinha.
14. **S**ônia **S**oares **G**omes - 34 anos, Natural de Campinas / SP, branca, casada, superior completo, analista contábil, primária.
15. **R**ebeca **H**ellen **S**oares – 30 anos, natural de Campinas/SP, branca, Ensino médio completo, inspetora de qualidade, primária.
16. **S**heila **P**atrícia **P**into – 37 anos, natural de Curitiba/PR, branca, solteira, ensino médio completo, vendedora, primária.
17. **T**atiana **L**ima **S**outo - 29 anos, natural de São Paulo/SP, parda, união estável, ensino médio completo, vendedora, primária.

Imagem 65: Mulher presa e a leitura



Cedida à autora por Valdomiro Soares Costa, em setembro de 2017.
Acervo da pesquisadora

6.2 Diálogos através de cartas

Olhando as horas tão breves...
E das cartas que me escreves
Faço barcos de papel!
(Mário Quintana, 2006, p. 878)

O objetivo deste item é, através de cartas recebidas, contribuir para reflexão da escrita de si, conceito trazido por Foucault, como mencionado anteriormente. As cartas foram escritas por presos e presas, durante o período de privação de liberdade, configurando-se como uma forma concreta do uso da escrita como função social.

Dessa forma, tais cartas foram escritas a partir das impressões dos(as) detentos(as) sobre as atividades educativas e revelam a sua posição crítica e sensível em relação a essas atividades. As cartas aqui apresentadas foram entregues a mim e apresentam um registro descontraído, próprio dos privados de liberdade que desejam relatar as suas experiências de forma positiva nesse espaço, muito provavelmente reproduzindo "o movimento que leva de uma impressão subjetiva a um exercício de pensamento". (FOUCAULT, 1992, p. 155)

As cartas trouxeram pedidos, informações, agradecimentos, relatos de vida e sonhos, por exemplo, tendo objetivos diversos. Para Foucault (1992):

> A carta faz o escritor "presente" àquele a quem a dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas actividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios; presente de uma espécie de presença imediata e quase física. (FOUCAULT, 1992, p. 150-151)

A escrita de cartas oportuniza que as pessoas presas expressem suas experiências como cidadãos de uma sociedade letrada, extrapolando o uso da leitura e da escrita apenas como uma prática escolarizada. Desse modo, é o exercício do pensamento, do cuidado de si: "A esse exercício do pensamento sobre si mesmo que reativa o que ele sabe, se faz presente um princípio, uma regra ou um exemplo, reflete sobre eles, os assimila e se prepara assim para enfrentar o real". (FOUCAULT, 1992, p. 134).

Segundo Foucault ainda, a carta "[...] é alguma coisa mais que um adestramento de si mesmo pela escrita, através dos conselhos e advertências dados ao outro: constitui

também uma certa maneira de se manifestar para si mesmo e para os outros" (FOUCAULT, 1992, p. 150).

Como se vê, as cartas refletem uma prática de escrita em que há um intenso caráter subjetivo e evidencia uma intenção reflexiva, expressiva e de abertura. Nesse sentido, também para Foucault (1992):

> O trabalho que a carta opera sobre o destinatário, mas que também é efetuado sobre o escritor pela própria carta que envia, implica pois uma "introspecção"; mas há que entender está menos como uma decifração de si por si mesmo do que como uma abertura de si mesmo que se dá ao outro. (FOUCAULT, 1992, p. 152-153)

Na prisão, as cartas expõem as vivências, os problemas e os sentimentos, configurados como uma linha de fuga que revela os laços afetivos e pensamentos, ou seja, um exercício pessoal. Partindo desse ponto, ressalto que durante os anos que trabalho como educadora da FUNAP nas unidades prisionais, recebi dezenas de cartas dessas pessoas privadas de liberdade que passaram pela sala de aula. A maioria agradecendo pelos ensinamentos compartilhados.

As cartas também são o principal meio de comunicação entre as pessoas em privação de liberdade e o mundo extramuros. Através delas, é possível que haja comunicação com a família, com as varas de execuções criminais, com os Tribunais de Justiça, contendo os relatos de suas queixas e/ou denúncias que são enviadas a diversas instituições públicas e até órgãos de imprensa. É importante ressaltar que, apesar de ser uma atividade constante e intensa, o conteúdo das cartas (enviadas e recebidas) passa pela supervisão da equipe de segurança e disciplina, então, o assunto das cartas poderia ser outro, se os direitos humanos fossem efetivamente respeitados.

As cartas das pessoas em privação de liberdade possuem muitas especificidades que demonstram suas angústias, revoltas, sonhos, desejos, reivindicações, bem como suas histórias que muitas vezes revelam o mal-estar psicológico, físico e moral que sofrem no interior da prisão. Muitas são compostas de denúncias que apontam situações concretas vividas pessoalmente ou por seus familiares, além de configurarem uma forma de busca de liberdade, como aponta Ponciano (2007):

> Nas cartas, a "liberdade" é um tema recorrente. Idealiza-se, personificada, ora como "pessoa", ora como "lugar", pondo em evidência uma esperança comum. A representação da "liberdade" é construída em oposição à situação de isolamento e

> vigilância. A "liberdade" é um lugar para onde se marcha, é o objetivo a ser alcançado. (PONCIANO. 2007. p. 28)

Não são permitidas, a essas pessoas, por estarem privadas de liberdade, formas de comunicação eletrônica, em função da alegada segurança. As cartas acabam sendo o único meio permitido como contato interpessoal com a sociedade extramuros.

As correspondências possuem também o poder de Petição. A petição é uma ferramenta pela qual o advogado ou o próprio privado de liberdade, assegurando o seu direito de reclamação, solicitará aos órgãos competentes uma análise do seu pedido, narrando os fatos, apresentando os fundamentos legais e também realizando um pedido, fazendo valer os seus direitos. Segundo a LEP, Art. 41: "Constituem direitos do preso: XIV - representação e petição a qualquer autoridade, em defesa de direito". (LEP, 1984). Assim, a carta configura-se como um meio de comunicação potente para os privados de liberdade.

Do mesmo modo, em acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil, no art.5º, inciso XXXIV: "[...] São a todos assegurados, independentemente do pagamento de taxas: a) o direito de petição aos Poderes Públicos em defesa de direitos ou contra ilegalidade ou abuso de poder; b) a obtenção de certidões em repartições públicas, para defesa de direitos e esclarecimento de situações de interesse pessoal [...]" (BRASIL, 1988)

Para esta pesquisa, apresento uma carta-resposta aos participantes das oficinas de leitura. Logo, como professora-pesquisadora, procuro realizar reflexões através do diálogo com as pessoas que me escreveram, levando em conta cada expectativa apontada, através da "subjetivação no exercício da escrita" (FOUCAULT, 1992, p. 143) e buscando a constante reelaboração e ressignificação do trabalho educativo vivenciado com todos (as).

6.2.1 Respostas e reflexões

Campinas, julho de 2018.

Caros amigos e educandos!

Respondo às cartas, a partir da afirmação de Foucault (1922, p.146), quando afirma que "a carta enviada atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe".

Escrevo para dizer que tenho muitas coisas para contar e compartilhar com vocês, a partir dos efeitos que as cartas me impuseram. Elas trouxeram para minha experiência pessoal e profissional muitas reflexões, auxiliando no desenvolvimento das minhas atribuições como docente/ pesquisadora, por exemplo, nas atividade política-pedagógica, na minha formação, na afetividade dos alunos, nos prisioneiros como pessoas humanizadas, na releitura do mundo a partir da questão prisional, na troca de conhecimentos, nos sentimentos de esperança e fé num mundo melhor e menos desigual. Um verdadeiro exercício pessoal. Compactuo com Freire (1998) quando ele afirma que:

> Deve fazer parte de nossa formação discutir quais são estas qualidades indispensáveis, mesmo sabendo que elas precisam de ser criadas por nós, em nossa prática, se nossa opção político-pedagógica é democrática ou progressista e se somos coerentes com ela. É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. (FREIRE, 1998, p. 11)

Talvez esta carta não consiga descrever tudo aquilo que tenho para contar e não expressa todos os meus sentimentos; podem faltar palavras ou as palavras não revelam todos os sentimentos que estão no meu coração. Escrevo tocada "por um forte sentimento de compromisso ético-pedagógico e com a decidida preocupação em torno da comunicação que busco estabelecer a todo instante com seus prováveis leitores e leitoras" (FREIRE, 1994, p.5). As palavras podem faltar, contudo, vou tentar responder as cartas recebidas, nos vários momentos de nossos encontros e de muitas despedidas.

Quero deixar claro tudo que vai à minha alma, bem como ficar à altura das expectativas de vocês. Um turbilhão de pensamentos e sentimentos passa por mim. Respondo a vocês em uma madrugada, quando acordei e me lembrei da última carta que recebi. Uma carta com um desenho de coração que foi cortado de um bonito papel de presente, colado bem no topo, cheia de amor e recomendações. Peguei as folhas de um caderno velho e comecei a escrever estas singelas palavras. Será que vou conseguir? Será que minhas palavras chegarão até vocês, meus queridos educandos, meus queridos companheiros de jornada desta vida? Uma vida em que a escolha foi trabalhar com as pessoas em privação de liberdade. Uma vida repleta de negativas em que há um desafio diário para romper as barreiras dos preconceitos, das injustiças, da solidão, do medo, da raiva, da desesperança. Sim, eu queria e quero fazer a diferença na vida das pessoas em

privação de liberdade, mostrar que há "bonitezas" na vida, que há escolhas possíveis longe dos determinismos que são impostos socialmente: "você é pobre, você é preto, você é ladrão, você é ignorante, você não é capaz, você é mulher, você é incompetente, só isso é que lhe resta". Faz-me lembrar do trecho da música "Funeral de um lavrador" que foi composta em 1965, por Chico Buarque de Holanda para Morte e vida Severina, de João Cabral de Melo Neto[87]:

> Esta cova em que estás com palmos medida/ É a conta menor que tiraste em vida/É a conta menor que tiraste em vida/É de bom tamanho nem largo nem fundo/É a parte que te cabe deste latifúndio/É a parte que te cabe deste latifúndio/Não é cova grande, é cova medida/É a terra que querias ver dividida/É a terra que querias ver dividida/É uma cova grande pra teu pouco defunto/Mas estarás mais ancho que estavas no mundo estarás mais ancho que estavas no mundo/ É uma cova grande pra teu defunto parco/Porém mais que no mundo te sentirás largo/Porém mais que no mundo te sentirás largo/É uma cova grande pra tua carne pouca/Mas a terra dada, não se abre a boca/É a conta menor que tiraste em vida/É a parte que te cabe deste latifúndio/É a terra que querias ver dividida/Estarás mais ancho que estavas no mundo/Mas à terra dada, não se abre a boca. (BUARQUE, 1965)

Apesar de a música retratar parte da realidade sobre as lutas de terras no Brasil, observamos que essa realidade pode ser transportada para a realidade das prisões. Ouso aqui, e peço licença, para fazer uma paródia com a primeira parte dessa potente canção de Chico Buarque: "Esta *cela* em que estás com palmos medida/É a conta menor que tiraste em vida/É a conta menor que tiraste em vida/É de bom tamanho nem largo nem fundo/É a parte que te cabe deste *submundo*". Digo não a isso! Esta não pode ser a verdade para as pessoas que vivenciam tantas desigualdades sociais.

Uma palavra me vem forte ao pensamento "liberdade", desejo de todos em privação de liberdade. E uma das primeiras músicas[88] que ouvi vocês cantando, com tanta força dentro de uma unidade prisional. Liberdade Sonhada do grupo musical Katinguelê, cheia de poesia. Vamos recordar?

> A lua/Carregando as andorinhas vem me dizer liberdade/E me invade a tremenda vontade de gritar/Vivendo atrás das grades/Meu amor pode me esquecer/O vento sopra meus olhos na janela/Passageiros esperam na linha do metrô/Minha única visão não há mais coração/Me desfaço em pedaços/Quero um doce de coco/Na visita de domingo/Um cigarro para não ficar dormindo/Meu amor eu vou indo embora do teu coração/Do lado de cá/Fico até escurecer/Vendo o sol cair no quadrangular, meu amor é do lado de cá. (KATINGUELÊ, 2004)

[87] Morte e Vida Severina é o livro do escritor, João Cabral de Melo Neto, escrito publicado em 1955

[88] As músicas estão sempre presentes na vida das pessoas privadas de liberdade, na tentativa de uma ligação com o mundo extramuros. Muitas músicas, livros, poesias são criadas nas prisões.

Fico emocionada só de relembrar a força das vozes e a sensibilidade da letra dessa música. O que eu devo fazer para que essa liberdade tão sonhada possa ser de fato encontrada, conquistada e preservada? Que trabalho educacional poderia ajudá-los a fazer isso?

Todo esse universo prisional tem influência no modo em que vejo a vida, dentro e fora dos muros da prisão. Fora é sempre a afirmação e reafirmação que as pessoas podem ser vítimas ou não do sistema econômico vigente, que podem ter uma nova chance e mudar. Dentro das prisões, desejo mudar a realidade vivida por alguns prisioneiros, no espaço educativo, apontando novas perspectivas de vida. O gasto de energia é muito grande, mas motivador. É isso que eu quero. Foi a escolha que fiz para minha vida pessoal e profissional.

Os projetos de leitura me fizeram e fazem conhecer mais a fundo cada um de vocês, suas expectativas, o crescimento pessoal, intelectual e a alegria demonstrada por vocês em cada etapa desse processo. Eu acredito que, ao ler um livro, dificilmente enxergamos o contexto social da mesma forma; um livro tem o potencial de fazer-nos observar a vida de forma mais crítica.

Para Martins (2005):

> Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre experiências e a tentar resolver os problemas que nos apresentam aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. (MARTINS 2005, p. 17)

O desafio nas oficinas de leitura é o de elevar a leitura mecânica e superficial dos alunos - que muitas vezes procuram essas oficinas para conseguir quatro dias de remição - em leitores que tiram um melhor proveito da leitura, realizando-a de forma crítica, dialógica, reflexiva e se colocando no lugar do outro. Freire (1998) aponta que a leitura verdadeira deve comprometer o leitor de imediato com o texto, de forma que a compreensão fundamental faz do leitor também sujeito.

Muitas vezes lemos textos sobre leitura no início de uma oficina, demonstrando que a leitura é muito mais que a decifração de sinais, ela é uma compreensão, uma forma de mundo. Ricardo Azevedo, no poema "Aula de Leitura"[89], comunga dessa afirmação:

Aula de Leitura

A leitura é muito mais
do que decifrar palavras.
Quem quiser parar pra ver
pode até se surpreender:
vai ler nas folhas do chão,
se é outono ou se é verão;
nas ondas soltas do mar,
se é hora de navegar;
e no jeito da pessoa,
se trabalha ou se é à-toa;
na cara do lutador,
quando está sentindo dor;
vai ler na casa de alguém
o gosto que o dono tem;
e no pelo do cachorro,
se é melhor gritar socorro;
e na cinza da fumaça,
o tamanho da desgraça;
e no tom que sopra o vento,
se corre o barco ou vai lento;
também na cor da fruta,
e no cheiro da comida,
e no ronco do motor,
e nos dentes do cavalo,
e na pele da pessoa,
e no brilho do sorriso,
vai ler nas nuvens do céu,
vai ler na palma da mão,
vai ler até nas estrelas
e no som do coração.
Uma arte que dá medo
é a de ler um olhar,
pois os olhos têm segredos
difíceis de decifrar.

(AZEVEDO, 1998, 41-42)

O poema acima tem tudo a ver com o trabalho que procuro desenvolver. Nesse sentido, Severino (1982 p. 08) afirma que [...] "aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade".

[89] Texto retirado de pesquisas realizadas na internet, para construção de material para as oficinas de leitura.

Durante esses 26 anos de trabalho dentro das diversas unidades prisionais no complexo Campinas/Hortolândia, recebi inúmeras cartas e bilhetes, além de inúmeros presentes, muito deles confeccionados dentro do ambiente prisional. Todos demonstrando o carinho pelo trabalho desenvolvido nesses espaços. As cartas que guardo com carinho e respeito são as que mais me tocam, elas demonstram afeto, humanidade, sonhos e me fazem sempre refletir sobre a minha prática como educadora. Freire defende que o papel do educador na tarefa docente é "ensinar a pensar certo". (FREIRE, 1998, p.29)

A escrita é um recurso muito utilizado por vocês dentro das prisões, seja para se comunicar com uma pessoa distante, para pedir atendimento médico, judiciário ou trabalho, para se inscrever na escola, além de escrever histórias sobre a sua passagem pela prisão, diários e poemas. A escrita tem o poder de mudar muitas situações vivenciadas por vocês. Escrever cartas na prisão é uma prática rotineira. Os presos se ajudam mutuamente nesta atuação, pois, é uma forma de trazer as pessoas que estão do lado de fora da prisão para dentro, estabelecendo uma relação de proximidade.

As cartas têm o poder de amenizar a dura realidade do cotidiano prisional e os envelopes são verdadeiras obras de arte, onde encontramos desenhos e palavras de amor endereçadas a quem se deseja estreitar os laços, manter amizade, além de conquistar o tempo perdido, dividindo com palavras o seu dia a dia, suas angústias, pensamentos e desejos de um futuro diferente. É "a escrita da relação a si: as interferências da alma e do corpo (mais as impressões que as acções) e os lazeres (mais do que os acontecimentos externos); o corpo e os dias". (FOUCAULT, 1992, p. 154)

De acordo com o levantamento indicador de alfabetismo funcional da população carcerária paulista, realizado pelo Ibope opinião em parceria com o Instituto Paulo Montenegro e Fundação Prof. Manoel Pedro Pimentel, em 2005, 42% escrevem cartas e 50% escrevem bilhetes.

Com relação às considerações do INAF - população carcerária, compartilho com vocês, o seguinte:

> Esta disposição para [...] escrever também se manifesta quando são consideradas práticas de escrita pessoal em que há forte investimento subjetivo e evidente intenção reflexiva e expressiva. Assim, quando se observam os resultados relativos *inventar ou escrever histórias, poesias ou letras de músicas*, encontram perfis bastante marcados. Neste caso, enquanto 29% da população brasileira e 26% da população masculina brasileira afirmam ter esta prática, o percentual entre a população carcerária paulista sobe para 50%. No que concerne ao item escrever *diário pessoal*, os resultados são ainda mais significativos: apenas 9% da população brasileira masculina brasileira afirma que o fazem (contra 14% da população brasileira, confirmando que se trata de uma prática de perfil feminino); já entre os presos, são 30% aqueles que escrevem diários. É importante observar

> que a condição carcerária, em função do isolamento social, da restrição de movimentação, das limitações de trabalho, comércio e lazer, amplia o tempo em que a pessoa fica voltada para si e para realização de atividades reflexivas. (INAF, 2005, p. 28)

Apesar de ser uma pesquisa que foi realizada há 14 anos, observamos que ainda são bem presentes essas ações da escrita por vocês:

> Nas cartas, a "liberdade" é um tema recorrente. Idealiza-se, personificada, ora como "pessoa", ora como "lugar", pondo em evidência uma esperança comum. A representação da "liberdade" é construída em oposição à situação de isolamento e vigilância. A "liberdade" é um lugar para onde se marcha, é o objetivo a ser alcançado. (PONCIANO, 2007, p.28)

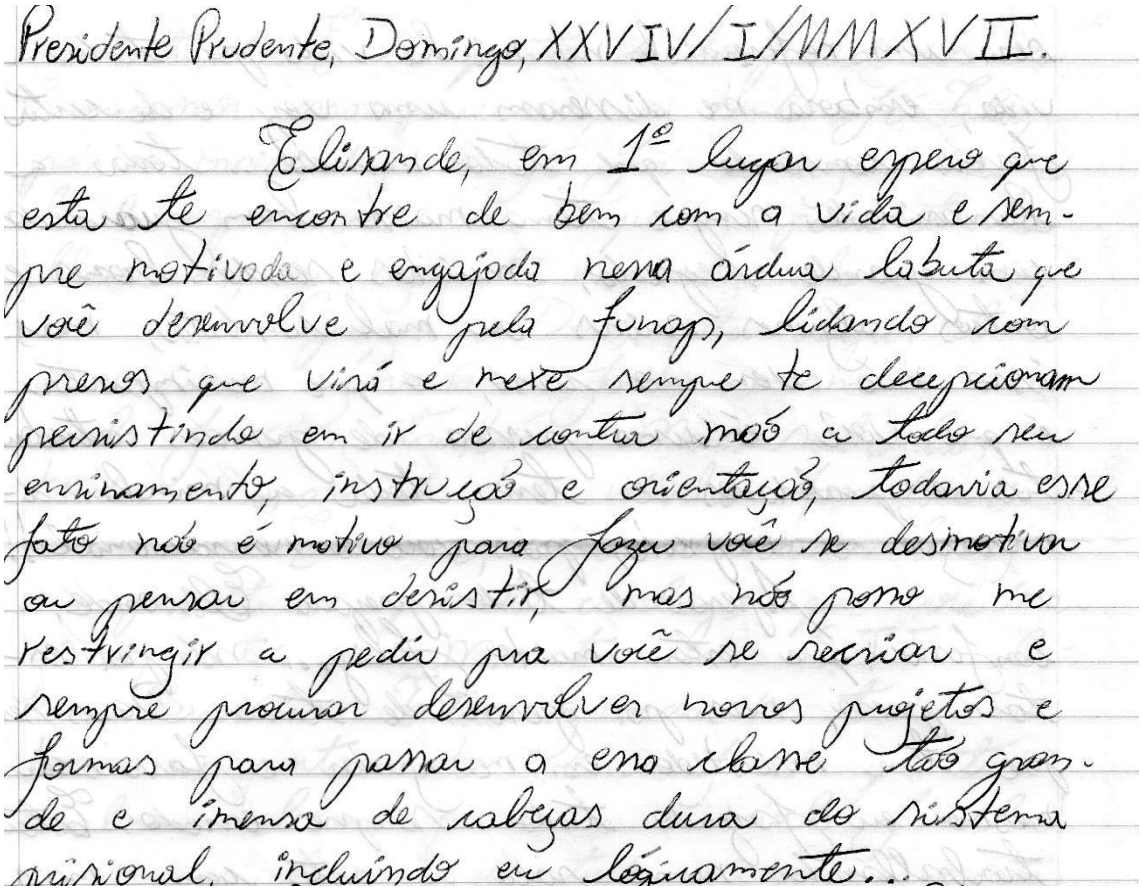
Queridos e queridas, procuro agora responder às cartas que me entregaram em mãos, por alguém em comum ou via correio. "Cada vez que me chega tua carta, eis-nos imediatamente juntos. Se ficamos contentes por termos os retratos de nossos amigos antigos ausentes [...] como uma carta nos regozija muito mais, uma vez que traz os sinais vivos do ausente, a marca autêntica de sua pessoa". (FOUCAULT, 1992, p. 151)

Apresento, a seguir, as cartas recebidas, bem como as minhas respostas.

6.2.1.1 – Carta ao Roberto Medeiros

Começo com você Roberto[90], privado de liberdade que trabalhou comigo durante os dois anos como prestador de serviços gerais, em que estive à frente como gerente na regional da Funap em Campinas:

Imagem 66: Carta Roberto



Presidente Prudente, Domingo, XXVIV/I/MMXVII.

Elisande, em 1º lugar espero que este te encontre de bem com a vida e sempre motivada e engajada nesta árdua batalha que você desenvolve pela Funap, lidando com presos que vira e mexe sempre te decepcionam persistindo em ir de contra mão a todo seu ensinamento, instrução e orientação, todavia esse fato não é motivo para fazer você se desmotivar ou pensar em desistir, mas não pare me restringir a pedir pra você se recriar e sempre procurar desenvolver novos projetos e formas para passar o ensinamento tão grande e imensa de cabeças duras do sistema prisional, incluindo eu lógicamente...

Trecho da carta elaborada por Roberto (acervo pessoal)

Decepção faz parte, sim, da minha trajetória e de muito profissionais que trabalham no interior de uma unidade prisional. Os desafios são muitos, não somente por constatar que muitos não conseguem superar as adversidades da vida de forma tranquila e se reintegrarem de maneira digna no mundo fora das unidades prisionais. Os motivos são diversos como: falta de oportunidades, de escolarização, retorno ao mesmo ambiente em que viviam antes de serem presos, reprovação social, falta de projetos de vida, mas também

[90] Nome fictício, atendendo às orientações dos Comitês de Ética Unicamp e SAP, garantindo a preservação da identidade. Esta carta foi enviada para o endereço da regional da Funap em Campinas pelo correio.

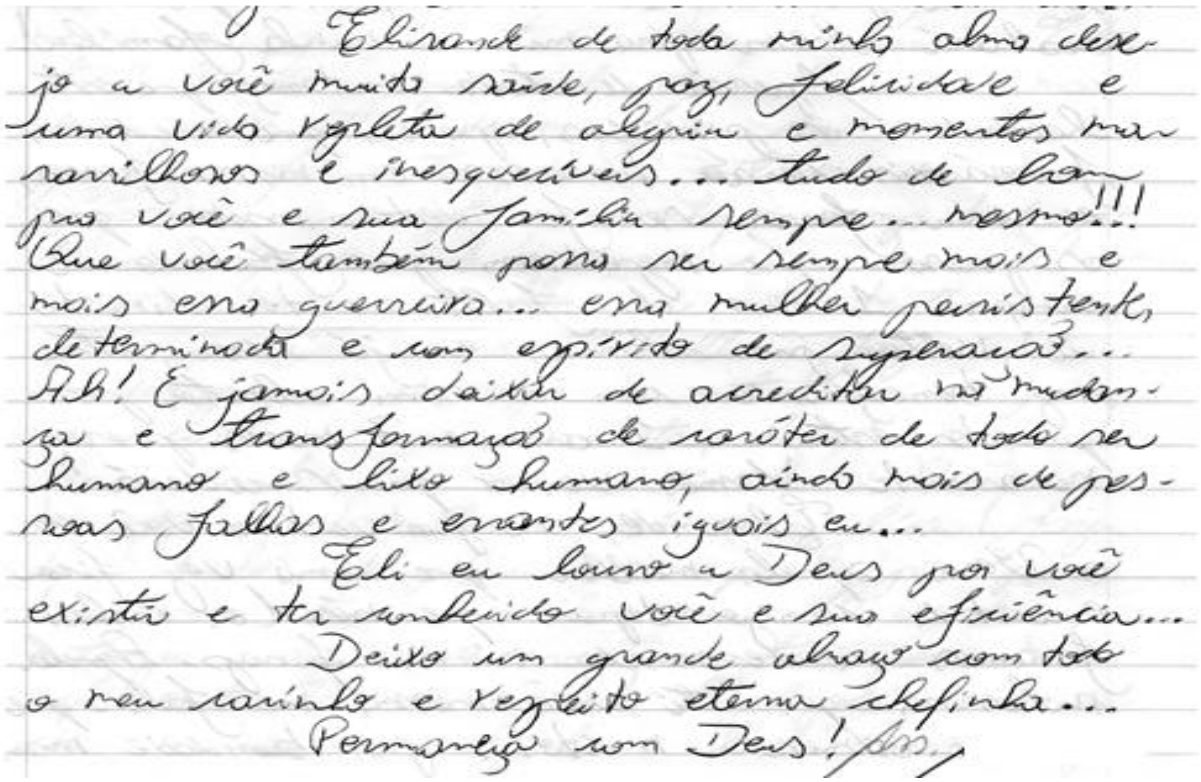
por perceber que o que faço talvez seja apenas uma parte de toda uma estrutura que precisa realizar ações mais efetivas para a ressocialização da pessoa em privação de liberdade. Sobre isso, aliás, Freire (1998) afirma que:

> É preciso porém que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos. (FREIRE, 1988, p. 87)

Ao refletir sobre o que você me escreve, Roberto, digo não; procuro não desanimar, embora confesso que às vezes esse sentimento me invade a alma, mas logo me lembro de todas as pessoas que passaram pelas atividades educacionais que desenvolvo. Em Paulo Freire encontro a concepção de educação como caminho para libertação e, com ele, comungo que o ato de educar é equivalente ao ato de libertar, tendo como consequência a conscientização, a emancipação, à autonomia, a capacidade de autodeterminação: "Os oprimidos nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de *ser mais*". (FREIRE, 1987, p. 52, **grifo do autor**). Sim, a pessoas podem ser mais do que os esperam delas.

Em conjunto com os privados de liberdade, com a direção das unidades prisionais e de acordo com as características desses locais em que trabalho, desenvolvemos projetos de leitura. Você ia se orgulhar muito. Tem proporcionado aos participantes, além da remição (que, como sabe, é a primeira coisa que um privado de liberdade busca, para ficar menos tempo dentro da prisão), um espaço para o diálogo, de construção do conhecimento e de possibilidades de ser mais, como apontei acima. Tudo o que você me escreveu, tocou-me profundamente. Continuo a ler a sua carta.

Imagem 67: Carta Roberto Medeiros - 02



Trecho da carta elaborada por Roberto (acervo pessoal)

Que chá de ânimo! Sim, preciso dessa constatação de que com um trabalho sério, num local de muitas dificuldades estruturais e pessoais pode haver esperança e oportunidades de mudança, bem como respondo que acredito na transformação de todo o ser humano, bastando o oferecimento de oportunidades e reconhecimento de que não há apenas "a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-la" (FREIRE, 1998, p. 37). Pergunto a você: o que seria lixo humano? Quem é que classifica? Como se deve jogar esse lixo fora?

Li um artigo, outro dia, intitulado: Bauman e o lixo humano: o refugo da globalização, de Vinicius Siqueira, de junho de 2013, apontando que Bauman afirma que nossa sociedade produz vários tipos de lixo que são o resultado do consumo e da produção globalizados. Para Siqueira (2013):

> Os humanos também se tornaram lixo: ou por poderem ser descartáveis ou por serem considerados o refugo, as sobras do processo de globalização, os marginais da ação de constituição da ordem e os excedentes populacionais não-empregáveis Inevitavelmente, as pessoas se transformam em refugo por não se adequam às novas regras da ordem: são trabalhadores impossíveis de serem empregados e, como consequência, sujeitos impossíveis de consumir. Ou seja, as vítimas do progresso econômico, os excedentes populacionais sem destino traçado, como os pobres e seus filhos, são os inempregáveis, os não consumidores: eles não se

> adequam à construção da ordem, são o peso morto de um capitalismo automatizado e flexível, estão em demasia e fazem do lugar onde vivem, um lugar superpopuloso. (SIQUEIRA, 2013)

Você concorda? Pense sobre essa perspectiva.

Sabemos que as marcas de viver na prisão deixam sinais, oprimem e estigmatizam as pessoas que passam por esse local. Para Erving Goffman o "estigma" é "[...] um tipo de relação entre atributo e estereótipo [...]". (GOFFMAN, 1998, p. 13).

Num movimento que busca romper isso, Paulo Freire insiste:

> Somente quando os oprimidos descobrem nitidamente o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando assim, sua "convivência" com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que essa não cinja a mero ativismo, mas esteja associada, a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE, 1987, p. 52)

Veja como Freire nos incentiva a realizar uma reflexão/ação sobre nós mesmos, sobre a sociedade, deixando de sermos seres humanos passivos, acreditando nas ideias preconceituosas impostas: "[...] reflexão, se realmente reflexão, conduz a prática." (FREIRE, 1987, p. 52). Construa um futuro diferente. Lute por seus direitos e os coloque em prática. Assim você construirá um futuro melhor a você e às pessoas com que convive, além de ser exemplo para muitos outros que vivem uma situação parecida com a sua. Freire segue: "A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho". (FREIRE, 1998, p. 88)

Roberto, não deixe que o pensamento sobre lixo humano o acompanhe. Como diz Freire (1988), não reforce o poder do sistema que desumaniza. Você já está pagando sua dívida diante da sociedade pelo erro que cometeu, com seu aprisionamento. O que você fez não tem volta. O que se tem agora é a necessidade de cumprir o tempo que foi estabelecido pela justiça brasileira e fazer um futuro diferente.

Um abraço fraterno,

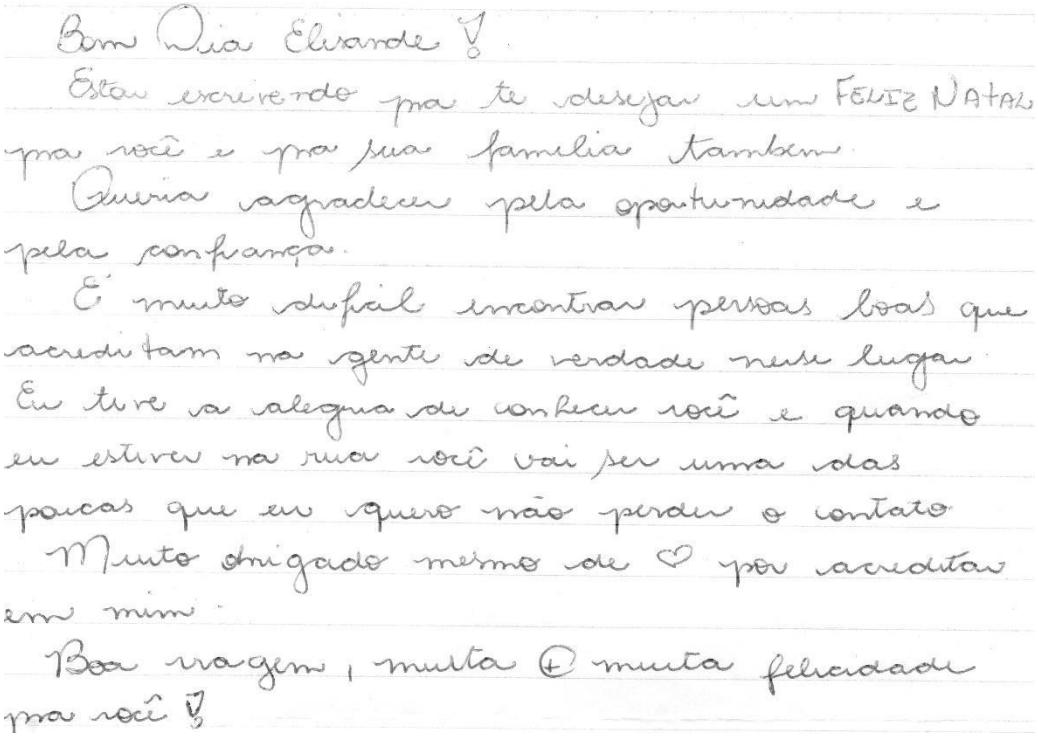
Elisande.

.

6.2.1.2 – Patrícia Firmino

Agora tenho em mãos e releio a carta da Patrícia[91]:

Imagem 68: Carta da Patrícia



Bom Dia Elisande !
Estou escrevendo pra te desejar um FELIZ NATAL pra você e pra sua família também.
Queria agradecer pela oportunidade e pela confiança.
É muito difícil encontrar pessoas boas que acreditam na gente de verdade nesse lugar.
Eu tive a alegria de conhecer você e quando eu estiver na rua você vai ser uma das poucas que eu quero não perder o contato.
Muito obrigada mesmo de ♡ por acreditar em mim.
Boa viagem, muita ☺ muita felicidade pra você !

Trecho da carta elaborada por Patrícia (acervo pessoal)

A carta da Patrícia demonstra a importância de se proporcionar um espaço para a escuta, a oportunidade de trabalho oferecida à pessoa em privação de liberdade pode revelar sentimentos de gratidão e de esperança. Esta carta para Foucault (1992, p. 150) "evoca a recompensa da perfeita amizade" em que cada [...] uma de nós será para a outra a possibilidade do socorro constante.

Campinas, julho de 2018.

Patrícia, você nos ensinou a ver o quanto as pessoas podem buscar caminhos novos para suas vidas, podem ter esperanças... Lembro-me bem do seu envolvimento com a leitura do livro "As trevas do nada", de Samuel Lisman, me fazendo acompanhar a sua

[91] Esta carta foi recebida por uma privada de liberdade na Penitenciária Feminina de Campinas. Foi-me entregue por uma monitora de educação, que recebeu uma carta da Patrícia que está presa em outra unidade prisional, em dezembro de 2016.

empolgação e suas inquietações com as decisões dos personagens. Tive que ler na sua velocidade, rápido, para poder pensar com você sobre as questões sociais, psicológicas e culturais, envolvidas na trama. Admirada, vi a criação do seu mapa mental para entender as ligações entre eles. Linda! Cheia de vida! Você Patrícia, vai vencendo obstáculos da sua vida com a determinação de ser uma pessoa melhor. Seus elogios me fortalecem e me fazem acreditar que o trabalho que desenvolvo é potencializador de todos os esforços que faço para ajudar as pessoas privadas de liberdade a ressignificarem suas vidas, suas histórias. Penso agora que a prisão, como um espaço que molda os corpos com atividades, rotinas e regras, é instrumento para a docilização e disciplinarização, como apontado por Foucault (1987). Isso tem um grande poder, mas não elimina totalmente os desejos e as vontades das pessoas ali presentes. Há pontos que dificilmente são atingidos, como: os sonhos e amores e a vontade de ser mais. Que bom! Mas é preciso muito trabalho de afirmação.

Os projetos de leitura que me deram uma nova motivação para o trabalho. Considero um salto na minha vida profissional, mesmo tendo ocupado um cargo de gerência, anteriormente, e ter retornado à função de educadora nas penitenciárias. Senti, primeiramente, um desânimo com as questões políticas e de gestão pública, na oferta de cargos e o descarte de pessoas que têm muito a contribuir com a sua experiência. Novas pessoas são contratadas, muitas vezes sem experiência para atender a demanda da população.

Fui em frente, procurando dar o melhor de mim e do meu trabalho às pessoas que necessitam de atenção e têm interesse. Senti que estava realmente atendendo aos interesses de quem procura o espaço escolar da unidade prisional. Mesmo para aqueles que só querem mostrar um bom comportamento diante dos servidores prisionais.

Já faz seis anos que me dedico a esses projetos. Tive que estudar muito. Estudar sobre literatura, ler sobre mediadores de leitura, sobre oficinas de leitura para adultos, sobre escrita de resenhas, ler muitos, muitos livros. Comecei a ler livros sobre diversos gêneros, para acompanhar a leitura dos participantes dos projetos. Um trabalho de formiguinha, mas que está produzindo bons resultados. Foi de acordo com Freire (1987), uma mudança qualitativa na percepção de mundo e na minha práxis.

No interior das prisões, encontramos leitores vorazes que procuravam livros que possam levá-los a outras vivências, outras realidades e experiências possíveis. Aprendi muito com eles e elas. Nesse aspecto, Freire (1994) defende que:

> Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da *compreensão*. Da compreensão e da comunicação. E a experiência da *compreensão*, será tão mais profunda quando sejamos nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na *experiência escola*r aos que resultam do mundo da cotidianidade. (FREIRE, 1994, p. 29-30)

A experiência com a leitura possibilita a expansão do conhecimento, a partir do diálogo, da pesquisa, da vivência e dos recursos pedagógicos diferenciados utilizados nas oficinas. Toda oficina tem sido um incentivo para pesquisar. Filmes, textos, poemas, músicas, etc. são utilizados para complementar a aprendizagem e a compreensão dos livros lidos.

Veja, Patrícia, quanta coisa boa acontece, quando é possível desenvolver, apesar das dificuldades estruturais, um trabalho que oferece a oportunidade de dialogar e refletir sobre os temas abordados pelos livros. Trazendo novamente Freire (1998):

> É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos.(FREIRE, 1998, p. 79-80)

Seja sempre feliz e pode contar comigo.

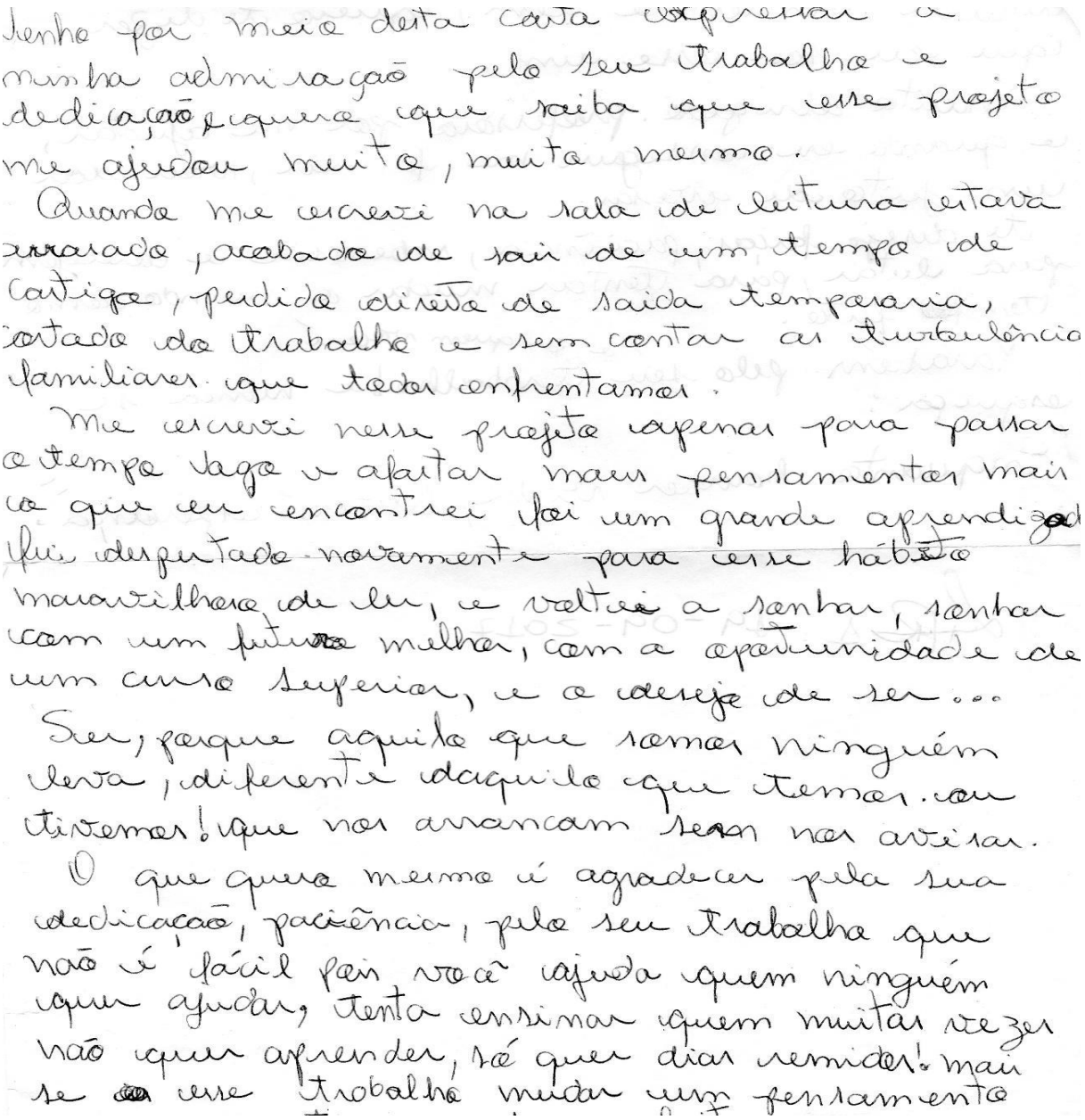
Um abraço.

Elisande.

6.2.1.3 – Lucas Henrique Ribeiro Santos

Conheci você, Lucas[92], um menino que começou a ler por conta da privação de liberdade e me relatou que já leu cerca de 220 livros, durante o tempo em que está preso. Que surpresa agradável! Você é uma referência positiva, entre os participantes do projeto. Tenho aqui a sua carta:

Imagem 69: Carta do Lucas



Venho por meio desta carta expressar a minha admiração pelo seu trabalho e dedicação e quero que saiba que esse projeto me ajudou muito, muito mesmo.

Quando me escrevi na sala de leitura estava assustado, acabado de sair de um tempo de cadeia, perdido diante de saída temporária, cortado do trabalho e sem contar as turbulências familiares que todos enfrentamos.

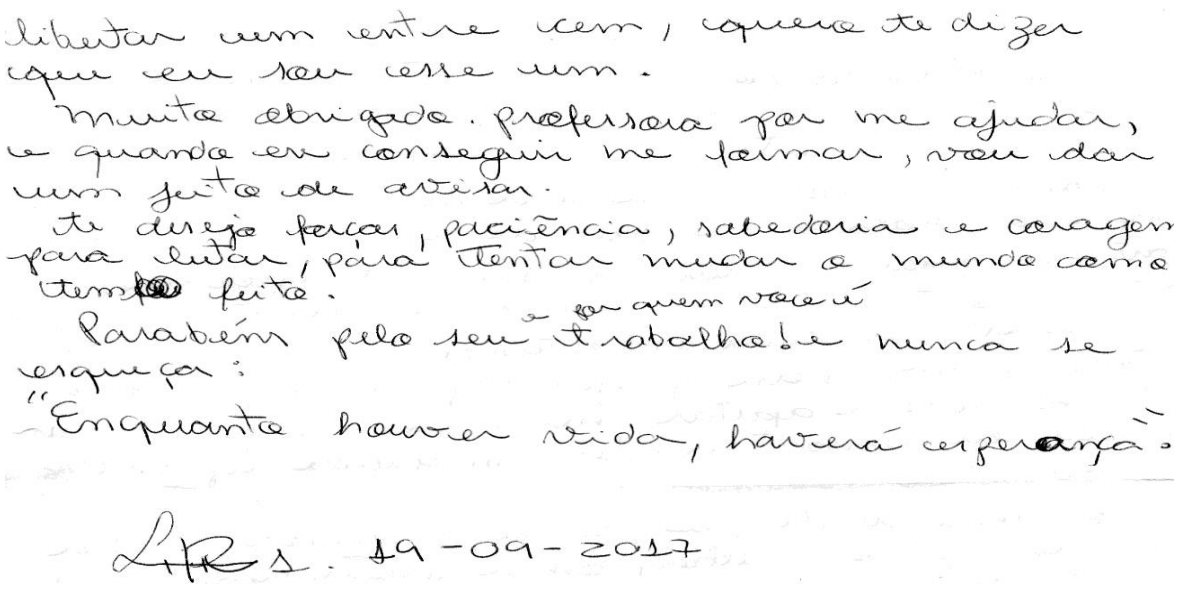
Me escrevi nesse projeto apenas para passar o tempo vago e afastar maus pensamentos mais o que eu encontrei foi um grande aprendizado fui despertado novamente para esse hábito maravilhoso de ler, e voltei a sonhar, sonhar com um futuro melhor, com a oportunidade de um curso superior, e o desejo de ser...

Ser, porque aquilo que somos ninguém leva, diferente daquilo que temos. ou tivemos! que nos arrancam sem nos avisar.

O que quero mesmo é agradecer pela sua dedicação, paciência, pelo seu trabalho que não é fácil pois você ajuda quem ninguém quer ajudar, tenta ensinar quem muitas vezes não quer aprender, só quer dias remidos mais se esse trabalho mudar um pensamento

[92] Lucas autorizou, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a reprodução de seu nome.

Continuação


libertar um entre cem, oque eu te dizer oque eu sou esse um.
Muito obrigado. professora por me ajudar, e quando eu conseguir me formar, vou dar um jeito de retribuir.
te desejo forças, paciência, sabedoria e coragem para lutar, para tentar mudar o mundo como tem feito.
Parabéns pelo seu trabalho e por quem você é
e nunca se esqueça:
"Enquanto houver vida, haverá esperança".
LFRS. 19-09-2017

Carta elaborada por Lucas (acervo pessoal)

Campinas, julho de 2018.

Percebemos que estamos no caminho certo; é isso que eu queria fazer: afetar positivamente a todos aqueles que participam no projeto de leitura. Você, Lucas, é a prova viva de que as atividades elaboradas atingem um dos objetivos: levar o participante além da busca de remição, fazer com que as atividades promovam reflexões, aumento da criticidade, da aprendizagem e busca de uma vida diferente e de superação: "A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se criticiza". (FREIRE, 1998, p. 34)

As atividades educativas desenvolvidas nas unidades prisionais são caminhos possíveis, árduos, desafiadores e por vezes desanimadores, com um retorno mínimo, seja pelas respostas que quase nunca chegam sobre as remições de pena pela leitura, pelas dificuldades de manutenção dos horários das oficinas, pela escassez dos livros[93] para realização do projeto, entre muitos aspectos peculiares da prisão. Com essas dificuldades, aprendemos a aperfeiçoar diversos saberes necessários a uma prática educativa transformadora.

[93] As repostas sobre as remições concedidas chegam direto aos privados de liberdade, para ciência, como informado anteriormente. Muitos já não participam dos projetos de leitura e acabo não recebendo as informações. Ainda não foi criado um mecanismo dentro da unidade prisional para compilar e informar aos atuais participantes os números de remições recebidas pelo projeto.

Conversaremos esses e outros aspectos na nossa conversa-entrevista, no capítulo 07 desta pesquisa.

Até breve! Elisande.

6.2.1.4 – José Pereira

Um dia antes de partir para a sonhada liberdade, José[94] me escreve:

Imagem 70: Carta do José



Hortolândia 08 de maio de 2018.

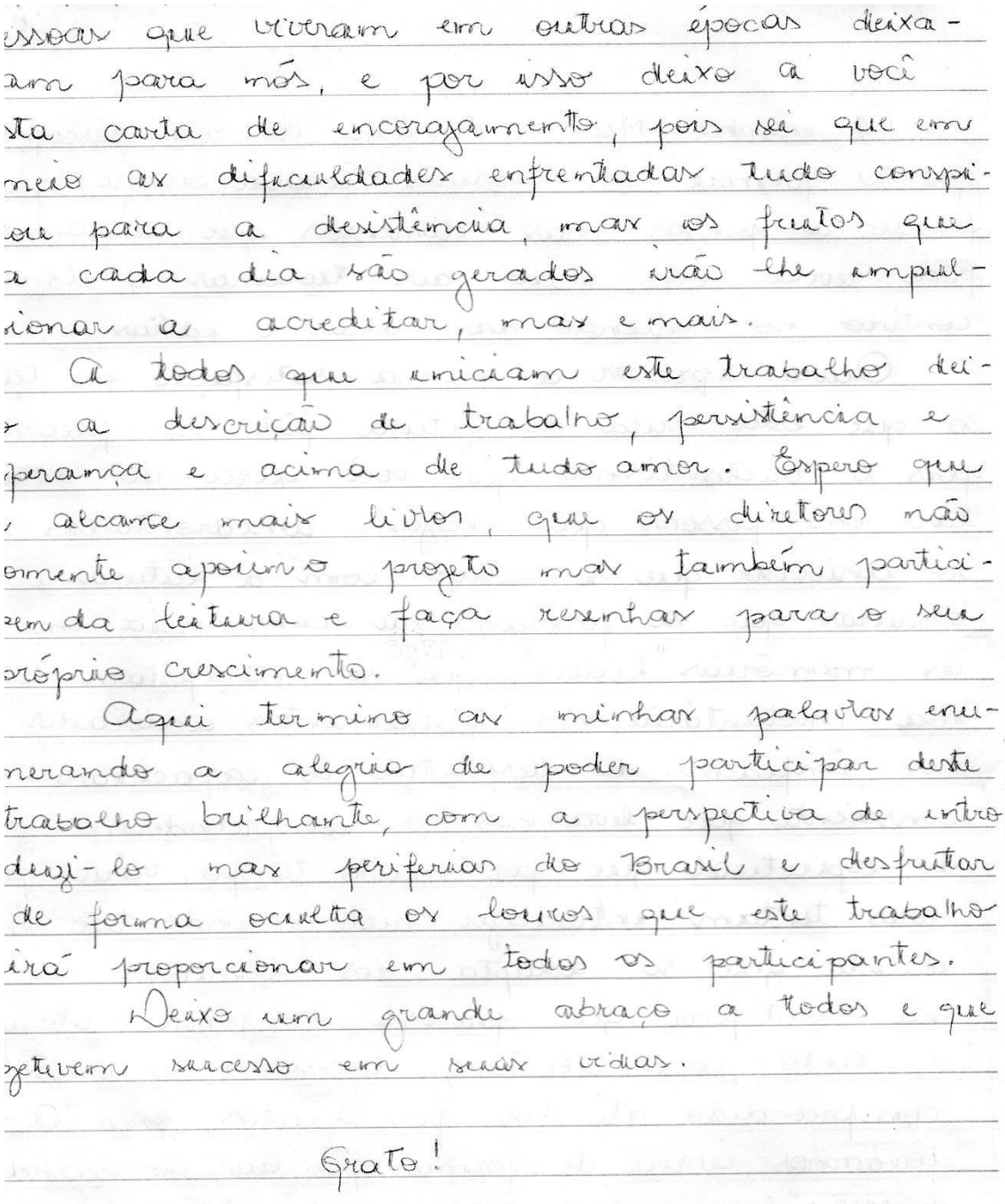
Oi minha Mestra Elisande, de seu discípulo que se formou em Cadeias Sinaedo Silveira, qualificado a pensar nas dimensões que a leitura pode revelar em meio aos teoremas e axiomas contido no mundo das letras e idéias.

Quero expressar a minha satisfação por tudo o que esta sala de leitura pôde me oferecer, pois o brilhantismo que você exerce ao acreditar em pessoas que chegam amedrontadas pelo universo que se revela com a leitura e as barreiras que se formam na consciência em meio as memórias "killers", que se manifestam de forma involuntária, nos pensamentos acelerados que nos impedem de desfrutar a capacidade inconsciente que leva-nos a compreendermos o mundo espiritual que por muito tempo vários pensadores tentaram introduzir neste mundo tão materialista que se adapta aos limitares da visão científica que precisa de prova material de tudo, pois C G Jung descreveu isto e não foi compreendido até hoje por muitos. A leitura nos abriu de forma peculiar o mundo das idéias que Platão nos transmitiu e desburocratizou a lógica "Aristotélica", dando a nós por meio deste brilhante trabalho não compreendido por muitos porque não é fácil enxergar além das nuvens, este trabalho demonstra a capacidade de desfrutar da abnegação que

Carta elaborada por José (acervo pessoal)

[94] Nome fictício, para preservação da identidade.

Continuação



essoas que viveram em outras épocas deixa-
am para nós, e por isso deixo a você
sta carta de encorajamento, pois sei que em
meio as dificuldades enfrentadas tudo conspi-
ou para a desistência, mas os frutos que
a cada dia são gerados irão lhe impul-
ionar a acreditar, mais e mais.

A todos que iniciam este trabalho dei-
a descrição de trabalho, persistência e
perança e acima de tudo amor. Espero que
alcance mais livros, que os diretores não
omente apoiem o projeto mas também partici-
em da leitura e faça resenhas para o seu
próprio crescimento.

Aqui termino as minhas palavras enu-
nerando a alegria de poder participar deste
trabalho brilhante, com a perspectiva de entre-
duzi-lo nas periferias do Brasil e desfrutar
de forma oculta os louros que este trabalho
irá proporcionar em todos os participantes.

Deixo um grande abraço a todos e que
jetivem sucesso em seus vidas.

Grato!

Carta elaborada por José (acervo da autora)

Lembro-me de sua primeira participação no projeto de leitura. Após as explicações iniciais, você me perguntou se poderia ler os livros que tinha na cela. Respondi que sim. Na segunda oficina, quando cada participante relata sobre a leitura realizada do livro que havia escolhido para o projeto, você desatou a falar sobre conceitos, teorias filosóficas, fatos históricos que completavam as informações descritas pelos alunos sobre os livros. Foi uma

grata surpresa! Quanto conhecimento adquirido ao longo de sua trajetória de vida e de militância, nas periferias na cidade de São Paulo e no tempo de privação de liberdade! Aproveitou o tempo de reclusão para aprofundar os seus conhecimentos sobre filosofia. Tivemos muitas oportunidades para conversar sobre Gramsci, Aristóteles, Jung, Platão, a Bíblia, Paulo Freire, entre outros autores importantes da história da humanidade. Muitas vezes os participantes do projeto não te entenderam, achando que você queria "aparecer", o que não é verdade. Poucos souberam apreciar as suas contribuições. "Teoremas" e "axiomas" precisam de muito tempo e muito estudo para serem entendidos e incorporados. Você vivenciou essa incompreensão.

Na sua carta, você faz apontamentos importantes para mim, para os demais a quem estou respondendo, para os demais presos e para muitos que irão ler esta carta. As leituras de grandes obras filosóficas nos mostram um mundo menos materialista.

Lembre-me de Mortimer Adler (1902-2001) que, em seu livro "A arte de ler: como adquirir uma educação liberal", afirma que a leitura é "um instrumento básico para bem viver." (ADLER, 1954, p. 07). Você vivia apontando isso. Ler para viver e entender melhor no mundo em que está inserido. Afirmava que as pessoas deveriam ler os grandes pensadores para entender melhor os dias atuais. Acredito que você compartilhe da seguinte afirmação desse autor:

> Afirmo, ao mesmo tempo, que os grandes livros podem ser lidos por qualquer homem. O auxílio que os professores secundários lhe trazem não é indicar substitutos com que aprenda rapidamente. É ensinar-lhe a ler e, mais do que isso, se for possível, é ajudá-lo a ler, realmente, esses grandes livros. (ADLER, 1954, p. 56)

No início dessas oficinas, sabe que incentivo os participantes a pegar os livros que estão habituados a ler, para depois realizarem leituras mais difíceis, de autores que os façam pensar sobre a sociedade em que estão inseridos, pois de acordo também com Adler, "o leitor se torna mais capaz, pela orientação e pela prática." (ADLER, 1954, p.57).

Adler ainda afirma que "começando com os livros correntes, o leitor pode chegar aos grandes, ou vice versa. Apostaria até que a probabilidade de ele ler ambos é maior, se já leu um grande livro inteiro e com habilidade suficiente para utilizar sua maestria sobre o assunto." (ADLER, 1954, p. 82).

Outro ponto importante na sua carta é a participação dos diretores e, destaco, de outros profissionais que trabalham na prisão, para que também leiam, que participem efetivamente do projeto e não se comportem como meros observadores, assim entendendo a

real potência da leitura na vida dos privados de liberdade e na própria vida. Essa é a minha esperança e minha luta diária.

Estou sabendo que você está replicando a oficina de leitura na comunidade em que mora, Jardim Ângela, na zona sul do município de São Paulo. Local que apresenta uma grande população e já foi considerado muito perigoso. Apresenta uma alta taxa de mortalidade, com ocupações irregulares, falta de saneamento básico, tráfico de drogas e um grande número de jovens mortos em ações policiais. Diante desse quadro é importante levar, aos jovens dessa região, esse importante instrumento de transformação social, a leitura.

Oficinas de leitura se configuram como um importante trabalho a ser feito com as crianças, jovens e adultos, despertando o prazer gratuito de ler. Possivelmente, as oficinas de leitura seriam a possibilidade de construção do ambiente ideal para que isso ocorresse, pois, apesar das limitações, pode ser um espaço da transformação. Talvez dessa forma fosse possível criar um caminho para a reversão desse quadro lamentável de não leitura nesta região, dentre tantos outros desafios.

Aceito o convite para participar de uma oficina de leitura organizada por você. Freire aponta que "a ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, 'ação cultural' para liberdade, por isso, ação com eles." (FREIRE, 1994, p. 53). Quero ouvi-los, dar voz, compartilhar experiências, construir novos conceitos e possibilidades, tão necessários para nossa juventude. Acredito, como afirma Freire (1987) que: "[...] é dizendo a palavra com que, "pronunciando" o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens." (FREIRE, 1987. p. 79).

Vamos compartilhar leituras, vivências e experiências. É dessa forma que acredito numa educação emancipadora e farei junto com você.

Obrigada.

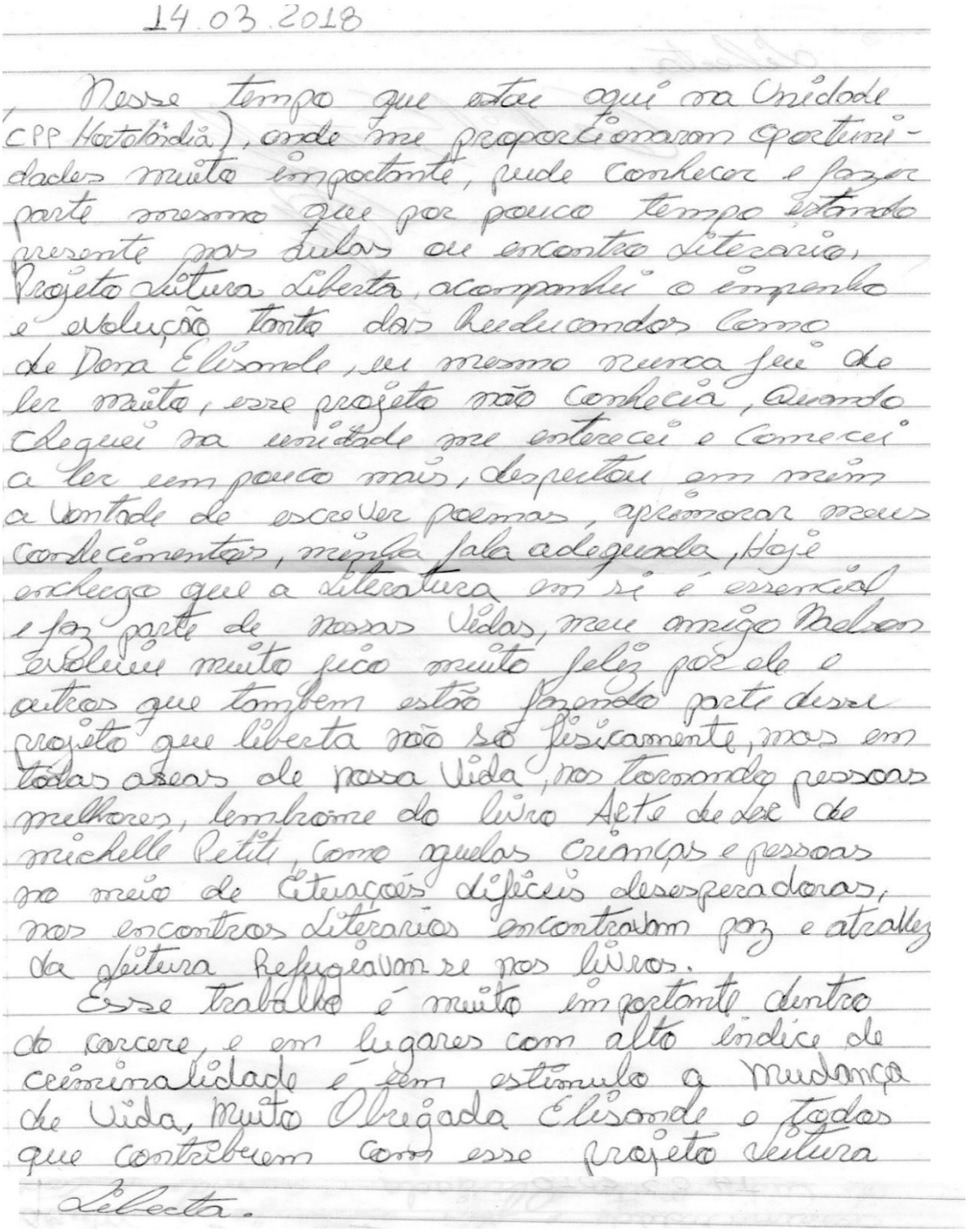
Um abraço fraterno.

Elisande.

6.2.1.5 – Fernando Henrique Solano

Continuando a ler as cartas, o Fernando[95] compartilha comigo as suas impressões, como demonstrado abaixo:

Imagem 71: Carta do Fernando



14.03.2018

Nesse tempo que estou aqui na Unidade (CPP Hortolândia), onde me proporcionaram oportunidades muito importante, pude conhecer e fazer parte mesmo que por pouco tempo estando presente nas Rodas de encontro Literário, Projeto Leitura Liberta, acompanhei o empenho e evolução tanto dos Reeducandos como de Dona Elisonde, eu mesmo nunca fui de ler muito, esse projeto não conhecia, quando cheguei na unidade me interessei e comecei a ler em pouco mais, despertou em mim a vontade de escrever poemas, aprimorar meus conhecimentos, minha fala adequada, Hoje entendo que a Literatura em si é essencial e faz parte de nossas Vidas, meu amigo Nelson Coelho muito feliz por ele e outros que também estão fazendo parte desse projeto que liberta não só fisicamente, mas em todas as áreas de nossa Vida, nos tornando pessoas melhores, lembrome do livro Arte de ler de michelle Petit, como aquelas Crianças e pessoas no meio de Situações difíceis desesperadoras, nos encontros Literários encontravam paz e atraves da leitura Refugiavam se nos livros.

Esse trabalho é muito importante dentro do carcere, e em lugares com alto índice de criminalidade é bem estimulo a mudança de Vida, Muito Obrigada Élisonde e todos que contribuem com esse projeto leitura Liberta.

Carta elaborada por Fernando (acervo pessoal)

[95] Nome fictício, para preservação da identidade.

Que lindo isso! Um garoto tímido, com olhar penetrante, que pouco falava e que consegue ver nos companheiros uma evolução intelectual, proporcionada pela leitura. Encontrou na biblioteca da unidade um importante livro que aborda a leitura em ambientes adversos.

Trata-se do livro "A arte de ler: ou como resistir à adversidade" de Michele Petit. A autora defende o conceito de que, através da leitura, a interioridade do ser humano pode ser transformada, permitindo ao leitor, especialmente àqueles que estão em espaços de crise, particularmente intensas, que recuperem um sentimento de continuidade, de pertencimento de ressocialização e reconstrução de si mesmos. Para Petit (2010):

> Em situações de crise, a leitura é dessa forma, uma via privilegiada para recuperar a experiência da criança que, em um ambiente calmo, protetor, estético entre a sua mãe e ela, "trabalha". A literatura ajuda a dar forma aos lugares onde viver, a se lançar e abrir caminho. (PETIT, 2010, p. 93)

Fernando, gostei de você ter mencionado o outro colega participante do projeto de leitura, Naelson, que procura completar o ensino fundamental dentro da unidade prisional e foi capaz - como poucos - de ler livros de autores brasileiros como Graciliano Ramos e, na sua simplicidade ,conseguiu entender Vidas Secas e compará-la com sua própria vida. Foi evoluindo nas leituras e na compreensão das obras. O Naelson mostrou-me: "A leitura como uma atividade complexa, que compreende diferentes etapas, em cada uma das quais podemos adquirir mais habilidade mediante a prática, como acontece com qualquer outra arte." (ADLER, 1954, p.13).

Ainda sobre esse aspecto, de acordo com Martins:

> Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre experiências e a tentar resolver os problemas que nos apresentam aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. (MARTINS, 2005, p. 17)

Foi o que aconteceu com o Naelson, ousou e avançou nas suas leituras e na compreensão do mundo. "Lê-se para entender o mundo, para viver melhor", afirma Lajolo (1993, p. 07).

A estrutura atual das oficinas de leitura resultou da reflexão e do repensar sobre minha atuação pedagógica como educadora, para atender os diversos níveis de escolaridade, culturas, expectativas e de contato com a leitura, trazidas e apresentadas pelos participantes do projeto. Acredito que isso seja um diferencial: observar, aprender, compreender, compartilhar a melhor forma de se trabalhar com literatura, a partir do prazer de ler e conhecer.

E você, Fernando, também me surpreendeu, quando me mostrou seus poemas. Peço licença agora para reproduzir um deles aqui:

Respostas[96]

Meu Deus, o que vai ser de mim?
Responde-me, pois não sei para onde ir,
Estou confuso com tudo e todos que me cerca
Se não for Deus quem poderá me responder?

O diabo quer me responder, abre os olhos para ver.
Tenta me seduzir, na sua forma mais linda de aparecer.
Pergunta quem poderá te socorrer?
No abismo da solidão estende sua mão para te dar salvação.

Esta sua resposta, uma mão amiga.
Desconhecida mas não perdida, lhe mostrando a saída.
Por que tal solução?
Quando a resposta está na sua mão.

De mãos dadas temos a solução.
(por Fernando, 2018)

Encontramos muitos escritores na prisão. Muitos deles são leitores sensíveis e se tornaram escritores. “Escrever é talvez trazer à luz esse agenciamento do inconsciente, selecionar as vozes sussurrantes, convocar as tribos e os idiomas secretos, de onde extraio algo que denomino Eu”. (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 18) Quem lê aumenta a sua criticidade aumentando sua compreensão da intrincada realidade que vivemos: ler o mundo é conceber o humano. Para Freire (1990) com a leitura “de alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”. (FREIRE, 1990, p. 20)

Obrigada por compartilhar esse e outros poemas. Todos demonstram muita sensibilidade e uma das maneiras de expressão existentes na prisão.

[96] Poema criado enquanto estava em privação de liberdade.

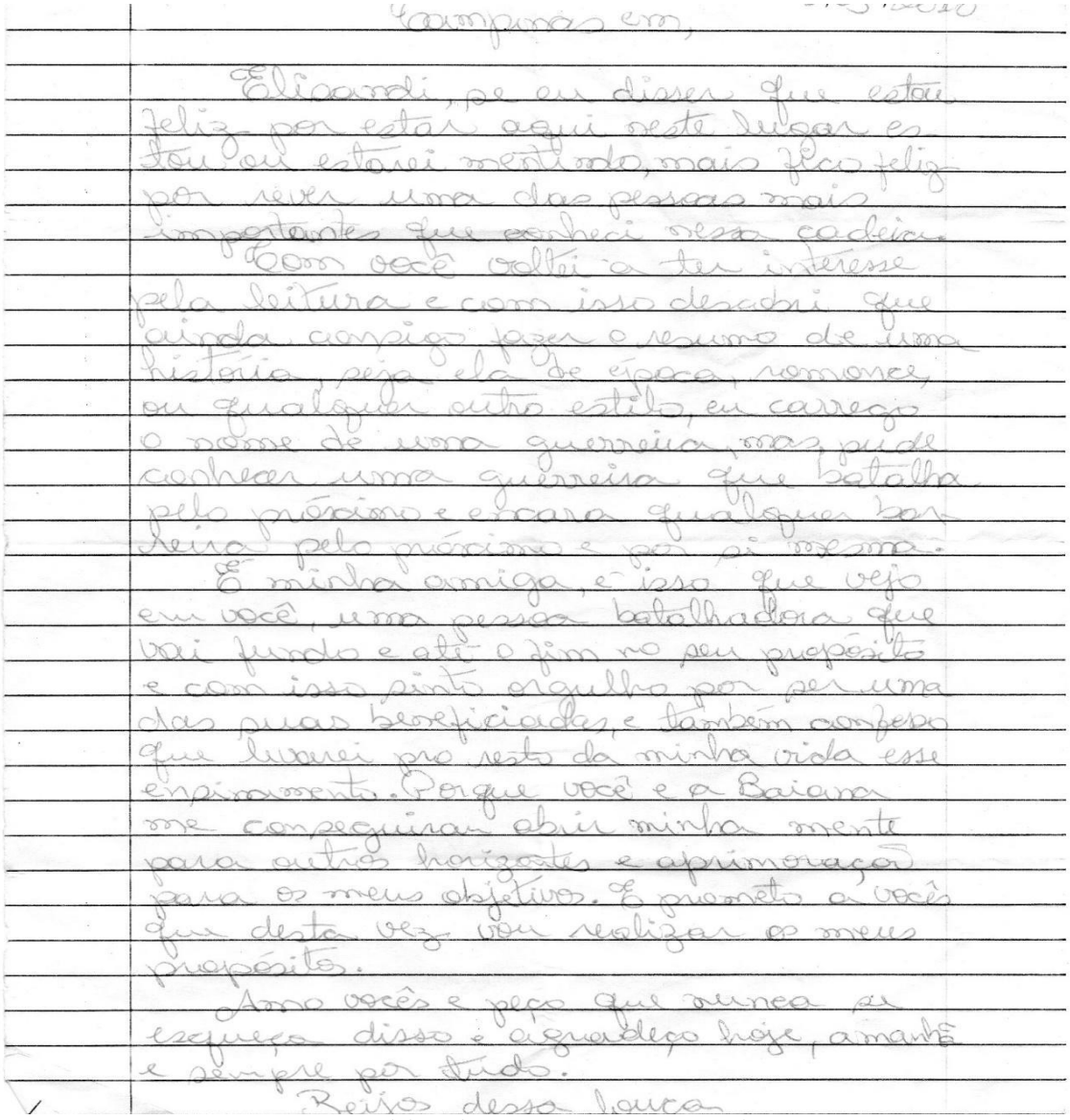
Um abraço.

Elisande

6.2.1.6 – Joana D'arc Albuquerque

Leio agora e respondo a uma carta entregue em mãos, por uma mulher cheia de alegria e vivacidade. Pelo menos é o que demonstra nas oficinas de leitura. Está sempre sorrindo, falando o tempo todo alegremente de suas traquinagens na prisão com as demais privadas de liberdade.

Imagem 72: Carta da Joana



Elaborada por Joana (acervo pessoal)

Campinas, julho de 2018.

Joana querida, quando você recebeu a sua liberdade, confesso que fiquei muito feliz. Pensei em um dia te encontrar pelas ruas, afinal, você é daqui de Campinas. Mas não foi isso o que aconteceu. Encontrei-te novamente atrás das grades e de volta ao projeto. Leitora assídua está sempre com um livro na mão e se emocionando com cada um deles.

Quando penso em você, me preocupo com o número crescente de mulheres nas prisões. O Infopen Mulheres[97], publicado em 2018, aponta que a população prisional feminina atingiu em Junho de 2016 o número de 42 mil mulheres, representando um aumento de 656% em relação aos anos 2000. Neste ano, a população feminina aprisionada era de menos de seis mil mulheres Observe os dados abaixo:

Tabela 16: Mulheres privadas de liberdade no Brasil

Brasil - Junho de 2016	
População prisional feminina	42.355
Sistema Penitenciário	41.087
Secretarias de Segurança/ Carceragens de delegacias	1.268
Vagas para mulheres	27.029
Déficit de vagas para mulheres	15.326
Taxa de ocupação	156,7%
Taxa de aprisionamento	40,6

Fonte: Levantamento de Informações Penitenciárias
INFOPEN, Junho/2016. IBGE, 2016.

Observe quantas mulheres privadas! É assustador, não é? O Infopen discorre que "podemos afirmar que existem 41.087 mulheres privadas de liberdade nos estabelecimentos

[97] O INFOPEN é um banco de dados que compila informações estatísticas do sistema penitenciário brasileiro, por meio de um formulário de coleta estruturado preenchido pelos gestores de todos os estabelecimentos prisionais do país. Os dados utilizados na resposta a carta da Joana, referem-se a publicação de junho de 2016, com recorte de gênero.

penais que compõem o sistema prisional estadual." (INFOPEN, 2018, p. 11). E o mais alarmante é que o estado de São Paulo concentra 36% de toda a população prisional feminina do país, com 15.104 mulheres presas. Werneck (2018) assinala que "eram mais de 700 mil pessoas, seres humanos homens e mulheres cis e trans, encarceradas no Brasil em 2016. Mais da metade tinham entre 18 e 29 anos. A maioria eram/são negros e negras". (PIRES; FREITAS, (Org.) 2018, apud, WERNECK, 2018, p. 08) A estimativa é de que existem 25.581 mulheres negras em todo o sistema prisional.

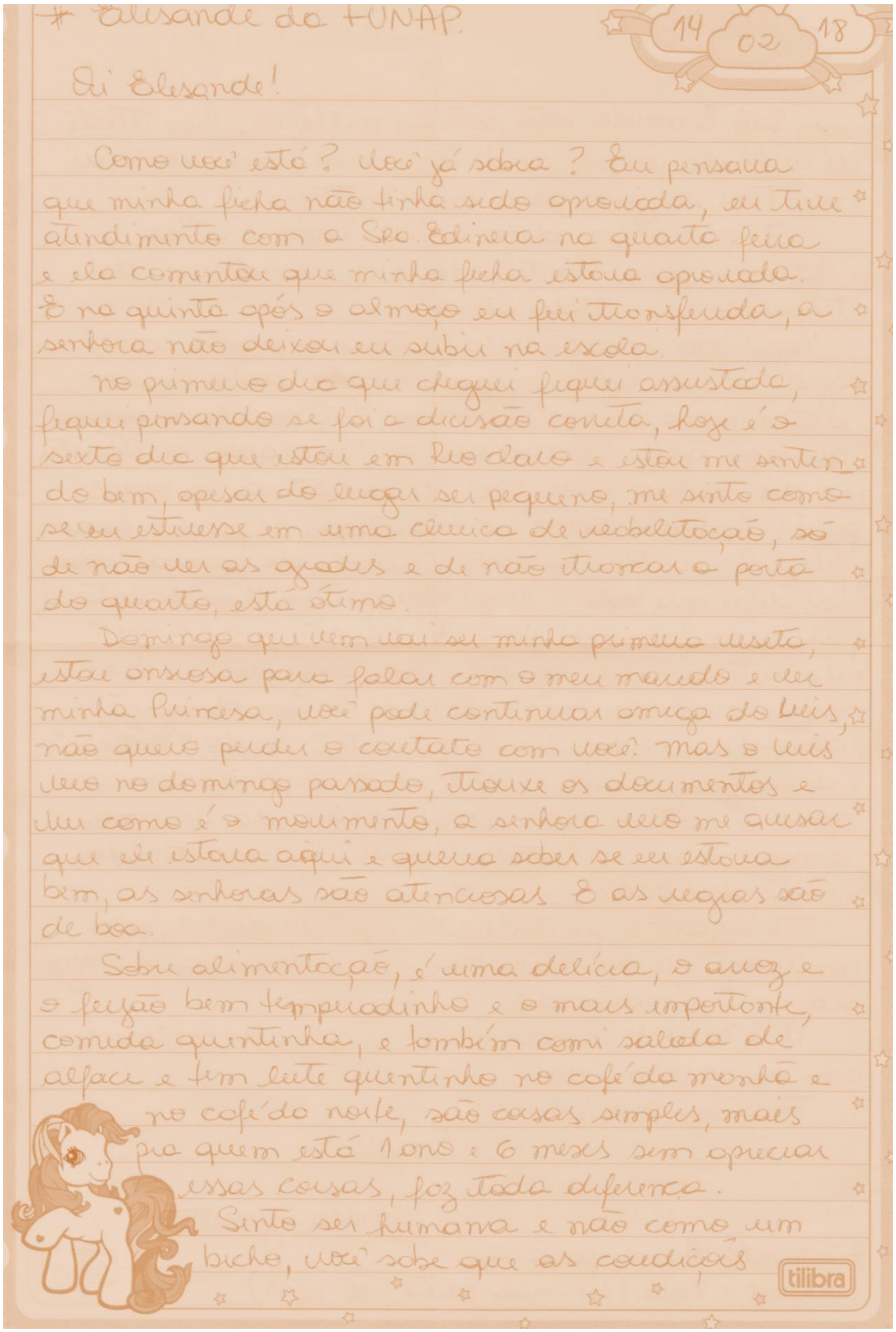
Você é uma delas. Mulher negra, linda, sorridente e que me provoca sentimentos contraditórios de alegria de compartilhar leituras de vida e de tristeza por ver uma mulher corajosa privada de sua liberdade. Gosto muito de compartilhar com você as suas leituras. O último livro que leu você "Joana", escrito por Leon Denis, um livro espírita, foi uma verdadeira catarse vivenciada por você. Foi lindo o seu relato e a identificação com a história, como contou em sua carta. "o escritor constitui a sua própria identidade mediante essa recoleção das coisas ditas". (FOUCAULT, 1992, p. 144-145)

Temos certeza que vai, sim, realizar os seus propósitos. Vejo uma mudança extraordinária no seu modo de ver a vida. Beijos para essa "louca" aguerrida.

6.2.1.7 - Sandra Silva

Ainda pensando no aprisionamento feminino, encontrei e trabalhei com uma mulher muito especial também, triste por sua situação atual, resultado de um amor bandido. Restitui com a privação de liberdade as suas escolhas da adolescência. Sandra, você foi transferida da Penitenciária Feminina de Campinas para outra unidade prisional. Fiquei muito feliz em receber e ler a sua carta.

Imagem 73: Carta da Sandra



* Elisande do FUNAP.

14 02 18

Oi Elisande!

Como você está? Você já sobia? Eu pensava que minha ficha não tinha sido aprovada, eu tive atendimento com a Sra. Edineia na quarta feira e ela comentou que minha ficha estava aprovada. E na quinta após o almoço eu fui transferida, a senhora não deixou eu subir na escola.

No primeiro dia que cheguei fiquei assustada, fiquei pensando se foi a decisão correta, hoje é o sexto dia que estou em Rio Claro e estou me sentindo bem, apesar do lugar ser pequeno, me sinto como se eu estivesse em uma clínica de reabilitação, só de não ver as grades e de não trancar a porta do quarto, está ótimo.

Domingo que vem vai ser minha primeira visita, estou ansiosa para falar com o meu marido e ver minha Princesa, você pode continuar amiga do Luis, não quero perder o contato com você. Mas o Luis veio no domingo passado, trouxe os documentos e viu como é o movimento, a senhora veio me avisar que ele estava aqui e queria saber se eu estava bem, as senhoras são atenciosas. E as regras são de boa.

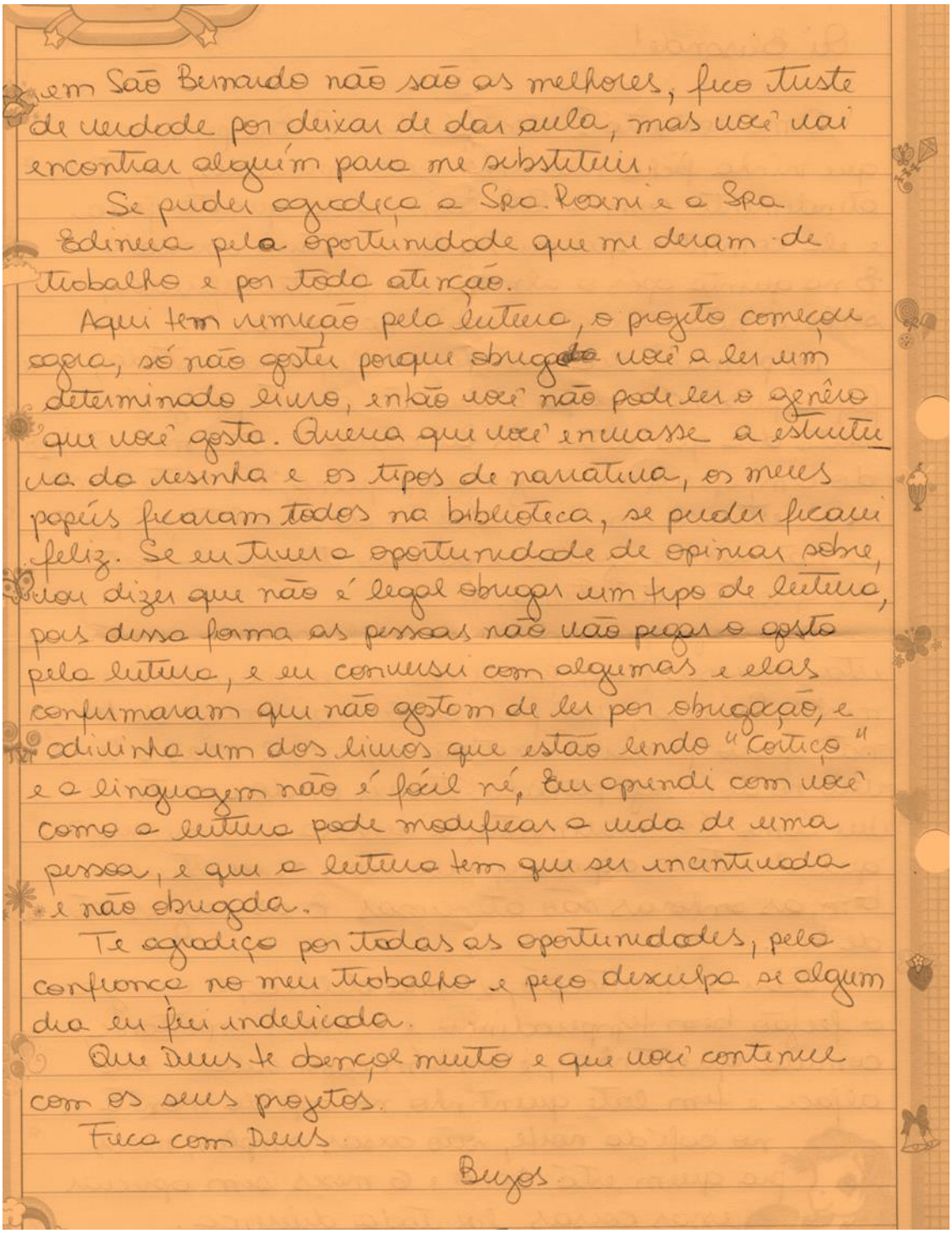
Sobre alimentação, é uma delícia, o arroz e o feijão bem temperadinho e o mais importante, comida quentinha, e também comi salada de alface e tem leite quentinho no café da manhã e no café da noite, são coisas simples, mais pra quem está 1 ano e 6 meses sem apreciar essas coisas, faz toda diferença.

Sinto ser humana e não como um bicho, você sabe que as condições

tilibra

Carta elaborada por Sandra – frente (acervo pessoal)

Imagem 74: Carta da Sandra - verso



em São Bernardo não são as melhores, fico triste de verdade por deixar de dar aula, mas você vai encontrar alguém para me substituir.

Se puder agradeça a Sra. Roani e a Sra Edinéia pela oportunidade que me deram de trabalho e por toda atenção.

Aqui tem remição pela leitura, o projeto começou agora, só não gostei porque obrigaram você a ler um determinado livro, então você não pode ler o gênero que você gosta. Queria que você enxugasse a estrutura da resinha e os tipos de narrativa, os meus papéis ficaram todos na biblioteca, se puder ficarei feliz. Se eu tiver a oportunidade de opinar sobre, vou dizer que não é legal obrigar um tipo de leitura, pois dessa forma as pessoas não vão pegar o gosto pela leitura, e eu conversei com algumas e elas confirmaram que não gostam de ler por obrigação, e adivinha um dos livros que estão lendo "Cortiço" e a linguagem não é fácil né, Eu aprendi com você como a leitura pode modificar a vida de uma pessoa, e que a leitura tem que ser incentivada e não obrigada.

Te agradeço por todas as oportunidades, pela confiança no meu trabalho e peço desculpa se algum dia eu fui indelicada.

Que Deus te abençoe muito e que você continue com os seus projetos.

Fica com Deus.

Beijos.

Carta elaborada por Sandra- verso (acervo pessoal)

Campinas, julho de 2018.

Querida Sandra,

Você foi contratada pela Fundação Prof. Manoel Pedro Pimentel - Funap, através de um longo processo seletivo, para trabalhar como Monitora da Sala de Apoio para as aulas de informática, através das nossas formações. Aprendi muito com você. Sua competência no conhecimento sobre, computadores e seus aplicativos e o afeto com suas alunas fizeram uma grande diferença qualitativa nas aulas. Acompanhei de perto sua angústia e saudade de sua filha e o amor pelo seu atual marido, sempre presente, seja nas visitas semanais ou no acompanhamento de seu processo criminal. Você denuncia a vida dura existente, dentro da prisão onde, entre outras coisas, a presença de um simples alimento, como um bolo ou uma pipoca, faz a diferença. O olhar e as ações mais humanas dos agentes penitenciários podem fazer que o cumprimento da pena fosse feito de forma mais digna e com possibilidades de reinserção na sociedade.

Com relação ao projeto de leitura, observo que as estratégias adotadas nas oficinas do projeto, proporcionando a leitura de livros que sejam do perfil dos participantes, podem promover uma leitura prazerosa, que vai muito além da busca pela remição de pena. Você preferia os livros de autores ligados à igreja Católica como Padre Marcelo Rossi **e** Padre Fábio de Melo. Ao tomar gosto pela leitura, tornando-se um hábito, conseguiu partir para outros autores.

Como educadora, acredito que simplesmente entregar o livro e pedir uma resenha é muito superficial. A análise literária do livro, do autor, dos personagens, do contexto, proporciona um melhor entendimento do que está sendo lido. De acordo com Candido (2004), a literatura tem a função psicológica, porque além de satisfazer uma necessidade universal que é a fantasia, também possui a função formadora, ensinando valores sobre a realidade A função humanizadora da leitura, também possibilita Ao homem, um enriquecimento cultural e aperfeiçoamento enquanto pessoas, ensinando a ver a vida de outras maneiras e com novas possibilidades.

No projeto de leitura, ao oferecer a possibilidade de ler vários títulos escolhidos por vocês e não por uma editora ou entidade religiosa, potencializa o prazer da leitura, cria oportunidades de realizar escolhas próprias e obter conhecimentos e crescimento pessoal.

Veja o que afirma Candido (2004):

> [...] Talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. [...] A literatura tem sido instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. [...] A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2004, p. 175)

Sei que sairá logo e retornará ao convívio de sua linda família. Fico na torcida para que seja em breve. Obrigada pelas palavras de incentivo.

Com a sua carta penso o quanto Paulo Freire sempre foi para mim, uma referência importante no que se refere ao pensamento e realização o meu trabalho. Fez-me entender que a escolarização não é um processo de transmissão de conhecimento e sim uma construção deste que, junto com os alunos. Freire (1990) afirma que:

> O fato de ele necessitar de ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. [...] De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê-lo", quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1990, p.19-20).

Agradeço sempre, a oportunidade que tenho de realizar junto com você, as demais companheiras de trabalho e as pessoas em privação de liberdade um bom trabalho.

Muito obrigada.

Um grande abraço.

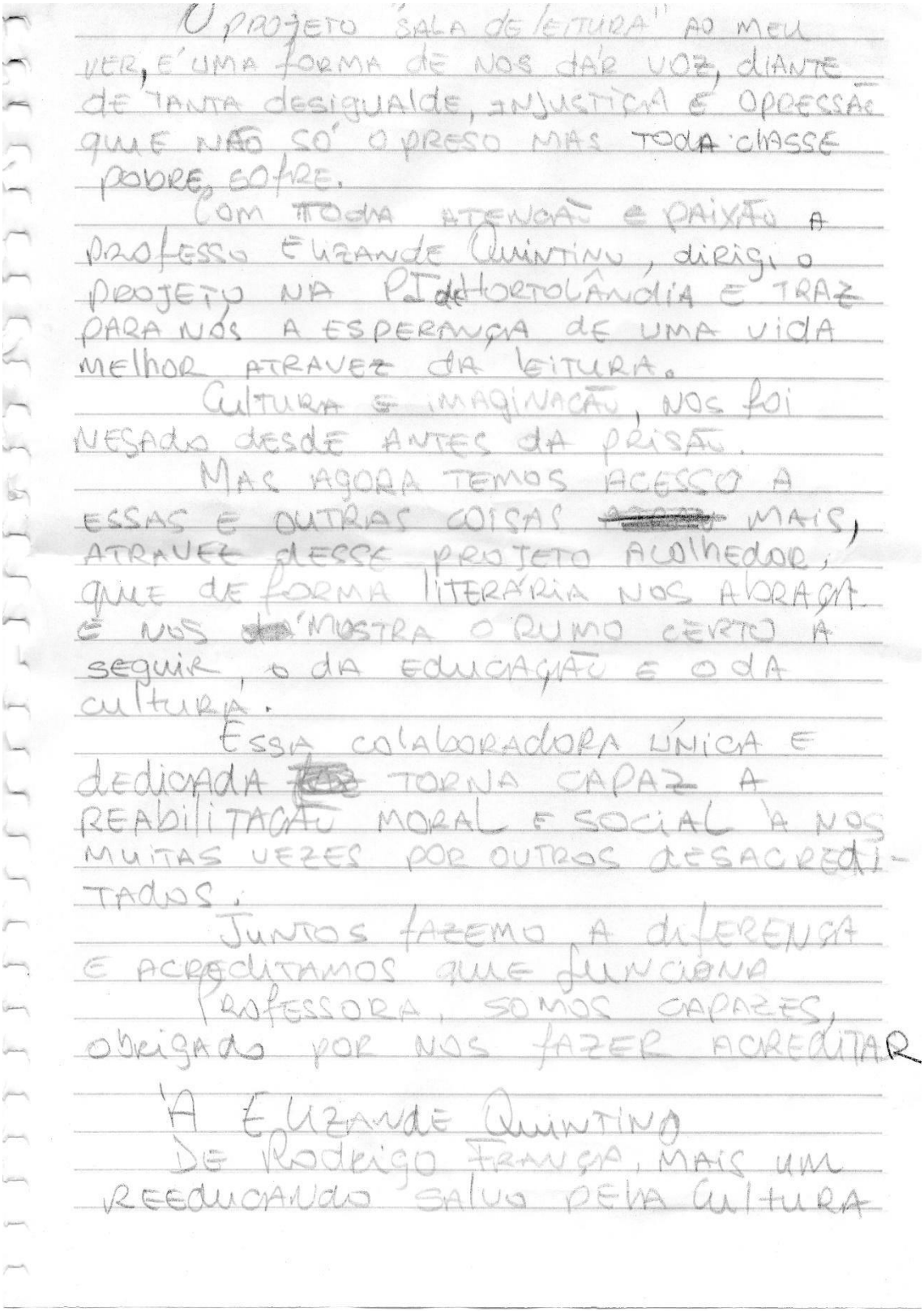
Elisande.

6.2.1.8 - Ricardo Oliveira

Leio, agora para finalizar este capítulo, a carta do Ricardo, com um sentimento de alegria pela escolha pessoal de oferecer projetos de leitura que possibilitem o diálogo, a possibilidade de expressar-se, de encontro de pessoas com pensamentos diferentes e a possibilidade de uma nova construção de vida.

O que você me diz, Ricardo?

Imagem 75: Carta do Ricardo



O PROJETO "SALA DE LEITURA" AO MEU VER, É UMA FORMA DE NOS DAR VOZ, DIANTE DE TANTA DESIGUALDE, INJUSTIÇA E OPRESSÃO QUE NÃO SÓ O PRESO MAS TODA CLASSE POBRE, SOFRE.

COM TODA ATENÇÃO E PAIXÃO A PROFESSORA ELIZANDE QUINTINO, DIRIGE O PROJETO NA P.I. TORTOLÂNDIA E TRAZ PARA NÓS A ESPERANÇA DE UMA VIDA MELHOR ATRAVÉS DA LEITURA.

CULTURA E IMAGINAÇÃO, NOS FOI NEGADO DESDE ANTES DA PRISÃO.

MAS AGORA TEMOS ACESSO A ESSAS E OUTRAS COISAS MAIS, ATRAVÉS DESSE PROJETO ACOLHEDOR, QUE DE FORMA LITERÁRIA NOS ABRAÇA E NOS MOSTRA O RUMO CERTO A SEGUIR, O DA EDUCAÇÃO E O DA CULTURA.

ESSA COLABORADORA ÚNICA E DEDICADA TORNA CAPAZ A REABILITAÇÃO MORAL E SOCIAL A NOS MUITAS VEZES POR OUTROS DESACREDITADOS.

JUNTOS FAZEMO A DIFERENÇA E ACREDITAMOS QUE FUNCIONA PROFESSORA, SOMOS CAPAZES, OBRIGADO POR NOS FAZER ACREDITAR

A ELIZANDE QUINTINO
DE RODRIGO FRANÇA, MAIS UM REEDUCANDO SALVO PELA CULTURA

Carta elaborada por Ricardo (acervo pessoal)

Campinas, julho de 2018.

Olá Ricardo,

Quando li sua carta, fiquei com a certeza de que podemos fazer uma grande diferença na vida das pessoas em privação de liberdade.

A sua carta revelou um aspecto importante, os projetos de leitura desenvolvidos nas unidades prisionais, são espaços importantes para dar voz e ouvidos aos participantes. Neste contexto a "voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da "justa ira" dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas". (FREIRE, 1998, p. 113-114) Voz como denúncia, indignação e resistência. Rompendo o silêncio.

Aponta também a importância da educação como forma de luta e emancipação do ser humano. Como um direito humano "que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo.(CANDIDO, 2004, p. 172) Para este autor a literatura é ferramenta poderosa. de instrução e educação.

Juntos, nós a educação e a literatura, podemos fazer a diferença na vida das pessoas.

Até breve.

Elisande.

Termino de ler as cartas, com o sentimento de dever cumprido e de impulso para a criação de novas possibilidades de atuação nas oficinas de leitura. Vocês fazem parte da minha história, pessoal e profissional. Pessoas especiais, que desejo sinceramente o melhor para a vida fora da prisão.

Reconheço nas escritas a proximidade afetiva que desenvolvemos. As cartas permitiram conhecê-los mais profundamente. É importante escrever sobre vocês mesmos e sobre assuntos positivos vivenciados no espaço prisional. Criaram dentro de um espaço de restrições um contraespaço, para pensarem e buscarem outros lugares fora dos muros da prisão.

Um forte abraço fraternal a todos e todas.

As cartas acima foram selecionadas, dentre outras recebidas ao longo dos anos de trabalho. Escolhidas entre as pessoas que participam do projeto de leitura, exceto a primeira, que recebida em um momento de profunda reflexão, sobre se valeria a pena

continuar trabalhando com as pessoas privadas de liberdade. Aproximam pessoas e lembranças de um passado recente ou mesmo distante, a pessoa ausente se faz presente, se revelou. Ao relê-las temos próximas as pessoas que escreveram por que:

> Escrever é pois "mostrar-se", dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face. (FOUCAULT, 1992, p. 150)

É por isso que as guardo com muito respeito e carinho.

As cartas apresentam o outro/outra, seres humanos que possuem a capacidade de descrever a si mesmos e as suas contingências, de se exporem, de questionarem, de denunciar as injustiças e compartilhar suas lutas e sonhos. Apresentam também o ambiente prisional, disfuncional da prisão. São homens e mulheres com tem a capacidade de insurgências, apesar do ambiente que determina o silêncio, na tentativa de apagá-los como seres humanos. Com as cartas os presos e presas desenvolveram estratégias de liberdade.

Não recebemos ainda, cartas fazendo críticas ao trabalho desenvolvido, nos projetos de leitura, talvez porque vocês já as escrevam depois de muitos momentos em passamos juntos, construindo um trabalho coletivo, embasado no diálogo, uma ação positiva e humanizadora. Momentos em que procuramos ouvi-los e atendê-los para melhorar o desempenho do trabalho, e atingir as expectativas de todos os envolvidos.

Em muitas cartas, vocês apontam as dificuldades em oferecer e dar continuidade a um projeto como esse, num ambiente de privação de liberdade. Sempre estão à frente de todas as ações penais a segurança e a disciplina, que organizam todas as ações desenvolvidas nas unidades prisionais. Muitas vezes, as atividades foram suspensas pelos mais diversos motivos relacionados à segurança (graves ou não). Outras, porque faltava a lista dos participantes, mesmo sabendo que é o mesmo grupo que frequenta todas as terças ou quartas feiras. Houve também tanta demora na abertura dos raios[98]. A prioridade, na abertura das celas é para quem irá trabalhar e só depois para os que participam das atividades educativas.

Parei para olhar o meu pequeno jardim florido, já que escrevo no quintal, aproveitando o calor do sol do inverno, e meus queridos cachorros, parceiros de uma vida.

---

[98] Muitas unidades de trabalho são divididas por raios, onde estão localizadas as celas onde dormem os presos.

Estou em casa e vocês estão privados de liberdade ou já retornaram para o seu lar, para os seus projetos de vida.

Acredito que "a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos" (CANDIDO, 2004, p. 174) e por isso se faz necessária a sua oferta, a troca de saberes, a construção de sentidos e o seu estudo, para nos tornarmos seres humanos cada vez melhores, e compreendermos de forma mais crítica o mundo em que vivemos. Concordo com Antônio Candido, quando afirma que "não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação" (CANDIDO, 2004, p. 174), tão necessária, nos tempos difíceis em que vivemos atualmente.

6.3 A poesia em nós, privados de liberdade, mas nem tanto...

> *O leitor que mais admiro é aquele que não chegou até a presente linha. Neste momento já interrompeu a leitura e está continuando a viagem por conta própria. (QUINTANA, 2006, p. 352)*

Com a apresentação da produção escrita do livreto *#DINAMIC@R_ SERES: os poemas não têm algemas*, composto por narrativas das mulheres privadas de liberdade, temos a intenção nesta parte da pesquisa de observar como a composição social característica da prisão e suas representações estão presentes nos seus textos, demonstrando a coragem de se oporem às palavras de ordem que configuram a vivência na prisão.

A escrita, aqui, é percebida como caminho de resistência criativa, atravessada pelo universo da prisão e da subjetivação, com a capacidade de produzir rotas de fuga frente aos domínios da cultura prisional que silencia, paralisa, normatiza e controla. É percebido que a produção de poesias, cartas, contos e músicas, nesse sentido, são caracterizadas como um ato de transgressão. Transgredir nesse espaço de encarceramento recebe um significado

importante, pois de diferentes maneiras e dimensões enfrentam tudo que é imposto pelo aprisionamento: escrita como uma forma de resistência.

Desse modo, a mulher presa, como personagem de um contexto social, é capaz de apontar na sua escrita, de forma sensível, humana e elucidativa, reflexões sobre o aprisionamento, já que "as pessoas podem trafegar até o infinito e 'livremente', sem a mínima clausura, e serem perfeitamente controladas". (DELEUZE, 1999, p.12)

Assim, o livreto que apresentaremos a seguir concretiza uma ideia de reunir os textos, elaborados pelas mulheres em privação de liberdade na Penitenciária Feminina de Campinas, participantes dos projetos: *Ciranda da leitura: Lendo para Libertar*, do Programa de Educação para o Trabalho e Cidadania – PET, das alunas do Ensino Fundamental e Ensino Médio, alunas de Informática e de leitoras dos livros da biblioteca daquela unidade. *Nessa produção*, encontramos textos de mulheres que apresentam diversos estilos de escrita como: poesias, cartas, contos e músicas. Todas elas têm uma coisa em comum: escrevem suas vivências, suas emoções, enfim, sentimentos que todos experimentamos ao longo da vida, trazendo à tona a perspectiva deleuziana a respeito do processo criativo: "é em nome de minha criação que tenho algo a dizer para alguém". (DELEUZE, 1999, p. 04)

A produção do livreto teve início numa das oficinas de leitura, quando recebemos a visita da poetisa Teresa Azevedo que compartilhou seus saberes sobre o processo de criação poética, possibilitando às educandas exporem suas ideias e sentimentos, transformando o resultado em poesia.

Em outra oficina, também relacionada à leitura, o grupo de mulheres: *"As Aliadas": Coletivo de Mulheres Negras Lélia González*, desenvolveu um trabalho de discussão sobre mulheres negras que fizeram diferença em nossa sociedade, tais como: Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Maria Firmina dos Reis (1825-1917), dentre outras. Esses exemplos de vida criaram mais um espaço para discussão, relatos e produção textual.

Após as oficinas, pensamos em realizar um concurso de poesias envolvendo todas as participantes acima descritas e, assim, escreveram temas relacionados ao seu dia a dia na prisão.

Durante um mês, as presas enviaram à escola diversos textos que, após digitação e organização por gêneros, foram encaminhados para a Diretoria de Trabalho e Educação da unidade prisional, que realizou a primeira avaliação das narrativas. Posteriormente, foram encaminhadas à Tereza Azevedo, coordenadora do projeto Ondulações, e Dalva Saudo. Ambas são integrantes da Academia Nacional de Letras do Portal do Poeta Brasileiro. Os

textos foram ainda encaminhados para Rosaura Nogueira Pessetti, representante do grupo "As Primas" e, assim, todas elas emitiram os pareceres técnicos e artísticos que, além de relatarem o encantamento com a leitura dos textos produzidos pelas participantes, concluíram o processo de seleção das poesias finalistas.

Desse modo, na realização do *1º Sarau da Penitenciária Feminina de Campinas,* todas as mulheres privadas de liberdade que enviaram as suas narrativas, apresentaram também a suas produções. Foram premiadas 03 participantes de cada categoria; para as demais foram entregues certificados de participação. Todas ganharam brindes, doados pelos parceiros do projeto de leitura.

O concurso possibilitou às mulheres a oportunidade de produzirem seus textos, a partir das reflexões do aprisionamento até o momento específico onde iniciaram seus escritos.

Sendo a literatura a arte da palavra, houve a expressão por parte das mulheres presas de muitas maneiras diferentes, revelando o gosto literário de cada uma e o modos de subjetivação.

Após o Sarau, a monitora de apoio da Funap, Ludmile Guimarães de Jesus, iniciou a formatação para produção do livreto, bem como os contatos junto às instituições parceiras para a publicação de um livro. Com esse protótipo, iniciamos uma busca ativa de recursos junto a Funap, a SAP, editoras, Unicamp entre outros. Porém até outubro de 2017, não obtivemos êxito. Foi uma busca muito árdua e insistente para a captação de recursos necessários.

Após meses de conversas, Ludmile conseguiu os recursos para a edição do livreto, através dos "Caminheiros da Luz" do Centro Espírita Allan Kardec. Isso só foi possível através de arrecadação voluntária de seus integrantes. Nesse ínterim, destacamos o empenho do Sr. Carlos Valente e da Sr.ª Aparecida Câmara, que se comprometeram em nos ajudar, efetivamente, nessa produção do livreto**.**

Enfim, o livreto *#DINAMIC@R_SERES*[99]: *os poemas não têm algemas...* surge como resultado das narrativas das mulheres privadas de liberdade da Penitenciária Feminina de Campinas, produzidas no segundo semestre de 2016.

[99] As cores das letras representam a pluralidade das mulheres encarceradas.

Imagem 76: Capa do livreto: #DINAMIC@R_SERES: os poemas não têm algemas

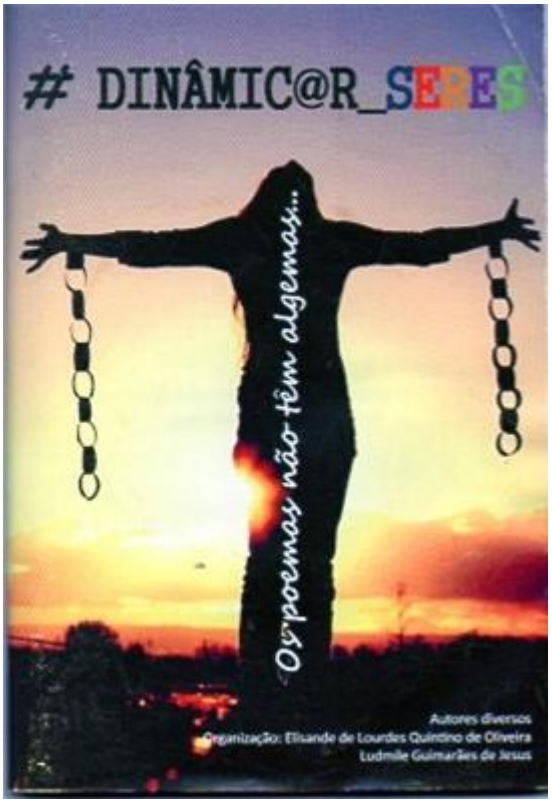


Imagem produzida pela autora da pesquisa

Para as mulheres presas, a materialização de um livro se configura como reconhecimento dessa forma de expressão, ou seja, suas vozes estão circulando pelo mundo em forma de arte. Como presas, exercitam sua existência, a insatisfação e resistência na essência da realidade em que estão inseridas. Para Deleuze, “Poderíamos dizer então, de forma mais tosca, do ponto de vista que nos interessa, que a arte é aquilo que resiste, mesmo que não seja a única coisa que resiste”. (DELEUZE, 1999, p.13)

Para Freire (1980), resistência é aquela que “[...] considera os homens como seres em devir, como seres inacabados, incompletos em uma realidade igualmente inacabada e juntamente com ela” (FREIRE, 1980, p. 81). Assim, a leitura de livros, a escrita de textos deve superar a visão acomodada e fatalista da realidade.

Cândido (2004) chama a atenção, afirmando que:

> [...] as palavras organizadas são mais do que a presença de um código: elas comunicam sempre alguma coisa, que nos toca porque obedece a certa ordem. Quando recebemos o impacto de uma produção literária, oral ou escrita, ele é devido à fusão inextricável da mensagem com a sua organização. Quando digo que um texto me impressiona, quero dizer que ele impressiona porque a sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu. Em palavras usuais: o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere. (CANDIDO, 2004, p. 178)

As narrativas tiveram o potencial de sensibilizar essas mulheres e colocá-las como protagonistas de suas histórias.

Abaixo, são apresentados alguns textos, selecionados do livreto, e que retrataram os sentimentos das mulheres presas, sobre a questão do aprisionamento.

6.3.1 Poesias

Imagem 77: Poesia – Reflexão



Imagem 78: Poesia – Solidão



Imagens capturadas do livreto: #DINAMIC@R_SERES: os poemas não têm algemas

Imagem 79: Poesia – Lágrimas de uma presidiária

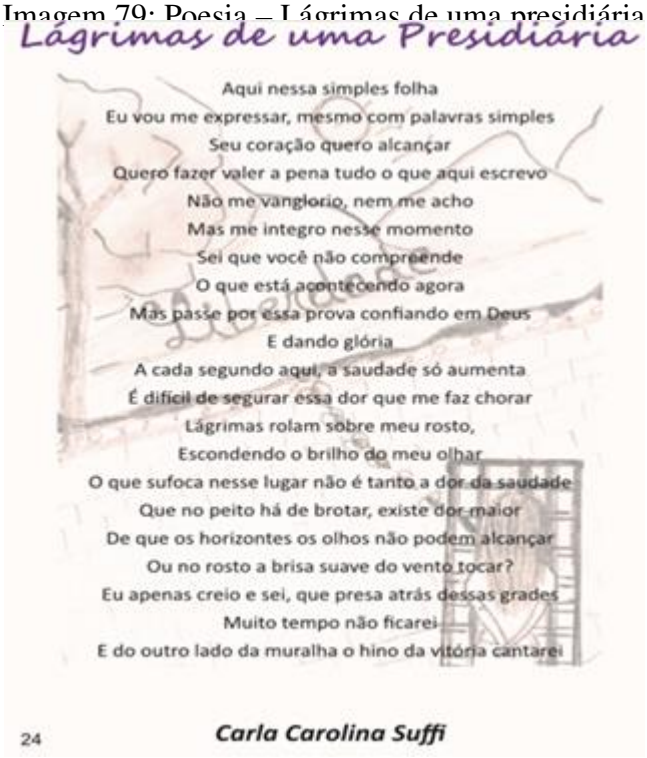


Imagem capturada do livreto: #DINAMIC@R_SERES: os poemas não têm algemas

Imagem 80: Poesia - Coração Apertado



Imagem 81: Poesia - Thiago



Imagens capturadas do livreto: #DINAMIC@R_SERES: os poemas não têm algemas

Imagem 82: Poesia – Poema Perfeito Sapê



Poema Perfeito

O que era aquela magia
Que a muitos já envolvia
Pra **Kezia**, conhecer o mouse
Foi aquela alegria
Veja só hoje em dia
Navega de planilha em planilha
A **Paty**, bem dedicada
Descobriu na hora exata
Para saber o resultado
Basta apenas uma clicada
Ingrid viu que era mágico
Descobrir as estatísticas num gráfico
Vivi falou: "Que bonito, vou pôr
Meu nome em negrito!"
Roberta falou pra **Silmara**:
"Veja agora, se prepara...
Se eu colocar em itálico
Também vai ficar irado!"
A **Scheila** naquele momento
Selecionou todo o texto
Estava com muita dúvida
Da cor do preenchimento
A **Nívea** olhou para o **Duda**
E disse: "Esqueci de salvar...
O que é que eu faço agora?
Não vai dar pra restaurar!"
A **Dayane** pra socorrer
Sacou do cabo USB:
"Salvei o nosso texto
Tá aqui nesse HD"

Um grito deu a **Vitória**
Na hora que viu a memória
Com pouca capacidade
Não grava nem a metade
A **Pamela** deu um sorriso
E mostrou seu dispositivo
Um grande amigo o Pen Drive:
"Carrego sempre comigo"
Pediu para a **Luciana**
Salvar ali uns arquivos
Solange ficou satisfeita
Ao ver o trabalho feito
Revisou se alinhou direito
Esse Poema Perfeito!

Patricia Chagas de Moraes

59

Imagem 83: Poesia – O meu rancho de



O meu Rancho de Sapê

Pertinho tem um ribeirão
Eu vivo em um uma miséria que até durmo no chão
Só se ouve a sapaiada e a coruja no mourão
Tem rato na casa inteira e até em cima do fogão
Tem um gato empesteado que até parou de miar
E um cachorro sarnento que pra latir tem que encostar
Ficou só pele e osso, muitas pulgas pra carregar
Meu cavalo coitado de fraco não anda mais
Se morrer este cavalo até favor ele faz
Não tenho nada que preste
Nem sequer uma prestação
Não consigo mais dormir
Tantas pulgas no meu colchão
Meu almoço é gabiroba
Ia jantar maracujá
Essa vida de miséria
Eu acho que nunca vai mudar.
Veio alguém bater na minha porta
Vacilei não quis abrir
Pensei que fossem as saudades
Que vivem a me perseguir
Bateu de novo com força e não mais insistiu
Desceu a escada em silêncio
E para sempre partiu
Partiu deixando um bilhete
Com essas palavras fatais
Eu sou a felicidade
E não voltarei jamais
Seus lábios são de veludo
Seu sorriso encantador
São meus livros de romance
Na faculdade do amor
Seus lábios são doces de mel
Seu corpo cheira perfume
Eu te amo até demais
Que de você sinto ciúmes.

Elisabeth Nocheli

38

Imagens capturadas do livreto: #DINAMIC@R_SERES: os poemas não têm algemas

Os poemas poderiam ser, portanto, considerados linhas de fuga. Deleuze e Guattari (1995) definem essas linhas de fuga como tudo aquilo que escapa da experiência totalizadora, fazendo com que as pessoas tenham uma nova relação com outras experiências e sigam em outras possíveis direções. Essas linhas de intensidade atravessam toda a experiência vivida pela pessoa.

Através da escrita, as mulheres expuseram de forma subjetiva os seus pensamentos, sentimentos e reflexões. Deleuze assim concebe: “Um criador só faz aquilo de que tem

absoluta necessidade." (DELEUZE, 1999, p. 03). Estar em privação de liberdade conduz a escrita para uma experimentação do real, do sonho, da concretização, das escolhas, dos caminhos a serem percorridos, das dificuldades e da sua superação.

Gusmão (1999) chama a atenção para a importância da participação cultural nesse processo criativo:

> [...] a apropriação dos fatos e sua reinterpretação dependem tão somente da imaginação, esta sim, ponto de força, de transgressão criativa e libertadora, na qual, o homem não apenas imita, reproduz, mas inventa e cria. Este é o território da sociabilidade humana, espaço fértil da cultura como produção e produto, como equilíbrio e conflito, como trama e textura do social. A cultura faz-se assim em acontecimento, rotina e ruptura, parte do revestimento mais de superfície da sociedade, mas também seu cerne, a parte profunda que a constitui como emoções, hábitos, sentimentos, representações e conflitos. Assim, para o sujeito social, a cultura é e representa a experiência vital de seu tempo e de seu espaço em termos de si mesmo e do outro. (GUSMÃO, 1999. p. 47)

Por intermédio da escrita como prática cultural, formamos uma relação de indissociabilidade entre prática e pensamento, entre criação de uma narrativa e criação de si mesmo, especialmente do sujeito que a processa. Essa é uma ação que implica a materialidade do corpo de cada uma e a maneira de se relacionar com os outros corpos. Nesse sentido, provoca um processo de criação e recriação que cada um faz em si. É nesse processo de construção que nos tornarmos homens e mulheres do nosso tempo.

Longe das narrativas ficcionais, as poesias aqui apresentadas evidenciam discursos sobre a realidade, a partir da visão de mundo, das práticas culturais dessas mulheres presas, nos aproximando delas e humanizando-as.

Neste contexto, para Foucault (2009):

> [...] o papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um "corpo" (*quicquid lectione collectum est, stills redigat in corpus*). E, este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim – de acordo com a metáfora tantas vezes evocada da digestão – como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida "em forças de sangue" *(in vires, in sanguinem*). Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de ação racional" (FOUCAULT, 2009, p. 143, grifo do autor)

Os sentimentos de não se sentirem amparadas, sujeitos dos direitos sociais, civis e políticos, desumanizadas, aparecem claramente nas falas dessas mulheres. São relatos de experiências comuns, compartilhados durante as oficinas e o processo de aprisionamento.

A urgência da escuta e a necessidade de narrar essas experiências, a partir de si mesmas, é experimentada durante as oficinas. Nesses momentos, essas mulheres são vistas além de suas condições concretas como presas e o que escutamos são narrativas de sonhos, desejos de luta e sobrevivência das que se atreveram a se insubordinar contra a repressão e a negação de direitos presentes em suas vidas, através da voz e da escrita.

Em síntese, os poemas são resultados do processo criativo do ato de escrever, demonstrando como se sentem mais à vontade em relatar suas vidas, no contexto de privação de liberdade.

7. NARRATIVAS POR ELAS MESMAS: CONVERSA COM QUEM GOSTA DE LER

> *Fazer com que exista uma sociedade com um pouco mais de qualidade de vida é papel importante dos educadores, que têm como desafio permanente discutir, rever, refazer o sentido histórico de inovação e humanização do progresso, assumindo a identidade de trabalhadores culturais, envolvidos na produção de uma maneira histórica, e de sujeitos sociais que criam e recriam o espaço e a vida social .(ONOFRE, 2007, p. 11)*

Neste capítulo, será abordada a (re) construção subjetiva (talvez até emancipatória), através da leitura realizada na prisão, em narrativas de duas pessoas que se encontravam privadas de liberdade e que participaram dos projetos desenvolvidos no Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia e Penitenciária Feminina de Campinas. Narrativas que se desdobram em impressões sobre a leitura e a participação nas oficinas dos projetos existentes nesses espaços.

A escolha desses participantes, assim como de suas narrativas, foi realizada por seu protagonismo nas oficinas e também por uma perspectiva de se analisar a ocorrência da leitura entre homens e mulheres, assim como evidenciar os distintos regimes de prisão por eles (as) vividos.

Lucas encontra-se em regime semiaberto. Foi preso aos 18 anos e estava em privação de liberdade havia cinco anos. Sempre estava com um livro nas mãos e era participante ativo do projeto de leitura. Chegou a ler mais de 220 livros nesse período. Por isso também se tornou referência para os participantes do projeto.

Ludmile, monitora contratada pela Funap (inicialmente para a biblioteca e posteriormente para o Programa de Educação para o Trabalho e Cidadania – PET), tornou-se referência para as demais privadas de liberdade pelo seu conhecimento prévio sobre diversos assuntos e por sua capacidade de envolvê-las nas diversas atividades educativas da

Penitenciária Feminina de Campinas. Durante sua passagem pela prisão, promoveu várias ações de leitura e sua história revela a força dos livros sobre as pessoas em privação de liberdade.

7.1 Ludmile, razão e sensibilidade.

> *Sem ser dotado de força de corpo, pela inteligência o homem se transformou no mais forte de todos os animais, o mais terrível, o mais criador, o mais destruidor, O homem tem poder para transformar o mundo num paraíso ou num deserto. (ALVES, 2004)*

Apresento, abaixo, uma carta de Ludmile endereçada a mim, escrita assim que terminou o curso de informática oferecido na unidade prisional.

Num grupo de mulheres privadas de liberdade que participavam do *Projeto Ciranda de Leitura: Lendo para libertar*, lá estava ela. Ludmile, uma baiana com sotaque que revelava a sua origem, cheia de vontade de fazer a diferença no grupo e aproveitar da melhor maneira o tempo de privação de liberdade.

No projeto, contribuiu constantemente com sua fala, sua experiência de vida e sua força de vontade em aprender sempre mais, destacando-se entre as participantes com seu conhecimento adquirido através também de uma boa formação escolar e familiar.

Na primeira oportunidade, inscreveu-se no processo seletivo para monitora de sala de leitura, classificando-se em primeiro lugar. Neste espaço, organizou os livros e passou a entregá-los às presas que não podiam acessar a biblioteca. Sempre observando e incentivando a leitura junto às privadas de liberdade, levava , no caminho que percorria as alas[100], livros de acordo com os gostos identificados nas constantes retiradas das presas e, muitas vezes, a partir de seu próprio gosto. Apaixonada por autores como Gregório de Matos, Jorge Amado, Ruy Barbosa, entre outros, sempre presentes em suas leituras e nas resenhas que escrevia.

100 Local onde se encontram as celas. Na Penitenciária Feminina de Campinas existem a ala "A" e a ala "B".

Após a monitora do programa de Educação para o Trabalho e Cidadania – PET ser transferida para outra unidade, assumiu sua vaga, acreditando que daria conta do novo desafio. Passou a estudar muito e ler livros sobre o assunto da biblioteca, com empenho o material de apoio sugerido pela Funap, pedindo-me constantemente reportagens, textos, vídeos, livros e objetos para complementar as aulas e criando o próprio material sobre os assuntos abordados.

Nas reuniões de formação, trazia diversas sugestões para o desenvolvimento do trabalho coletivo e das aulas a serem ministradas. No curso PET, desenvolveu planos de negócios, estrutura para criação de associação que pudesse atender as pessoas que passaram pelo sistema prisional. As alunas tinham uma verdadeira adoração pelo seu protagonismo e seu amor pelo próximo e pela vida.

Segue a carta:

"Eu, Ludmile"

"A educação não transforma o mundo
A educação muda pessoas
Pessoas transformam o mundo.".
(Paulo Freire)

Imagem 84: Grupo escola



Arquivo pessoal

"A minha aventura nessa reencarnação começa dia 12.09.77, mais exatamente às 12h00min em Salvador - BA, quando a estudante de Medicina Veterinária, Mirete Guimarães de Jesus, corajosamente deu à luz um espírito pitoresco e frágil (mal sabia ela).

O pai era o jovem oficial militar Guilhardes de Jesus, que vindo junto com ela da zona rural no interior do Estado, cresceram juntos estudando e resolveram constituir família.

Nessa época, meu único irmão mais velho já contava 05 anos de idade, hoje é um competente advogado. Ninguém podia imaginar que a irmã dele tomasse um caminho totalmente inverso do esperado!
Éramos somente nós quatro, quando aconteceu o rompimento da união em 1989. Meu pai nos colocou no carro 3h da manhã viajando conosco para Ilhéus-BA, deixando nossa mãe pra trás na capital. Estávamos então eu com 11 anos e meu irmão com 16, tendo razoável noção do que estava acontecendo. Já havíamos presenciado desavenças demais!

Fomos criados a partir daí pelo nosso pai, que nos deu a melhor educação possível, estudamos nas melhores escolas até chegarmos à faculdade. Ele foi e é pra mim um dos exemplos de pessoas mais humanas que eu já conheci, não fosse o grave problema de mulheres oportunistas que passaram pela vida dele, eu o chamaria de pai perfeito! Francamente, depois da minha mãe não houve nenhuma que valesse a pena.

Começa assim a minha trajetória de problemas domésticos por causa das várias aventuras amorosas do meu pai: tive crises de bebedeira, perdi o 2° científico e tive que repetir o ano, não conseguia parar em casa e pensei até em suicídio. Por sorte nunca tive tendência para usar drogas, se não teria usado também.

Com 25 anos fui morar com um homem 32 anos mais velho que eu, ou seja, ele tinha 57 na época. Isso foi em 2003. Por causa desse relacionamento passei 8 anos da minha vida sendo perseguida, vigiada, censurada, caluniada, violentada fisicamente, psicologicamente e socialmente tanto por ele, como pela família dele, por vizinhos e etc.

Eu era motivo de chacota por onde passava por estar com uma pessoa bem mais velha do que eu, típico de uma cidade preconceituosa e atrasada. Realmente eu não o amava, estava mesmo por necessidade, por conveniência, não queria que meu pai gastasse mais comigo com aluguel, alimentação, vestimenta, então eu suportei os abusos daquele "tirano doméstico".

Essa situação se agravou quando entrei no curso de Direito em 2007, a minha dedicação ao curso era total, meu desempenho era excelente, meu pai me ajudava com a mensalidade e os livros, meu irmão já era professor nessa época também me ajudava com materiais.
Imagine como isso incomodou a todos que não queriam que eu crescesse, incluindo aí meu próprio marido, triplicando a perseguição, gerando revolta no meu pai que não aguentava mais me ver naquela situação. Ele parou de custear meus estudos, tive que trancar minha faculdade em 2008. Tudo que a torcida "do contra" queria.

Cansada de ser contrariada tanto tempo pelas mesmas pessoas, em uma briga dentro de casa, desferi um golpe de navalha no pescoço dele. Fui acusada de tentativa de homicídio, resultando na minha primeira prisão em 6 de janeiro de 2011. Estava com 33 anos. Fiquei apenas 28 dias presa na delegacia de Ilhéus, saí de provisória. Retornei a Salvador pra recomeçar minha vida, mas logo veio a notícia que o MP pediu a minha prisão novamente, fiquei procurada, foragida. Não tive coragem nem de procurar minha mãe.

Dia 9 de maio meu pai desencarnou agora eu estava sozinha no mundo mesmo! Nessa época estava fazendo programa para sobreviver, já que todas as portas se fecharam pra mim... E eu encarei com muita coragem e maturidade essa fase difícil da minha vida. Eu conheci pessoas de todos os tipos, tive um crescimento pessoal muito grande, sabe? Passei a dar valor a coisas que não dava antes, pois é na dificuldade que você sabe quem realmente está do seu lado, até onde você pode ir!

Devido às diligências investigativas do meu ex- marido tive que sair de Salvador em 2012 para salvaguardar minha vida. Fugi pra São Paulo (capital) em um caminhão de mamão, graças a uma carona de um caminhoneiro baiano que já fazia essa rota há 30 anos e me tratou com muito respeito. Deve ter sido um desses anjos que Deus envia (disfarçado de humano) na hora que a gente mais precisa.

Continuei me prostituindo em Sampa, morando em boates, pensões, ajudando a invadir prédios, enfim, até quando já cansada de não ter onde ficar conheci (sic) o estelionato. Foi uma boa opção, já que não podia ter nada em meu nome, passei a usar documentos falsos e abrir conta em bancos.

Tudo tem seu preço, né? Fui pega pela Polícia Federal dentro da Caixa Econômica, o que resultou na minha segunda prisão em novembro de 2013 na cidade de Campinas. Estava com 36 anos. Nos primeiros

dias dentro da Penitenciária, eu confesso, fiquei assustada! Li em um cartaz que havia escola na unidade fiquei entusiasmada! Logo entrei em contato com a bibliotecária, peguei livros emprestados para ler e mostrei meu interesse em fazer parte do espaço escolar participando de um curso chamado Ciranda da leitura: "Lendo para Libertar".

Olha só, realmente minha vida estava salva naquele lugar, pelo menos por algum tempo, eu raciocinei! Sempre passei a maior parte dos meus dias lendo. Isso dentro de uma cela com mais de 30 mulheres, onde qualquer problema pequeno se torna grande, eu vivia no meu "refúgio". Por isso sempre fiquei longe de confusões, ainda que estivesse ali ao meu lado, dava um jeito de entender e apaziguar. E foi assim durante 1 ano e 6 meses até quando surgiu a oportunidade de fazer seleção para bibliotecária, ou seja, para trabalhar na própria escola.

Que maravilha poder unir o útil ao agradável, eu passei em 1º lugar. Deus foi muito bom comigo, porque eu fazia faxina pra sobreviver, nunca tive visita nem ajuda da minha família em nada e agora eu poderia receber um salário e remir os meus dias.

Dentro dessa nova oportunidade, fiquei apenas 1 mês na biblioteca, logo fui dar aula em um projeto maravilhoso da Funap chamado PET- Programa de Educação para o Trabalho e Cidadania, um curso de 10 módulos que prepara reeducandos para o mercado de trabalho. Imagina só, eu não sabia que existia isso dentro da cadeia!

Mexer com a imaginação, o planejamento, a expectativa de vida, os sonhos, as decepções, as superações, enfim, muita responsabilidade. Eu já tinha dado aula de reforço escolar pra criança na Bahia, mas para adultos, nunca! E ainda presas como eu... Tive que pedir muita coragem e disciplina pra (sic) Deus. E mais uma vez, ELE me atendeu. Quanto potencial quanta gente inteligente vestindo bege!

Comecei a observar e raciocinar: temos que aproveitar isso, minha gente! Como poderia investir na criatividade delas, nas descobertas, na retomada de consciência, atingir a autoestima e fazê-las se sentir importantes? Comecei a criar projetos que influíam diretamente nesse sentido, sendo eles:

As poesias da CORUTISA, com a escritora Teresa Azevedo, dentre outros:

Imagens 85: Logos dos projetos



Acervo pessoal de Ludmile Guimarães de Jesus

Poder oferecer dentro da privação de liberdade o melhor que eu dispunha foi à forma mais gratificante de participação social que já tive até hoje. O que para muitos foi o fim pra mim foi o começo, literalmente, uma tábua de salvação! Eu já tinha inspirações lá fora, mas aqui se acentuou mais, acredito que devido à própria limitação do lugar. Li em algum livro que algumas pessoas quando pressionadas desistem, outras produzem mais, acho que esse foi o meu caso.

E não quero parar por aí, eu quero mais! Se tiver chance quero continuar esse trabalho na rua, pois é algo que me traz muita realização. Esqueço qualquer problema quando estou em sala de aula com elas, parece mágico! Sei que o espaço escolar também propicia esse alívio para a maioria delas, pois em momentos de aprendizagem e troca de experiências, esquecemos do aprisionamento!

Após 4 anos e 5 meses dentro da mesma penitenciária, ainda continuo na Ciranda de leitura. Minha orientadora, Elisande de Lourdes, nos traz muita informação, filmes, músicas, palestrantes, encontros com escritoras, poetisas e muitas aulas dinâmicas que nos proporciona abertura e ampliação de nossos horizontes. Ela foi, é e sempre será a maior incentivadora do meu trabalho aqui dentro. Outro dia fiz uma poesia em nome do nosso grupo pra agradecê-la:

Bom dia gente
Como vocês, cheguei aqui outro dia
Assustada e desiludida
Me sentindo uma ovelha perdida

A vida é cheia de curvas, eu sei...
Às vezes nos faz remar na contramão
Seja por escolha ou falta de opção

Mesmo em lugares inóspitos
Também se encontra cultura
Foi onde eu li no cartaz:
"Venha pra Ciranda da Leitura"
Meu Deus, aqui tem escola?
Então me enchi de coragem
Pra encarar o dia a dia
Afinal, tudo é aprendizagem!

E como o tempo aqui valeu a pena
Ontem mesmo tivemos a emoção
De ver a Flavinha ganhar
43 dias de remição

Era a prova que a gente queria
Pra que ficar aqui nesse lugar
Pensando besteira?
Bendita Literatura Brasileira!

Mas sabe qual vai ser
A nossa maior alegria?
Será na nossa saída
Quando diremos: Elisande querida...
É nós na fita!

(21.02.18)

E por falar em poesia, realizamos um Concurso Literário em outubro de 2016 que nos trouxe a descoberta de muitos talentos. Desse evento resultou um livro feito com muito carinho por nós e nossas parcerias que será lançado em breve.

Imagens 86: Logo – #Dinamic@ar_SERES: os poemas não têm algemas.

DINÂMIC@R_SERES

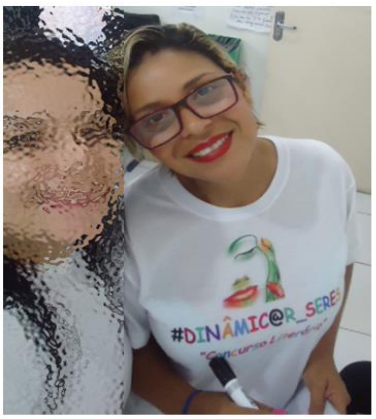
Os poemas não tem algemas...

Imagem pessoal Ludmilie Gumarães de jesus

Como disse o filósofo Sêneca, "Não se pode ser feliz quando se vive só para si mesmo, quando se tudo se faz em interesse próprio. Na verdade, só se vive para si quando se vive para os demais".
Essa é apenas o início do que foi uma história de perdas até os 33 anos. Coincidências à parte, Jesus Cristo, nosso irmão, recomeçou a partir daí. Também tive essa chance. Não fui crucificada como ELE, mas vim à prisão para renascer.

Muito prazer, eu sou Ludmile Guimarães de Jesus, 40 anos, reeducanda desde 2013, humanista, sonhadora, inimiga da rotina e, se possível, futura empreendedora social!

Imagens 86 e 87: Monitoras privadas de liberdade – Funap





Acervo pessoal pesquisadora
Não sou senhora do meu destino, mas sou dona da minha história!
Muito obrigada."
Ludmile Guimarães
09.04.18

O relato acima revela a personalidade envolvente, empreendedora e contagiante de Ludmile. Para Rago (2013, p. 58) a "releitura do passado e a busca de reinvenção de si [...] passam pela construção de interpretação pessoal dos processos históricos vividos".

Também podemos refletir sobre esse exercício de escrita e constituição de si com Foucault (1992), quando diz que a carta mostra:

> [...] claramente como ela se articula com a prática do exame de consciência: o dia termina, imediatamente antes do adormecer, com uma espécie de leitura do dia decorrido; nesse momento se desdobra em pensamento o rolo onde se encontram inscritas as actividades do dia e é este livro imaginário da memória que será

> reproduzido no dia seguinte, na carta dirigida àquele que é, ao mesmo tempo, mestre e amigo. (FOUCAULT, 1992, p. 160)

O texto também impressiona pelo relato da sua trajetória, conforme aponta Cândido: "Quando digo que um texto me impressiona, quero dizer que ele impressiona porque a sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu". (CANDIDO, 2004, 178).

A sua narrativa levanta ações importantes para o desenvolvimento de atividades ressocializadoras no espaço de privação de liberdade. A nossa parceria resultou em muitas ações de leitura para as privadas de liberdade. Uma realização de sonhos. Para Alves (2005, p.19) "se o sonho não existe, é inútil dar ordens à inteligência. Ela não obedece." Sim, uma mulher cheia de sonhos de mudança para o interior da prisão. Idealiza que a passagem das mulheres, nesse local, seja com possibilidades de convivência positiva, de aprendizagem e programação pelas presas de um futuro melhor.

Resolvemos entrevistá-la. Uma conversa-entrevista para que expusesse com mais profundidade as suas impressões sobre a prisão, a leitura literária e sua participação no projeto de leitura. Com a sua perspectiva, pretendemos vislumbrar, organizar e ofertar atividades de leitura que capturem as necessidades e sonhos das demais participantes, além de proporcionar uma visão, juntamente com os livros, de uma emancipação da mulher privada de liberdade, do ponto de vista ético e político.

Imagem 89: A leitura no cárcere



Acervo pessoal

7.2 Lucas, crime e leitura

"Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão". (FREIRE, 1987, p. 78)

Que rapaz bonito e inteligente! Foram as minhas primeiras impressões sobre o Lucas. Atuante, participante e formador de opiniões. Sua presença era marcante nos projetos de leitura. Constantemente com um livro na mão. Um exemplo que demonstra que foi na prisão que teve tempo de dar mais atenção aos livros, como muitos outros presos. Leitor assíduo, tinha sempre uma opinião sobre os livros lidos pelos colegas ou uma indicação pra fazer, para aqueles que tinham dúvidas sobre a escolha dos livros para ler.

A sua relação com os livros impressiona bastante, chegando a me relatar que leu mais de 220 livros durante os anos em que esteve preso.

Lucas é o retrato de muitos jovens que vão presos e procuram nos livros "uma verdadeira abertura para outro lugar, onde o devaneio, e, portanto o pensamento, a lembrança, a imaginação de um futuro tornam-se possíveis". (PETIT, 2010. p. 76)

Ele também escreveu uma carta. A encontramos no capítulo 6, item - 6.2.1.3.

7.3 Entrevistas: dialogando sobre leitura

A terceira parte deste capítulo é composta por trechos das conversas-entrevistas realizadas entre os dois privados de liberdade: Ludmile Guimarães de Jesus e Lucas Henrique Ribeiro Santos, que apresentam aos leitores desta pesquisa uma maneira de transmitir suas experiências de leitura literária nas prisões, abordando temas relacionados à presença do livro no interior da unidade prisional, experiências com a leitura e participação nos projetos.

Entendemos que na pesquisa há a possibilidade de utilização de diferentes instrumentos, como a entrevista, para se chegar a respostas mais próximas ao objeto a ser pesquisado, sendo uma das muitas técnicas utilizadas em trabalhos científicos. Ela permite

ao pesquisador produzir uma grande quantidade de informações que possibilitam um trabalho mais aprofundado. O pesquisador que elege a entrevista tem a pretensão de obter informações que não podem ser encontradas em registros e fontes documentais sobre o assunto e que podem ser fornecidas pelas pessoas inseridas no processo de pesquisa.

Ribeiro (2008) explica que a entrevista é:

> A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores. (RIBEIRO, 2008, P.141)

Assim, esclarecemos a utilização da entrevista na tentativa também de oportunizar a voz dos entrevistados e suas próprias impressões sobre as questões investigadas.

O uso da entrevista, nesta pesquisa, teve como guia a perspectiva do método cartográfico. As entrevistas foram conduzidas como experiências compartilhadas, já que ambos, a pesquisadora e os entrevistados, fazem parte do mesmo projeto de leitura e convivem cotidianamente. Os assuntos abordados contém o caráter de intervenção mútua entre signos e mundos em que estamos inseridos. As questões levantadas durante as entrevistas e as respostas funcionam aqui como um conjunto aberto de pistas que servem para indicar encaminhamentos/ aprimoramentos sobre as ações de leitura dentro das unidades prisionais. Nessa direção, lembram Tedesco, Sade e Caliman:

> [...] propomos que a entrevista não fomente respostas a questões pré-estabelecidas, mas a movimentação e coletivização das questões investigadas e que envolva criação de novos sentidos e ideias, ao produzir diferenciações, traçando novas linhas de conversa, promovendo agenciamentos com outros coletivos. (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p. 311)

Portanto, neste estudo, as entrevistas foram compreendidas como uma resistência aos discursos que são unificadores e totalizadores. Uma forma de evidenciar linhas de devir a serem seguidas, sugeridas principalmente por seus participantes.

Como proposta da pesquisa cartográfica, não há busca de respostas para as questões levantadas, mas sim estabelecer trocas entre os envolvidos, "como uma aposta na experimentação do pensamento - um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado" (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 10).

A metodologia de entrevista cartográfica, utilizada no momento da conversa com os entrevistados, é apresentada como "potencial de não só de acompanhar processos como também, por meio de seu caráter performativo, neles intervir, provocando mudanças, catalisando instantes de passagem, esses acontecimentos disruptivos que nos interessam conhecer". (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p. 300)

Ainda é importante destacar que o livro "Por uma Pedagogia da Pergunta" (1985), uma proposta de Paulo Freire em seu livro-diálogo com Antônio Faundez, influencia o modo de tratar aqui tais narrativas. O conceito de uma pedagogia da pergunta se configura numa maneira de pensar a prática de pesquisa e também proporcionar uma experiência "que advém da reflexão do sujeito sobre as suas vivências e inclui seus relatos sobre histórias de vida, ou seja, o narrado de suas emoções, motivações e tudo aquilo que o sujeito pode representar como conteúdo vivido". (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p. 302).

Deseja-se, neste espaço, apontar como a participação dos dois entrevistados nos projetos de leitura pode ser compreendida como fruto de uma educação conscientizadora, problematizadora, emancipadora, libertadora e dialógica, na qual o mediador e participantes, através do diálogo apoiado na leitura literária, buscam o conhecimento e linhas de fuga na condição de aprisionamento. Freire e Faundez concordam sobre a importância do diálogo para conhecer a realidade e que este, seja realizado a partir de temas ou de experiências próprias e significativas, discutindo conceitos específicos e aplicando-os ao cotidiano. Os conceitos são modificados, conforme são vivenciados em realidades distintas. (FREIRE, 1987, 06).

As perguntas realizadas foram formuladas a partir dos conceitos abordados na pesquisa: leitura, emancipação e subjetividade. Nesse aspecto, Freire (1985) afirma que:

> Não digo que não seja preciso informar-se, mas o fundamental é que essa curiosidade que nos leva a nos preocuparmos com um tema determinado se concretize em perguntas essenciais que serão os fios condutores de nosso trabalho. Se encontramos cinco ou seis perguntas essenciais, são essas perguntas e as respostas a elas que constituirão uma tese acadêmica. (FREIRE, 1985, p. 06)

É através da conversa entre o entrevistador e o entrevistado, na troca de nossas experiências pelo diálogo, que se abrem caminhos para uma pesquisa capaz de capturar o que acontece de forma subjetiva entre os participantes do projeto de leitura. As entrevistas

apontaram as duas dimensões, de forma e de força, em que a captura da fala aparece como emergência na e da experiência, considerando a dimensão de forças da linguagem, "um plano coletivo de engendramento presente em ambos os planos". (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p. 303). Assim, a fala porta os efeitos próprios da intensidade da experiência.

Ludmile expõe como a leitura possibilita o desenvolvimento de outras práticas e reflexões impulsionadas no contato com os livros. Lucas revela como o aprisionamento impulsiona o privado de liberdade a buscar nos livros uma maneira de escapar desse universo concreto. Nesse sentido, Freire (1996) afirma que:

> No processo da fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um "sine qua" da comunicação dialógica [...] É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado.(FREIRE, 1996, p.131-132)

As conversas-entrevistas se configuraram como um recurso potente para explorar as implicações dos projetos de leitura na vida dos aprisionados. As perguntas se configuraram como um caminho para se chegar aos elementos investigados.

O diálogo com os participantes pôde apresentar uma visão de quem está dentro de uma unidade prisional, revelando suas vivências, dificuldades e expectativas, para uma passagem menos traumática pelo aprisionamento. Uma conversa esclarecedora com dois amantes dos livros, intermediada pela pesquisadora.

Os autores Petit (2010) e Derrida (2006) auxiliam na construção e reflexões deste capítulo.

E tudo começa assim...

7.3.1 Entrevista: vivenciando leitura

Pesquisadora: Para iniciarmos nossa conversa, conte-nos, quem é você?

Lucas: *Lucas Henrique Ribeiro Santos, 24 anos, nascido em Vinhedo, atualmente morando em São Bernardo do Campo, São Paulo. Sou solteiro. Sou réu primário. Ensino Médio Completo. Completei na unidade prisional.*

Ludmile: *Sou Ludmile Guimaraes de Jesus, 42 anos, nascida em Salvador, Bahia, estava morando em São Paulo. Sou solteira. Ré primária.: Estava cursando o segundo ano de Direito.*

Pesquisadora: Entendo que o contato com o livro na infância é muito importante para o desenvolvimento do gosto pela leitura, além de ter a capacidade de provocar sentimentos, ajuda a criança a compreender o mundo em que está inserida estimulando a curiosidade e a imaginação. Petit (2010, p.22) argumenta que "o gosto pela leitura e a sua prática são, em grande medida, socialmente construídos". Neste sentido, qual foi a sua experiência com o livro na infância?

Lucas: *Na infância eu não li nada, eu acho que li só contos, só pra trabalho de escola, dos contos literários que lia na escola, depois chegou uma fase de fazer bastante redação de aprimorar a interpretação de texto, daí eu li uns livros que foi passado (sic), mas não lia. Eu cheguei a ganhar alguns livr*os, *mas só ficava lá na estante, eu não lia, eu comecei a ler mesmo no cárcere.*

Ludmile*: A leitura esteve em minha vida desde a infância, eu tive a sorte de ter pais estimulantes e positivos nesse sentido, né. Por isso, que a gente faz tanto essa campanha hoje, pra que os filhos também não tenham a mesma sorte que elas tiveram, enfim, mas desde a infância eu costumo sempre falar, tem crianças que entram no shopping e não saem de lá sem um brinquedo, eu não saia de lá sem um livro, porque sempre gostei de livro de história infantil, sempre gostei na minha época, eu vivi na década de 80, muito intensamente.*

Pesquisadora: Freire aponta a importância de se resgatar as leituras realizadas durante a vida na constituição do sujeito leitor. Em um trecho de seu livro, livro A importância do ato de ler, o autor relata que "guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo" (FREIRE, 1990, p.12). O primeiro livro que me fez desenvolver o gosto pela leitura foi o "Balão Amarelo", de Lucília Junqueira de Almeida Prado. Foi na escola, desde então que gosto muito de ler romances e me colocar no lugar dos personagens. O que você gostava de ler?

Lucas: *Na adolescência, Ah! Têm alguns livros, uma ex-namorada minha que gostava de ler, outro de um amigo meu, eu ia ganhando e ia guardando lá em casa. ...*

Ludmile: *Tinha os discos de vinil que acompanhavam as histórias infantis, eu era encantada com aquilo ali porque eu gostava de ouvir a voz, eu acho que já era meu lado*

artístico né, nato, porque eu gostava de ouvir a voz do personagem, do ator interpretando a voz do personagem e eu acompanhando aqui e ouvindo, então aquele mundo lúdico que a criança tem eu exerci, eu acredito e tenho certeza que isso contribuiu muito na minha criatividade, eu tenho um lado criativo, imaginativo que é meu.

Pesquisadora: Para entendermos o leitor que somos hoje, é importante fazermos o resgate das leituras realizadas ao longo da vida. Nesse caminho e, de acordo com inúmeras pesquisas, notícias, livros e artigos sobre leitura na prisão, as pessoas em privação de liberdade leem bastante. No trabalho desenvolvido no interior das prisões, com a leitura de livros, observo muitas dificuldades, seja pela falta de livros, seja pela dificuldade de acesso à biblioteca prisional, mas sempre encontro, pessoas lendo... Como chegou a ter acesso aos livros na prisão?

Lucas: *Na verdade a minha primeira semana de cárcere foi assim meio turbulenta. Falei nossa! Preciso arrumar uma coisa para sair dessa ociosidade, que mesmo praticando futebol um esporte, alguma parte, no período na cela. Uma cela pra (sic) doze pessoas morávamos (sic) em trinta e cinco, trinta e oito, então tipo (sic), não tinha espaço nem para se movimentar (sic). Daí na primeira visita, eu pedi pra vir um livro. Eu tinha ganhado um livro de um amigo meu. É um livro escrito pelo vocalista do Facção Central, um grupo de Rap. O Eduardo que falava: A Guerra Não Declarada na visão de um Favelado, isso foi num domingo. Na quinta-feira que era o dia de trazer o pertence, a visita trouxe e não deixaram entrar. Eu tava (sic) numa unidade prisional, que eles tipo (sic) privavam (sic) a leitura. A leitura tinha que ser apenas leitura religiosa, não importa qual religião, podia ser espírita, é protestante, católico, o que fosse. Só entrava livro religioso. Daí minha família sofreu um constrangimento né (sic), por não entrar, queria jogar o livro fora, porque falava de facção, mas não era. Era o nome do grupo. Daí (sic) ela veio na próxima visita, daí (sic) eu falei, não, traz alguma coisa pra (sic) mim (sic) ler né! E em casa não tinha nenhum livro religioso. Daí (sic) falou que tem uma Bíblia lá. Daí eu falei, traz uma Bíblia então! Traz qualquer coisa! Daí trouxe uma Bíblia. Eu comecei ler a Bíblia. Comecei ler o Pentateuco, que é o Alcorão que são os primeiros livros e fui lendo que nem livro. Daí (sic) nesse meio tempo comecei pegar livro aqui, livro ali emprestado, livro de religiosidade, de diversas partes e fiquei um ano e oito meses lendo só lendo livro assim, de religião. E uma vez ou outra aparecia um livro que não era desse contexto. Que nem uma vez eu li um livro que era filme, outra vez eu li um livro que tinha lá, mas que não era de costume. Quando eu fui transferido pra (sic) outra penitenciária, lá tinha uma biblioteca, mas era um espaço bem privado, nós não tínhamos acesso à biblioteca, eu fui*

pro (sic) último pavilhão, era uma penitenciária que tinha oito pavilhões, e o último pavilhão, era tipo... (sic) Ficava... Como posso dizer assim, ficavam os mais piorzinhos (sic) e aí só tinha acesso à biblioteca o pavilhão da escola que era o pavilhão dois.

Pesquisadora: Qual unidade prisional?

Lucas: *Capela do Alto. Nós não tínhamos acesso em ir lá, escolher. Daí (sic) funcionava assim: Tinha um, um reeducando do raio que ele era bibliotecário, então, ele ia uma vez por semana na biblioteca, e ele podia trazer uma quantidade de livro, mas tipo (sic) o cara não sabia nada de livro. Pra (sic) ele qualquer livro era livro. Trazia lá e era o que tinha pra (sic) ler. Só que podia entrar outros livros, então, só por SEDEX. Não por visita. Então, foi o tempo que eu tive que mandar vir muito SEDEX na cadeia. Mandava vir livro, e ainda tinha que fazer uma base de troca. Vamos supor. Se eu pagasse R$ 80,00 no livro, na outra semana quando eu recebia outro SEDEX, só podia entrar um SEDEX por semana. Daí vinha outro livro, eu tinha que entregar aquele que eu tava (sic) pra (sic) pegar o outro, senão eles não deixavam.*

Ludmile: *A curiosidade, porque quando eu soube, logo na primeira semana, não demorou nada, quando eu soube que tinha biblioteca na unidade, eu não sabia que tinha escola. Sabia que tinha biblioteca, e eu morava ao lado da bibliotecária, na cela ao lado, na cela ao lado da bibliotecária. Então eu comecei a pedir livros para ela, foi assim, perguntei se tinha livro de literatura brasileira, se tinha livro de história, livro didático de história, história do Brasil em função até do próprio curso de direito né! (sic). Livros de filosofia, então, livros de literatura, então eu já... Já me antecipei nisso, por que eu pensei assim:*

- Bom já que eu tô (sic) num lugar desse aqui, eu tenho que continuar lê, e foi bom por que, quando eu tava (sic) lá fora, eu não tinha abandonado, eu tinha mais parado com o hábito da leitura, por que eu não tinha tempo. Eu tinha que lutar para sobreviver, então eu não tava (sic) tendo mais tempo para mim né! (Aponta para si mesma). Quando eu cheguei aqui eu falei: - Bom, tempo agora eu tenho demais, se for dessa vez que eu for desencarnar aqui dentro, então vamos desencarnar com cultura. Aí fui eu tinha isso na minha cabeça! Aí eu procurei à bibliotecária e ela me expôs a Ciranda da Leitura, e me mostrou até o cartaz. Tem o cartaz aí na frente! Me explicou (sic) o que era Ciranda da Leitura e eu me interessei, e eu fiquei... (Pausa) no pé dela, tanto que eu nem esperava descer o carrinho. Ela levava livro pra (sic) mim, em particular. Porque ela morava comigo ao lado, e ela já levava. O nome dela é Érica, e ela já levava livro pra (sic) mim, assim. E pra (sic) mim foi maravilhoso, porque eu pude recordar muitas coisas. Eu pude... Foi um alívio mesmo pra (sic) mim, alívio. Porque era superlotação na época, e eu conseguia ler com toda aquela

loucura ao meu redor, muitas mulheres, 30 mulheres dentro da cela, (Gesticula mostrando agonia) e ficava aquela barulheira... Eu lá sentada no chão, com o livro lendo e elas ficavam admiradas olhando pra mim né! Eu levantei até suspeita. (descontração) Quem é essa doida que só pega livro? Livro, livro, livro..., então isso aí choca né! Choca pra (sic) elas, mas pra (sic) mim, foi ótimo. Foi maravilhoso! Tem sido até hoje".

Pesquisadora: É muito emancipador o processo de leitura desenvolvido por vocês. Fico aqui imaginando as dificuldades e as estratégias para a leitura que realizaram. De acordo com Petit (2010), a leitura auxilia na reconstrução de si em um ambiente como a prisão. As pessoas nesse ambiente se sentem sós, deslocadas, angustiadas e o medo impera, o que dificulta nos relacionamentos e em uma possível retomada de sua vida. Com a literatura, os leitores em privação de liberdade redescobrem "o papel dessa atividade na reconstrução de si mesmos e, além disso, a construção única da literatura e da arte para atividade psíquica. Para a vida em suma". (PETIT, 2010, p.22). Para esta autora, no contexto prisional, os processos de reconstrução de si mesmo raramente são trazidos à tona, enfatiza-se o papel da "distração" da leitura. Diante disso, como é a sua atitude leitora no cárcere?

Lucas: *Eu li bastante, eu li de tudo que você imaginava, devorava livro dentro da cela, no horário fora da cela, sempre praticava bastante esporte e no assim, tipo assim (sic) eu lia no horário do almoço e lia a noite. Na penitenciária trancava..., fechava às quatro horas. Então das quatro horas em diante, eu dedicava meu tempo à leitura, até eu dormir. Eu chegava a ler livro em dois dias, três dias, independente se fosse quinhentas páginas, quatrocentas páginas, trezentas páginas. Dependia do momento. [...] Eu lia pra (sic) passar o tempo. Em momentos que eu lia tipo, pra (sic) me privar de, sei lá... De uma conversa, entende? Tem tempos que o cárcere é assim, tem dias que na mesma forma que na sociedade. Tem dias que você acorda tranquilo. Tem dia que você não acorda bem. Tem dia que você não qué (sic) nem trabalhar. Não é assim na sociedade? No cárcere é a mesma forma. Tem dias que você não quer conversar. Tem dia, que você não qué (sic) se priva (sic). Tem vez que você quer se guarda pra (sic) si. Guardar seus pensamentos, ou ocupar o seu tempo. Então comecei ler por isso, daí com o tempo, eu fui criando... Como eu posso falar... Assim um... Um paladar pela leitura, igual à criança. A criança quando ela nasce ela se alimenta só do leite. Aí a mãe vem, faz a papinha. Daí vai dando pra (sic) criança papinha. A abobrinha amassada, feijão amassado, o arroz. Vai comendo tudo que a mãe vai dando, mas chega um determinado momento, que ela... Que ela começa escolher. Ela começa escolher o paladar dela. Tipo isso eu não gosto, aquilo ali eu gosto. Esse aqui*

eu não quero. E vai chegando mais um tempo, a pessoa vai crescendo. Vai passando. Chegando uma forma da fase adulta, um tempo em que ela não tem só comida de casa, ela sabe que existe um restaurante, existe isso, existe aquilo que ela começa a procurar, conhecer, que nem isso aqui... A leitura.

Ludmile: *Eu só fazia faxina pra sobreviver, fazia faxina pra sobreviver e lavava roupa, minha própria roupa enfim, e eu sempre com o livro na mão, quando eu não tava (sic) fazendo faxina, lavando roupa, sempre com o livro na mão, minha cama cheia de livros.*

Pesquisadora: *Observo que a leitura pode proporcionar aos entrevistados rotas de fuga, escapar e se encontrar, abrindo espaço e suporte para enfrentar o confinamento. Essa observação, "exige uma visão correta da unidade dialética entre prática e teoria, uma compreensão mais rigorosa da realidade, do papel da subjetividade no processo de sua transformação, o respeito às classes populares como produtoras e portadoras de conhecimentos". (FREIRE, 1985, p.32)*

Pesquisadora: Gosto muito também de ler autores que promovem uma reflexão sobre a sociedade, que nos tiram da zona de conforto e apontam outras realidades possíveis. Agora, estou lendo autores que abordam temas como Direitos Humanos, alteridade e subjetivação, entre outros assuntos relacionados. Deve ser por causa da pesquisa. Qual é o tipo de leitura que mais realizaram cárcere? Cite autores que mais chamam a sua atenção...

Lucas: *Eu gosto muito de... De leitura oriental. Leitura que fala outras culturas. Do Oriente do Ocidente entende? Que nem, Khaled Hosseini, que escreveu: "O Caçador de Pipas" e a "A Cidade do Sol". Porque é um cotidiano totalmente diferente. Às vezes cê (sic) assisti uma reportagem, e cê (sic) vê La AL-Qaeda, Talibã, guerra na... No Irã, no Paquistão, no Afeganistão, mais o jornal não informa o porquê que existe aquela guerra. Onde que começou. Entendeu? E há quanto tempo, entende? E na leitura, por exemplo, o Khaled Hosseini, ele retrata. Ele cria um romance. Ele fala da vida dele. Ele inclui a vida dele, como no O Caçador de Pipas. Inclui a cultura, toda cultura daquela região do Afeganistão, do Paquistão. Inclui a religião. O porquê da guerra. Como foi formado o grupo de guerrilha, mas de uma forma que ele não tá (sic) falando expressamente. Vamos supor da guerra. Não tá (sic) falando expressamente dos guerrilheiros do Talibã. Ele tá (sic) usando tudo isso num romance. Ele consegue abranger tudo e num contexto histórico, né! O que aconteceu na história do personagem entende? Essa parte assim, que eu acho, muito bacana em ler. Outras... Outros tipos de leitura, que nem o Gabriel García Márquez, se vê que ele é influenciado. Ele com "Cem anos de Solidão" que é o Prêmio Nobel, o*

Amor em tempos de Cólera, se vê que todos os livros dele, ele é influenciado pela guerra, né! Eu já li um trecho, eu fiz um pesquisa sobre a vida de Gabriel García Márquez, e parece que o avô dele, serviu no exército. Ele lutou guerras. Então as histórias que o avô dele contava pra (sic) ele influenciava no crescimento dele. Entendeu? Então ele tinha aquelas partes da guerra, por exemplo, no "Cem anos de Solidão", quando ele fala dos bananais que veio... Vieram os americanos, então aquilo realmente aconteceu, não é algo que ele criou. Ele usa aquilo que aconteceu, a história que ele não viveu que ele escutou, e cria todo um romance, um contexto. E sem contar que nem no "Cem Anos de Solidão", a estirpe começa do José Arcádio Buendía e vai indo até o final, entendeu? Ele conta uma geração de uma forma... Tipo muito diferente, realmente surreal. Ou outros livros... Eu li bastante. Eu gosto assim... De romance. Eu li o escritor francês... Que nem (sic) Marc Levy. Li a continuação: Primeiro Dia, Primeira Noite. E como que é o nome? Li..., acho que é australiano? O Mark Cusack, "A menina que roubava livros". Um livro excelentíssimo! A forma dele contar (sic), dele abranger a mesma forma, a guerra né? A Segunda Guerra Mundial, ele abrange é?... Ele abrange assim, pra (sic) falar do nazismo, de uma forma de que as pessoas viviam, entende? Mas ele cria diferente, por exemplo: Eu li "O Diário de Anne Frank". É um livro famosíssimo, mas que é um contexto realmente vivido, entende, e, quando você procura saber, cê (sic) leu o livro, você lê a nota do autor. Você lê sobre o que fala, cê (sic) vai cê (sic) lê o livro até o final, mas quando você procura saber, quem é o autor ou porque ele foi influenciado a escrever aquilo, você vê que sempre tem algo por trás. Como por exemplo, Mark Cusack, a família dele, a descendência dele, os avós dele viveram na época da Segunda Guerra Mundial, se eu não me engano... É Austrália mesmo. Eles vieram pra (sic) Austrália e a avó dele era uma sobrevivente. Contava as histórias. Então, quando ele foi escrever o livro, ele criou algo pra (sic) falar em cima daquilo que ele vivia. Que ele tinha do passado. Então essa é a parte que eu mais gosto da leitura, da criação. Quando é envolvido com a vida da pessoa, que a maioria dos escritores, escrevem. Quando eu falo desses escritores, ele escreve de acordo com o texto, ou o que ele viveu, ou o que ele recebeu escutando, ou o que ele escutou, entendeu? É a cultura que influencia muito, então essas partes que eu gosto de focar bastante na leitura. Diferente de você ler, por exemplo... Que nem eu já falei que eu li bastante Augusto Cury, mas você lê um livro que toda vez ele vai usar os mesmos termos. Ele vai criar uma história, mais (sic) tipo (sic) ele vende sempre o mesmo prato. Ele é como o restaurante Outback. Que nem se vai no (sic) Outback, o prato principal é a Ribs, é a costelinha com

barbecue. Lá, é mesma situação, cê (sic) vai ler Augusto Cury, cê (sic) lê sempre o mesmo tipo de história.

Ludmile: *Ah! Tem tantos livros, mas tem dois assim especiais que eu li no cárcere, que mexeu (sic) demais comigo. Demais, demais! Um é o de Jorge Amado né! (sic) Do meu baiano maravilhoso! Macumbeiro, baiano, maravilhoso, diga-se de passagem. O livro é Tenda dos Milagres. Mexeu com a minha parte racial né! (sic) Toda a minha africanidade, (sic) a minha essência. Mexeu muito, porque ele fala muito sobre a..., não só a cultura baiana. Ele fala sobre a superação de um, de um negro analfabeto, semianalfabeto, que era escritor, tudo que eu preciso. (Risos) Ele lida com exemplos o tempo todo. O choque cultural daquela época, entre brancos e negros, e a superação desse personagem no livro. E o outro livro que eu gosto muito, demais, é do Augusto Cury né! Augusto Cury pela própria história que ele tem, de um dia ter sido ateu, se tornou psiquiatra. É um médico renomado hoje, que um dia foi péssimo na escola, como dizia ele. Então eu li: "Nunca Desista dos seus Sonhos". Nunca desista dos seus sonhos, pra (sic) mim, eu nem trabalhava aqui ainda, foi um livro que mexeu muito comigo. Muito! Quando eu terminei de ler ele, eu chorei, porque eu falei: - Aí sim hein! Aí quem é esse Augusto Cury? Aí eu comprei o livro dele, e de lá pra cá eu li vários livros dele. Mas são dois: Jorge Amado – Tenda dos Milagres, por mexer com meu aspecto de baianidade (sic) enquanto mulher, enquanto regionalista, apaixonada pela minha terra e Augusto Cury pelo meu lado humano, do lado da superação, do lado dos sonhos, do lado da criatividade.*

Pesquisadora: A leitura de um livro, seja de qualquer gênero, exige uma atitude crítica, uma análise sobre as teorias do autor, entendendo a sua posição política, sua cultura e coerência, além de relacionar a leitura ao contexto social em que estamos inseridos. Vocês expuseram muito bem esses aspectos. No meio em que vivem atualmente, a prisão, vocês, assim como eu, encontram muitos leitores. Na sua observação cotidiana, os demais privados de liberdade realizam que tipo de leitura?

Lucas: *Leitura de autoajuda.*

Ludmile*: Muitas gostam de livro de autoajuda lá embaixo, muitas, poesia nem se fala, tem delas que não sabe, como eu falei, tem semianalfabetas lá embaixo que não leem, mas gostam de ouvir, aí você vai recitar uma poesia ela cai na gargalhada, que será que ela pensou naquele momento, eu fico louca!*

Pesquisadora: Um projeto de leitura dentro de uma unidade prisional busca unir algo que vocês praticam cotidianamente, a leitura de um livro com a possibilidade de remição de pena. Um projeto que pretende "estar exatamente nos níveis de aspiração,

nos níveis de sonho, nos níveis de compreensão da realidade e nas formas de ação e de luta" (FREIRE, 1985, p.20) dos privados de liberdade. Muitos entraves burocráticos e de segurança dificultam o acesso às atividades educativas na prisão, em especial os projetos de leitura. Como conheceu e passou a frequentar o projeto de leitura, dentro da unidade prisional?

Lucas: *Eu ouvi falar quando eu estava no CDP, quando eu estava aguardando uma transferência para a penitenciária. Eu ouvi falar de Casa Branca, de outros lugares e penitenciárias que faziam então eu já fui nessa expectativa. Eu cheguei na (sic) penitenciária, eu já tava (sic) tirando um ano e nove meses. Eu tinha que tirar mais um e oito, um e nove pra (sic) montar meu benefício, pra (sic) vir pro semiaberto. Pra (sic) ganhar progressão. Então, eu já fui nesse intuito de ler bastante livro, e ganhar remição, pra (sic) diminuir o meu tempo. - Pô (sic) eu gosto de ler! Só que eu cheguei lá e não tinha.*

Ludmile: *Quando eu cheguei aqui eu falei: - Bom, tempo agora eu tenho demais, se for dessa vez que eu for desencarnar aqui dentro então vamos desencarnar com cultura-. Aí foi, eu tinha isso na minha cabeça, aí eu procurei a bibliotecária e ela me expôs a Ciranda da Leitura, e me mostrou até o cartaz, tem o cartaz aí na frente, e me explicou o que era Ciranda da Leitura e eu me interessei [...]. Ela viu que eu tava (sic) interessada e ela trouxe o meu nome e foi onde eu comecei, onde eu entrei na Ciranda da Leitura né, e eu fiquei fascinada porque ela falava assim: - Olha se você entrar na Ciranda da Leitura você vai ter acesso a biblioteca [...] E fiquei ansiosa esperando porque eu cheguei aqui em janeiro de 2014, pra até eu começar na Ciranda da Leitura, foi, houve um atraso, acredito que administrativo e eu comecei mais ou menos em janeiro... fevereiro... acho que em março nós começamos, porque acho tava (sic) tendo reforma também aqui, tava (sic) tendo reforma em março e eu comecei, e só veio eu, só tinha eu, (Risos) e mais umas duas acho que começaram comigo na sala de aula, foi Elisande?*

Pesquisadora: Foi sim Ludmile. É importante saber que projetos de leitura proporcionam, além do entretenimento, passar o tempo, realizar uma leitura de mundo. Há o desenvolvimento de projetos semelhantes em outras unidades prisionais. A descontinuidade, a falta de vagas e a demora de realização das oficinas são fatores que desestimulam a participação das pessoas em privação de liberdade. Quais as dificuldades que você observa no desenvolvimento dos projetos de leitura?

Lucas: *É!... Primeiro foi diferente do que eu imaginava, porque eu tinha escutado falar da roda de leitura, mas de outras unidades. Unidade de Casa Branca e uma outra (sic) unidade. [...] Que é um projeto que entregava pra (sic) pessoa, e a pessoa tinha que ler, e*

depois transcreveria (sic) a resenha. Mas todo mundo lia o livro igual e expressava sua opinião em cima daquela leitura. Tinha um determinado tempo pra ler (sic) o livro. E é por superlotação e concorrência que todo mundo queria fazer, participar desse projeto, pra (sic) ganhar remição. Você colocava seu nome na lista, você fazia a resenha e depois a próxima vez você já não tinha. Na outra unidade era assim entendeu? (sic) Tinha tipo uma disputa, pra (sic) conseguir a vaga. Porque não tinha como agregar a todos da unidade. [...] Porque vamos (sic) supor se, se você é... Tem o hábito de ler uma leitura mais simples, uma leitura mais comum, mais atualizada, e daí vê na roda de leitura um livro que não te agrada, que não é que você está acostumado a ler, vamos (sic) supor, a pessoa acostumada a escrever uma resenha e daí na roda de leitura vem um livro de ensaio, a pessoa que nunca leu um livro de ensaio, não gosta. Não tem o mínimo de interesse, então ela acaba desistindo da leitura.

Ludmile: *O que tá (sic) faltando mais é espaço. Se a gente tivesse mais espaço, eu tenho certeza que a gente traria mais pessoas pro (sic) espaço escolar, então, eu acho que é uma questão de espaço também.*

Pesquisadora: Trabalho em outras unidades prisionais na região. Muitas bibliotecas carecem de bons livros. Muitas vezes as doações que chegam são de livros muito antigos ou de livros didáticos, sem falar na estrutura. Muitas bibliotecas estão localizadas em espaços improvisados. Qual a situação das bibliotecas na unidade prisional?

Lucas: *Falei: Tinha essa biblioteca deficiente que eu te falei, totalmente deficiente. Às vezes vinha a lista da biblioteca, daí tipo (sic) o livro não tava (sic) locado, não tava (sic) na biblioteca, não existia mais. Entendeu? Daí, vamos supor. Era uma vez por semana, cada dia num pavilhão. Daí vamos supor (sic). Hoje era o dia de um pavilhão e teve uma blitz. Já não ia, entendeu? Ou o bibliotecário foi cortado, já não ia. Então às vezes, ficava um mês sem vir livro. Daí não registrava o outro bibliotecário , daí pedia, dava o nome, esse aí não, ah porque esse aí tem problema com tal coisa, esse aí nóis (sic) não qué (sic), não pode subir lá, que era restrito né, então ficava, já ficou chegar três meses, seis meses sem um bibliotecário, dependia do pavilhão, daí a forma de mandar vir (sic) um livro, tem que pagar, tem que mandar vir um SEDEX pra poder ler e trocar com os outros que também mandavam ler, então a gente tinha um grupo assim no pavilhão, tinha um grupo, ah aquele lê, outro lê, outro lê, outro lê, daí vinha um pro outro e lia, trocava, daí sempre tinha uns livros mais velhos, tipo uma pessoa que foi embora, um livro meio acabadinho,*

(sic) que aí deixa esse aí que a hora que vim troca esse aí que a gente já lemos pra fazer um rodízio, é meio complicado.

Pesquisadora: Ludmile não participou de projetos de leitura em outras unidades. Seguimos agora para a próxima pergunta. O projeto de leitura da sua unidade foi desenvolvido para atender os interesses dos participantes. Sua concepção foi construída a partir da realidade da unidade prisional, seja pela estrutura ou pelas demandas dos participantes, como uma prática concreta de libertação e de construção da história de vida. O que você encontra de diferencial no projeto de leitura da unidade prisional em que está agora?

Lucas: *Quando eu cheguei aqui, pensei que ia ser assim. [...] Eu cheguei no mês de dezembro. No mês de Janeiro foi retomada a sala de leitura, mas eu não vim. Comecei a trabalhar, não tive tempo. Eu pensei que era assim também. Quando eu dei início a essa aula de leitura vi que era totalmente diferente daquilo que eu pensava, porque a pessoa escolhe aquilo que ela quer ler. Aquilo que ela gosta. De uma certa (sic) forma é um incentivo maior pra (sic) pessoa. [...] Agora aqui todas as semanas vinham, comentavam sobre um trecho do livro, dividiam informação e por ser um livro, cada um lendo um livro diferente, um tipo de leitura diferente, às vezes perde o interesse pra ler um livro que o outro tá (sic) lendo, ou às vezes uma opinião de alguém que já leu aquele livro, isso que foi um pouco assim diferente, é algo que depara aqui na sala de leitura aqui dessa. [...] e daí, é quando chega na sala de leitura e cada um escolhe seu livro, isso achei muito bom. Entendeu? porque cada um escolhe, é como que escolhe o prato que você vai comer. Daí essa percepção foi um pouco diferente, e lá (outra unidade prisional) os meninos vieram me comentar que não era toda semana que tinha sala de leitura. Chamava uma vez por mês. Daí entregavam o livro e daí depois, tinha a próxima vez, que chamavam, tinha o bate papo e a gente escrevia a resenha.*

Ludmile: *O desindurecimento... (sic) gostou? Desindurecimento (sic) delas (Diz pausadamente). Algumas já vêm... Já estão na ciranda há algum tempo. Já vêm mesmo empolgadas. Já vem, ou que será que a gente vai fazer hoje, por causa do dinamismo que você traz né! Não é só livro, livro, livro, mas têm os acessórios, né, música, livro com música, com vídeo com educação, é multidisciplinar, eu sinto que algumas começam aborrecer, um achando que começa aborrecer, um achando que é uma coisa e é outra, e a gente fala, olha são 4 dias de remição por mês, por cada, por cada resenha que você faz, ah mas eu tenho muito erro gramatical, ah! eu não sei, mas você já foi lá pra ver criatura? Porque você num vai, não fala daquilo que você não conhece, tenta, se você não tentar*

você não vai saber o que você pode perder ou ganhar... Eu faço chantagem emocional mesmo (Risos) então elas vêm aí no que elas chegam aqui, por exemplo, tem meninas que trabalham na cozinha que estão loucas pra vir pra cá, porque sabem que é um curso permanente, gostariam de fazer PET, gostariam de fazer informática, mas ela não pode porque é o horário, mas a Ciranda da leitura por ser um curso permanente elas podem vir nas horas de folga, nos dias de folga, porque elas gostam de ler, nos dias de folga delas, então, o que eu percebo é um desindurecimento (sic) e isso já é muito, já é um passo, né, (sic) porque elas chegam aqui, elas olham, quando elas começam ver os vídeos, elas começam ver as músicas que você traz, e pra completar, elas começam a interligar com a vida delas, com a vida pessoal delas, o que elas passaram, o que elas passam e o que elas podem vir a passar, então já começa mudar o pensamento né, (sic) que a parte emocional tem que ser trabalhada o tempo inteiro, o tempo inteiro, que é pra elas perceberem que elas podem, que elas vão se emancipar, elas vão, elas têm que se emancipar, elas têm que voltar a acreditar nelas, ainda que o mundo lá fora não esteja colaborando muito, ou que aqui seja um lugar inóspito, não importa, existe conhecimento de todo tipo, você pode tirar positivo, não pode só olhar a parte negativa, eu sempre tô falando isso pra elas sempre que elas me pedem opinião, eu falo vocês só tão olhando a parte negativa, vocês não tão se dando a oportunidade de olhar o lado positivo, então o livro, o livro traz isso pra dentro de você, porque você vê que você não está só, e cada literatura que se lê, nem que seja, que não pode começar por uma literatura difícil, começa-se por uma literatura mais fácil e aquilo já relembra da infância, ela já, ela começa remeter, ela faz um trabalho filosófico, sem saber que está fazendo, isso é muito bom, aí quando ela vem pro espaço escolar que ela vê realmente que é um ser pensante, que é um ser que ainda tem muita água pra passar debaixo da ponte, não pode voltar atrás como diz Chico Xavier, que está certíssimo, não posso voltar atrás e fazer um novo começo mas eu posso começar agora e fazer um novo fim.

Pesquisadora: Observo que muitos participantes do projeto apresentam dificuldades na questão da leitura e da escrita, talvez pela herança de uma escolarização deficiente ou pela falta de contato com a leitura durante a infância ou adolescência. Como você observa a participação dos demais privados de liberdade no projeto de leitura?

Lucas: *De início, de início continua uma questão de silêncio. Uma questão de ver como é que é. De observar. Porque quando a pessoa vem pela primeira vez ela observa, ela vê. E tem a primeira vez da sala de leitura, o primeiro bate-papo. Às vezes você vê assim, que a pessoa não quer muito... Assim falar. Conforme ela vai lendo, vai se adaptando, ela vai se*

desprendendo né! Através da leitura e através das salas de leitura que têm os bate-papos, vê outro falando, fazendo uma crítica ou algo que não gosta e ela sabe que, ela pode falar o que ela gosta, o que realmente quer falar.

- Não gostei desse livro!

- Ah! Eu gostei!

- Ah não! Esse aqui eu não estou de acordo.

Entende? Agora, no começo quando a pessoa chega, ela se sente numa rotina carcerária, mas depois que ela percebe que é um ambiente que não tem nada a ver com as regras assim. Entende? De falar, regras de expressão dentro do cárcere. Ela acaba se desprendendo e falando a opinião dela mesmo, mas isso com o tempo.

Ludmile: *Dentro da Ciranda da Leitura e dos projetos de leitura, porque a gente não sabe tudo! A gente aprende com quem não sabe ou com quem não tem o hábito de ler. Porque o trabalho da transformação é a parte mais bonita! Porque você vê uma pessoa que não se interessava por algumas questões pessoais, ou por falta de tempo ou pela própria falta de interesse, passar a ter. [...] Porque você escreve alguma coisa, bota pra (sic) fora seus sentimentos e a pessoa não sabia que ela era capaz de escrever, por exemplo. Aí ela era capaz de escrever, por exemplo, aí ela sim, ela começa a se interessar por leitura. Lê (sic) nem que seja um livrinho infantil, comendo pelas beiradas, [...] com aquilo eu também aprendo. É por isso que a educação, eu falei e vou repetir, a educação é horizontal. (Faz menção ao horizonte com as mãos) É um aprendendo e transformando a educação do outro. Independente de classe social, independente de grau de instrução, isso não existe entre nós aqui, tem que deixar isso bem claro! Então, dentro do projeto de leitura, até aquelas que são semianalfabetas gostam, bebem pelos ouvidos (Aponta para o ouvido) e aprendem a contar a história que ouviu e que percebeu, e se sente na obrigação de transformar a fala.*

- Assim eu realmente preciso aprender a ler e a escrever, porque eu quero contar histórias para meus filhos. Olha só, quem é que ganha com isso! Eu ganho mais do que elas, porque isso não tem preço. [...]

Pesquisadora: Muitas políticas públicas precisam ser implantadas na unidade prisional pelo Estado e a sociedade civil precisa também contribuir na questão prisional, promovendo ações que possibilitem a reintegração social das pessoas que se encontram em privação de liberdade. O Projeto de leitura é uma das possibilidades. O que você observa nos projetos de leitura na unidade prisional?

Lucas: *O primeiro de positivo assim que eu acho, é pela questão de estar na posição de preso e de almejar a liberdade. É a oportunidade de remir os seus (sic) dias, o primeiro ponto positivo é esse. Qualquer um que vem participar, o primeiro ponto positivo é esse, a oportunidade de remir os seus dias e sair com menos tempo, automaticamente essa seria uma parte útil e acaba unindo as partes que vai se tornar agradáveis. Tipo (sic) que é a leitura como passatempo, a leitura como uma forma de aprendizado. O positivo de aprender a escrever, de melhorar o seu conteúdo de redação, a sua dissertação, de dizer sua opinião, melhorar a sua gramática. Porque quando nós escrevemos, muitos erros vão sendo corrigidos, se vai aprendendo. – Ah! esse acento tá (sic) no lugar errado. Essa vírgula, essa parte, esse parágrafo, isso vai desenvolvendo, então a primeira parte útil pra (sic) qualquer reeducando é essa a de remir os dias, mas o que se torna agradável é isso, o aprendizado. O aprendizado ao ler, o aprendizado ao escrever e o aprendizado ao conversar, a sair da rotina carcerária. Porque tipo (sic) quando você tá (sic) na sala de leitura, você continua no seu estado de preso, mas carnalmente. A sua mente tá livre, pra (sic) você expressar aquilo que você acha, o assunto que tá (sic) sendo posto em pauta.*

Ludmile: *Se a leitura liberta? A leitura transforma a emancipação do homem, ela é inevitável, é inevitável, a gente não pode introjetar (sic) isso na cabeça das pessoas 100%, mas a gente pode plantar uma sementinha porque quando uma vê a outra é condicionada pela leitura, quando uma vê a outra já melhorar, ela já será que ela tá lendo, a outra tem curiosidade de saber por que muda o comportamento, muda a forma de pensar, e muda a forma de sentir a prisão, muda a forma com a família e porque será que fulano mudou? (Vai elencando com os dedos) Ela quer mudar também, é aquela frase: palavras convencem, mas os exemplos arrastam.*

Pesquisadora: Qual o papel da leitura na prisão?

Lucas: *Eu acho que a pessoa que tem a necessidade de uma janela, que todos têm, a roda de leitura é um bom caminho. Uma janela de saída do cotidiano do cárcere. De se dedicar a algo que vai ocupar o seu tempo e vai também te ajudar a diminuir seu tempo nesse lugar. Então, é uma janela aberta que serve pra (sic) todos. Entende? Nesse lugar é a leitura. A leitura ela não para aqui né! A leitura, ela continua, entende? A leitura aqui pode ser por uma remição, pode ser por passatempo, mas, por exemplo, como a vida continua existe a leitura... Uma pessoa vai estudar, tem livro didático, livro de estudo. E filhos às vezes, um filho pega um livro e não sabe ler:*

- Pai, minha amiga falou que na escola, falou lá na escola que o pai dela leu esse livro e é mó legal! Lê pra (sic) mim?

Entende? A leitura tá (sic) em tudo. Tá (sic) num jornal, tá (sic) na revista, num outdoor, numa propaganda. Então isso é algo que ajuda bastante. Muitas pessoas chegam nesse lugar aqui e não sabem muito ler e tem um destravamento (sic) na sala de leitura. Então, esse também procura a sala de leitura e só vai ganhar, não vai perder. Não (sic) é uma perda (sic) de tempo, a perda (sic) de tempo é tá (sic) aqui, é tá (sic) preso! Mas a sala de leitura é a forma de ganhar algo perdido....

Ludmile: A *leitura tem esse papel de transformação, esse papel de revivência, (sic) tá certo esse termo, revivência (sic)? Existe? Inventei agora, tem esse papel de sonhar novamente, de entrar no livro, se reconhecer dentro de algum personagem ou ler um livro de autoajuda.*

Pesquisadora: Terminamos agora a nossa conversa-entrevista. Observamos como afirma Freire (1990, p. 20) que "a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele". Sempre aprendendo com as leituras de mundo com as outras pessoas.

Agora, deixamos as impressões serem levadas por pessoas que têm muito a dizer e com elas estabeleceram-se relações de afetividade, cumplicidade, construção de conhecimentos e de projetos de vida. Com elas, conseguimos olhar de forma diferenciada a questão do aprisionamento e os reflexos sobre os presos da leitura na prisão. Com elas construímos ações conjuntas dentro dos projetos, observando a realidade e agindo sobre ela. Um caminho possível.

A organização das perguntas e respostas buscou valorizar as questões que evidenciassem as sensações e as percepções subjetivas dos entrevistados. Neste sentido, os entrevistados e entrevistador-pesquisador foram diretamente afetados por tudo o que estava no contexto: a prisão, aprisionamento, livros, participação subjetiva no projeto de leitura, ideias, etc. O manejo da entrevista efetivou-se no movimento "nas linhas presentes nas falas". (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p. 310) em que o caminho da entrevista foi construído durante o processo das entrevistas, apesar de se ter um roteiro básico (ver anexo 11).

Ao apreciar as entrevistas e construir esta parte do capítulo, fizemos os seguintes questionamentos: o que dizem? Quais as suas relações com os livros? O que os livros ofereceram no seu confinamento? Quais foram as influências dos livros no seu processo de emancipação?

A reciprocidade entre expressão e o conteúdo na entrevista gerou pistas sobre como operar as questões para alcançar o objetivo da pesquisa cartográfica, deixando o

entrevistado livremente relatar suas impressões sobre o tema abordado sem muitas intervenções da entrevistadora, garantindo desta forma que o acesso à experiência estivesse se efetivando.

Nas entrevistas realizadas com Ludmile e Lucas é possível compreender a experiência dos privados de liberdade na prisão e ,mais especificamente, no contato com o livro. As narrativas não passam necessariamente pela versão institucionalizada, pois, em muitos momentos, conseguiram ultrapassar os limites institucionais e proporcionaram uma visão mais ampla de sua vivência na prisão e das pessoas que também passam pela mesma experiência.

No decorrer das entrevistas, surgiram também "falas contagiadas de surpresa, desconcerto ou espanto indicam momentos em que a experiência se apresenta mais intensamente". (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p. 306)

Nas falas dos entrevistados e na escuta do entrevistador, buscou-se evidenciar "linhas intensivas, fragmentos de sensações, sempre em vias de constituir novas formas subjetivas". (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p. 310) Neste sentido, a entrevista busca se aproximar de "uma conversa, que procede por interseções, cruzamentos de linhas, agenciamentos coletivos de enunciação". (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p. 310) Uma oportunidade de dizer e de ouvirmos o que têm a dizer.

Neste sentido, Freire (1990, p. 26) esclarece que devemos proporcionar aos educandos "o direito de dizer a sua palavra. Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los. De escutá-los corretamente, com a convicção de quem cumpre um dever e não com a malícia de quem faz um favor para receber muito mais em troca".

Pelas entrevistas, buscamos articular a prisão, o livro, as escritas e os projetos de leitura e suas atividades, evidenciando a busca da tão sonhada liberdade, proporcionada pela leitura ou na busca da remição de pena.

Os percursos da construção das entrevistas tiveram como princípio a convivência no trabalho desenvolvido nos projetos de leitura, como foi salientado. Com a Ludmile como companheira nos trabalhos de promoção da leitura realizados na Penitenciária Feminina de Campinas, pela Funap, e a sua participação no projeto de leitura – Ciranda da Leitura: lendo para libertar, e com o Lucas na sua participação do projeto: A Leitura Liberta. Tais narrativas só foram possíveis, do modo como ocorreram, pela experiência de trabalhar conjuntamente com os presos, na superação das contingências que são inerentes ao aprisionamento.

O que podemos concluir, sem a pretensão de esgotar o tema, é de que existem muitos leitores na unidade prisional ávidos por livros, na busca de tornar a leitura muito mais que um passatempo, mas um encontro com eles mesmos e na busca de um melhor entendimento do mundo que os cercam. Um encontro com o eu interior, a busca de um cuidado de si e de sua reconstrução subjetiva, em muitos casos, até emancipatória.

Os projetos de leitura, além de oferecer a remição, podem e devem ser um espaço de diálogo, aprendizagem e de alteridade e não apenas a leitura de um determinado livro para a escrita da resenha.

Os entrevistados apontaram que existem limitações na aplicação dos projetos que podem e devem ser superadas. Apontaram que é necessário o aumento do número de participantes, a realização de oficinas pedagógicas que sejam promovidas para aprendizagem efetiva dos participantes, através dos livros, a urgente necessidade de ampliação e renovação do acervo, uma desburocratização e aumento da agilidade entre a escrita das resenhas e o retorno do judiciário, além da oferta de outros espaços para realização de atividades de leitura como: concurso, sarau e edição de livros com as narrativas escritas pelos presos, valorizando as produções escritas dos privados de liberdade.

O princípio básico que impulsiona esse encontro se costura nos argumentos teóricos, metodológicos ou filosóficos, no que diz respeito a encontros entre pessoas em situação de privação de liberdade, pesquisadora e livros. Lucas e Ludmile me conduzem a um universo que une esperança, determinação, crescimento pessoal e nas suas ações como seres humanos.

Para entender esse universo prisional e a leitura de livros, houve um mergulho mais profundo nas vidas desses dois sujeitos que apontaram que, mesmo em privação de liberdade, conseguiram ultrapassar, através da leitura, as barreiras da prisão, fossem físicas ou psicológicas.

Na convivência com pessoas excluídas momentaneamente da vida em sociedade, em função do aprisionamento, ao relatarem as suas experiências com os livros, entramos em contato com as suas subjetividades que se sobressaem e dizem não às regras impostas pelo meio em que estão inseridas, rompendo o silêncio e fazendo-nos refletir sobre múltiplas possibilidades de emancipação do sujeito na prisão.

Ludmile já tinha uma experiência anterior de aprisionamento. Já o Lucas era réu primário. Ambos enfrentaram a situação limite do aprisionamento e despertaram, pela

experiência no cárcere, uma reação transformadora, segundo também relatam, e encontraram nos livros uma forma de criação de outros espaços possíveis.

Enfim, esperamos que as entrevistas tenham provocado um novo olhar e reflexões sobre as ações de leitura e o desenvolvimento dos projetos de leitura nas prisões, destacando a sua importância e consequências na construção da subjetividade dos privados de liberdade.

7.4 Para além da leitura: construindo novos caminhos

> *O que chega, como acontecimento, não deve chegar senão ali onde é impossível. (DERRIDA, 2012, p. 241)*

De que forma as experiências vividas nos projetos de leitura, dispararam processos de subjetivação? Como os recursos audiovisuais, as músicas, a dança, entre outros utilizados nas oficinas de leitura, contribuíram para as reflexões sobre os livros? Em que medida tais processos constituíram os sujeitos participantes?

Neste capítulo, argumentamos que na oferta de projetos de leitura aos privados de liberdade há uma grande a possibilidade de uma confrontação crítica com o que se lê, desde que se abram espaços para que o diálogo aconteça. Nas oficinas de leitura, temos a oportunidade, por meio das reflexões realizadas, de conhecer melhor o "outro", seja por intermédio dos personagens dos livros ou dos demais participantes do projeto, estimulando e criando em nós, educandos/ mediadora/ pesquisadora ou orientadora, a capacidade de realização de leituras que se abrem aos fenômenos objetivos e subjetivos que nos cercam.

As oficinas e os recursos pedagógicos utilizados configuram-se numa construção de espaço e tempo destinados à aprendizagem; um contexto coletivo no qual o ato de ler é o guia da humanização e emancipação do sujeito; ler e escrever como atos de resistência. Deleuze nos mostra que "o ato de resistência possui duas faces. Ele é humano e é também um ato de arte. Somente o ato de resistência resiste à morte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta entre os homens". (DELEUZE, 1999, p. 14)

Os livros podem proporcionar o ato de resistência, a libertação das amarras prisionais e do pensamento limitante, através da exposição pessoal, da entrega, da denúncia, da cumplicidade, da humanização. Fomos além da leitura de um livro e da escrita da resenha; utilizamos a arte para que isso acontecesse. Assim, faz-se importante refletir: "qual a relação entre a luta entre os homens e a obra de arte? A relação mais estreita possível e, para mim, a mais misteriosa" (DELEUZE, 1999, p.14). Misteriosa, pois se abriram portas para o infinito, para o acontecimento. Com a arte, ousamos e conseguimos dar vida e movimento a leitura dos livros. Os projetos de leitura e suas oficinas se constituíram num espaço libertador, que pulsa, emociona, desarma e transforma; enfim, ajuda a humanizar.

A partir das experiências obtidas nas oficinas, não é possível voltar atrás, no sentido de nos atermos apenas à oferta do livro, sua leitura técnica e a escrita da resenha. Acreditamos que os recursos como a música, a dança, os vídeos complementares, filmes e escritas de si devam fazer parte dos projetos de leitura na prisão, além de concebermos, como aqui foi argumentado, que a leitura, a escrita e o diálogo são humanizadores e se configuram em atos políticos, de intervenção no mundo e sobre si.

De acordo com Deleuze e Guattari (1991), "nós pintamos, esculpimos, compomos, escrevemos com sensações, ou seja, a arte é criadora de sensações. Os afectos e perceptos, a essência da sensação compreende a noção de força, que é responsável pelo desencadeamento do devir sensível" (p. 215).

Como os autores destacam, na pesquisa realizada houve a preocupação de oferecer a arte não como reprodução, mas sim apreender forças: "A arte não tem opinião. A arte desfaz a tríplice organização das percepções, afecções e opiniões, que substitui por um monumento composto de perceptos, de afectos e de blocos de sensações que fazem às vezes de linguagem". (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 227)

Os objetivos da oferta de materiais artísticos apresentados nas oficinas de leitura serviram como elementos de produção de sensações. Para Deleuze e Guattari ainda: "o objetivo da arte, com os meios do material, é arrancar o percepto das percepções do objeto e dos estados de um sujeito percipiente, arrancar o afecto das afecções, como passagem de um estado a um outro. Extrair um bloco de sensações". (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 217)

Por este ângulo, a literatura transmite sentimentos e ideias do autor sobre o mundo, levando o leitor a fazer reflexões e a possíveis mudanças de posição diante da realidade em que está inserido, auxiliando no processo de transformação social.

O contato com os livros têm a capacidade de conduzir os presos a mundos imaginários, provocando prazer, indignação, aumento da criticidade e também funcionando como organizador de seus pensamentos e de sua vida. Podemos dizer que o livro, na prisão, tem um potencial ainda mais libertador e sensibilizador do leitor quando este se coloca no lugar do outro. É também pela leitura que se pode "fazer da recolecção do logos fragmentário e transmitido [...], um meio para o estabelecimento de uma relação de si consigo próprio tão adequada e completa quanto possível", (FOUCAULT, 1992, p. 139), auxiliando na construção de si mesmo como sujeito.

A arte, oportunizada de forma interativa e dialógica, favorece o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos, motivando-os e envolvendo-os ao tema discutido no momento, proporcionando, assim, uma melhor compreensão e interpretação.

Como aqui também foi argumentado, as cartas tiveram um papel importante nesse processo, onde os educandos fizeram-se presentes, expuseram-se, opinaram e estabeleceram uma cumplicidade. Evidenciaram e registraram a sua passagem pelo projeto e se apresentaram à mediadora-pesquisadora como próximos. Nesse sentido, Derrida considera sobre tal proximidade: "[...] O que supõe a amizade claro, mas também a surpresa e o inantecipável". (DERRIDA, 2012, p. 232). Tiveram a coragem de dizer o que pensam. O trabalho analítico e de amizade com as cartas implica também certa forma de atenção e do olhar sobre elas. Esses atos buscam as forças pessoais e coletivas para enfrentar as situações adversas da vida e das relações de disputas na prisão, criando uma exposição ao olhar do outro, podendo ser um remédio para a alma. Como relata Foucault: "é permitir a constituição de si a partir da recolha do discurso dos outros; em compensação, é possível encontrá-los pelo lado da correspondência com outrem e da troca do serviço da alma". (FOUCAULT, 1992, p.153). Como dito anteriormente, trata-se da escrita como o exercício de constituição de si e de cuidado com o outro.

Com a máquina fotográfica nas mãos, as participantes tiveram a oportunidade de usar um objeto que não é permitido aos presos e, ao tirar as fotos das demais participantes, apresentaram a sua visão de mundo sobre o tema "mulher e o aprisionamento". Puderam também se ver de corpo inteiro nesses registros fotográficos, causando, ao mesmo tempo, espanto e alegria, medo e esperança, além de exemplificar a vivência opressora da prisão, rompendo - de acordo com a visão derridiana - com tudo o que estava planejado, produzindo a excepcionalidade do tema. Para Derrida "o acontecimento deve ser excepcional". (DERRIDA, 2012, p. 247). Não se trata de algo corriqueiro ou comum,

portanto. Com as imagens produzidas como arte, a experiência do possível condicionou a acontecimentalidade do impossível.

A esse respeito, Derrida afirma que “um im-possível que não é somente impossível, que não é somente o contrário do possível, que é também a condição ou a chance do possível. Um im-possível que é a própria experiência do possível.” (DERRIDA, 2012, p. 244):

> O "im-possível", na forma de pensar derridiana, sugere que é o excessivo em relação ao horizonte de expectativa de uma caveira. Para este filósofo da diferença um acontecimento, não chega "na horizontal", ele não se alinha no horizonte onde se poderia antecipá-lo. Um acontecimento vem do alto, na vertical, como uma surpresa absoluta. (DERRIDA, 2012, p. 244)

Sobre as diversas linguagens artísticas evocadas, observamos também que a música resgata sentimentos profundos e saudosos, além de ativar o prazer, proporcionando sensações de alegria e de bem-estar, aliviando as dores e motivando reflexões, aumentando “os poderes da fala quanto ao acontecimento”. (DERRIDA, 2012, p. 237). As músicas funcionaram como recurso potente na integração entre as participantes da oficina de leitura.

Ainda com relação à dança, observamos um momento raro e único vivenciado na prisão. Emoções brotaram, aproximou as pessoas, sensibilizou. As mulheres privadas de liberdade se tocaram fraternalmente, revelando a humanidade enclausurada dos corpos moldados pelas normas de conduta, marcados pela padronização dos movimentos.

Os filmes também influenciam direta e positivamente nos debates sobre os livros, seus personagens e autores, além das percepções e reflexões dos presos sobre as ações de leitura e de escrita. Assim sendo, se a arte possui essa potência, “é porque a arte só pode viver criando novos perceptos e novos afectos como desvios, retornos, linhas de partilha, mudanças de níveis e de escalas” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 248).

Através das vivências apresentadas nesta pesquisa-intervenção, enfatiza-se que a utilização de recursos como: livros, filmes, fotografias, pinturas, músicas, danças, debates, entre outros, complementam e proporcionam aos participantes um ganho significativo no processo de aprofundamento da leitura dos livros e nas suas percepções sobre a vida.

A pesquisa-intervenção apontou que a arte tem a possibilidade de afetar positivamente nas ações de leitura e escrita dos presos, revelando o potencial de auxiliá-los na construção e reconstrução de suas subjetividades, vivendo “as situações e de dentro dessas situações vividas *produzir a possibilidade do novo*” (GALLO, 2002, p.171, grifo do

autor). Por esse caminho, é possível pensar na construção de homens e mulheres como pessoas singulares e conscientes de seu papel ativo na sociedade.

8. PARA ONDE APONTAM OS CAMINHOS

> *A educação é um processo histórico de criação do homem para a sociedade e simultaneamente de modificação da sociedade para benefício do homem (VIEIRA PINTO, 1997, p. 39)*

A vida nas prisões sempre seduziu e despertou curiosidade em muitas pessoas, notando-se uma grande atração para conhecer esse ambiente, por meio das narrativas ficcionais alimentadas também pela grande mídia, dentre outros veículos. O interesse remete ao senso comum sobre o que levou uma pessoa a cometer o crime, as razões sociais, psicológicas, políticas e pessoais, colocando-a como uma pessoa distante e diferente de nós.

Neste estudo, buscamos mapear as contribuições das oficinas de leitura, desenvolvidas no interior de duas unidades prisionais, a partir das vivências e do cotidiano compartilhado entre mim, pesquisadora-mediadora, e os participantes em privação de liberdade.

Com tal pesquisa, buscamos oportunizar uma maior compreensão das potencialidades e lacunas desses espaços formativos, gerando reflexões e também aprimoramentos nas políticas públicas afins. Nessa direção, observou-se a necessidade de:

- oferta/ continuidade e expansão de projetos de leitura nas prisões;
- pesquisas sobre os projetos de leituras prisões;
- destaque à importância das oficinas e a sua influência nos participantes, para além da remição de pena;
- desenvolvimento dos projetos de leitura que atendam às necessidades dos participantes.

A pesquisa buscou contribuir na construção do conhecimento sobre projetos de leitura, uma vez que:

- deu voz e ouvidos aos privados de liberdade;
- apresenta o encontro dos livros e os participantes;

- exibe os resultados obtidos a partir da leitura dos livros;
- expõe as narrativas construídas por detentos e participantes das oficinas de leitura;
- apresenta caminhos para o desenvolvimento dos projetos nas prisões.

As experiências e acontecimentos nas oficinas de leitura, nos Projetos "A Leitura Liberta" e "Ciranda da Leitura: Lendo para Libertar", possibilitam um precioso momento de escuta dos relatos e vivências de leitura e encarceramento, a partir das narrativas daqueles que sentem, no corpo e na alma, os efeitos causados pela privação de liberdade.

Os privados de liberdade - na sua condição múltipla de ser preso (homem/mulher), pobre, com baixa escolarização, entre outros aspectos da exclusão social - vivem e procuram compreender as marcas que permeiam as condições de sua existência, através de suas narrativas, sejam elas feitas pelas cartas, resenhas, poemas, fotos ou falas, por exemplo. São artefatos múltiplos que expressam a sua cultura e experiências de vida como subalternizados.

Como se viu, esta pesquisa foi delineada de forma cartográfica, com a perspectiva de compreender os eventos que surgiram durante a investigação sobre a participação nos projetos de leitura, a fim de legitimar a importância do *lugar da fala,* conforme Ribeiro (2017), de modo que estivesse garantido nas produções e expressões dos(as) privados(as) de liberdade, prevalecendo sobre os dados coletados.

Apoiadas pelos filósofos da diferença, Paulo Freire e outras contribuições teóricas, pudemos desenvolver a pesquisa, estudando as conexões vitais dos presos e os problemas sociais que envolvem toda a questão prisional, onde a leitura se dá. Foi uma opção para que pudéssemos conceber as atividades de leitura e escrita de maneira diferente da que estamos acostumados no dia a dia (principalmente no que se refere ao duplo papel de uma pesquisadora que é também educadora nesses espaços prisionais analisados).

Observamos que a realidade dos participantes em privação de liberdade afeta fortemente o relacionamento do leitor / preso com a literatura (ou outro material de leitura) e causa forte impacto em suas vidas, como também foi revelado por dois desses participantes, principalmente.

Vale ressaltar que os indicadores oficiais apresentados estão desatualizados e indicam a necessidade urgente de criação de plataformas que agilizem o processo de alimentação desses dados, pelos responsáveis pelo sistema penitenciário no Brasil. É essencial alimentar informações sobre o período recente, de forma que sejam apresentados os elementos necessários para sua contextualização e identificação de questões-chave que

norteiam o desenvolvimento da política aplicada, mostrando os avanços realizados, mas também suas contradições, fragilidades e limites.

Além disso, é importante destacar que os indicadores foram construídos a partir de experiências em projetos de leitura que pude acompanhar, que valorizam as experiências dos presos e apontam maneiras de construir outros indicadores. O currículo construído coletivamente para projetos de leitura foi modelado como um "currículo-fluido, das próprias territorialidades, abrindo-se para o novo e consolidando-o, mediante a construção de outras adjacências, desfaz-se e renúncia a si mesmo, vai embora para outra parte." (CORAZZA, 2012, p. 09), revelando um processo de construção-reconstrução-construção sempre valorizando o devir, o acontecimento.

Isso significa dizer que a experiência mostra que não há possibilidade de criação de um modelo rígido sobre o oferecimento de tais oficinas. Se assim fosse, haveria um reducionismo proposto por dispositivos legais, sem promover a possibilidade de construir - com os participantes - novos significados para leitura e escrita na prisão, a partir dos desejos e saberes muito particulares de cada turma e de cada participante.

No ambiente prisional, transitamos pela diversidade de pessoas, obviamente. As relações afetivas-subjetivas nos projetos também reverberam essas diferenças, produzindo uma infinidade de conhecimentos, desejos e ritmos variados, às vezes lentos, às vezes acelerados. Percebe-se, então, que, a cada encontro, novas trajetórias são construídas dentro do universo carcerário.

Portanto, procuramos observar nesses encontros, vários fenômenos que estavam sendo construídos como diversidade, pluralidade, singularidade, a partir da oferta de leitura e escrita.

Neste sentido, cumpre salientar que a pesquisa, hoje, requer pensamento pós-moderno, com o objetivo de questionar constantemente as ações com análise cuidadosa, como nos aponta Veiga-Neto (2002). Assim, não buscamos a verdade, mas apresentamos os instrumentos criados e os resultados que emergem das atividades desenvolvidas para entender o funcionamento dos projetos, considerando "que a teoria não transcende a realidade e nem está dissociada da prática, também fazendo parte do processo de construção histórica da realidade". (ROMAGNOLI, 2009, p.168).

Dessa forma, buscamos melhorar o olhar na produção de significados de leitura e desenvolvimento de projetos, realizados pelos privados de liberdade, apresentados nas explosões, bem como nas entrevistas de Lucas e Ludmile que objetivaram obter "um conhecimento comum, passível de ser compartilhado, acessando-se a experiência".

(BARROS, BARROS, 2013, p. 384). Nos projetos, consideramos a multiplicidade de significados produzidos, as experiências de dizer e construção conjunta dos materiais utilizados nas oficinas.

Para tal tarefa, concordamos com Barros e Barros (2013), quando apontam: "Analisar é, de fato, sustentar um ethos analítico específico, permitindo que a pesquisa se volte para si mesma e se interrogue acerca da implicação e da participação, levando à problematização e ao reposicionamento do lugar dos participantes". (BARROS, BARROS, 2013, p.388)

A pesquisa-intervenção buscou abarcar uma mediação micro e direta nos projetos de leitura, onde estive, como mediadora-pesquisadora, assumindo dois papéis: o primeiro que foi o de fazer parte do grupo - desenvolvendo as atividades, realizando as leituras, compartilhando experiências - e, ao mesmo tempo, assumindo o segundo papel: ser a principal observadora (inclusive das próprias práticas e concepções).

Em última análise, a pesquisa não tratou de listar conclusões e responder perguntas, mas de construir reflexões evidenciadas pelo conjunto de informações apresentadas na pesquisa.

Pretendemos que essas informações sejam relevantes para apoiar a composição e desenvolvimento de políticas públicas em atividades educativas complementares nas prisões, como acima anunciado.

Que em tais políticas orientadoras (e não determinantes), a leitura seja compreendida como um instrumento de enriquecimento pessoal e intelectual, pois é um componente essencial da constituição do caráter de uma pessoa. Nesse bojo, o direito à literatura é uma necessidade social justamente porque contribui para a formação de cada cidadão, dentro ou fora das prisões.

Diante do exposto, enfatizando a necessidade de flexibilidade e abertura nessas propostas de leitura como políticas públicas, é importante retomarmos Derrida, quando evidencia que "o acontecimento, ao fugir dos horizontes transcendentais de calculabilidade, impõe renovado sentimento de uma 'desvinculação interruptiva' como condição do vínculo social, sentimento enfim da pervertibilidade das relações" (DERRIDA, 2012, apud, FONTES FILHO, 2012, p. 143-144). Desta forma, abre-se espaço para o singular, imprevisível, para que assim possam ter lugar.

Será nesse sentido que as políticas públicas e os educadores precisam se abrir para o inesperado, a partir da leitura nas prisões: "O acontecimento é o que ocorre e, ao ocorrer, acontece de me surpreender, de surpreender e de suspender a compreensão; o

acontecimento é de imediato *o que* não compreendo. Ou melhor, o acontecimento é de imediato *que* eu não compreenda". (DERRIDA, 2012, p. 1139) Foi com essa perspectiva, portanto, que as observações foram realizadas ao longo da pesquisa, na busca de pistas e tendências para compreender as relações estabelecidas entre os livros e os privados de liberdade, a partir da força dos acontecimentos gerados pelos encontros.

Em síntese, os projetos de leitura, nessa perspectiva, não são concebidos como programas fechados, já determinados ou estabelecidos. O que está em questão, deste modo como essência, é o que está por vir na relação livro/leitor/prisão, em tais oficinas de leitura.

Segundo Derrida (2004):

> O acontecimento, como o que chega, é o que verticalmente me cai no colo, sem que eu possa vê-lo vir: o acontecimento não pode me aparecer, antes de chegar, senão como impossível. Isso não quer dizer que isso não chega, que não o há; isso quer dizer que não posso dizê-lo em um modo teórico, que não posso nem mesmo o predizer. Tudo isso, que concerne à invenção, a chegada, o acontecimento, pode deixar pensar que o dizer permanece ou deve permanecer desarmado, absolutamente desarmado, por essa impossibilidade mesma, desamparada diante da vinda sempre única, excepcional e imprevisível do outro, do acontecimento como outro: eu devo ficar absolutamente desarmado. (DERRIDA, 2012, p.241-242)

Argumentamos também, durante a pesquisa, que a expansão de novas possibilidades como a oferta de outro mecanismo para remição de sentenças, leitura de livros, realização de oficinas, produção de material educativo, debate entre os participantes, promoção de espaços de diálogo, escritas pessoais, produção de livros, desenvolvimento de uma metodologia para a execução de projetos de leitura, entre outras ações (que foram além da simples leitura de livros e resenhas), possibilitaram o *impossível*, como mencionado anteriormente, afetando positivamente os presos que traduziam suas experiências através de depoimentos, escritos de poesia , textos e cartas, expostos no capítulo 6 desta pesquisa como: "Encontros e explosões". Assim, um dos objetivos deste trabalho foi anunciar a beleza das oficinas de leitura, desenvolvidas nas duas unidades prisionais investigadas.

Por fim, salienta-se que há a necessidade de novas posições em relação às atividades de leitura, por meio de debates críticos sobre essas práticas e a participação e envolvimento efetivo de todos, bem como na oferta da educação nas prisões e em seus projetos complementares (projetos de leitura e esporte, além de videotecas e atividades de lazer e cultura), na busca de alternativas para superar os problemas apresentados na pesquisa.

A participação ativa dos educandos oportuniza o acontecimento, ou seja, houve participação-acontecimento, fala acontecimento, ouvir-acontecimento, ler acontecimento e

escrever-acontecimento. Para Derrida (2012, p. 235) “há uma certa impossibilidade de dizer o acontecimento ou uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento”. Para este autor, “um dizer-o-acontecimento, um dizer que faz o acontecimento para além do saber. Esses dizeres reencontraram em muitas experiências nas quais finalmente a possibilidade que advém este ou aquele acontecimento se anuncia como impossível”. (DERRIDA, 2012, p. 238). Compactuando como pensamento deste autor, “o acontecimento se o há, consiste em fazer o impossível”. (DERRIDA, 2012, p. 238).

Neste sentido, é importante destacarmos que a realização das oficinas nas prisões, mesmo que siga as exigências técnicas dos documentos que regem a oferta de projetos de leitura - sendo 03 oficinas e a escrita de uma resenha, oportunizam a remição de pena (o que já é uma realidade em grande parte das unidades prisionais do Estado de São Paulo, bem como em outros estados brasileiros). Deste modo, configura-se um avanço na garantia dos direitos humanos aos presos, na humanização da pena e uma alternativa à reintegração dessa pessoa na sociedade extramuros. Uma ação possível que necessita de ser garantida, replicada e aprimorada.

Os projetos oferecidos na prisão são organizados tradicionalmente dentro da *possibilidad*e, que nada mais realizam além de aplicar, apontar, explicar, revelar, realizar e cumprir as normas das atividades já estabelecidas, apenas o que foi pensado com a possibilidade de realização (técnica, portanto). Para Zevallos (2010, p.63) “esse pensamento somente vem a reproduzir e a colocar em prática tudo o que anteriormente foi planejado e programado sob a ótica do mesmo, quer dizer, na programação de alguém com a pretensa ideia de alcançar ou aprender o outro”.

No sentido contrário dessa forma de agir e pensar para que o acontecimento advenha, faz-se necessário que os projetos de leitura sejam pensados e organizados como invenção, abertos à vinda do *impossível*, ou seja, a criação para que o acontecimento tenha lugar, “como abertura à vinda do outro, daquele que não pode ser apreendido.” (ZEVALLOS, 2010, p.63).

O *impossível* é ir além dessa perspectiva, como tratado anteriormente. Pensar e realizar o improvável, para além das técnicas de leitura e de escrita, como também da remição de pena. O impossível é o que apresentamos nesta pesquisa, com a realização das atividades de leitura que oportunizam espaços para o diálogo, o debate e a reflexão. Assim, o considerado improvável começa a acontecer....

Pensando na oferta de projetos de leitura na concepção derridiana de “acontecimentos”, faz-se importante a reflexão sobre os projetos ligados ao pensamento do

possível-impossível. Evidenciamento, então, que são grandes os desafios que se referem ao desenvolvimento de projetos de leitura nas prisões, uma vez que a complexidade da questão prisional, a diversidade do aprisionamento, as características específicas de cada unidade prisional e de seus participantes influenciam diretamente na realização das ações de leitura.

Mais uma vez, ressaltamos que se faz necessário compreender que a leitura e a escrita abrem novas probabilidades de subjetivação, possibilitando outras formas de viver. Buscamos capturar como os sujeitos envolvidos constituem/ remodelam/ ressignificam sua subjetividade, a partir das ações envolvendo leitura e escrita, num ambiente de privação de liberdade.

Finalmente, lembramos as considerações de Rago (2013), à luz de Michel Foucault , afirmando que:

> Trata-se, antes de um trabalho de construção da subjetiva na experiência [da leitura e] da escrita, em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é, escapando às formas biopolíticas de produção do indivíduo. Assim o eu de que se trata não é uma entidade isolada, mas um campo aberto de forças; entre o eu e o seu contexto não há propriamente diferença, mais continuidade [...] (RAGO, 2013, p.52)

Diante desse contexto, enfatizamos a urgência em torno dos projetos de leitura nas prisões brasileiras, (assim como do estado de São Paulo), para que possam ser (re)dimensionadas, (re)discutidas, em pesquisas futuras, a partir da força e das perspectivas de quem vive/está atrás das grades, no encontro com a leitura e a escrita.

Sem a pretensão de esgotarmos as possibilidades de aprimoramento das referidas oficinas, ainda destacamos importantes lacunas. Em primeiro lugar, é urgente pensar em ações para inclusão do analfabeto no projeto de leitura. Um primeiro passo seria o seu encaminhamento para as salas de alfabetização; enquanto isso, um "ledor" pode realizar a leitura conjunta de um livro. Para que o registro da leitura aconteça, este poderá ser gravado um vídeo, pelo qual o preso relata suas impressões sobre o livro ou um escriba realiza o registro de sua fala. Essa ação será devidamente acompanhada pela comissão interna de leitura da unidade prisional. (Im)possível?

Em seguida, o aprimoramento da política pública de oferta das atividades complementares de educação com dotação orçamentária, plano de ação e de formação. Neste caso, outro ponto importante a ser destacado é a destinação de recursos para a biblioteca para composição e reposição de acervo. Da mesma forma, a realização de

oficinas pedagógicas semanais para formação do leitor e escritor, contratação de pessoal capacitado para a mediação da leitura, para assegurar agilidade junto aos dirigentes e agentes públicos (entre escrita da resenha e envio para a Vara de Execuções Criminais). Também se destaca a necessidade de ampliação dos números de participantes, não limitados pelo número de livros, bem como, realização de debates fomentados por todos os envolvidos e interessados sobre as formas de inserção dos leitores invisíveis (transexuais e travestis) nos projetos - assim como as pessoas analfabetas, brevemente aqui tratados - principalmente, a garantia de realização de projetos de leitura em todas as unidades prisionais brasileiras, como um direito humano fundamental.

Ao pensar nesses pontos, criaremos "uma certa possibilidade impossível" (Derrida 2012) de oferecer o projeto de leitura, para todos os que se encontram em privação de liberdade.

Para quem se interessar em investigar sobre as ações de reintegração desenvolvidas nas prisões, apontamos alguns temas para pesquisas futuras. Nesse sentido sugerimos que pesquisas sobre os seguintes: projetos de leitura no Estado de São Paulo; políticas públicas de leitura e bibliotecas; mediação de leitura na prisão, resenhas sobre a ótica da Vara de Execuções e do Ministério Público; comissão interna de leitura; educação complementar e as prisões; escolaridade e leitura de livros na prisão, escolaridade e resenhas; a família como intercâmbio de entrada dos livros solicitados pelos presos; livros produzidos pelos presos relatando a sua passagem pela prisão são alguns dos muitos aspectos a serem estudados.

Por fim, esperamos que as narrativas apresentadas no decorrer da pesquisa se abram em novas perspectivas de interação sobre a atividade de educar e encaminhe efetivamente ações que promovam acontecimentos significativos nas oficinas, oportunizando a todos os envolvido na construção de sentidos e na produção de novos conhecimentos através da leitura, uma vez que a continuidade desta pesquisa se traduz a partir da possibilidade de aprofundamento sobre o tema, bem como da necessidade que a sociedade como um todo, busque alternativas para a reintegração social da pessoa em privação de liberdade.

Cabe ressaltar ainda que, como pesquisadora, o desenvolvimento desta pesquisa foi gratificante e muito importante para a minha vida acadêmica, pessoal e principalmente profissional. Estendeu meu conhecimento para além da leitura de livros junto com os privados de liberdade. Isso possibilitou que eu aprendesse mais profundamente e valorizasse as atividades educacionais que promovam a emancipação das pessoas com as quais desenvolvo trabalho educacional e entendesse melhor o ambiente prisional.

À medida que a pesquisa avançava, tive a oportunidade de trabalhar mais profundamente com homens e mulheres na prisão, entendendo seus desejos, medos e expectativas, sempre aprendendo coisas novas.

Neste percurso, tive a oportunidade de conhecer autores que lutam pela garantia dos direitos humanos e possibilitam pensar a pesquisa, valorizando cada ação que afeta todos os envolvidos.

Outra coisa apreendida na pesquisa foi que diferentes áreas do conhecimento e pessoas com interesses diferentes, sejam pessoais, sociais e políticos, estão ligadas e podem se unir para criar um mundo melhor e mais humanizado.

9. FONTES DA PESQUISA REALIZADA

I) FONTES PRIMÁRIAS

ALINE CRISTINA BARBOSA LIMA. Depoimentos, 2018. São Paulo, Brasil. Relatos concedidos à pesquisadora em 14, 21, 28 de setembro e 04 e 11 de outubro de 2017.

CARMEM THEODORO SILVA. Depoimentos, 2018. São Paulo, Brasil. Relatos concedidos à pesquisadora em 14, 21, 28 de setembro e 04 e 11 de outubro de 2017.

ELISABETE ASSIS SÉRGIO GUSMÃO. Depoimentos, 2018. São Paulo, Brasil. Relatos concedidos à pesquisadora em 14, 21, 28 de setembro e 04 e 11 de outubro de 2017.

FÁTIMA GONÇALVES. Depoimentos, 2018, Campinas, São Paulo, Brasil. Relatos concedidos à pesquisadora em 14, 21, 28 de setembro e 04 e 11 de outubro de 2017.

FERNANDO HENRIQUE SOLANO. Carta, março de 2018, São Paulo, Brasil.

HELOÍSA DINORÁ FAGUNDES BRASIL. Depoimentos, 2018, Campinas, São Paulo, Brasil. Relatos concedidos à pesquisadora em 14, 21, 28 de setembro e 04 e 11 de outubro de 2017.

JOANA D'ARC ALBUQUERQUE. Carta, março de 2018, São Paulo, Brasil.

JOSÉ PEREIRA. Carta, maio de 2018, São Paulo, Brasil.

KARINA GRAZIELA MORAES SALVADOR. Depoimentos, 2018. São Paulo, Brasil. Relatos concedidos à pesquisadora em 14, 21, 28 de setembro e 04 e 11 de outubro de 2017.

KÁTIA BARBOSA SILVINO. Depoimentos, 2018. São Paulo, Brasil. Relatos concedidos à pesquisadora em 14, 21, 28 de setembro e 04 e 11 de outubro de 2017.

LUCIA SILVEIRO. Depoimentos, 2018. São Paulo, Brasil. Relatos concedidos à pesquisadora em 14, 21, 28 de setembro e 04 e 11 de outubro de 2017.

LUDMILE GUIMARÃES DE JESUS. Depoimento, 2018, São Paulo, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora em 08 de maio 2018.

_____. Depoimentos, 2018, São Paulo Brasil. Relatos concedidos à pesquisadora em 14, 21, 28 de setembro e 04 e 11 de outubro de 2017.

LUCAS HENRIQUE RIBEIRO SANTOS. Depoimento, 2018, São Paulo, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora em 28 de agosto e 04 de setembro 2017.

-_____. Carta, setembro de 2017, São Paulo, Brasil.

NEUSA LÍVIA BANDEIRA. Depoimentos, 2018, São Paulo, Brasil. Relatos concedidos à pesquisadora em 14, 21, 28 de setembro e 04 e 11 de outubro de 2017.

PÂMELA MENDES LARA. Depoimentos, 2018. São Paulo, Brasil. Relatos concedidos à pesquisadora em 14, 21, 28 de setembro e 04 e 11 de outubro de 2017.

PATRÍCIA FIRMINO. Carta, dezembro de 2017, São Paulo, Brasil.

PAULA FERREIRA BARROS. Depoimentos, 2018. São Paulo, Brasil. Relatos concedidos à pesquisadora em 14, 21, 28 de setembro e 04 e 11 de outubro de 2017.

SÔNIA SOARES GOMES. Depoimentos, 2018. São Paulo, Brasil. Relatos concedidos à pesquisadora em 14, 21, 28 de setembro e 04 e 11 de outubro de 2017.

REBECA HELLEN SOARES. Depoimentos, 2018. São Paulo, Brasil. Relatos concedidos à pesquisadora em 14, 21, 28 de setembro e 04 e 11 de outubro de 2017.

ROBERTO MEDEIROS. Carta, janeiro de 2017, São Paulo, Brasil.

RICARDO OLIVEIRA. Carta, abril de 2018, São Paulo, Brasil.

SANDRA SILVA. Carta, fevereiro de 2018, São Paulo, Brasil.

SHEILA PATRÍCIA PINTO. Depoimentos, 2018. São Paulo, Brasil. Relatos concedidos à pesquisadora em 14, 21, 28 de setembro e 04 e 11 de outubro de 2017.

TATIANA LIMA SOUTO. Depoimentos, 2018. São Paulo, Brasil. Relatos concedidos à pesquisadora em 14, 21, 28 de setembro e 04 e 11 de outubro de 2017.

VALDOMIRO SOARES COSTA. Imagem – O cortiço e a cela: notas sobre a mulher na prisão. São Paulo, Brasil, 2018. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Imagem – A presa e a leitura. São Paulo, Brasil, 2018. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

_____. Imagem – Mulher presa e a leitura. São Paulo, Brasil, 2018. Acervo pessoal cedido à pesquisadora.

II) ACERVOS/ARQUIVOS

Arquivo Público Instituto Paulo Freire – IPF. São Paulo/SP/Brasil.
Arquivo público Fundação Prof. Manoel Pedro Pimentel – Funap. São Paulo/SP/Brasil
Arquivo público Secretaria de Administração Penitenciária – SAP. São Paulo/SP/Brasil
Arquivo público Secretaria Estadual de Educação – SEE. São Paulo/SP/Brasil
Arquivo Institucional Penitenciária Feminina de Campinas – PFC. São Paulo/SP/Brasil
Arquivo Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia– PFC. São Paulo/SP/Brasil

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2017, **Mapeamento dos homicídios no Brasil**, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), disponível em:

http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253. Acesso em 19/03/2018.

AURÉLIO, **Dicionário eletrônico.** Disponível em: https://dicionariodoaurelio.com/naturalismo . Acesso em 27/10/ 2017.

Banco de dados. CAPES.
Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos – BCo/UFSCar. São Carlos/SP/Brasil. Disponível em: http://www.bco.ufscar.br/acervo/fundo-florestanfernandes. Acesso em 15/05/2019.

BDTD, Biblioteca digital de Teses e dissertações. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/simplesearch?query=leitura+na+pris%C3%A3o Acesso em 15/05/2019.

CBBP – Comissão Brasileira de Bibliotecas Prisionais - Federação Brasileira de associações de bibliotecários Cientistas da informação e instituições, FEBAB http://www.febab.org.br/cbbp/. Acesso em 25/06/2019.

CNE - Conselho Nacional de Educação.

DEPEN - Departamento Penitenciário Nacional. Brasília/DF/Brasil.

FUMEC. Fundação Municipal de Educação Comunitária, http://www.fumec.sp.gov.br/eja/eja. Acesso em 16/07/2018.

FUNAP. Fundação Prof.º Dr. Manoel Pedro Pimentel – Funap: http://www.funap.sp.gov.br/site/index.php/sobre_funap. Acesso em 15/07/2018.

Fundação Getúlio Vargas (FGV) – São Paulo/SP/Brasil.

Ministério da Educação. Brasília/DF/Brasil.

Ministério da Justiça. Brasília/DF/Brasil.

Pró-Memória de Campinas-SP: **Curiosidades: Fazenda Chapadão**. Disponível em: http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com/2010/09/curiosidades-fazenda-chapadao.html. Acesso em 23/09/2017.

SAP - Secretaria de Administração Penitenciária. São Paulo/SP/Brasil.

III) DOCUMENTÁRIOS E FILMOGRAFIA

A HISTÓRIA DO FEMINISMO EM TRÊS ONDAS. São Paulo: Universidade do Sagrado Coração – USC. 2014. (4.05 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pFWgBKz55Rs. Acesso em 10/09/18.

DIREITOS HUMANOS PARA TODOS: ENTENDA O TERMO E POR QUE É IMPORTANTE DEFENDÊ-LO. Rio de Janeiro: Eles por elas – GNT. 2016. 26 de 57 vídeos (3.02 min). Disponível em: http://gnt.globo.com/especiais/eles-por-elas/videos/4905274.htm. Acesso em 10/09/18.

CASA DE FARINHA/ CIRANDEIRO – AU. Estágio mus UNB 1 e 2. 2016 (1.19 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pycb4qjXjbY. Acesso em 15/08/2017.

ELES POR ELAS' MOSTRA QUE COLOCAR-SE NO LUGAR DO OUTRO FAZ DO MUNDO UM LUGAR DE TODOS. Rio de Janeiro: GNT. Vídeo 21 de 57. (01,20 min.) 2016. Disponível em: http://gnt.globo.com/especiais/eles-por-elas/videos/5067091.htm Acesso em 10/09/18.

MULHERES ATRÁS DAS GRADES: CRÔNICAS DO PRESÍDIO - A LIGA. São Paulo: Rede Bandeirantes. 2015. 1 vídeo (51.32min.) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tDCNxb5_0d0. Acesso em 10/09/18.

O CORTIÇO. Francisco Ramalho Jr.. Rio de Janeiro: Starflash Filmes, 1977. 1 DVD. (110 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=USdxKiALLi0. Acesso em 30/08/2017.

VÍDEO MOTIVACIONAL HOMENAGEM AS MULHERES MOTIVAÇÃO LEG. São Paulo. Youtube. 2017. 1 vídeo (2.42 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bX6jHd_Ycz4. Acesso em 15/09/18.

PIMENTA, L. (vídeo). **Primavera das Mulheres um show-manifesto.** 2016. (2.56 min.). Disponível em: https://benfeitoria.com/Primaveradasmulheres. Acesso em 28/10/2017.

PRIMAVERA DAS MULHERES. Rio de Janeiro: Tema da Semana - GNT. DOC. vídeo 5 de 5 (4.26 min.) 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XjAsoUUDJOc. Acesso em 10/09/18.

IV) DISCOGRAFIA

BRANDÃO. Leci. **O bagulho do amant**e. Rio de Janeiro: Som Livre, 2008. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XDcYMf5O9Bg Acesso em 01/09/18.

BUARQUE, Chico. **Funeral de Um Lavrador**. In: BUARQUE, Chico. Chico Buarque de Hollanda. Vol. 3. Som Livre 1968. Lado B, faixa 11.

CAROL, MC. **100% feminista**. [2016]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W05v0B59K5s. Acesso em 01/09/18.

CONKA, C. **Tô na luta**. [2016]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cbOG2HS1WKo. Acesso em 01/09/18.

LEE, Rita. **Cor de rosa choque**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1982 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a9ElBc0VPzY. Acesso em 01/09/18.

PITTY, **Desconstruindo a Amélia**. Rio de Janeiro: Deckdisc - Polysom, 2009. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ygcrcRgVxMI Acesso em: 01/09/18.

SOARES, Elza. **Mulher do fim do mundo**. São Paulo: Circus, 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6SWIwW9mg8s. Acesso em: 05/09/18.

SOFFIA, MC. **Menina pretinha**. [2016]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cbOG2HS1WK. Acesso em 01/09/2018.

V) BIBLIOGRAFIA

ADLER, Mortimer Jerome, A arte de ler - **Como adquirir uma educação liberal**. Trad. Por Inês Fortes de Oliveira. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1954.

ANDRADE. Carlos. Drummond de. **Infância**. Carlos Drummond de Andrade: Disponível em: https://www.letras.com.br/carlos-drummond-de-andrade/infanci. Acesso em 03/06/2018.

AFONSO, Isilda Maria da Conceição Magalhães Lourenço. **A leitura na prisão**. Disponível em: http://dited.bn.pt/30650/1639/2081.pdf. Acesso em 16/03/2019.

_____, Isilda Maria da Conceição Magalhães Lourenço, **A Prisão**: Um Espaço de Formação e um Percurso para a Promoção da Literacia. Disponível em: http://hdl.handle.net/10174/11091. Acesso em 10/03/2019.

ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais**. Campinas, SP: Verus, 2005.

ANSELMO, Simone Lisboa Scheffler. **A poesia na prisão**: reflexão sobre uma experiência com mulheres encarceradas no desterro. 2005. 182 f. Monografia (Especialização) - Curso de Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102124. Acesso em 16/05/ 2019.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo, Campinas, Papirus. 2005.

AZEVEDO, Ricardo. **Dezenove poemas desengonçados**. São Paulo: Ática, 1998.

_____, Aluísio. **ebiografia. Aluísio Azevedo**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/aluisio_azevedo/. Acesso em 05/09/2017.

_____, Aluísio. **Girândola de Amores**. Obliq Press, 2013. Capítulo XXIV. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00020a.pdf. Acesso em 20/09/2019.

_____, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo, Martin Claret, 2004.

BARATTA, Alessandro. **Criminologia Crítica e crítica do Direito Penal**: introdução à Sociologia do Direito Penal. 6. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. **Cartografar é acompanhar processos**. In Passos, Eduardo, Kastrup, Virgínia, & Escóssia, Liliana da (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina. 2012. p. 54-74.

BARROS, Letícia Maria Renault de.; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. **O problema da análise em pesquisa cartográfica**. Fractal, Rev. Psicol. [online]. 2013, vol.25, n.2, pp.373-390. ISSN 1984-0292. http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922013000200010. Acesso em 17/10/2018

BECCARIA, Cesare. **Dos Delitos e das Penas**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2006.

BENEDUZI, Andrea Campello. **Bibliotecas especiais**: a biblioteca hospitalar como um repositório de saúde e bem-estar ao alcance do paciente. Porto Alegre, 2004. 71f. Monografia [Bacharelado em Biblioteconomia] – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. Disponível em: http://snbp.cultura.gov.br/tiposdebibliotecas/. Acesso em 17/06/2019.

BITENCOURT, Cezar Roberto. **Falência Da Pena De Prisão** - Causas e Alternativas – Editora Saraiva. 5ª Ed. 2017.

BONINI, Luci Mendes de Melo; GARCIA, Marina dos Santos. **Dignidade da pessoa humana e o sistema penitenciário feminino brasileiro**: A situação das mulheres brasileiras nos estabelecimentos prisionais. Disponível em: https://jus.com.br/artigos/56845/dignidade-da-pessoa-humana-e-o-sistema-penitenciario-feminino-brasileiro. Acesso em 27/10/2017.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura**: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Coautoria de Vera Teixeira de Aguiar. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1988.

BOVO, Cassiano Martines. **De onde vem a ideia dos direitos humanos como defesa de bandidos?** In.: Justificando. 2018. Disponível em: http://justificando.cartacapital.com.br/2018/03/06/de-onde-vem-ideia-dos-direitos-humanos-como-defesa-de-bandidos/. Acesso em 20/07/2018.

BRASIL. **Resolução nº 2,** de 19 de maio de 2010. **Dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para a oferta de educação para jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, Seção 1, p. 20, 20 maio 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5142-rceb002-10&category_slug=maio-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em 05/03/2016.

_____. Conselho Nacional de Justiça. **Regras de Bangkok**: Regras das Nações Unidas para o Tratamento de Mulheres Presas e Medidas Não Privativas de Liberdade para Mulheres Infratoras**/** Conselho Nacional de Justiça, Departamento de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário e do Sistema de Execução de Medidas Socioeducativas.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 f.

_____. **Decreto nº 7.626**, de 24 de dezembro de 2011. Institui o Plano Estratégico da Educação no Âmbito do Sistema Prisional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7626.htm. Acesso em 10/09/ 2017.

_____. IPEA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. [et al.]. - 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011. 39 p.: il. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf. Acesso em 18/11/2017.

_____. **Lei nº. 7.210**, de julho de l984. Lei de Execuções Penais – LEP Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm. Acesso em 25/10/ 2017.

_____. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. **E**stabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 20/10/ 2017.

_____. **Lei nº 10.182**, de 21 de fevereiro de 2017. Institui o Projeto "Remição pela Leitura" no âmbito dos Estabelecimentos Penais do Estado do Rio Grande do Norte. Disponível em: http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/gac/DOC/DOC000000000141649.PDF. Acesso em 26/06/2019.

_____. **Lei 11.343,** de 23 de agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - SISNAD; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11343.htm. Acesso em 20/11/2017.

_____. **Lei nº 12.433,** de 29 de junho de 2011. Altera a Lei no 7.210, de 11 de julho de 1984 (Lei de Execução Penal), para dispor sobre a remição de parte do tempo de execução da pena por estudo ou por trabalho. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12433.htm. Acesso em 12/10/2017.

_____. **Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. 1ª ed. BRASÍLIA, 24 maio 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm. Acesso em 23/06/ 2019.

_____. Ministério da Justiça. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen Mulheres** - Junho de 2016. Departamento Penitenciário Nacional, Ministério da Justiça. Brasília, 2017. Disponível em http://s.conjur.com.br/dl/infopen-mulheresdepen.pdf. Acesso em 11/11/2017.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Manual de implantação de serviços de práticas integrativas e complementares no SUS /** Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2018. 56 p.: il Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/manual_implantacao_servicos_pics.pdf. Acesso em 03 /06/2019.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS:** atitude de ampliação de acesso. 2. ed. Brasília, 2015. Disponível em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf. Acesso em 03/06/2019.

_____. **Recomendação n. 44, de 26 de Novembro de 2013.** Dispõe sobre atividades educacionais complementares para fins de remição da pena pelo estudo e estabelece critérios para a admissão pela leitura. Disponível em: http://www.cnj.jus.br///images/atos_normativos/recomendacao/recomendacao_44_26112012013_27112013160533.pdf. Acesso em 12/7/2014.

_____. Superior Tribunal de Justiça. **Habeas Corpus nº 312.486**. Relator: Min. Sebastião Reis Júnior. Brasília, DF, 09 de junho de 2015. Direito Penal. Remição da Pena Pela Leitura. Brasília: Informativo, 22 jun. 2015. p. 21. Disponível em: https://scon.stj.jus.br/SCON/SearchBRS?b=INFJ&tipo=informativo&livre=@COD=%270564%27. Acesso em: 27/08/2019.

BRASÍLIA. Câmara dos deputados. **Projeto de Lei Complementar. PLC 7973/2014,** Altera o art. 126 da Lei n. 7.210, de 11 de julho de 1984 - Lei de Execução Penal. Dispõe sobre a remição da pena pela leitura. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=622639 Acesso em 12/09/2017.

_____. Câmara dos deputados. P**rojeto de Lei Complementar PLC 3.216/2015. Altera o art. 126 da Lei n. 7.210, de 11 de julho de 1984 -** Lei de Execução Penal, para que o condenado possa remir parte de sua pena pela leitura de obras literárias. Disponível em: http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1401564.pdf. Acesso em 19/03/2018.

_____. Câmara dos deputados. **Projeto de Lei Complementar PLC 7.528/ 2017.** Altera o art. 126 da Lei n. 7.210, de 11 de julho de 1984 **-** Lei de Execução Penal, que Trata de remição da pena pela leitura de obra literária clássica, científica ou filosófica. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2132674 . Acesso em 19/07/2018.

_____. Câmara dos deputados. P**rojeto de Lei Complementar PLC 10.424/2018.** Altera o art. 126 da Lei n. 7.210, de 11 de julho de 1984 - Lei de Execução Penal, dá nova redação ao art. 126 da Lei nº 7.210/1984 para possibilitar a remição de pena pela leitura de livro ou obra literária científica, filosófica ou religiosa. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2179000. Acesso em 20/08/2018.

_____. Senado. **Projeto de Lei Complementar PLC 762/ 2015.** Altera o art. 126 da Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 – Lei de Execução Penal, para instituir a remição de pena pela leitura. Disponível em: https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/124321. Acesso em 19/07/2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: 2. A experiência vivida. Difusão Européia do livro. São Paulo, SP. Ed. 2. 2009.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CANÇADO, Dinorá Couto. **Leitura, cidadania e transformação.** Disponível em: www.secretariadegoverno.gov.br/..../monografias/.../Dinora%20Couto%20Cancado.pdf. Acesso em 18 /05/2019.

CARVALHO, Jonas. **A importância da biblioteca nos presídios**. 2009. Disponível em: http://professorjonathascarvalho.blogspot.com/2009/09/importancia-da-biblioteca-na-

prisao.html. Acesso em 25/06/2017.
_____, Cristina de; CARVALHO, Marcelo Dias de. **Projetos de mediação de leitura e bibliotecas em presídios femininos**. Rebecin, v. 4, n. 1, p.136-163, 2017. Disponível em: http://abecin.org.br/portalderevistas/index.php/rebecin. Acesso em 20/06/2019.

CERQUEIRA, Daniel; FERREIRA, Helder. et al. **Atlas da Violência 2018**. Brasília: IPEA, 2018.

CFP. **Falando sério sobre prisões, prevenção e segurança pública**: proposta do Conselho Federal de Psicologia 140 para o enfrentamento da crise do sistema prisional. Brasília: CFP. Nov. 2008. 44p. Relatório Técnico. Disponível em:https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/12/cartilha_falando_serio.pdf. Acesso em 20/06/2018.

CISNE, Mirla; CASTRO, Viviane Vaz; OLIVEIRA, Giulia Maria Jenelle Cavalcante de. Aborto inseguro: um retrato patriarcal e racializado da pobreza das mulheres. Revista Katálysis, [s.l.], v. 21, n. 3, p.452-470, dez. 2018. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/1982-02592018v21n3p452. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rk/v21n3/pt_1982-0259-rk-21-03-00452.pdf. Acesso em: 15/02/2020.

COLL, César. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo, SP: Ática, 2003., 2003. (Série Fundamentos: 132).

CNJ. E**stabelecimentos Prisionais.** Cadastro Nacional de inspeções nos Estabelecimentos Prisionais. Disponível em: http://www.cnj.jus.br/geo-cnjpresidios/?w=1366&h=768&pular=false. Acesso em 02/07/2014.

_____. **Levantamento dos Presos Provisórios do País e Plano de Ação dos Tribunais.** Disponível em: http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/84371-levantamento-dos-presos-provisorios-do-pais-e-plano-de-acao-dos-tribunais. Acesso em 15/03/2018.

_____, **Regras de Tóquio**: regras mínimas padrão das Nações Unidas para a elaboração de medidas não privativas de liberdade/ Conselho Nacional de Justiça; Coordenação: Luís Geraldo Sant'Ana Lanfredi - Brasília: CNJ, 2016. 24 p. – (Série Tratados Internacionais de Direitos Humanos)

COIMBRA, Marina Teles. **Tratados Internacionais relacionado ao Processo Penal Brasileiro**. In.: Jusbrasil, 2017. Disponível em: https://marininha11.jusbrasil.com.br/artigos/442048201/tratados-internacionais-relacionado-ao-processo-penal-brasileiro. Acesso em 21/05/2018.

CORAZZA. Contribuições de Deleuze e Guattari para as Pesquisas em Educação. Revista Digital do LAV, n. 8, ano V, mar. 2012. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/5298/3225 . Acesso em: 13/10/2018.

DELEUZE, Gilles. **A imanência: uma vida...** (Trad. Tomaz Tadeu.) In.: Dossiê Gilles Deleuze. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 27, n. 2, julho-dezembro 2002, p.10-18.

_____, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1 / Gilles v.l. Deleuze, Félix Guattari; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de janeiro: Ed. 34, 1995 94 p. (Coleção TRANS) Disponível em:

http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-guattari-mil-platos-vol1.pdf Acesso em 05/09/2019.

_____, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 2. Disponível em: http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-guattari-mil-platos-vol2.pdf. Acesso em 12/10/2019.

_____. **O ato de criação**. Palestra proferida em Paris em 1987, transcrita e publicada em Folha de São Paulo, 27 jun. 1999, Caderno Mais!, p. 4-5. Disponível em: https://lapea.furg.br/images/stories/Oficina_de_video/o%20ato%20de%20criao%20-%20gilles%20deleuze.pdf. Acesso em 25 /08/2019.

_____, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DEPEN. **Portaria Conjunta nº 276 de 20 de junho de 2012.** Disciplina o Projeto da Remição pela Leitura no Sistema Penitenciário Federal. Disponível em: https://www.conjur.com.br/dl/portaria-conjunta-jf-depen.pdf. Acesso em 22/10/2017.

_____. **Departamento Penitenciário Nacional.** Disponível em: http://www.aasp.org.br/aasp/imprensa/clipping/cli_noticia.asp?idnot=3608 Acesso em 11/11/2017.

DERRIDA, Jacques. **Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento**. Revista Cerrados, v. 21, n. 33, 3 set. 2012. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26148/22967. Acesso em 28/08/2019.

_____. Jacques. **penseur de l'événement** (entretien avec Jérôme-Alexandre Niesberg). L'Humanité, Paris, 28 janvier 2004. Disponível em: https://www.humanite.fr/node/299140 . Acesso em 19/10/2019.

DINIZ, Debora; MEDEIROS, Marcelo; MADEIRO, Alberto. **Pesquisa nacional de aborto 2016.** Revista Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 653-660, fev. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017000200653&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 28/08/2019.

DISTRITO FEDERAL. **Lei Estadual Nº 5.386/2014,** de 12 de agosto de 2014. Institui o Projeto "Remição pela Leitura" no âmbito dos Estabelecimentos Penais do Distrito Federal. http://www.tc.df.gov.br/sinj/TextoArquivoNorma.aspx?id_file=01f2c6d7-ed67-3a90-b1d2-3ea10d673bab Acesso em 18/05/2018.

DUBOIS, Phillippe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Tradução de Marina Appenzeller. 14 ed. Campinas- SP: Papirus, 2011.

DUTRA, Thaíse Concolato. **Criminalidade Feminina com Relação ao Tráfico de Drogas, Frente à Lei 11.343/06**. Disponível em: http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2012_2/thaise_dutra.pdf . Acesso em 20/11/2017.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia Helena. **O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica.** In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da.

(Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 92-108.

EXAME: **33 mulheres foram presas por aborto em 2014.** Brasil, 22 dez. 2014. Disponível em: https://exame.abril.com.br/brasil/33-mulheres-foram-presas-por-aborto-em-2014/. Acesso em 02 set. 2019.

FARIA, Lúcia. Rosa Ubatuba de. **A população carcerária feminina relacionada aos crimes econômicos lucrativos e não lucrativos.** 72 p. LUME. Repositório Digital. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/29468 . Acesso em 15/11/2017.

FERNANDES, Nohad Mouhanna. **Concepções de Linguagem e o ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa.** Interletras Dourados, Unigran, 2004. Em: http://www.interletras.com.br/ed_anteriores/n1/inter_estudos/concepcoes.html Acesso em 09/07/2018.

FERNANDES, Camila de Souza. **Literatura e Identidade:** a recepção do texto literário na penitenciária estadual de Maringá. Disponível em: http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/csfernandes.pdf. Acesso em 15/05/2019.

FIORI, Maria Ernani. **Aprender a dizer a sua palavra.** In: FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 20 reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. P. 09- 21.

FONSECA, Ana Cristina Menezes. **A leitura na prisão:** contributos para a educação em cidadania. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/108065/2/222962.pdf. Acesso em 17/05/2019.

FONSECA, Tânia Mara Galli. KIRST, Patrícia Gomes. et al. **Cartografia e devires:** a construção do presente. Porto alegre: UFRGS, 2003.

FONTES FILHO, Osvaldo. **Uma "possibilidade impossível de dizer":** o acontecimento em filosofia e em literatura, segundo Jacques Derrida. In. : Trans/Form/Ação vol.35 nº. 02. Marília May/Aug. 2012. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732012000200008. Acesso em 14/10/2019.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si.** In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160. Disponível em: http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/livros/a-escrita-de-si-michel-foucault Acesso em 18/09/2018.

_____, Michel. **O corpo utópico, As heterotopias:** com posfácio de Daniel Defert. São Paulo: N-1 Edições, 2013. 112 p. Tradução de Salma Tannus Muchail.

_____, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____, Michel. **A hermenêutica do sujeito:** curso dado no Collège de France (1981-1982). Direção de François Ewald, Alessandro Fontana; Edição de Frédéric Gros. 3. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2004.

FREINET, Célestin. **Para uma escola do povo:** guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular/Célestin Freinet: tradução Eduardo Brandão. - 2ª ed. - São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001. (Psicologia e pedagogia).

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. Paulo Freire. São Paulo: Cortez: Autores Associados; 1990.

_____, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2009.

_____, Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____, Paulo. **Pedagogia da indignação.** Cartas Pedagógicas e Outros Escritos. SP: UNESP, 2000.
_____, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. S**ão Paulo, SP: Olho d'Água, 1994.

GALLO, S. **Em torno de uma educação menor**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 27, nº. 02, p. 169-178, 2002

GOES, Emanuelle Freitas. Racismo, aborto e atenção à saúde: uma perspectiva interseccional. 2019. 100 f. Tese (Doutorado) - Curso de Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29007. Acesso em: 15/02/ 2020.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos.** Erving Goffman; [tradução Dante Moreira Leite]- 8. Ed. São Paulo: Perspectiva 2008.

GOMES, Diniz. Como Vivem os LGBT no Sistema Prisional. 2015. Disponível em: https://www.pedromigao.com.br/ourodetolo/2015/05/como-vivem-os-lgbt-no-sistema-prisional/. Acesso em: 26/09/2019.

GONÇALVES, Davidson Sepini. **Leitores escritores, eu vi!** Uma experiência de leitura e escrita em presídios no sul do estado de Minas Gerais. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181884/gon%C3%A7alves_ds_dr_rcla.pdf?sequence=3. Acesso em 19/05/2019.

GUATTARI, Félix. As creches e a iniciação. In: GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular:** Pulsações políticas do desejo. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. Cap. 1, p. 50-55. (Suely Belinha Rolnik).

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** Cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

GUSMÃO, Zilma da Silva; SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Histórias de mulheres detentas: um estudo sobre a construção da identidade leitora.** Revista do Instituto de Ciências Humanas, [S.l.], v. 9, n. 11, p. 30-43, maio 2015. ISSN 2359-0017. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/9504 Acesso em 19/05/2019.

HADDAD, Ana Estela; SCAFF, Mariana (Ed.). **Mães no sistema prisional**. Folha de São Paulo, São Paulo, v. 1, n. 1, p.1-7, 12 maio 2019. Diária. Disponível em: https://assets-

institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2019/05/folha-12052019_Maes-no-sistema-prisional-12_05_2019-Opiniao-Folha.pdf. Acesso em: 02/09/ 2019.

HAESBERT, Rogério; e Bruce Glauco, **A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari.** GEOgraphia, 2002. Disponível em: http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/74/72. Acesso em 19/06/2018.

IMBERNÓN**,** Francisco. **Formação continuada de professores /** Francisco Imbernón; tradução Juliana dos Santos Padilha.– Porto Alegre : Artmed, 2010. 120 p.

JOHN, Valquíria Michela, **Palavras da salvação:** as representações da leitura na prisão. Disponível em: http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87436. Acesso em 19/05/2019.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Disponível em: https://www.dicio.com.br/houaiss/. Acesso em 03/06/2018.

INFOPEN, **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen Mulheres,** Ministério da Justiça e da Segurança Pública Departamento Penitenciário Nacional, 2018.

INSTITUTO Paulo Montenegro; Fundação Prof.. Dr. Manoel Pedro Pimentel. **Educação que liberta:** indicador de alfabetismo funcional da população carcerária **paulista**. São Paulo: Funap/Secretaria de Administração Penitenciária, 2006.

KASTRUP, Virgínia. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo.** In Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 32-51.

_____, Virgínia; Passos, Eduardo, **Cartografar é traçar um plano comum.** Fractal, Rev. Psicol. [online]. 2013, vol.25, n.2, p. 263-280. ISSN 1984-0292. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922013000200004. Acesso em 13/10/2018.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo, SP: Ática, 1993.

LEHMANN, Vibeke; LOCKE, Joanne. **Orientações para serviços de biblioteca para reclusos.** 3ª. ed. Brasil: IFLA, 2015. 24 p. Disponível em: https://www.ifla.org/files/assets/hq/publications/professional-report/92-pt.pdf. Acesso em 21/06/2019.

LINS, Heloisa Andrea de Matos; VALELONGO, Paula Rafael Gonzalez; SOUZA, Ângela Maria Seren de, [et al]; **Minorias, direitos e educação:** caminhos propositivos em tempos difíceis. Campinas/SP: FE/UNICAMP, 2018. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=001050541&opt=1, Acesso em 22/05/2019.

MAGALHÃES NETO, Pedro Rodrigues. **Eventos de letramento em situação carcerária**. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11388. Acesso em 17/05/2019.

MARANHÃO (estado). **Lei Estadual Nº 10.606/2017**, de 30 de junho de 2017. Institui o Projeto "Remição pela Leitura" no âmbito dos Estabelecimentos Penais do Estado do

Maranhão. http://www.seap.ma.gov.br/files/2015/10/LEI-N%C2%BA-10.606-DE-30-DE-JUNHO-DE-2017.pdf Acesso em 22/03/2018.

MARTINS, Marcos. Francisco. **Formação do Educador Social e proposição de um perfil de intelectual orgânico.** In GARRIDO, Noêmia de Carvalho et al. Desafios e perspectivas da educação social**:** um mosaico em construção. São Paulo: Expressão e Arte, 2010. 215 p. (Coleção pedagogia social).

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos; 74).

MIRABETE, Júlio Fabbrine; FABBRINE, Renato N. **Manual de Direito Penal.** Parte Geral. Arts. 1º a 120 do CP. 24ª Edição. Revista e Atualizada. Editora Atlas. São Paulo - 2007.

OLIVEIRA**,** Daniela Carla de. **O leitor e a leitura do texto literário na penitenciária estadual de Maringá,** Paraná 116f. Disponível em: http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/dcoliveira.pdf Acesso em 15/05/2019.

_____, Elisande de Lourdes Quintino de; JESUS, Ludmile Guimarães de (Comp.). **# Dinâmic@r_SERES:** Os poemas não tem algemas. Campinas: [s.n.], 2017. 80 p.

_____, Ivan Luiz de. **A liberdade vigiada:** estudo sobre os modos de recepção da obra O Alquimista, de Paulo Coelho, pelos detentos da Penitenciária Estadual de Maringá. 2007. 103 f. Disponível em: http://nou-rau.uem.br/nou-rau/document/?view=vtls000165337 Acesso em 16/05/2019.

_____, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Mapas, danças, desenhos:** a cartografia como método de pesquisa em educação. Pro-Posições [online]. 2012, vol.23, n.3, pp.159-178. http://www.scielo.br/pdf/pp/v23n3/10.pdf Acesso em 15/12/17.

ONU. **Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher,** de 1979. Resolução 34/180 da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 18.12.1979 - ratificada pelo Brasil em 01.02.1984. Disponível em: 17/10/2017.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano et al (Org.). **Educação escolar entre as grades.** São Carlos: Edufscar, 2007. 160 p.

OZ, Amós. **Como curar um fanático:** Israel e Palestina: Entre o certo e o certo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PALMEIRA, Maria Rita Sigaud Soares. **Cada história, uma sentença:** narrativas contemporâneas do cárcere brasileiro. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-06092011-142127/pt-br.php Acesso em 17/05/2019.

PARANÁ (estado). **Lei Estadual Nº 17.329/2012, de 08 de outubro de 2012.** Institui o Projeto "Remição pela Leitura" no âmbito dos Estabelecimentos Penais do Estado do Paraná. Disponível em: http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=77830. Acesso em: 22/03/2018.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). PISTAS DO MÉTODO DA CARTOGRAFIA: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. 208 p.

_____, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de Barros. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção.** In Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 17-31.

PETIT, Michèle. **A arte de ler:** ou como resistir à adversidade. São Paulo, SP: Editora 34, 2010.

PIMENTEL, Graça. **Biblioteca escolar**. / Graça Pimentel, Liliane Bernardes, Marcelo Santana. – Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf. Acesso em 26/08/2019.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais.** Barbarói, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-49, jun. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21/08/2018.

PROENÇA, Débora Maria. **Remição pela leitura:** o letramento literário ressignificando a educação na prisão. Programa de Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2015. 182f. Disponível em: http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1639/1/LD_PPGEN_M_Proen%C3%A7a%2C%20Debora%20Maria_2015.pdf Acesso em 19/05/2019.

PROUST, Marcel. In: **O Tempo Redescoberto.** Trad. Lúcia Miguel Pereira. 15ª edição. São Paulo: Globo Livros, 1995, p. 184.

QUINTANA. Mário, **Poemas de Mário Quintana**. Disponível em: https://www.escritas.org/pt/mario-quintana. Acesso em 16/07/2018.

_____, Mário. **Poesia completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006. 1019 f. (Brasileira). Organização, preparação do texto, prefácio e notas: Tânia Franco Carvalhal. Disponível em: http://www2.fw.iffarroupilha.edu.br/biblioteca/wp-content/uploads/2017/08/POESIA_COMPLETA_MARIO_QUINTANA.pdf. Acesso em 07 out. 2019.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se:** feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais),

RIBEIRO, Elisa Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência:** olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148.

RIBEIRO, M. L. P. da C. **Uma teia de relações:** o livro, a leitura e a prisão: um estudo sobre a remição de pena pela leitura em penitenciárias federais brasileiras. 2017. 240 f., il. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: http://repositorio.unb.br/handle/10482/25177. Acesso em 17/05/2019.

_____, Maria L. P. da C. **O mundo como prisão e a prisão no mundo:** Graciliano Ramos e a formação do leitor em presídios do Distrito Federal. 2012. 160 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura)-Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: http://repositorio.unb.br/handle/10482/11563 Acesso em 18/05/2019.

RIO GRANDE DO NORTE (estado). **Lei Estadual Nº 10.182/2017,** de 21 de fevereiro de 2017. Institui o Projeto "Remição pela Leitura" no âmbito dos Estabelecimentos Penais do Estado do Rio Grande do Norte. Disponível em: http://www.al.rn.gov.br/portal/_ups/legislacao/2017/03/16/e942aeacd1d61cd1868897ff9de2a2e1.pdf. Acesso em: 22/07/2018.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **A cartografia e a relação pesquisa e vida**. Psicol. Soc. [online]. 2009, vol.21, n.2, pp.166-173. ISSN 0102-7182. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822009000200003. Acesso em: 31/08/2018.

RUSCHE, Robson Jesus. **Educação de adultos presos:** uma proposta metodológica – Fundação Prof. Manoel Pedro Pimentel – FUNAP. São Paulo, 1995. p.104.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe.** São Paulo: Ciranda Cultural, 2017. 96 p.

SALIM, Bruna. **O sistema prisional brasileiro e os efeitos do aprisionamento. Os efeitos do aprisionamento.** in.: Jusbrasil, 2016. Disponível em: https://brunasalim.jusbrasil.com.br/artigos/388022445/o-sistema-prisional-brasileiro-e-os-efeitos-do-aprisionamento?ref=topic_feed Acesso: 22/06/2018.

SCARIOT, Luciana Ferreira da Silva Moraes. **Práticas de leitura, escrita e letramento na penitenciária feminina em Cuiabá-MT:** a visão da professora e suas alunas. Disponível em: http://ri.ufmt.br/bitstream/1/920/1/DISS_2013_%20Luciana%20Ferreira%20da%20Silva%20Moraes%20Scariot.pdf. Acesso em: 17/05/2019.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.). **Leitura de si, o professor enquanto pessoa.** Campinas, SP: Leitura crítica, 2014. (Hilário Fracalanza).

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Concepções de leitura e suas consequências no ensino 1999**. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10708/10213 Acesso em 27/07/2018.

SÃO PAULO. **Administração penitenciária. SAP** - São Paulo, disponível em: http://www.saopaulo.sp.gov.br/acoes-governo/administracao-penitenciaria/ Acesso em: 20/07/2018.

_____. **Decreto nº 57.238, de 17 de agosto de 2011.** Institui o Programa de Educação nas Prisões – PEP**.** Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=161869. Acesso em 15/10/2017.

_____. (estado). **Lei Estadual Nº 16.648/2018, de 11 de janeiro de 2018.** Institui o Projeto "Remição pela Leitura" no âmbito dos Estabelecimentos das comarcas do Estado de São Paulo. disponível em http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=20180112&Caderno=DOE-I&NumeroPagina=3. Acesso em 18/05/ 2018.

_____. **Lei n. 1.238, de 22 de dezembro de 1976.** Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1976/lei-1238-22.12.1976.html. Acesso em: 15/09/2017.

_____. **Secretaria de Estado da Educação de São Paulo/Secretaria de Estado de Administração Penitenciária.** Plano Estadual de Educação no Sistema Prisional do Estado de São Paulo. São Paulo, SP, 2015-2016. Disponível em: http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/983.pdf. Acesso em: 23/05/2017.

SCHNEIDER, Marie. **As características de um criminoso segundo Cesare Lombroso**. Disponível em https://construindovictoria.wordpress.com/2013/03/04/as-caracteristicas-de-um-criminoso-segundo-cesare-lombroso/. Acesso em 28/10/2017.

SAP, **Unidades prisionais do estado de São Paulo.** Disponível em: http://www.sap.sp.gov.br/uni-prisionais/novas-uni.html. Acesso em 05/08/2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por uma concepção multicultural de direitos humanos.** Centro de Estudos Sociais. Revista Crítica de Ciências Sociais. 48 (1997) 11-32. Disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/10806/1/Por%20uma%20concep%C3%A7%C3%A3o%20multicultural%20de%20direitos%20humanos.pdf. Acesso em: 14/03/2018.

_____, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar:** os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____, Boaventura de Sousa. **Se Deus fosse ativista dos direitos humanos.** Boaventura de Souza Santos- 2.ed – São Paulo. Cortez, 2014.

SARLET, Ingo Wolfgang. **Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais**. 2. ed. rev. e amp. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Prefácio. In: FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1990.

SILVA NETO, Antonio Artequilino da. **As práticas e representações de leitura dos detentos alfabetizadores e alfabetizados do Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia.** 2009. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2076. Acesso em: 18/05/19.

SILVA, Rafael Pitwak Machado. **O Projeto Remição pela leitura no Sistema Penitenciário Federal** - o caso da Penitenciária Federal de Porto Velho (RO). 2014. 71 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2014.Disponível em: https://tede.ufrrj.br/jspui/handle/jspui/1843. Acesso em: 17/05/2019.

SOARES JÚNIOR, Antônio Coelho, **As regras de Tóquio e as medidas não privativas de liberdade no Brasil e na Itália.** 2013, disponível em: http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/regras-de-t%C3%B3quio-e-medidas-n%C3%A3o-privativas-de-liberdade-no-brasil-e-na-it%C3%A1lia. Acesso em 12/03/2018.

SOUZA, Adilson Fernandes de; BRITTO, Luiz Percival Leme; FORTUNATO, Marisa **Tecendo a liberdade:** projeto político pedagógico da FUNAP. FUNAP: São Paulo, 2005.

SPIGOLON, Nima Imaculada. **As noites da ditadura e os dias de utopia...:** O exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979. 2014. 506 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

TEDESCO, Silva Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. **A entrevista na pesquisa cartográfica:** a experiência do dizer. Fractal: Revista de Psicologia, 25 – n.2, 299-322. 2013. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200006. Acesso em 23/11/2018.

TEODÓSIO, Ana Célia da Guia; MARTINS, Estefânia Maria Almeida. **Um estudo de caso da leitura na alfabetização de internos na Cadeia Pública de Caucaia-CE.** Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/29251. Acesso em 17/05/2019.

THOMPSON, Augusto. **A Questão Penitenciária.** Rio de Janeiro: Forense, 2002.

VALARINI, Sharlene Davantel. **Diários de bordo: uma viagem pela leitura de textos com o tema infância na penitenciária estadual de Maringá.** Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado). 2009. 222 f. Disponível em: http://nou-rau.uem.br/nou-rau/document/?code=vtls000180238. Acesso em 18/05/2019.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Olhares.** In COSTA, Marisa Vorraber Costa (Org.), Caminhos investigativos: novos olhares em pesquisa em educação (pp. 23-38). Rio de Janeiro: DP&A. 2002.

VIAPIANA, Tábata. TJ-SP anula lei estadual que previa remição da pena por meio de leitura. 2020. Disponível em: https://www.conjur.com.br/2020-fev-11/tj-sp-anula-lei-estadual-previa-remicao-pena-leitura. Acesso em: 15/02/2020.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Sete Lições Sobre Educação de Adultos**. 10ª ed. São Paulo: Cortez 1997.

XAVIER, Francisco Cândido; LUIZ, André. **Sinal Verde.** São Paulo: Petit, 2004. 62 p. Disponível em: http://www.felluz.org.br/downloads/Chico_Xavier_-_Sinal_Verde.pdf. Acesso em: 30/10/2019.

ZEVALLOS, Verónica Pilar Gomezjurado. **Derrida e a educação:** o acontecimento do impossível. 2010. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Centro de Filosofia e EducaÇÃo, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/548/Dissertacao%20Veronica%20P%20G%20Zevallos.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 18/2019.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola.** Via Atlântica, n. 14, dez. 2008. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/download/50376/54486/. Acesso em 09/06/2017.

10. ANEXOS

Anexo (01):

FUNAP	**Programa de incentivo a leitura ”Lendo a Liberdade”** **Projeto a Leitura Liberta**	SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO

FICHA DE AVALIAÇÃO FÍLMICA

Nome completo:		**Idade:**
Estabelecimento Penal:		**Data nascimento**
Matrícula:	**RG:**	**CPF:**

1- QUAIS FILMES QUE ASSISTIU NO MÊS?

	TÍTULO DO FILME	NOME DO DIRETOR
1		
2		

2- FAÇA UM RESUMO DO FILME QUE MAIS LHE CHAMOU A ATENÇÃO

3- FAÇA UMA REFLEXÃO SOBRE O FILME ESCOLHIDO

4- DÊ UM FINAL DIFERENTE PARA O FILME

Assinatura

Responsável Unidade Prisional
Nome e Assinatura

Anexo (02):

COMO LER UM LIVRO?

A orientação abaixo tem como objetivo, aumentar o seu aproveitamento na leitura de um livro.

O psiquiatra americano **William Glasser** (1925-2013) aplicou sua ***teoria da escolha*** na educação. De acordo com esta teoria, **ele** explica que **não se deve trabalhar somente com a memorização**, porque a maioria das pessoas simplesmente esquece os conceitos após um tempo. Sugere **que os alunos aprendem *fazendo***.



Para realizar uma leitura qualitativa, podemos seguir alguns passos:

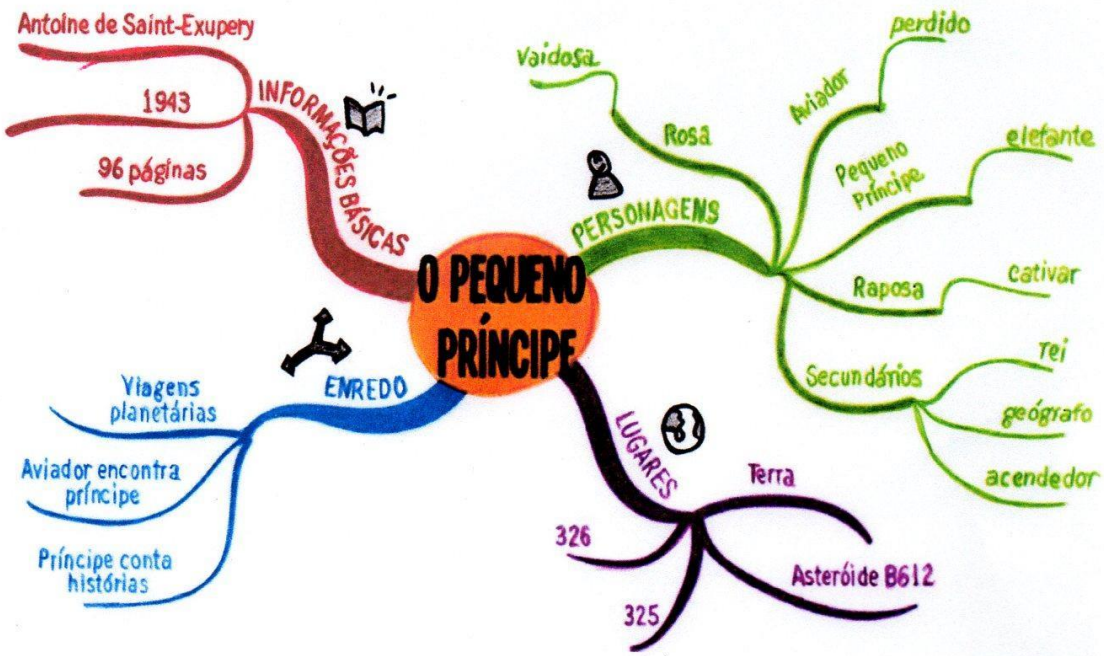
1. Comece lendo o que gosta.
2. Leia a contracapa, as orelhas do livro, prefácio, introdução, prólogo, notas do autor, etc., antes de iniciar a leitura da narrativa.
3. Pesquise sobre o autor.
4. Leia: examine o título, a contra capa, as orelhas, o sumário, foleie o livro, e isso dará uma base do que vai encontrar nele.
5. Faça perguntas para o livro.
6. Identifique o propósito do livro.
7. Identifique o gênero.
8. Faça comparações com outros livros lidos sobre o mesmo assunto.
9. Leia com interesse e atenção.
10. Ler devagar, para entender, e depois vai aumentando o ritmo.
11. Planeje um tempo durante o dia para realizar a sua leitura.
12. Tenha sempre um lápis e papel à mão, para fazer anotações.
13. Pesquise as palavras que não conhece.
14. Leia preferencialmente, sentado.
15. Converse com alguém sobre a leitura.
16. Faça comparações com o seu cotidiano.
17. Paradas estratégicas para reflexão (pensar sobre o livro).
18. Conte uma história, sobre o assunto que leu.
19. Tenha sempre um livro à mão, para aproveitar o tempo ocioso.
20. Faça um resumo do livro.
21. Faça um mapa mental.

pg. 01

Elaborado por Elisande de Lourdes Quintino de Oliveira – Monitora Orientadora - Funap

Mapa mental é um diagrama que permite a organização de ideias de forma simples e coerente, representando-as visualmente e auxiliando a memorização.

Veja agora um exemplo de mapa mental, para guardar as informações sobre um livro:



Imagens Google

Agora é a sua vez:



Referências:

Adler, Mortimer Jerome. São Paulo, SP : É Realizações, 2010. 430 p. - Language: Portuguese, Base de dados: Catálogo SBU/Unicamp
Mapas mentaishttps://aprendeai.com/como-resumir-livros-com-mapas-mentais
Piràmide de William Glasser http://www.ceesd.org.br/piramide-de-aprendizagem-de-william-glasser/

Elaborado por Elisande de Lourdes Quintino de Oliveira
Monitora Orientadora
Funap

Anexo (03):

Roteiro para escrita de resenha

Caro (a) Aluno (a)

Quem nunca ficou em dúvida, ao se deparar com diversos livros para ler, qual livro escolher. Qual seria a melhor leitura para atender às suas expectativas?

Todos nós já fizemos escolhas, baseados em opiniões de amigos, colegas, imprensa, professores e até mesmo de críticos especializados.

Emitir o seu ponto de vista sobre a leitura realizada de um livro, avaliando a qualidade, argumentando a favor ou contra, sustentando a sua opinião de forma competente e clara, pode auxiliar outros leitores nas suas escolhas.

Objetivo

Ampliar a sua capacidade de escrever e argumentar por escrito um livro, por meio de uma resenha.

Objetivos específicos

- Escrever uma resenha crítica;
- Compreender a resenha crítica como gênero textual, que apresenta informações, impressões, comentários e juízo de valor;

Afinal, o que é resenha?

É um gênero textual argumentativo. Um texto breve, que expressa a opinião do resenhista. É organizado e de fácil leitura. Apresenta um determinado fato cultural, no nosso caso, um livro. Deve conter no máximo 90 linhas. (sugestão)

A escrita de uma resenha pode influenciar uma pessoa, a ler ou não o livro, desde que você consiga transmitir a sua opinião, adequadamente. Deve conter detalhes do livro e ponto de vista de quem está escrevendo.

O Objetivo da resenha, no projeto de leitura, na unidade prisional, é de apresentar o livro lido, pelo privado (a) de liberdade, ao juiz que irá avaliar, se houve a leitura do livro e consequentemente emitir a remição de pena.

Quem irá ler a sua resenha, espera uma crítica construtiva, positiva ou negativa. Com opinião clara direta e sucinta, os motivos para ler ou não o livro. No caso específico, para mostrar a esse leitor (comissão, promotor ou juiz), que realizou a leitura do livro.

Para se escrever uma boa resenha, deve-se aprimorar a capacidade de ler, entender e fazer relações entre todos os elementos da narrativa.

Elementos que compõem uma resenha

É importante informar que a ordem apresentada abaixo, pode ser alterada, desde que, fique de fácil entendimento, seja coesa e interessante.

1) Identificação do autor da resenha

me completo, matrícula, execução, escolaridade;

2) Identificação do livro

ulo completo do livro, nome completo do autor, editora lugar e data de publicação, ano, número de páginas.

3) Apresentação do livro

reva em poucas linhas, **todo** o conteúdo do livro a ser resenhado. (assunto/tema do livro)

4) Descrição da estrutura do livro

nero (romance, poesia, conto, crônica, ficção, comédia, etc.), foco narrativo ☮1ª ou 3ª pessoa.

divisão de Capítulos? Seções? Imagens, curiosidades. É uma adaptação?

5) Descrição do conteúdo (resumo)

uma o livro (sugestão: de 3 a 5 parágrafos)

te contar o final.

6) Análise crítica (opinião)

istória no livro foi bem desenvolvida?

linguagem utilizada pelo autor foi clara? Teve alguma dificuldade na leitura? Os personagens foram bem construídos?

capa do livro? O que te chama atenção? Tem ligação com a história?

l foi a mensagem passada pela história? Você daria outro final?

a comentários positivos e/ou negativos, sempre justificando.

e diferença fez essa leitura a sua vida?

7) Recomendação/indicação do livro

a quem você recomendaria a leitura do livro? Justifique.

8) Identificação do autor do livro

reva brevemente sobre a vida do autor.

9) Assinatura

Assine a sua resenha.

De acordo com a portaria 276, de 2012, da Justiça Federal (JF) e do Departamento Penitenciário (Depen), a resenha deve seguir as seguintes determinações:

[...] V - O preso participante do Projeto receberá orientações para tal, preferencialmente, através de Oficinas de Leitura, sendo cientificado da necessidade de alcançar os objetivos propostos para que haja a concessão da remição de pena, a saber:

*a) **ESTÉTICA:** Respeitar parágrafo; não rasurar; respeitar margem; letra cursiva e legível;*

*b) **LIMITAÇÃO AO TEMA:** Limitar-se a resenhar somente o conteúdo do livro, isto é, não citar assuntos alheios ao objetivo proposto;*

*c) **FIDEDIGNIDADE:** proibição de resenhas que sejam consideradas como plágio. [...]*

(TJ/Depen, 2012, p. 3-4)

Atenção!

A resenha deve ser escrita sem erros de português Preste atenção na acentuação, na concordância, na pontuação e ortografia. Caso tenha dúvida pesquise! A resenha deve ser bem escrita, dessa forma, irá transmitir com clareza as suas ideias e deixar os leitores com vontade, ou não, de ler o livro.

Quanto mais resenhas você escrever, melhor ficará.

Bom Trabalho!

Referências:

https://brasilescola.uol.com.br/literatura/generos-literarios.htm

Portaria conjunta JF/DEPEN N.º 276, de 20 de junho de 2012. Disciplina o Projeto da Remição pela Leitura no Sistema Penitenciário Federal. https://www.conjur.com.br/dl/portaria-conjunta-jf-depen.pdf

Resenha https://www.dicionarioinformal.com.br/resenha/

Elisande L.Q de Oliveira

Anexo (04):

REGIONAIS - FUNAP	CORES
CAMPINAS E SOROCABA	
ARAÇATUBA	
BAURU E RIBEIRÃO	
GRANDE SP CAPITAL E VALE	
PRESIDENTE PRUDENTE	

	Penitenciária	Parceiros para Correção de Resenhas	Mediador das oficinas	Acervo Utilizado	Atendidos Janeiro	Atendidos Fevereiro	Atendidos Março	Atendidos Abril	Atendidos Maio	Atendidos Junho	Atendidos Julho	Remição	Parceria FUNAP	Total de Resenhas de Janeiro á Junho
1	CDP CAPELA DO ALTO	UNIESP	AGENTE PENITª	FUNAP	0	54	59	56	28	29	57	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	283
2	CPP PORTO FELIZ	UNIESP	AGENTE PENITª	FUNAP	20	0	26	26	49	43	48	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	212
3	Penitenciaria de GUARE I	UNIESP	PROFESSORA ESCOLA VINCULADORA	FUNAP	23	0	0	23	0	21	23	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	90
4	Penitenciária de MARINQUE	UNIESP	MONITORA GISELE BASTIDA	FUNAP	16	23	20	19	19	18	20	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	132
5	Penitenciária de CAPELA DO ALTO	MULHERES DO BRASIL	MONITORA GISELE BASTIDA	MULHERES DO BRASIL	19	19	19	19	19	19	19	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	133
6	Pentenciaria de VOTORANTIM	MULHERES DO BRASIL	SUPERVISORA CELIA VERNA	MULHERES DO BRASIL	19	19	19	19	19	19	19	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	133
7	Penitenciária de TAQUARITUBA	IPSP AVARÉ	COORDENADORA DE PROJETOS KARINA ALZIRA LEITE	FUNAP	37	17	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	54
8	Penitenciária de IPERO	COMPANHIA DAS LETRAS	SUPERVISOR REGIONAL APARECIDO LOPES DA SILVA	COMPANHIA DAS LETRAS	20	20	20	20	20	20	20	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	140
9	CR de Avaré	ESCOLA VINCULADORA	Monitor da Sala de Leitura	UNIDADE	123	127	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	250
10	Penitenciaria de Sorocaba II	ESCOLA VINCULADORA	PROFESSORA ESCOLA VINCULADORA	UNIDADE	0	0	0	0	0	0	0	SEM RETORNO	SIM ( ) NÃO (X)	0
11	Penitenciária de GUARE I	ESCOLA VINCULADORA	PROFESSORA ESCOLA VINCULADORA	FUNAP	0	0	21	23	0	0	10	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	54
12	Penit4 de Itai	IPSP AVARÉ	COORDENADORA DE PROJETOS KARINA ALZIRA LEITE	FUNAP	20	17	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	37
13	Penit4 de Itapetininga II	MULHERES DO BRASIL	SUPERVISOR REGIONAL APARECIDO LOPES DA SILVA	MULHERES DO BRASIL	19	19	19	18	33	19	19	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	146
14	Penit4 de Avaré II	MULHERES DO BRASIL	Monitora Maria Aparecida	MULHERES DO BRASIL	19	19	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	38
15	Penit4 de Cerqueira Cesar	MULHERES DO BRASIL	Monitora Emy Rowe	MULHERES DO BRASIL	19	19	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	38
16	CDP de Cerqueira Cesar	IPSP AVARÉ	COORDENADORA DE PROJETOS KARINA ALZIRA LEITE	FUNAP	10	0	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	10
17	Penitenciaria de Sorocaba I	UNIESP	Estagiarios da Reintegração Social	FUNAP	0	26	36	36	39	20	15	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	172
18	CDP de Itatinga	IPSP AVARÉ	COORDENADORA DE PROJETOS KARINA ALZIRA LEITE	FUNAP	26	12	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	58
19	Penit4 de Iaras				0		Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru			0
20	Penit4 de Avare I				0		Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru	Passou a ser atendida pela Regional Bauru			0
21	P I de Itapetininga				0			20	20	18	20			78
22	CR de Itapetininga				0			0	0	20	18			38
23	CDP de Sorocaba				0			0	0	0	0			0
24	CPP HORTOLÂNDIA	ELISANDE/UNIDADE PRISIONAL	ELISANDE	UNIDADE PRISIONAL	0	50	50	50	50	50	50	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	300
25	PENITENCÁRIA FEMININA DE CAMPINAS	ELISANDE/UNIDADE PRISIONAL	ELISANDE	UNIDADE PRISIONAL	0	0	50	17	10	12	9	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	99
26	PENITENCIÁRIA III DE HORTOLÂNDIA	FACULDADE ANHANGUERA DE CAMPINAS	ELISANDE/SUELY	FUNAP	0	7	8	10	10	10	10	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	55
27	CPP CAMPINAS PROFª ATAUBA NOGUEIRA	CIA DAS LETRAS	COORDENADORA DE PROJETOS LARISSA	CIA DAS LETRAS	20	20	0	35	28	26	0	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	129
28	PENITENCIÁRIA II DE HORTOLÂNDIA	CIA DAS LETRAS	COORDENADORA DE PROJETOS - LARISSA	CIA DAS LETRAS	20	20	16	30	0	62	49	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	197
29	CR ATIBAIA	FACULDADE ANHANGUERA DE CAMPINAS	MONITOR DA SALA DE LEITURA	FUNAP	17	20	0	0	0	0	20	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	57
30	CR DE BRAGANÇA PAULISTA	FACULDADE ANHANGUERA DE CAMPINAS	MONITOR DA SALA DE LEITURA	FUNAP	26	30	27	30	29	26	28	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	196
31	PENITENCIÁRIA MASCULINA DE PIRACICABA	FACULDADE ANHANGUERA DE CAMPINAS	MONITOR DA SALA DE LEITURA	FUNAP	0	0	0	0	0	0	0	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	0
32	PENITENCIÁRIA FEMININA DE MOGI GUAÇU	FACULDADE ANHANGUERA DE CAMPINAS	MONITOR DA SALA DE LEITURA	FUNAP	0	0	17	14	14	19	17	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	81
33	CR FEMININO DE RIO CLARO	FACULDADE ANHANGUERA DE CAMPINAS	FACULDADE ANHANGUERA DE CAMPINAS	FUNAP	20	20	20	19	20	20	20	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	139
34	CDP DE PIRACICABA	FACULDADE ANHANGUERA DE CAMPINAS	FACULDADE ANHANGUERA DE CAMPINAS	FUNAP	0	8	0	6	0	13	10	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	37
35	CR MASCULINO DE SUMARÉ	FACULDADE ANHANGUERA DE CAMPINAS	FACULDADE ANHANGUERA DE CAMPINAS	FUNAP	28	26	22	21	23	20	12	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	153
36	CR MASCULINO DE LIMEIRA	ESCOLA VINCULADORA	PROFESSORES DA ESCOLA VINCULADORA	UNIDADE PRISIONAL	0	38	39	38	35	35	34	SEM RETORNO	SIM ( ) NÃO (X)	219
37	CDP DE AMERICANA	VOLUNTÁRIOS	VOLUNTÁRIOS	UNIDADE PRISIONAL	0	0	0	0	0	0	0	SEM RETORNO	SIM ( ) NÃO (X)	0
38	CDP de Americana				0	0	0	0	0	0	0			0
39	CDP de Campinas				0	0	0	0	0	0	0			0
40	CDP de Hortolandia				0	0	0	0	0	0	0			0
41	CDP de Jundiai				0	0	0	0	0	0	0			0
42	CDP de Limeira				0	0	0	0	0	0	0			0
43	CR de Mogi Mirim				0	0	0	0	0	0	0			0
44	CR Feminino de Pirassuba				0	0	0	0	0	0	0			0
45	CR de Rio Claro				0	0	0	0	0	0	0			0
1	Penitenciária de Mirandópolis I	Companhia das Letras	Monitor Walton Cardoso	COMPANHIA DAS LETRAS	20	20	20	20	20	20	20	Com retorno	SIM (X) NÃO ( )	140
2	Penitenciária de Mirandópolis II	Companhia das Letras	Monitor Walton Cardoso	COMPANHIA DAS LETRAS	20	20	20	20	20	20	20	Com retorno	SIM (X) NÃO ( )	140
3	Penit4 de Lavinia II	Grupo Mulheres do Brasil	Monitor Valdemiro de Oliveira	Grupo Mulheres do Brasil	0	20	20	20	20	20	20	sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	120
4	Penit4 de Lavinia III	Grupo Mulheres do Brasil	Monitor Valdemiro de Oliveira	Grupo Mulheres do Brasil	0	20	20	20	20	20	20	sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	120
5	Penit4 de Andradina				0	0	0	0	0	0				0
6	Centro de Ressocialização de Araçatuba				0	0	0	12	10	10	10			42
7	Centro de Ressocialização de Birigui				0	0	0	0	0	0	0			0
8	C.D.P de Iaras				0	0	0	0	0	0	0			0
9	Penit1 de Lavinia I				0	0	0	0	0	0	0			0
10	CDP de Nova Independencia				0	0	0	0	0	0	0			0
11	CDP de Rubiacia				0	0	0	0	0	0	0			0
12	Penit1 de Rubiacia				0	0	0	0	0	0	0			0
13	CDP de São José do Rio Preto				0	0	0	0	0	0	0			0
14	CPF de São José do Rio Preto				0	0	0	0	0	0	0			0
15	CPP de Valparaiso				0	0	0	0	0	0	10			10
16	Penit1 de Valparaiso				0	0	0	0	0	0	0			0
17	CR de São José do Rio Preto				0	0	0	0	0	0	0			0
1	Penit. II "Dilmar Mostaro de Souza" de Dracena	Companhia das Letras	Michele Teco de Carvalho	Companhia das Letras	20	20	20	20	20	20	0	Sem retorno	SIM (x) NÃO ( )	140
2	CR de Jau	Mulheres do Brasil	Monitor Waldir Ferraz de Camargo	Mulheres do Brasil	19	19	19	19	19	19	19	Sem retorno	SIM (x) NÃO ( )	133
3	Penit1 II de Pacaul	Mulheres do Brasil	Waldir Ferraz de Camargo	Mulheres do Brasil	19	19	19	19	19	19	19	Sem retorno	SIM (x) NÃO ( )	133
4	Penit1 de Alvaro de Carvalho	LF. Avaré	Monitora Emy Rowe	LF. Avare	0	0	0	30 baixo	0	0	0		SIM (x) NÃO ( )	30
5	Penit1 de Arandiuvinha	LF. Avaré	Cristina Souza Galvão	LF. Avare	0	0	0	34 baixo	0	20	20		SIM (x) NÃO ( )	40
6	Penit1 de Balbinos I				0	0	0	0	0	0	0			0
7	CDP de Bauru				0	0	0	0	0	0	0			0
8	CPP de Bauru I				0	0	0	0	0	0	0			0
9	CPP de Bauru II				0	0	0	0	0	0	0			0
10	CPP de Bauru III				0	0	0	0	0	20	20			40
11	Penit1 de Getulina				0	0	0	0	0	0	0			0
12	CR de Lins				0	0	0	0	0	0	0			0
13	CR de Marilia				0	0	0	0	0	0	0			0
14	Penit1 de Marilia				0	0	0	0	0	0	0			0
15	CR de Ourinhos				0	0	0	0	0	0	0			0
16	Penit1 de Pirajui I				0	0	0	0	30	30	30			90
17	Penit1 de Tupinambá I				0	0	0	0	0	0	0			0
18	Penit1 de Tupinambá II				0	0	0	0	0	0	0			0
19	Penit1 de Bernardino de Campos				0	0	0	0	0	0	0			0
20	Penit1 Feminina de Pirajui				0	0	0	0	0	0	0			0
21	Penitenciária de TAQUARITUBA	IPSP AVARÉ	COORDENADORA DE PROJETOS KARINA ALZIRA LEITE	FUNAP	37	17	0	0	0	0	0			54
22	CR de Avaré	ESCOLA VINCULADORA	Monitor da Sala de Leitura	UNIDADE	123	127	0	127	34	34	34			479
23	Penit4 de Itai	IPSP AVARÉ	COORDENADORA DE PROJETOS KARINA ALZIRA LEITE	FUNAP	20	17	0	19	0	20	20			96
24	Penit4 de Jussara II	MULHERES DO BRASIL	Monitora Maria Aparecida	MULHERES DO BRASIL	19	19	38	35	19	19	19			152
25	Penit4 de Cerqueira Cesar	MULHERES DO BRASIL	Monitora Emy Rowe	MULHERES DO BRASIL	19	19	20	0	20	19	20			136
26	CDP de Cerqueira Cesar	IPSP AVARÉ	COORDENADORA DE PROJETOS KARINA ALZIRA LEITE	FUNAP	10	0	0	0	20	20	0			50
27	CDP de Itatinga	IPSP AVARÉ	COORDENADORA DE PROJETOS KARINA ALZIRA LEITE	FUNAP	26	12	0	0	0	0	0			38
28	Penit1 de Jussara I				0	0	0	0	0	0	0			0
29	Penit1 de Iaras				0	0	0	0	0	0	0			0
30	Penitenciaria Fem. RP	Leis Mulheres	Monitor Preso	FUNAP/Palavra Mágica	0	0	0	0	0	0	0	Sem retorno	SIM (X	-

31	Penitenciária Masc. RP	Não	Monitor Preso	FUNAP/Palavra Mágica	0	0	15	15	15	15	15	Sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	75
32	CDP. RP	Não	Monitor Preso	FUNAP/Palavra Mágica	0	0	0	0	0	0	0	Sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	0
33	Penitenciária Fem. Guariba	Instituto Federal de Sertãozinho	Cordenador Projeto Quitanda	FUNAP/Palavra Mágica	40	29	30	25	28	28	28	Sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	208
34	Penitenciária Ribeirão 1	Fechando com a Unesp de Araraquara	Monitor Preso	FUNAP/Palavra Mágica	0	0	0	0	0	0	0	Sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	0
35	Penitenciária Ribeirão 2	Fechando com a Unesp de Araraquara	Monitor Preso	FUNAP/Palavra Mágica	0	0	0	0	0	0	0	Sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	0
36	Penitenciária de Araraquara	Fechando com a Unesp de Araraquara	Monitor Gilson Dorcélio	FUNAP/Melhores do Brasil	19	20	20	20	20	17	20	Sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	136
37	CR. Pres Araraquara	Fechando com a Unesp de Araraquara	Monitor Preso	FUNAP/Palavra Mágica	0	0	0	0	0	0	0	Sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	0
38	CR.Mas. Araraquara	Fechando com a Unesp de Araraquara	Monitor Preso	FUNAP/Palavra Mágica	0	0	0	0	0	0	0	Sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	0
39	Penitenciária 1 Serra Azul	Parceria com a Companhia das Letras	Monitor Gilson Dorcélio	CIA das Letras	20	20	35	35	35	35	35	Sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	250
40	Penitenciária 2 Serra Azul	Aproximação Paulo de Tarso	Monitor Preso	FUNAP/Palavra Mágica	0	0	0	17	17	0	0	Sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	34
41	CDP. Serra Azul	Não	Monitor Preso	FUNAP/Palavra Mágica	0	0	15	15	14	14	14	Sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	72
42	CR. Mococa	Implementando	Monitor Preso	FUNAP/Palavra Mágica	0	0	0	0	0	0	0	Sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	0
43	Penitenciária Cabo Branco	Parceria Companhia das Letras	Monitor Gilson Dorcélio	CIA das Letras	0	24	23	22	23	23	23	Sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	158
44	Penitenciária de Franca	Parceria Unesp Franca e CIAE Franca	Alunos do curso de Direito e advogados	FUNAP/Palavra Mágica - UNESP	40	15	29	31	30	29	0	Sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	174
45	CDP. Tatuí	Instituto Federal de Sertãozinho	Monitor Preso	FUNAP/Palavra Mágica	9	15	15	15	24	15	0	Sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	84
46	CDP Postal	Instituto Federal de Sertãozinho	Monitor Preso	FUNAP/Palavra Mágica	0	15	15	9	15	13	15	Sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	83
47	CPP Jardinópolis	Parceria com a USP de Ribeirão Preto	Monitor Preso e Funcionário da unidade	FUNAP/Palavra Mágica	53	70	30	30	33	45	57	Sem retorno	SIM (X) NÃO ( )	305
1	CPP DE TREMEMBÉ	FACULDADE DEHONIANA	JOSÉ LINCOLN	FUNAP	0	20	21	25	32	17	10		SIM (X) NÃO ( )	125
2	C R PEMLÃO JOSÉ DOS CAMPOS	FACULDADE DEHONIANA	FRANCISCO ADILSON	FUNAP	0	0	10	0	0	0	0		SIM (X) NÃO ( )	10
3	PENITENCIÁRIA II DE TREMEMBÉ	FACULDADE DEHONIANA	LUIZ CARLOS	FUNAP	81	78	78	100	114	72	90		SIM (X) NÃO ( )	613
4	PENITENCIARIA I DE TREMEMBÉ	FACULDADE DEHONIANA	ANDERSON MAGRO	FUNAP	0	20	29	100	20	20	19		SIM (X) NÃO ( )	208
5	CDP BELEM I	FACULDADE ANHAGUERA	ANA MARIA/ JOSÉ ROBERTO	ANHANGUERA	0	0	0	0	0	0	0		SIM (X) NÃO ( )	0
6	CDP PINHEIROS III	CIA DAS LETRAS	CLAUDIA	CIA DAS LETRAS	30	0	20	19	19	0	0		SIM ( ) NÃO (X)	78
7	PENIT° DE SANTANA	FACULDADE ANHAGUERA	CLAUDIA	ANHANGUERA	0	0	0	0	0	0	0		SIM ( ) NÃO (X)	0
8	CPP DE SÃO MIGUEL PAULISTA	CIA DAS LETRAS	DUBVAL	CIA DAS LETRAS	20	19	30	19	18	0	0		SIM ( ) NÃO (X)	86
9	PENITENCIÁRIA I DE TREMEMBÉ	FACULDADE DEHONIANA	ROSI	FUNAP	19	19	19	15	20	29	25		SIM ( ) NÃO ( )	166
10	PENITENCIÁRIA II DE TREMEMBÉ	CIA DAS LETRAS	ROSI	CIA DAS LETRAS	20	18	19	16	17	20	18		SIM ( ) NÃO ( )	136
11	CDP de Pinheiros I				0	0	0	0	0	0	0			0
12	CDP de Pinheiros II				0	0	0	0	0	0	0			0
13	CDP de Pinheiros IV				0	0	0	0	0	0	0			0
14	CDP de Vila Independência				0	0	0	0	0	0	0			0
15	CDP de Balsa II				0	0	0	0	0	0	0			0
16	CDP de Campos Limpo				0	0	0	0	0	0	0			0
17	Penit° de Potim I				0	0	0	0	0	0	7			7
18	Penit° de Potim II				0	0	0	0	0	6	5			11
19	CDP de São José dos Campos				0	0	0	0	0	0	0			0
20	CDP de Tremembé				0	0	0	0	0	10	8			18
21	Hospital de Custodia de Taubate				0	0	0	0	0	0	0			0
22	CPP Feminino de Butantan				0	0	0	0	0	0	0			0
23	Penit° Feminina da Capital				0	0	0	0	0	0	0			0
24	CDP Diadema	Faculdade Anhanguera - Rapeserra da Serra	Monitor CLT - Rivaldo	Regional	0	0	0	0	10	10	10	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	30
25	CDP Guarulhos I							0	0	0	0	SEM RETORNO	SIM ( ) NÃO ( )	0
26	CDP Guarulhos II	Fase de implantação						0	22	22	20	SEM RETORNO	SIM ( ) NÃO ( )	64
27	CDP Rapeserica da Serra	Faculdade Anhanguera - Rapeserra da Serra	Psicóloga da unidade	Regional	0	0	0	0	4	4	4	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	12
28	CDP Mauá	Faculdade Anhanguera - Rapeserra da Serra	Supervisor José Antônio	Regional	0	0	0	0	0	0	0	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	0
29	CDP Mogi das Cruzes	Unidade não possui estrutura						0	0	0	0	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	0
30	CDP Osasco I	Faculdade Anhanguera - Rapeserra da Serra	Psicóloga da unidade	Regional	2	2	2	0	0	0	0	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	6
31	CDP Osasco II	Faculdade Anhanguera - Rapeserra da Serra	Coordenadora de Projetos - Brenda	Regional	4	0	0	0	7	8	8	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	27
32	CDP Santo André	Faculdade Anhanguera - Rapeserra da Serra	Psicóloga da unidade	Regional	0	0	0	0	6	5	6	SIM	SIM (X) NÃO ( )	17
33	CDP Praia Grande	Unidade não possui estrutura						0	0	0	0	SEM RETORNO	SIM ( ) NÃO ( )	0
34	CDP São Vicente	Unidade não possui estrutura						0	0	0	0	SEM RETORNO	SIM ( ) NÃO ( )	0
35	CDP São Bernardo do Campo	Unidade não possui estrutura						0	0	0	0	SEM RETORNO	SIM ( )	-

36	CDP Suzano	Unidade não possui estrutura						0	0	0	0	SEM RETORNO	SIM ( ) NÃO ( )	0
37	CDP Feminino Franco da Rocha	Faculdade Anhanguera - Rapeserra da Serra	Coordenadora de Projetos - Brenda	Regional	4	0	0	0	0	14	14	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	32
38	CPP Mongaguá	Faculdade Anhanguera - Rapeserra da Serra	Monitor Preso	Regional	0	0	0	0	15	15	15	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	45
39	CPP Franco da Rocha	Faculdade Anhanguera - Rapeserra da Serra	Supervisor José Antônio	Regional	0	0	0	0	32	14	25	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	71
40	HCTP I Franco da Rocha	Aguardando contratação de estagiário de educação						0	0	0	0	SEM RETORNO	SIM ( ) NÃO ( )	0
41	HCTP II Franco da Rocha	Sem realização de remanho	Estagiária de Educação - Nicole	Regional	0	0	0	0	0	0	20	SEM REMIÇÃO	SIM ( ) NÃO ( )	20
42	Penitenciária I de Franco da Rocha	Faculdade Anhanguera - Rapeserra da Serra	Coordenadora de Projetos - Brenda	Regional	0	0	0	0	0	0	0	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	0
43	Penitenciária II de Franco da Rocha	Companhia das Letras	Coordenadora de Projetos - Jaielyne	Companhia das Letras	12	20	20	0	50	50	20	COM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	172
44		Faculdade Anhanguera - Rapeserra da Serra	Coordenadora de Projetos - Brenda	Regional	25	0	0	0	0	0	50	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	75
45	Penitenciária III de Franco da Rocha	Faculdade Anhanguera - Rapeserra da Serra	Supervisor José Antônio	Regional	0	0	0	0	25	25	25	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	75
46	Penitenciária I de Guarulhos	Escola Vinculadora	Professores - Escola Vinculadora	Unidade Prisonal	0	0	0	0	25	25	20	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	70
47	Penitenciária II de Guarulhos	Fase de implantação						0	0	0	0	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	0
48	Penitenciária de São Vicente I	Faculdade Anhanguera - Rapeserra da Serra	Monitor Preso	Regional	0	0	0	0	20	20	20	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	60
49	Penitenciária de São Vicente II	Faculdade Anhanguera - Rapeserra da Serra	Monitor Preso	Regional	35	0	0	0	40	40	39	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	154
50	Penitenciária de Pareheiros	Faculdade Anhanguera - Rapeserra da Serra	Monitora CLT - Cláudia	Regional	0	0	0	0	0	0	0	SEM RETORNO	SIM (X) NÃO ( )	0
51	Presídio Polícia Civil	Unidade não possui estrutura						0	0	0	0	SEM RETORNO	SIM ( ) NÃO ( )	0
52	Presídio Polícia Militar	Unidade não consegui aderir o clube						0	0	0	0	SEM RETORNO	SIM ( ) NÃO ( )	0
1.	CPP Pacaembu	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	0	21	0	22	13	28	22	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	86
2.	CR de Presidente Prudente	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	20	20	30	20	20	20	20	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	140
3.	Penitenciária de Assis	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	19	20	19	16	15	17	17	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	124
4.	Penitenciária de Dracena	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	20	20	20	20	20	20	0	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	120
5.	Penitenciária de Flórida Paulista	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	0	8	12	5	0	8	8	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	37
6.	Penitenciária de Florínea	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	20	0	19	18	15	13	0	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	85
7.	Penitenciária de Iepeno	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	10	10	10	10	10	10	10	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	70
8.	Penitenciária de Junqueirópolis	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	20	18	18	0	0	27	29	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	112
9.	Penitenciária de Mariápolis Paulista	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	0	14	4	0	0	0	9	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	27
10.	Penitenciária de Martinópolis	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	18	8	8	23	25	20	23	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	125
11.	Penitenciária de Osvaldo Cruz	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	0	0	0	0	0	20	0	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	20
12.	Penitenciária de Pacaembu	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	56	56	54	53	55	55	56	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	385
13.	Penitenciária de Paraguaçu Paulista	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	28	24	17	19	19	20	25	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	152
14.	Penitenciária Compacta de Presidente Prudente	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	9	0	0	20	15	26	22	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	93
15.	Penitenciária de Presidente Bernardes	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	0	0	55	56	54	0	56	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	221
16.	Penitenciária de Presidente Prudente	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	11	11	9	9	13	8	5	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	66
17.	Penitenciária de Presidente Venceslau I	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	21	27	26	26	25	27	30	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	202
18.	Penitenciária de Tupi Paulista	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	0	15	18	17	20	29	0	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	99
19.	Penitenciária Feminina de Tupi Paulista	Faculdade Roges de Dracena	Monitor da Sala de Leitura	Doação - Instituto Ação pela Paz	0	14	7	7	22	7	41	Sem Retorno	SIM (X) NÃO ( )	98
20	CDP de Caiuá	Recentemente, mediante a unidade prisional a montar uma pequena sala de leitura, visto que a mesma não possui estrutura física para tal. Dessa forma, não temos monitor de sala de leitura sem atuação nesse CDP. Já conversei com o diretor geral do método prisional para possível contratação de um monitor de sala de leitura e desenvolvimento do Clube de Leitura, porém, até o momento não tivemos respostas.												0
21	Penit° de Lucélia	Devido rebelião no início do ano passado, 2018, a unidade prisional ficou desativada para reforma. Já estamos em contato com o diretor da unidade prisional para reconversa e atividades com noticias, OCS e clubes de leitura. Será necessário contratação dos monitores presos, visto que estão sem RG ATUALIZADO.												0
22	Penit° de Venceslau II	Unidade prisional que abriga líderes da facção prisional e, consequentemente, não possui atuação da Funap em nenhum projeto. Modelo disciplinar diferenciado.												0
23	CPP de Presidente Bernardes	Regime disciplinar diferenciado sem condições de atuação da Funap.												0
			Total de Atendidos	1505	1876	1465	1343	1870	1879	1888		Total de Resenhas		12126

Anexo (05):

PROJETO A LEITURA LIBERTA

NOME:_____MATRÍCULA:_____

PORQUE VOCÊ PROCUROU O PROJETO DE LEITURA NA UNIDADE PRISIONAL?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

QUAL É O GENÊRO LITERÁRIO QUE VOCÊ GOSTA?

_____
_____

QUAL FOI O ÚLTIMO LIVRO QUE VOCÊ LEU?

_____

DATA:___/____/201

PROJETO: CIRANDA DA LEITURA – LENDO PARA LIBERTAR

NOME: _____DATA DE NASCIMENTO____/___/___

MATRÍCULA: _____RAIO____ ESCOLARIDADE:_____

RESPONDA:

1) QUAL É O TIPO (GÊNERO) DE LIVRO QUE GOSTA DE LER?

_____

2) POR QUE DESEJA PARTICIPAR DESTE PROJETO?



_____
_____
_____
_____
_____

DATA___/___/___ PENITENCIÁRIA FEMININA DE CAMPINAS

Anexo (06):

NOME DA UNIDADE PRISIONAL

COORDENADORIA DE UNIDADES PRISIONAIS DA REGIÃO CENTRAL

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO

Secretaria de Administração Penitenciária

Nome:

Matrícula:

Livro:

Autor:

Editora:

Ano:

Número de Páginas:

ENDEREÇO DA UNIDADE PRISIONAL

NOME DA UNIDADE PRISIONAL

COORDENADORIA DE UNIDADES PRISIONAIS DA REGIÃO CENTRAL

GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Administração Penitenciária

ENDEREÇO DA UNIDADE PRISIONAL

NOME DA UNIDADE PRISIONAL

COORDENADORIA DE UNIDADES PRISIONAIS DA REGIÃO CENTRAL

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO

Secretaria da Administração Penitenciária

A Comissão Interna para Remição por Leitura, instituída através da Portaria nº. _____ da Diretora Técnica III desta Unidade Prisional e em consonância com a Portaria nº. _____ da Vara de Execuções Criminais e Corregedoria dos Presídios da Comarca de Campinas, após análise da resenha feita pela sentenciada em questão, com base nos quesitos de Estética, Limitação ao tema e fidedignidade; manifesta-se **FAVORÁVEL** ao pedido de Remição de Pena em favor da reeducando (a) _____

_____, _____de_____ de 20__.

Membro **Membro** **Membro**

_____

Diretora Técnica III

ENDEREÇO DA UNIDADE PRISIONAL

Anexo (07):

NOME DA UNIDADE PRISIONAL

COORDENADORIA DE UNIDADES PRISIONAIS DA REGIÃO _____

Informação Complementar – ATESTADO DE LEITURA Nº.

Sentenciada:

Matrícula nº.: Execução nº.:

O Diretor Técnico II do Centro de Trabalho e Educação, no uso de suas atribuições, ATESTA que a reeducanda acima qualificada teve a seguinte participação no Projeto:_____, conforme resenha em anexo.

Livro:

Autor:

Editora:

Ano:

Número de Páginas:

De 00/00/0000 a 00/00/0000 participou das seguintes oficinas:

Palestra para todos os inscritos – Seleção dos Livros

Atividade de Leitura/escrita

Roda de Leitura

Oficina de redação/resenha

Escrita e entrega de resenha/avaliação

_____, ____de _____de 20____.

_____

Diretor Técnico II Centro de Trabalho e Educação

ENDEREÇO DA UNIDADE PRISIONAL

Anexo (08):

SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA
COORDENADORIA DE UNIDADES PRISIONAIS DA REGIÃO CENTRAL DO ESTADO
CENTRO DE PROGRESSÃO PENITENCIARIA DE HORTOLÂNDIA
Regime Semiaberto Masculino

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Certidão nº Hortolândia, 12 de Março de 2019

O Diretor do Centro de Trabalho e Educação deste Estabelecimento Prisional, no uso de suas atribuições e nos termos do artigo 126, § 2º da Lei 7.210/84, **CERTIFICA**, para fins de pedido de **Remição de Pena** previsto no artigo 126, § 1º da referida Lei, a presença do aluno abaixo qualificado, o período indicado no quadro abaixo

Nome: XXXXXXXXXXXXXXXXX **Matrícula:** XXX **Execução**
Filiação: XXXXXXXXXXXXXXXXX

ANO **2.019** Período: **07/02/2019** a **12/03/2019**

mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	Dias
Janeiro																																0
Fevereiro							X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X				22
Março	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X																				12
Abril																																0
Maio																																0
Junho																																0
Julho																																0
Agosto																																0
Setembro																																0
Outubro																																0
Novembro																																0
Dezembro																																0

Obs.: Cada dia frequente (X) corresponde à **04** horas aula. **Total de Dias** **034**

(S) - Sábado **(D)** - Domingo **(*)** - Feriado **(X)** - Presente **(F)** - Falta **(T)** - Trânsito (=) - Aguarda vaga **(#)** - Férias escolares (%) - Trabalhando

O sentenciado participou do Projeto "LEITURA QUE LIBERTA", perfazendo um total de 34 dias.

Elizete Arraes Sousa
Oficial Administrativo

Marcos Antonio de Medeiros Silva
Diretor C.T.E

Faltas Disciplinares

O Diretor do Centro de Segurança e Disciplina, deste Estabelecimento Prisional, no uso de suas atribuições, ATESTA para fins de pedido de Remição de Pena, que o sentenciado acima qualificado _____, *cometeu falta disciplinar* de natureza _____, mantendo até a data supramencionada, _____ conduta carcerária

EVANGELISTA SALES CARVALHO
Diretor do Centro Segurança e Disciplina

O Diretor Ténico III deste estabelecimento Prisional, no uso de suas atribuições legais, CERTIFICA para fins de pedido de Remição de Pena formulado em favor do sentenciado XXXXXXXXXX, matrícula nº XXXXX, que as informações acima constantes são verdadeiras.

Hortolândia, 12 de Março de 2019

Joaquim Gomes da Silva
Diretor Técnico III

ROD. Jornalista Francisco Aguirre de Proença Km 5 - CEP: 13.185.900 - **HORTOLÂNDIA/SP**
Fone/Fax: (19) 3281-2697 / (19) 3281-2825 - E-mail: cpphorto@sap.sp.gov.br

Anexo (09):







EXCELENTÍSSIMA SENHORA DOUTORA JUÍZA DE DIREITO DA 1ª VARA DE EXECUÇÕES CRIMINAIS DA COMARCA DE CAMPINAS/SP

Execução nº
(Pedido de Remição de Pena)

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, inscrita sob a matrícula nºXXXXXXX, atualmente presa e recolhida na Penitenciária Feminina de Campinas/SP, por sua advogada da Funap, vem à presença de Vossa Excelência, requerer **REMIÇÃO DE PENA POR LEITURA**, em conformidade com o artigo 126 da LEP, com as alterações oriundas da Lei 12.433/2011 e com a Portaria 02/13 da 2ª Vara de Execuções Criminais de Campinas, senão vejamos:

A sentenciado (a) encontra-se presa e recolhida na _____ desde XXXXXXX.

A sentenciada exerce atividades de estudo na modalidade leitura no período de __/__/__ a __/__/____ , conforme relatório anexo (doc. 01), fazendo *jus* à remição de 4 dias de pena.

Isto Posto, requer digne-se Vossa Excelência deferir o pedido de **Remição de Pena por Leitura**, com base na Portaria 02/13 por ser medida de Justiça!

Nestes termos, Pede deferimento.
_____, ____ de _____ de 20__.

_____
NOME DE ADVOGADO
OAB/ SP _____

Anexo (10):

PODE JUDICIÁRIO
SÃO PAULO

PORTARIA nº 02/2013

A Doutora Carla dos Santos Fullin Gomes, Meritíssima Juíza de Direito Titular da 2ª Vara das Execuções Criminais e Corregedoria dos Presídios da Comarca de Campinas, no uso de suas atribuições legais;

CONSIDERANDO que a leitura é um trabalho intelectual que, para os fins do artigo 126 da Lei nº 7.210/84, se equipara ao estudo;

CONSIDERANDO que a leitura contribui no processo de reinserção social do custodiado, pela capacidade de agregar valores éticos-morais à sua formação;

CONSIDERANDO, finalmente, o disposto no artigo 126 da Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984, alterado pela Lei 12.433/2011, de 29 de junho de 2011; na Súmula 341 do STJ; e na Portaria Conjunta nº 276, de 20 de junho de 2012, do DEPEN;

RESOLVE:

Artigo 1º - Instituir, no âmbito dos estabelecimentos carcerários sujeitos à jurisdição deste Juízo (Centro de Progressão Penitenciária de Campinas, Centro de Progressão Penitenciária de Hortolândia e Centro de Ressocialização de Sumaré), a possibilidade de remição de pena pela leitura.

Parágrafo único – O disposto neste artigo aplica-se às hipóteses de prisão cautelar.

Artigo 2º - A participação do preso será sempre voluntária.

§ 1º - Podem participar todos os presos da unidade que tenham as competências de leitura e escrita, necessárias para a execução das atividades e da elaboração do trabalho final, consistente em resenha da obra literária, objeto do estudo.

§ 2° - Cada participante receberá um exemplar de obra literária, clássica, científica ou filosófica, dentre outras, de acordo com as obras disponíveis na Unidade.

Artigo 3° - A seleção dos presos e a orientação das atividades serão feitas por comissão, nomeada e presidida pelo Diretor da unidade carcerária.

Parágrafo único – O Diretor dará ciência aos membros da comissão dos termos do Art. 130 da Lei nº 7.210/84.

Artigo 4° - Formada a turma de participantes, a comissão promoverá Oficina de Leitura, na qual os cientificará da necessidade de alcançar os objetivos propostos para que haja a concessão da remição de pena, a saber:

a) ESTÉTICA: Respeitar parágrafo; não rasurar; respeitar margem; letra cursiva e legível;

b) LIMITAÇÃO AO TEMA: Limitar-se a resenhar somente o conteúdo do livro, isto é, não citar assuntos alheios ao objetivo proposto;

c) FIDEDIGNIDADE: proibição de resenhas que sejam consideradas como plágio.

§ 1° – Participará da Oficina de Leitura, sempre que possível, o escritor, que tenha indicado a obra para leitura, ou que seja o autor do livro, objeto de estudo.

§ 2° – Poderão, ainda, participar das Oficinas de Leitura, com vistas ao incentivo à leitura e ao desenvolvimento da escrita como forma criativa de expressão, todos os funcionários da unidade prisional, e possíveis colaboradores.

Artigo 5° - O participante terá o prazo de 30 dias para leitura da obra literária, apresentando, ao final deste período e no prazo de 10 dias, resenha a respeito do assunto.

Artigo 6° – A contagem de tempo para fins de remição será feita, segundo os critérios estabelecidos na Portaria Conjunta nº 276, de 20 de junho de 2012, do DEPEN, à razão de 4 dias de pena para cada 30 dias de leitura.

Parágrafo único – O participante, no prazo de 12 meses, terá a possibilidade de remir até 48 dias de sua pena.

Artigo 7° - A comissão analisará os trabalhos produzidos, observando os aspectos relacionados à compreensão e compatibilidade do texto

com o livro, objeto da leitura, bem como aqueles relacionados no art. 4°, "caput", arguirá o participante sobre o conteúdo do livro e da resenha por ele feita, e atestará o prazo de 30 dias de leitura.

§ 1° – O resultado da análise da comissão será enviado ao Juízo por ofício, instruído com a resenha, a declaração de sua fidedignidade ou de plágio, assinada por todos os membros da comissão, e os atestados da arguição oral e do tempo de leitura.

§ 2° - O Juízo, após a oitiva do Ministério Público e da defesa, decidirá sobre o aproveitamento do participante e a correspondente remição.

§ 3° – Na hipótese de declaração de plágio, o Juízo poderá realizar a arguição oral do participante, cientificando o Ministério Público e a defesa da data agendada.

§ 4° – O prazo de 30 dias de leitura, quando constatado por decisão judicial o plágio, não será aproveitado para fins de remição, ainda que o participante apresente outra resenha sobre a obra lida.

Artigo 8° - A Direção da unidade carcerária encaminhará, mensalmente, ao Juízo cópia do registro de todos os participantes, com informação referente ao item de leitura de cada um deles.

Artigo 9° - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Artigo 10 - Encaminhe-se cópia desta Portaria para a Corregedoria Geral da Justiça, Secretaria da Administração Penitenciária, Ministério Público, Subseção local da OAB, Defensoria Pública, Conselho da Comunidade.

Campinas, 02 de julho de 2013.

CARLA DOS SANTOS FULLIN GOMES
Juíza de Direito

Anexo (11):

A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA PARA A EMANCIPAÇÃO DA PESSOA EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: CAMINHOS E (IM)POSSIBILIDADES

Roteiro de Entrevista – gravada 1

Esta entrevista pretende conhecer os seus hábitos de leitura, antes e depois da sua privação da liberdade, a intenção não é medir conhecimentos e nem servirá como avaliação da sua participação no projeto; será utilizada somente para conhecer melhor o perfil dos participantes. Suas respostas auxiliarão a compreender melhor o trabalho com a leitura. Você também tem a opção de não responder, e sua identidade será totalmente preservada.

1. Nome (somente as iniciais)
2. Escolaridade
3. A quanto tempo está preso?
4. O que é leitura para você?
5. Possuía o hábito de leitura antes de ser preso (a)?
6. Que valor você atribui à importância da leitura em sua vida?
7. Qual a origem dos livros lidos por você dentro da unidade prisional?
8. Quais são os seus livros preferidos?
9. Recebe dentro da unidade prisional indicação de leitura? De quem?
10. Onde e quando lê na unidade prisional?
11. Porque procurou o Projeto de Leitura na unidade prisional?
12. Dê sua opinião sobre as oficinas realizadas no projeto de leitura?
13. Relate a sua participação no Projeto de Leitura
14. Quais são as maiores barreiras para a realização da leitura?
15. Participou de outros projetos de leitura dentro das unidades prisionais que você tenha passado anteriormente?
16. Como você considera a leitura dentro unidade prisional?
17. Quer relatar algo que não tenha sido perguntado.